



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

CLÁUDIA BARRETO AZEVEDO

**A UNB NO CORREIO BRAZILIENSE: UM NOVO MODELO DE
ENSINO SUPERIOR (1960-1964)**

Brasília – DF
2025

CLÁUDIA BARRETO AZEVEDO

A UNB NO CORREIO BRAZILIENSE: UM NOVO MODELO DE ENSINO SUPERIOR (1960-1964)

Dissertação apresentada para a banca examinadora do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos

Banca examinadora:

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos
Presidente (PPGE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Benedetta Bisol
Membro Interno (PPGE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro
Membro Externo (PPGED-UFU)

Prof.^a Dr.^a Liège Gemelli Kuchenbecker
Membro Suplente (PPGE/UnB)

Brasília – DF
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bu

Barreto Azevedo, Cláudia

A UNB NO CORREIO BRAZILIENSE: UM NOVO MODELO DE ENSINO
SUPERIOR (1960-1964) / Cláudia Barreto Azevedo; orientador
Juarez José Tuchinski dos Anjos. -- Brasília, 2025.
223 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de
Brasília, 2025.

1. Universidade de Brasília. 2. História da UnB. 3. UnB
no Correio Braziliense. 4. Novo modelo de ensino superior.
I. José Tuchinski dos Anjos, Juarez , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A conquista deste mestrado foi o resultado de intensa dedicação, especialmente por parte da minha família. Nesse sentido, expresso meus profundos agradecimentos pelo carinho, pela paciência e pelo apoio.

Não posso deixar de estender meus agradecimentos aos meus amigos e colegas de trabalho, que pacientemente ouviram muitas histórias sobre a universidade, pois não consigo deixar de compartilhar algumas "historinhas". Agradeço também ao meu orientador pela notável personalidade e dedicação e que, mesmo durante sua licença para a realização de seu pós-doutorado, demonstrou comprometimento com minha orientação.

Por último, expresso minha gratidão à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, para mim uma fonte constante de inspiração institucional.

RESUMO

Esta dissertação, intitulada "A Universidade de Brasília no Correio Braziliense (1960-1964)", foi desenvolvida na área de história da educação e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. O estudo insere-se na abordagem teórico-metodológica da história cultural, adotando como categorias de análise as representações simbólicas e o cotidiano. A imprensa foi utilizada como principal fonte de investigação histórica. O recorte cronológico da pesquisa inicia-se em 1960, com o lançamento do jornal *Correio Braziliense* e a veiculação das primeiras notícias sobre a criação da Universidade de Brasília, estendendo-se até março de 1964, quando ocorre o golpe civil-militar. A pesquisa contextualiza a história da criação da Universidade de Brasília, considerando sua estrutura e relevância enquanto instituição de ensino superior para a cidade de Brasília e para o Brasil. O trabalho está organizado em três capítulos: 1 – O processo de Instalação e Gestão da Universidade Necessária; 2 - A Universidade em Ação: Ensino, Pesquisa e Extensão Cultural; e 3 - Produto Técnico. A investigação abrange as ideias e ações de Darcy Ribeiro, o idealizador da UnB, como uma "Universidade Necessária". O período de análise (1960 a 1964) contempla o momento de idealização, criação, concretização e a crise inicial da instituição. O objetivo geral do estudo foi compreender a instalação, a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão cultural da UnB sob uma perspectiva cotidiana, a partir do que foi veiculado pelo jornal *Correio Braziliense*. O problema da pesquisa consistiu em analisar como a UnB foi constituída em sua gestão, seu ensino, sua pesquisa e extensão, revelando os desafios e as dinâmicas vividas no período delimitado. A dissertação buscou oferecer uma perspectiva diferenciada do discurso habitualmente utilizado nas pesquisas da historiografia tradicional, priorizando as representações e experiências cotidianas da UnB em seus primeiros anos. Em suma, a dissertação evidencia como a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão da UnB foram sendo constituídas, e como essas dimensões foram representadas pela mídia.

Palavras-chave: Universidade de Brasília; História da UnB; UnB no Correio Braziliense.

ABSTRACT

This dissertation, entitled "*The University of Brasília in the Correio Braziliense (1960–1964)*", was developed in the field of the history of education and is linked to the Graduate Program in Professional Education at the Faculty of Education of the University of Brasília. The study is based on the theoretical-methodological approach of cultural history, adopting symbolic representations and everyday life as categories of analysis. The press was used as the main source of historical investigation. The chronological scope of the research begins in 1960, with the launch of the *Correio Braziliense* newspaper and the publication of the first reports on the creation of the University of Brasília, extending to March 1964, when the civil-military coup occurred. The research contextualizes the history of the creation of the University of Brasília, considering its structure and relevance as a higher education institution for the city of Brasília and for Brazil. The work is organized into three chapters: 1 – The Process of Installation and Management of the Necessary University; 2 – The University in Action: Teaching, Research, and Cultural Extension; and 3 – Technical Product. The investigation covers the ideas and actions of Darcy Ribeiro, the founder of UnB, as a "Necessary University." The period of analysis (1960 to 1964) includes the phases of idealization, creation, implementation, and the institution's initial crisis. The general objective of the study was to understand the installation, management, teaching, research, and cultural extension of UnB from an everyday perspective, based on what was published in the *Correio Braziliense* newspaper. The research problem consisted in analyzing how UnB was constituted in its management, teaching, research, and extension, revealing the challenges and dynamics experienced during the defined period. The dissertation aimed to offer a different perspective from the discourse commonly used in traditional historiographical research, prioritizing the representations and everyday experiences of UnB in its early years. In short, the dissertation highlights how UnB's management, teaching, research, and extension were shaped and how these dimensions were represented by the media.

Keywords: University of Brasilia; History of UnB; UnB at Correio Braziliense.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - IMAGEM QUE ILUSTRA O PLANO URBANÍSTICO DE BRASÍLIA	41
FIGURA 2 - MAPA DO BRASIL QUE ILUSTRA A DISTÂNCIA DE BRASÍLIA DAS OUTRAS CAPITAIS BRASILEIRAS	42
FIGURA 3 - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS)	49
FIGURA 4 - SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F.	63
FIGURA 5 - LOTAÇÃO PROGRESSIVA DE ALUNOS E DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	76
FIGURA 6 - EVENTO DE INAUGURAÇÃO DO TEATRO DOIS CANDANGOS, NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	80
FIGURA 7 - CROQUI DA POLTRONA CANDANGO	81
FIGURA 8 - ALOJAMENTO DOS PROFESSORES	82
FIGURA 9 - FACHADA DA OCA	82
FIGURA 10 - MODELOS MODERNIZANTES DE INSTITUIÇÕES QUE INSPIRARAM A UNB	88
FIGURA 11 - PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB	150
FIGURA 12 - UNB APARELHADA PARA PENETRAR A SELVA	151
FIGURA 13 - A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	162
FIGURA 1A - CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL	202
FIGURA 2A - REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	204
FIGURA 1C - CADEIRA UNB	222
FIGURA 2C - POLTRONA E SOFÁ UNB	222
FIGURA 3C - POLTRONA LIA	223
FIGURA 4C - POLTRONA DARCY	223

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Delimitando o objeto de pesquisa	9
A historiografia sobre a UnB	15
Problema, hipótese, conceitos e objetivos	24
O Correio Braziliense como fonte	26
CAPÍTULO 1 - O PROCESSO DE INSTALAÇÃO E GESTÃO DA UNIVERSIDADE NECESSÁRIA	34
1.1. De Brasília à UnB	37
1.2. O processo de instalação da UnB	44
1.3. A gestão da Universidade Necessária	84
CAPÍTULO 2 – A UNIVERSIDADE EM AÇÃO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO CULTURAL	116
2.1. A Universidade em Ação: Ensino	119
2.2. A Universidade em Ação: Pesquisa	143
2.3. A Universidade em Ação: Extensão Cultural	153
CAPÍTULO 3 - PRODUTO TÉCNICO	168
CONCLUSÃO	175
FONTES	179
REFERÊNCIAS	192
ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS DE JORNAIS	202
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS FIGURAS	209
ANEXO C - FIGURAS DOS MÓVEIS DA UNB	222

INTRODUÇÃO

Delimitando o objeto de pesquisa

A Universidade de Brasília (UnB), instituição federal de ensino superior situada na capital do Brasil, na cidade de Brasília, é uma instituição jovem, inaugurada em 21 de abril de 1962 após grandes batalhas políticas, econômicas e sociais. A UnB surgiu como um projeto visionário para se destacar como uma universidade inovadora e emancipatória diferente de qualquer outra criada no país (RIBEIRO, 2018, n.p. *apud* NÓBREGA *et al.*, 2021, p. 9). Seus idealizadores, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, acreditavam que a UnB tinha sido concebida como uma esperança de uma universidade que recriaria a educação superior no Brasil para transformar e modernizar o país - era considerada uma universidade necessária¹. Aparecida (1995) aponta o significado que a UnB teve no cenário do ensino superior brasileiro:

Na história da UnB sobressaem duas imagens que marcam profundamente a sua individualidade. Uma, a de sua origem, alimentada pela idéia da "universidade necessária", e a outra que procura encarnar sua existência como "universidade construída". Essas imagens pertencem aos dois primeiros momentos de sua contribuição e correspondem a projetos diferentes quanto à concepção, organização e gestão de uma instituição universitária. Ambas mantêm como referência o fato da emergência da UnB no início da década de sessenta, como portadora da idéia de renovação dentro do quadro universitário brasileiro (APARECIDA, 1995, p. 38).

Souza (2012, p. 147), ao analisar o discurso de Darcy Ribeiro em sua tese de doutorado, evidenciou a existência de uma tensão que indicava a necessidade de renovar o ensino superior no país, uma vez que o modelo vigente era considerado inadequado.

¹ O termo "Universidade Necessária" será mencionado algumas vezes ao longo deste trabalho. Ele se refere a um modelo teórico de universidade idealizado para o Brasil naquela época. Darcy Ribeiro escreveu um livro intitulado "Universidade Necessária", uma vez que existia um movimento para reformar ou adequar os modelos universitários existentes. Maiores reflexões sobre a Universidade Necessária serão empreendidas no Capítulo 1.

... tensão entre “o que existe” e o “que precisa existir”, ele aposta no segundo, pois em seu entendimento, a Universidade-Necessária deve fomentar os desejos e as demandas concretas da sociedade e, mais ainda, deve direcioná-las criticamente visando à superação da crise estrutural vigente. Tal universidade deve apontar como função social formar os quadros que irão ter atuação efetiva no desenvolvimento autônomo do país (SOUZA, 2012, p. 147).

A sanção do presidente João Goulart à Lei nº 3.998, que autorizou o Poder Executivo a estabelecer a Fundação Universidade de Brasília, ocorreu em 15 de dezembro de 1961. Cabe ressaltar que, desde a concepção e inspiração inicial em 1960, quando o projeto de lei foi apresentado no Congresso Nacional pelo então presidente Juscelino Kubitschek (JK), até a sanção e o início efetivo das atividades da universidade em 1962, uma série de lutas e disputas foram travadas para concretizar o funcionamento da instituição de ensino. Da sanção à inauguração, a universidade foi cuidadosamente planejada e estruturada com abordagens modernas e inovadoras. A organização da UnB englobou diversos aspectos que serão explorados nos capítulos deste trabalho, abrangendo desde a Gestão Universitária, passando pelo Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

A UnB foi estabelecida como uma Fundação, denominada Fundação Universidade de Brasília, com o propósito de se manter independente do controle ministerial, como mencionado por Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 1995). Esse arranjo visava permitir que a universidade conduzisse suas atividades sem influências ideológicas ou políticas, desfrutando de autonomia universitária para criar e inovar, enquanto seguia seus princípios fundamentais de ensino, pesquisa e extensão de maneira autônoma. Os idealizadores da UnB foram intelectuais de destaque da área educacional nomeados por JK para atuar na Comissão de Planejamento da UnB.

É necessário mencionar alguns nomes quando se trata da UnB, pois esses indivíduos desempenharam papéis fundamentais na concretização da Universidade. Darcy Ribeiro² delineou as bases da UnB e Anísio Teixeira³ idealizou o modelo

² No *site* da Academia Brasileira de Letras (*on-line*), encontra-se a biografia de Darcy Ribeiro, ocupante da cadeira nº 11. Antropólogo e etnólogo no Serviço de Proteção aos Índios, Darcy colaborou na criação do Parque Indígena do Xingu e foi um dos idealizadores e fundador da Universidade de Brasília, onde atuou como seu primeiro reitor. Formado em Ciências Sociais, destacou-se como educador e tornou-se uma figura importante no cenário educacional brasileiro.

³ No *site* da Fundação Anísio Teixeira (*on-line*), encontra-se a biografia do professor Anísio Teixeira, com destaque para sua trajetória na educação brasileira. Formado em Direito, Anísio ocupou cargos de grande relevância, como diretor do INEP e presidente da SBPC, e contribuiu para as discussões da LDB de 1961. Foi uma figura de destaque no cenário educacional brasileiro, sendo o criador da UDF e um dos fundadores da Universidade de Brasília, onde atuou como seu segundo reitor. Para

pedagógico. Já o arquiteto Oscar Niemeyer⁴ concretizou as ideias desses intelectuais em prédios-modelo à nova realidade desejada da universidade brasileira, inspirado na moderna e recém-inaugurada capital do Brasil. O pensamento de Darcy Ribeiro sobre a UnB, conforme interpretado por Souza (2012, p. 141), ressalta a importância da universidade e sua função social na promoção da cultura geral: “a Universidade e a sua função social para o domínio da cultura geral, sobretudo, porque ela deve ter por objetivo primordial influenciar e transformar seu entorno”.

O desejo dos idealizadores da UnB era que ela se tornasse um modelo para as outras universidades para que todas se transformassem a partir de sua experiência de educação capaz de melhorar a realidade de um país dependente externamente de pesquisa, tecnologia e de uma educação transformadora. Conforme ressalta Souza, Darcy Ribeiro concebeu a UnB como uma “Universidade Necessária”, propondo “uma integração entre os sujeitos que compõem o espaço universitário na luta contra os projetos de colonização cultural e de perpetuação do subdesenvolvimento e da dependência externa” (SOUZA, 2012, p. 136). A UnB, portanto, tinha o propósito de ser mais do que uma instituição de ensino superior convencional, ela era vista como um instrumento de mudança destinado a contribuir para o progresso do Brasil por meio de um modelo de educação superior renovado. Nesse sentido, Helena Bomeny (2016), no seu artigo “Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação”, aponta:

Da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) a um conjunto significativo de intelectuais oriundos dos diversos campos do saber, a UnB recebia apoio para sua fundação na aposta de que se tratava de uma instituição que não era cópia de qualquer padrão estrangeiro, mas provinha do esforço concreto de repensar radicalmente a universidade. Desde as bases, ela deveria ser uma “universidade instrumento”, diferente, nas palavras de Darcy, da “universidade fruto” (BOMENY, 2016, p. 1.016).

Nóbrega (2021) destaca a ideia da comunidade científica como ousada por afastar-se de qualquer modelo já existente à época, mas essa ousadia surgia em

mais detalhes sobre o intelectual, acessar o *site* da Biblioteca Anísio Teixeira (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, *on-line*).

⁴ No *site* da Fundação Oscar Niemeyer (*on-line*), criada em 1988, é possível encontrar detalhes sobre os trabalhos e obras do arquiteto no Brasil e no exterior. A fundação tem como missão preservar, divulgar e gerenciar o legado de Niemeyer, cujo trabalho é reconhecido tanto em nível nacional quanto internacional. A página também oferece acesso à biografia completa do arquiteto Oscar Niemeyer.

função do desejo por mudanças profundas na realidade brasileira, sendo a educação uma ferramenta transformadora. A ousada ideia veio das seguintes frentes:

...da comunidade científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC e das várias reuniões que realizaram, também no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no antigo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e no novo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) de Anísio Teixeira, no intuito de se repensar a instituição universidade desde a sua raiz, numa tentativa de se afastar de qualquer modelo tradicional estabelecido anteriormente (RIBEIRO, 2018, n.p. *apud* NÓBREGA *et al.*, 2021, p. 9).

Um importante documento para a UnB e para a educação superior brasileira que merece destaque é o Plano Orientador da Universidade de Brasília⁵, que foi elaborado em 1962 para servir de norte à universidade (CAMARGO; LAZARTE, 2012, p. 167 - 217). Esse Plano ainda é citado pela universidade em importantes documentos institucionais, como é o caso do Plano de Desenvolvimento Institucional da UnB de 2023 - 2028 (PDI) (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2023) e no Projeto Político-Pedagógico Institucional da UnB de 2018 (PPPI) (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2018). Consta nesse plano orientador um projeto de universidade inteiramente diferenciada e, apesar do tempo transcorrido desde sua elaboração, ainda hoje serve como um guia inspirador devido aos princípios educacionais nele presentes. O Projeto Político-Pedagógico institucional da Universidade de Brasília (PPPI), aprovado em março de 2018, apresenta que houve necessidade de revisão do Plano Orientador de 1962, mas que ele ainda está, de certa forma, em vigor, pois seus valores e princípios ainda são norteadores para a instituição. O novo PPPI foi redigido “visando ao futuro, sem se desligar da tradição e da cultura da instituição, mas captando aspectos característicos da nossa contemporaneidade, o documento parte dos valores e princípios do Plano Orientador original” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2018, p. 9). Para compreender a UnB e seu modelo educacional, é essencial que os historiadores da educação leiam e analisem esse plano, pois ele representou, à época, o ideal da universidade. Nele, constam as “legislações acerca

⁵ O *site* da Universidade de Brasília possui o Plano Orientador da UnB - 1962 em sua integralidade para consulta. Disponível em:
https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf

da criação e fundação da UnB, descreve alguns elementos do projeto arquitetônico de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, além de toda estrutura de funcionamento da universidade e sua relação com a nova capital” (FONSECA, 2021, p. 15).

Vale ressaltar que a realidade da época da sanção e inauguração da UnB foi marcada pela história da transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Na década de 1960, a cidade de Brasília, recém-criada como capital da República (1962), e a recém-fundada Universidade de Brasília (1962) eram temas de grande relevância nas esferas social, política e econômica do Brasil. Darcy Ribeiro defendeu a importância de Brasília e da UnB, tanto da cidade quanto da Universidade, pois elas representavam mudanças e rupturas em relação aos padrões existentes, enfrentando resistências e simbolizando a esperança de um Brasil mais moderno e independente. No seu livro, *Universidade Pra Quê?*, Darcy expõe que a UnB:

foi pensada, também, como indispensável para que Brasília pudesse conviver com outros centros culturais do país, como Rio, São Paulo, Belo Horizonte; e com os estrangeiros, como Paris, Roma e tantos outros. Só atendendo a esses requisitos a UnB poderia tornar Brasília capaz de, um dia, multiplicar-se com grandeza e sabedoria. Brasília é arquitetônica e urbanisticamente o fruto mais maduro da cultura-Rio. Foram precisos séculos para produzirmos Lúcio e Oscar. Brasília disso se beneficiou (RIBEIRO, 1986, p.15 -16).

Essa relação entre a nova capital e a nova universidade era muito intensa, gerando uma sensação de interdependência. A UnB representava uma esperança para a consolidação da capital recém-inaugurada como o centro do país, conferindo à Brasília a vitalidade de que precisava. Nesse sentido, a UnB mostrou-se necessária em várias frentes, uma universidade que traria modernização ao país e à educação brasileira como um todo. Nesse sentido, Souza (2012) observou o papel cultural que a UnB exerceu sobre Brasília, o que a tornou uma cidade original no sentido de singularidade:

...que a formação de uma cultura típica de Brasília era necessária para a sobrevivência da cidade. Como o objetivo era a fundação de uma cidade moderna, a nova capital não poderia ser uma cópia do Rio de Janeiro. Assim, se a universidade exercesse o papel de incentivar o surgimento da cultura brasiliense, Brasília poderia se

reproduzir e efetivamente existir como uma cidade original (SOUZA, 2012, p. 161).

Hoje, após mais de 60 anos de história e de constituição, a Universidade de Brasília tornou-se uma grande instituição de ensino superior do Brasil⁶. Conhecer a trajetória da UnB é importante para a compreensão da sua forma atual de ser. A UnB oferece uma grande variedade de cursos de graduação e pós-graduação e conta com uma comunidade acadêmica numerosa composta por discentes, docentes e técnicos-administrativos⁷. A universidade, desde a sua concepção, cresceu muito, possuindo atualmente uma infraestrutura robusta distribuída em quatro *campi*: *Campus* Darcy Ribeiro (localizado na Região Administrativa da Asa Norte, região central de Brasília), e pelos recentes *Campi* de Ceilândia, Gama e Planaltina (Regiões Administrativas localizadas no entorno de Brasília).

Minha escolha por pesquisar a UnB está diretamente ligada ao vínculo institucional que mantenho com a universidade, onde sou servidora do quadro efetivo de técnicos-administrativos em educação há mais de 12 anos. Além disso, minha trajetória na UnB começou como estagiária, tanto de nível de graduação quanto de pós-graduação, desde 2001, somando, portanto, 21 anos de contribuição à instituição. Sou historiadora de formação e brasiliense. Desde pequena, escutei que deveria estudar na UnB, era envolvida em relatos de meus pais, amigos, familiares, vizinhos, professores e pela mídia, que sempre se referiam à universidade como sendo uma instituição de qualidade.

Entender a história e a importância dessa instituição foi um presente que a pesquisa me proporcionou, e espero transmitir esse conhecimento de forma clara e consistente para leitores e curiosos.

Lembro-me dos jornais colados nos murais das escolas em que estudei, com os nomes dos aprovados na UnB, gerando grande tumulto e entusiasmo na

⁶ No *site* da Universidade de Brasília (2024), sempre divulgam a classificação da instituição nos *rankings* nacional e mundial. Numa reportagem a UnB se apresenta como uma instituição de qualidade na América Latina visto sua posição no Times Higher Education Latin America. “Instituição está em 17º lugar no *ranking* geral e 12º no nacional na classificação da *Times Higher Education Latin America*” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2024, *on-line*), e em outra reportagem, esta mais recente, ela já aparece como a “quinta melhor universidade federal do país, segundo o *QS World University Rankings 2025*” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2024, *on-line*).

⁷ O Anuário Estatístico da UnB do período de 2014 a 2018 apresenta a quantidade de recursos humanos da instituição, bem como outros números relacionados a atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nele encontramos o número de 2.573 docentes ativos e 3.171 técnicos-administrativos (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2024, *on-line*).

conferência dos nomes e entre os estudantes. Estudei em escolas públicas de Brasília, onde percebi que a prática era incentivar os alunos a seguirem para o ensino superior na UnB, raramente mencionavam outras universidades. A UnB sempre foi desejada por muitos brasilienses. Andar com uma camiseta ou adesivo da universidade era um símbolo de prestígio – e, para mim, ainda é. A UnB continua sendo uma instituição desejada pelos jovens brasilienses, muitos tentam ingressar na instituição após a conclusão do ensino médio, mantendo uma memória afetiva estreita com a cidade e seus habitantes.

Com essa breve apresentação da UnB e desejo de aprofundar na sua história, levando em consideração o papel do historiador na compreensão da narrativa em constante evolução, devido à necessidade contínua de reescrever e reavaliar a história, foram escolhidos os primeiros anos da Universidade de Brasília, do seu planejamento a partir de 1960 até o golpe civil-militar de 1964, como objeto desta pesquisa.

A historiografia sobre a UnB

Em termos de revisão historiográfica, empreendeu-se uma investigação em periódicos da área de história da educação, no Google Scholar, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB).

As primeiras buscas foram conduzidas em periódicos on-line, especialmente em revistas de referência na área da história da educação, utilizando em todas elas o descritor “Universidade de Brasília”⁸. Contudo, após aplicação do descritor, constatou-se que os periódicos de destaque, como a Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação – ASPHE – UFRGS, Cadernos de História da Educação, Revista Histedbr-online, Revista de História e Historiografia da Educação, Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico Educativo - RIDPHE_R, não apresentaram nenhuma publicação de relevância ao tema da pesquisa. A única exceção, dentre as revistas selecionadas, foi a Revista Latino-Americana de História

⁸ O descritor “Universidade de Brasília” foi escolhido com o objetivo de evitar uma delimitação excessiva, permitindo uma visão maior da produção relacionada à instituição.

da Educação - HISTELA, que trouxe um artigo de interesse para o escopo da pesquisa.

No Google Scholar, foram obtidos aproximadamente 732.000 resultados. Visando aprimorar a busca, realizou-se uma análise minuciosa e individualizada das 10 primeiras páginas de ocorrências relevantes, resultando na seleção final de apenas 3 registros pertinentes à história da UnB. No entanto, os resultados revelaram baixo aproveitamento devido à limitada abordagem ao tema e à restrição temporal das pesquisas.

No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a busca com o descritor "Universidade de Brasília" gerou 10.000 resultados. Para refinar ainda mais a pesquisa, foi aplicado o filtro por Grande Área de Conhecimento: "Ciências Humanas", o que resultou em 3.947 registros. Posteriormente, aplicou-se mais um filtro por Área de Conhecimento: "Educação", o que resultou em 1.088 resultados. Observou-se que, mesmo com a aplicação dos filtros, os materiais encontrados eram dispersos e não continham informações pertinentes ao período em análise. A busca por resultados relacionados ao tema Universidade de Brasília e História da UnB foi um desafio, pois o filtro aplicado considerou todos os materiais publicados pela universidade, não se limitando ao tema específico "Universidade de Brasília". Posteriormente, na tentativa de buscar materiais de real relevância ao tema, realizou-se uma nova busca com o descritor "História da Universidade de Brasília", resultando em 16 ocorrências. Entretanto, nenhuma delas era relevante para a história da UnB no contexto desta pesquisa⁹.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o descritor "Universidade de Brasília" foi igualmente empregado, resultando em um total de 252 registros. Refinou-se a pesquisa por Assunto: "Universidade de Brasília", resultando na identificação de 2 dissertações e 1 tese. Destaca-se que 2 delas, 1 dissertação e 1 tese, foram de grande aproveitamento por tratarem de pontos importantes para a compreensão da constituição histórica da UnB.

⁹ Nas buscas realizadas nesta pesquisa encontraram-se muitos livros de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, ou que falavam sobre eles, que abordavam temas sobre educação e não diretamente sobre a UnB no período proposto e na abordagem proposta. Algumas dissertações/teses/artigos tratavam de períodos distintos daquele analisado neste trabalho, e, quando incluíam o corte temporal relevante para o meu estudo, não se relacionavam diretamente com o objeto de estudo que se pretendia explorar. Além disso, alguns materiais tratavam da história da biblioteca, do curso de artes e de arquitetura, com foco principalmente nos currículos e em algumas "pessoas" dessas áreas.

Por fim, recorreu-se também à Biblioteca Central da UnB (BCE/UnB) com a expectativa de encontrar, em seu acervo físico, teses, dissertações ou livros sobre a história da UnB e que pudessem ser relevantes à presente pesquisa. Muitos materiais, como dissertações e teses, na sua maioria, encontram-se disponíveis para consulta sem a necessidade de presencialidade à biblioteca. Inicialmente, a pesquisa na BCE/UnB foi realizada *on-line* em seu *site* de consulta, aplicando-se novamente na busca o descritor “Universidade de Brasília” (refinado por Assunto e Título). Como resultado foram obtidas mais de 330 ocorrências que foram individualmente analisadas, selecionando-se apenas as obras que se referiam à história da universidade no período de 1960 – 1964 ou a ele se remetiam mesmo que seus objetos de análise fossem cronologicamente posteriores, direta ou indiretamente. Depois da pesquisa *on-line* à biblioteca, foi necessária a localização de obras presencialmente, buscando por materiais não disponíveis pela via virtual. Por fim, foram selecionadas 7 obras, entre elas 2 dissertações de mestrado. Acrescentamos aqui que, durante a pesquisa realizada por meio de navegação na internet em busca de referências adicionais sobre a Universidade de Brasília, descobriu-se uma tese de doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade. Acreditamos que, devido ao título da tese, no qual não consta o nome “Universidade de Brasília”, o material não foi encontrado na pesquisa historiográfica inicial. Após essa etapa de buscas por materiais já elaborados sobre a história da Universidade de Brasília, tornou-se possível transcorrer as questões que abordam a história da universidade em diferentes perspectivas, temporalidades e lugares, mas sem perder de vista a análise no período de 1960 - 1964. Apresentados os protocolos adotados na revisão historiográfica, passo agora a analisar os achados.

O artigo de Nóbrega, Ferrero e Pulino (2021), intitulado “Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma práxis em processo”, destaca a importância do professor Darcy Ribeiro como um dos personagens mais importantes da educação brasileira. Nesse sentido, a pretensão foi a de revelar que a Universidade de Brasília representa uma das “notáveis propostas e *fazimentos*” realizados por este educador. A UnB foi abordada como uma fonte de inspiração para outros projetos e trabalhos realizados por Darcy Ribeiro na sua trajetória como educador e político. Nesse sentido, a pesquisa explora a trajetória pessoal e profissional de Darcy, oferecendo uma descrição da evolução da trajetória da UnB até os dias

atuais. Neste contexto, o artigo colaborou para a compreensão de como as ideias desse intelectual contribuíram para novas reflexões e construções de concepções de universidade brasileira na atualidade.

Bomeny (2016), na sua análise em “Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação”, também investigou a história da criação da Universidade de Brasília utilizando-se do protagonismo de Darcy Ribeiro e do contexto histórico em que a educação brasileira passava por transformações. A autora delineia uma narrativa da história da UnB em três momentos: tempo da utopia, tempo do gabinete e tempo da distopia. Estes períodos descrevem um pouco das lutas e negociações para a criação da UnB, passam pelo período de concretização e funcionamento e pelo momento de sua distopia. Sua abordagem utilizou como principal narrativa os discursos vinculados aos personagens de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e outros intelectuais que atuavam na proposta da Universidade de Brasília. O trabalho contribuiu para a compreensão da constituição da UnB sob o olhar e as experiências desses intelectuais, evidenciando como a universidade veio se reconstruindo ao longo do tempo.

O Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962 foi elaborado com a intenção de desenhar a natureza da UnB, seu esqueleto, seu projeto de universidade. O Plano contempla a estrutura, o projeto acadêmico e o planejamento de implementação da universidade. Até os dias de hoje, este Plano permanece como uma referência institucional, sendo considerado um documento atual em sua essência e significado para delinear uma universidade ideal ao nosso país. Camargo e Lazarte (2012) apresentam o projeto de organização acadêmica da UnB contemplado no Plano Orientador, examinando suas implicações nas universidades brasileiras contemporâneas. Os autores ressaltam também a atuação proeminente dos intelectuais Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira na concepção da UnB, apontando-a como um modelo de universidade altamente relevante para enfrentar os desafios atuais de desenvolvimento e soberania nacional. Destacam também que o golpe civil-militar de 1964 trouxe perdas significativas às características da universidade, perdas que até hoje não se conseguiu restabelecer. Por fim, o texto analisa o impacto que esse Plano Orientador causou, nas últimas décadas, na reestruturação e expansão das universidades federais brasileiras e na trajetória da UnB.

Darcy Ribeiro é um personagem que faz parte da história da Universidade de Brasília por ser o principal responsável pela idealização, criação e concretização da UnB. A dissertação de mestrado de Fonseca (2021) também explora as narrativas de Darcy Ribeiro, pois não tem como deixar de mencioná-lo - ele se confunde com a sua obra. Nesse sentido, a análise do artigo é um estudo sobre “Darcy Ribeiro e a Fundação Universidade de Brasília: uma perspectiva histórica e educativa (1960 -1964)”. O trabalho contextualiza historicamente o processo educacional no período da primeira década de 1960 e destaca, em suas linhas, a utopia por trás da criação da Universidade de Brasília. No texto explora-se a interligação da UnB e a capital federal, algo que também se torna indispensável para uma análise da UnB em função do contexto histórico de ambas. A dissertação concentrou-se, em última análise, na perspectiva de Darcy Ribeiro e dos demais intelectuais que conceberam a UnB, almejando estabelecê-la como um padrão para todas as demais instituições de ensino superior no Brasil. Além disso, a UnB foi concebida como uma solução potencial para os desafios nacionais, por meio da transformação do sistema educacional. Portanto, ao percorrer essa dissertação, torna-se evidente a proposta de um ensino superior alinhado à visão de Darcy Ribeiro: a UnB como uma universidade necessária ao Brasil, capaz de enfrentar e superar as disparidades sociais, e que ao mesmo tempo proporciona uma educação laica e gratuita a todos.

Ainda sobre Darcy Ribeiro, é impossível não mencionar o papel que esse intelectual teve para o pensamento de sua geração e de gerações seguintes. Tanto suas ideias quanto suas ações deixaram marcas indelévels na educação brasileira atual, um legado que tem sido objeto de análise por diversos pesquisadores. Partindo dessa reflexão, a tese de doutorado de Souza (2012), “O pensamento-ação de Darcy Ribeiro e a universidade brasileira: repensando a universidade necessária”, revela o papel significativo que Darcy Ribeiro exerceu na política governamental, sendo responsável pela criação da Universidade de Brasília nos anos 60 e da Universidade Estadual do Norte Fluminense nos anos 90. Ao contrário da abordagem apresentada na dissertação anterior, de Fonseca (2021), esse estudo adota uma perspectiva distinta, concentrando-se nas categorias “Ideologia, Estado e Sociedade Civil” (SOUZA, 2012, p. 33). A pesquisa explora a naturalização dos eventos históricos e questiona a relativização das pretensões teóricas do liberalismo, oferecendo uma análise mais aprofundada desses elementos. Aborda criticamente o

impacto do processo de globalização e do liberalismo econômico na cultura e na economia, destacando como a influência internacional tende a pressionar o governo brasileiro a transferir a responsabilidade pela educação superior para o setor privado. No âmbito dessa pesquisa, o autor teve a intenção de examinar o papel central desempenhado por Darcy Ribeiro em suas iniciativas e na promoção do pensamento humanista direcionado às universidades, promovendo a construção de uma Universidade Necessária.

Longo (2014) dedicou sua dissertação de mestrado a uma reflexão sobre a história da Universidade de Brasília (UnB) no contexto de sua redemocratização, focalizando especificamente o período durante a gestão de Cristovam Buarque, de 1985 a 1989. Neste contexto, o autor examina a interrupção do projeto da UnB pelo regime militar em 1964 e investiga o processo de redemocratização a partir de 1985. O objetivo principal da dissertação foi analisar como a instituição buscou desenvolver uma política pedagógica alinhada às necessidades do país nesse período específico, destacando os desafios e as transformações ocorridas na UnB durante a gestão de Cristovam Buarque (1985 - 1989).

Vulcão (2008) iniciou sua dissertação, intitulada "A construção do discurso de criação do 'Curso-Tronco' de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963)", informando que o objetivo do trabalho era realizar uma análise crítica do Plano Orientador da universidade. Ela demonstrou a intenção de analisar as estratégias utilizadas para a construção do discurso do Plano, dando especial atenção à criação do Curso-Tronco de Arquitetura e do Instituto Central de Artes (ICA). Além disso, ela focou no ensino de arte e arquitetura na UnB. Utilizou documentos disponíveis no Centro de Documentação da UnB (CEDOC) e, na última parte do seu trabalho, analisou um documento produzido pelo professor Edgard A. Graeff. Este documento permitiu uma nova reflexão sobre o discurso do Plano Orientador e adicionou novos elementos ao discurso de implantação do Instituto Central de Artes no seu primeiro ano de atividades.

Monteiro (2021) apresentou detalhadamente como os projetos pedagógicos da UnB, especialmente do curso de arquitetura e urbanismo, se desenvolveram entre 1957 e 1972. O trabalho se concentrou inicialmente na análise do currículo do Instituto Central de Artes (ICA-FAU) e no ensino no curso de arquitetura da UnB até a sua reformulação em 1970. Discorreu também sobre a pós-graduação e a

extensão, com ênfase nos cursos de artes e arquitetura, destacando como esses cursos foram predominantes no início das atividades da universidade. O trabalho de Monteiro contribuiu significativamente para compreender que as transformações curriculares no curso de arquitetura da UnB influenciaram a formação de muitos arquitetos.

Na seleção das obras encontradas na biblioteca da UnB, identificamos os materiais publicados pela Editora UnB. Destacam-se algumas obras comemorativas sobre a UnB: 1) O livro "Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI", organizado por Camargo *et al.* (2022), é resultado de uma homenagem à UnB em seus 60 anos de existência, comemorado em 2022. A obra abrange quinze ensaios escritos por estudantes de graduação e pós-graduação da UnB, os quais exploram as ideias de Darcy Ribeiro para a educação brasileira e para a própria Universidade de Brasília. A intenção dos ensaios era "popularizar o pensamento e os fazimentos de Darcy" (CAMARGO *et al.*, 2022, p. 13). Os textos dos alunos abordam a importância das universidades públicas para o enfrentamento das crises contemporâneas do Brasil, considerando a proposta da Universidade Necessária projetada na UnB por Darcy. A coletânea investiga os efeitos das ideias e ações do intelectual Darcy Ribeiro em sua trajetória na Universidade de Brasília, estabelecendo diálogo com o contexto histórico das transformações ocorridas no cenário educacional brasileiro e na UnB até os dias atuais. Segundo Camargo *et al.*, (2022), "A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca" (CAMARGO *et al.*, 2022, p.19); 2) Jorge (2012) organizou, na ocasião para a comemoração do Jubileu de Prata da UnB, o livro "UnB 50 anos: história contada: a história da Universidade de Brasília contada por seus personagens: reportagens, depoimentos, entrevistas", com o propósito de apresentar os ideais de Darcy Ribeiro, traçar a linha do tempo da universidade e compartilhar as memórias de diversos personagens que vivenciaram uma época de repressão durante a ditadura militar. Essa obra contextualiza a história da UnB nos últimos 50 anos, destacando as lembranças de indivíduos que vivenciaram o período de crise na universidade com o golpe civil-militar de 1964; 3) O livro "UnB 30 anos" surge como resultado de um concurso promovido pela Universidade de Brasília, sob a organização da Assessoria de Planejamento da UnB (1992), com a intenção de

“divulgar a Universidade por meio de comemorações e reflexões em torno da mesma” (EDITORA UnB, 1992, p. 17). Destaca-se que um dos organizadores do concurso era o professor Darcy Ribeiro. A obra contempla uma coletânea de experiências, memórias e relatos de feitos realizados pela UnB nos últimos 30 anos. Por fim, a obra se configura como uma fonte significativa de memórias e reflexões sobre o que a universidade realizou nos seus primeiros 30 anos; 4) A obra "A Universidade interrompida: Brasília 1964-1965", uma edição comemorativa escrita por Salmeron (2012), destaca-se como um relato valioso de um dos intelectuais que Darcy Ribeiro encontrou para desempenhar um papel na significativa UnB em 1964, ocupando o cargo de coordenador geral dos Institutos Centrais de Ciências e Tecnologia. O autor compartilha sua experiência na universidade, oferecendo uma visão dos acontecimentos durante o período de 1964 a 1965. O relato abrange a participação de Salmeron na implementação dos ideais de uma nova universidade na UnB, em 1964, até sua saída, em 1965, motivada por perseguições. Assim, o livro explora a interrupção abrupta do plano da universidade, resultando em uma crise que continua a impactar profundamente a instituição até os dias atuais.

Na continuação do relato das obras selecionadas na BCE/UnB, destaca-se a obra de Bezerra (2012), que aborda o contexto histórico brasileiro da criação da capital federal no interior do país. O texto explora a história da mudança da capital para a cidade de Brasília, apresentando a Universidade de Brasília como uma parte essencial para a concretização da cidade. O autor, que foi servidor da universidade desde 1971 e atuou como procurador da FUB/UnB, dedicou seu livro a Brasília e à UnB pelos primeiros 50 anos de existência conjunta. Em seu texto intitulado "A cartilha: UnB - 50 anos com Brasília 1962 - 2012", ele apresenta uma exposição em duas partes: "Rememórias de Brasília" e "Universidade de Brasília - UnB - 50 anos com Brasília". A obra expõe a trajetória da concretização da cidade de Brasília como capital federal e da Universidade de Brasília. Bezerra (2012) teve a intenção de retratar cronologicamente diversos momentos importantes na trajetória de concretização da UnB desde sua “epopeia” como instituição de ensino superior da capital federal.

Outra obra, organizada por Villar e Castioni (2012), resultante de um Seminário da comemoração dos 50 anos da Universidade de Brasília, foi intitulada "Diálogos entre Anísio e Darcy: o projeto da UnB e a educação brasileira". Nela, são

abordados os ideais de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e outros intelectuais envolvidos na concepção e concretização da UnB. A obra é composta por 8 artigos que refletem sobre a atuação desses intelectuais na busca por uma nova educação superior para o Brasil e na concretização da UnB como a universidade-modelo sonhada para o Brasil. Os textos apresentam uma reflexão sobre os caminhos percorridos para alcançar a proposta da Universidade de Brasília exposta em seu Plano Orientador, indicando que o projeto não se concretizou, provavelmente em decorrência de várias interrupções no desenvolvimento desse plano.

Após analisar os materiais disponíveis sobre a Universidade de Brasília, observa-se um enfoque significativo nas ideias e ações dos intelectuais que idealizaram a UnB, assim como no contexto geral da educação superior no Brasil. Embora esses temas sejam essenciais e mereçam destaque, percebe-se ainda a falta de uma abordagem que explore o cotidiano, a perspectiva comum e diária da comunidade universitária e da população que a cerca. A lacuna identificada reside na ausência de uma investigação que revele o cotidiano da universidade, abordando como ocorreu a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão. Essa lacuna requer uma análise detalhada da dinâmica do desenvolvimento cotidiano da instituição, explorando os aspectos práticos e a interação constante entre os diversos elementos que compõem o ambiente universitário.

Nesse sentido, buscando compreender a dinâmica cotidiana do desenvolvimento da universidade nos primeiros anos (1960 a 1964), que englobam os momentos de idealização, criação, concretização e crise, é que narrar os primeiros anos da Universidade de Brasília por meio do que foi estampado nas páginas do Jornal *Correio Braziliense* se torna relevante para a proposta desta pesquisa. Essa escolha se justifica pelo fato de ser um dos primeiros jornais em circulação na cidade de Brasília durante o período histórico em questão, fornecendo uma fonte valiosa para obter informações sobre o funcionamento da universidade naquele contexto universitário e sua relação com a comunidade externa. Além disso, o jornal apresenta um discurso diferenciado do apresentado pelos intelectuais idealizadores da UnB, uma vez que está conectado à formação e construção do senso comum da comunidade local no contexto político, econômico e social de sua publicação.

Problema, hipótese, conceitos e objetivos

No decurso desta investigação, chamou muito a atenção a escassa produção acadêmica relacionada à história da Universidade de Brasília no período de 1960 a 1964. A imperatividade de abordar e compreender a trajetória histórica da UnB é premente, considerando que a UnB já funciona há mais de 60 anos e existem muitos aspectos do seu passado que ainda carecem de análise. Investigar a história da universidade a partir do contexto social da época e da perspectiva comum/cotidiana da sua sociedade pode ser enriquecedor para a história da educação e para a própria UnB, sendo isso o que se pretende realizar nesta pesquisa.

Nesse contexto e após a realização do levantamento historiográfico sobre a UnB, constatou-se a necessidade de mais abordagens sobre o tema, que ainda é carente de um olhar sob novas perspectivas. Desta forma, neste trabalho pretende-se responder ao seguinte problema: Como a UnB foi constituída na sua instalação, na gestão, no ensino, na pesquisa e na extensão cultural sob uma perspectiva cotidiana, a partir do que foi veiculado pelo jornal *Correio Braziliense* no período de 1960 a 1964?

A hipótese desta pesquisa sugere que a realidade vivenciada pela UnB nos anos de 1960 a 1964 pode ser compreendida a partir das relações sociais cotidianas da universidade junto à sua comunidade acadêmica e à população da cidade. A dinâmica dessas relações se manifesta nos discursos veiculados nas páginas do jornal *Correio Braziliense*, considerado um reflexo significativo das percepções e representações da UnB naquele contexto histórico. Por fim, a hipótese central desta pesquisa postula que, mediante a análise dos discursos veiculados no jornal, é possível compreender a trajetória da constituição da universidade (instalação, gestão, ensino, pesquisa e extensão cultural) e sua relação com a população brasiliense durante o período especificado. Os discursos possibilitam a compreensão de como a UnB se posicionou e foi percebida, contribuindo para o entendimento do cenário acadêmico, social e cultural vivenciado pela universidade no período de 1960 a 1964.

Para escrever a presente pesquisa sobre a Universidade de Brasília num contexto cotidiano, foi realizada uma abordagem teórica no âmbito da “história cultural”. A história cultural é uma perspectiva de análise que propõe ultrapassar a

mera narrativa de eventos e fatos objetivos, pois a nova história cultural, marcada pelas ideias de Roger Chartier (1988), direciona as análises para novos objetos da história como as práticas sociais, as representações simbólicas e as experiências vividas por indivíduos e grupos sociais. Desta forma, essa corrente historiográfica fundamenta-se não apenas em eventos históricos ditos marcantes (universais), mas, como no caso da presente pesquisa, considera as dinâmicas culturais que aconteceram na vida acadêmica da universidade e na sociedade brasiliense naquele período. A UnB será vista a partir das representações simbólicas, dos valores culturais e das mudanças sociais ocorridas na época em análise (1960 - 1964), exercendo influência sobre a UnB naquele contexto e contribuindo para definição de sua identidade.

A abordagem pela perspectiva da história cultural representa uma oportunidade de transcender as análises da história tradicional, muitas vezes voltada ao institucional e distante das vivências da comunidade em seu cotidiano. Neste contexto, a história cultural possibilita desvendar significados subjacentes, narrativas e construções simbólicas que juntos formam, no caso desta pesquisa, a identidade da UnB, ensejando uma compreensão mais próxima do real acontecimento naquele contexto. Conforme argumentado por Roger Chartier, em seu livro “A História Cultural entre Práticas e Representações” (1988), “a história cultural” busca compreender como a realidade social é construída, pensada e apresentada aos leitores, isso em diferentes lugares e momentos. Ele destaca vários caminhos para perceber e avaliar a realidade, ressaltando que as percepções sofrem influências pelas características específicas de cada grupo social ou intelectual e por isso não resultam em discursos neutros, mas são frutos de representações, “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1988, p. 16). Tais representações, veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense*, ao serem interrogadas, permitirão uma compreensão mais acurada do cotidiano dentro do qual foi se constituindo, no período em tela, a Universidade de Brasília.

Diante disso, o objetivo geral desta dissertação consiste em compreender a instalação, a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão cultural da Universidade de

Brasília, sob uma perspectiva cotidiana, a partir do que foi veiculado pelo jornal *Correio Braziliense* no período de 1960 a 1964.

Os objetivos específicos são três: 1) Apresentar o processo de instalação e gestão da Universidade Necessária; 2) Delinear a Universidade em ação: ensino, pesquisa e extensão cultural; 3) Expor, como produto técnico desta pesquisa, a história da Universidade de Brasília no período de 1960-1964 em minicurso de extensão universitária na UnB.

O recorte cronológico da pesquisa principia em 1960, quando é lançado o jornal *Correio Braziliense* e começam nele a ser veiculadas notícias sobre a criação da Universidade de Brasília, e finda em março de 1964, quando, com o golpe civil-militar, o projeto inicial da UnB sofre seu primeiro e mais impactante revés, com a destituição do reitor e uma série de conflitos internos que interrompem o modelo de ensino superior que estava ali sendo experimentado.

O Correio Braziliense como fonte

A principal base documental desta pesquisa foi o jornal *Correio Braziliense*, escolhida pela percepção de que representa uma rica fonte de informação sobre a trajetória da UnB nos anos de 1960 a 1964, ao retratar o cotidiano da comunidade brasiliense daquela época e desvendar aspectos importantes do contexto histórico em análise. Nesse contexto, visualizando a contribuição que a imprensa fornece à história da educação, percebe-se que os historiadores utilizam a imprensa como fonte de pesquisa por ela reconhecer as vivências em que os redatores e leitores estavam imersos.

Para melhor compreensão do papel desempenhado pelo jornal no registro de acontecimentos diários do período analisado e destacar sua singularidade como fonte desta pesquisa, convém apresentar um breve histórico do *Correio Braziliense*.

O jornal *Correio Braziliense* foi instituído no mesmo dia da inauguração da cidade de Brasília, em 21 de abril de 1960, por iniciativa do jornalista Assis Chateaubriand¹⁰, conhecido como Chatô. Acredita-se que essa empreitada surgiu

¹⁰ No *site* da Academia Brasileira de Letras encontram-se detalhes da carreira do jornalista Assis Chateaubriand, que foi um jornalista bem influente na área do jornalismo. Ele foi eleito para ocupar a Cadeira 37 na Academia em 1954. Em sua biografia consta que ele “em 1924 assumiu a direção de O

após uma conversa entre Chatô e o presidente Juscelino Kubitschek, na qual o jornalista apostou que se o presidente conseguisse concretizar a construção da cidade, ele, por sua vez, estabeleceria um jornal na região. O nome dado ao jornal de Brasília foi herdado do primeiro jornal *Correio Braziliense* (1802 - 1822), editado em Londres pelo seu fundador, o jornalista Hipólito da Costa (1774-1823) (MORELLI, 2002).

O novo *Correio Braziliense*, jornal da recém-inaugurada capital, se tornou uma importante rede jornalística da cidade nos seus primeiros anos e tinha a incumbência de passar informações à população brasiliense. Nesse sentido, MORELLI (2002) menciona que o jornal “traz um interesse singular no âmbito dos estudos da mídia impressa, em razão da sua influência que exerce nos formadores de opinião locais, os políticos, e no espaço de informação e formação do cidadão comum” (MORELLI, 2002, p. 8). Desta forma, percebe-se uma relação estreita entre a cidade e o jornal, estabelecendo uma parceria que se desdobra historicamente, vivenciando de maneira “enraizada” as transformações cotidianas da localidade. Ainda sobre a relação do jornal com a cidade, MORELLI (2002) ressalta que o *Correio Braziliense* atuou com afinco na defesa da consolidação de Brasília como capital federal. “Apesar de terem como princípio publicação de matérias sobre acontecimentos do momento, dedicaram bom número de textos aos aspectos urbanos, sociais da cidade e comportamentais de seus habitantes” (MORELLI, 2002, p. 62). Essa atuação é evidenciada em suas reportagens:

Na cobertura dos assuntos relacionados à cidade era possível se perceber uma preocupação de caráter afetivo com a nova capital, as reportagens publicadas deixavam transparecer um cuidado dos jornalistas pioneiros na edificação de um local aprazível para as suas moradias (MORELLI, 2002, p. 60).

É importante destacar que a principal fonte de receita do *Correio Braziliense* provinha do governo local, uma vez que, na época, Brasília ainda não possuía um público consumidor significativo além do governo local e do governo federal. Por essa razão, “o jornal teve uma gênese que se poderia chamar de “chapa branca”, oficialista, que perdurou ao longo dos anos 60” (MORELLI, 2002, p. 59).

Jornal o denominado “órgão líder dos Diários Associados”, entidade que iria abranger no futuro um conjunto de 28 jornais, 16 estações de rádio, cinco revistas e uma agência telegráfica” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2024, *on-line*).

A estrutura editorial estabelecida por Assis Chateaubriand na década de 60 em Brasília contava com o apoio de uma pequena equipe que atuava com assuntos e temas variados voltados a problemas e soluções para a cidade. As matérias veiculadas à época refletiam “os estilos e ritmos dos diretores Ari Cunha e Edmilson Cid Varela”, os quais reportavam os “acontecimentos com correção e sem ousadias” (MORELLI, 2002, p. 57). Muitos dos colaboradores envolvidos nos trabalhos e redações do jornal naquela época eram provenientes “de outros veículos da rede dos Diários Associados ou eram funcionários públicos que tinham o jornal como atividade secundária” (MORELLI, 2022, p. 54). O jornal, nesse período, trabalhava com dois cadernos¹¹, sendo o Caderno 2 mais direcionado a assuntos relacionados à educação em Brasília, enaltecendo a qualidade do ensino que era oferecido na capital. Destaca-se, dentre diversas colunas, a coluna “Social de Brasília” de Katucha¹², a coluna “Visto, lido e Ouvido” de Ari Cunha¹³, a coluna “Ensino dia a Dia” e a Coluna “Esquinas de Brasília” de Yvonne Jean¹⁴. Segundo Morelli (2002), a população da cidade ou os leitores tinham a liberdade de sugerir ao *Correio Braziliense* pautas e de realizar reclamações sobre assuntos diversos.

¹¹ “No **primeiro caderno eram publicadas**: na **página 2** notícias internacionais e os últimos fatos e a continuação de matérias publicadas na capa; a **página 3** era dedicada basicamente à política, assuntos do Congresso, Judiciário e Executivo; o editorial, os artigos assinados e a continuação de algumas matérias publicadas na capa eram distribuídas na **página 4**; na **página 5**, notícias policiais, estaduais e locais; na página 6, anúncios; na **7**, editais, avisos e balanços e na **página 8**, matérias de repercussão ou de interesse da cidade. No **caderno 2**, as **colunas de Ari Cunha**, “Visto, Lido e Ouvido”; “Sociais de Brasília” com a **colunista Katucha**; “Ensino dia a dia”, e “Esquinas de Brasília” com **Yvonne Jean**; notícias sobre Taguatinga, Anápolis e Goiânia (onde, inclusive, o jornal manteve sucursais durante a década de 60); a “Agenda CB” com informes sobre cinema e eventos da cidade (entre estes aniversários da nascente elite brasiliense); “Correio Informativo” com informações sobre o tempo, horário de aviões, ônibus e funcionamento de farmácias e bibliotecas; além dos classificados; e a última página do Caderno 2 era dedicada ao esporte nacional e o local” (MORELLI, 2022, p. 52, **grifo nosso**).

¹² Katucha era o pseudônimo utilizado pela jornalista Talita Aparecida de Abreu (1910-1983) em suas colunas no jornal. Ela chegou a Brasília em meados de 1958, antes da inauguração oficial da cidade em 1960. Além de sua atuação como funcionária do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários), em sua coluna ela retratou a vida social inicial da nova capital, o seu povoamento, de certa forma documentando o desenvolvimento da região. Seu trabalho foi fundamental para captar e descrever o panorama social e cultural de Brasília durante o período inicial de sua construção e consolidação (ANJOS, 2025, mimeo).

¹³ Ari Cunha era o pseudônimo do jornalista José de Arimathea Gomes Cunha (1927-2018). Ele foi redator da coluna Visto, Lido e Ouvido até sua morte em 2018 e teve um papel fundamental na construção e implantação do jornal *Correio Braziliense* em Brasília, em 1960. Além disso, ocupou cargos de direção no jornal (ANJOS, 2022, p. 25).

¹⁴ Yvonne Jean da Fonseca (1911-1981) era belga, emigrou para o Brasil em 1940, nacionalizou-se brasileira e veio para Brasília a convite de Darcy Ribeiro. Ocuparemos um espaço para apresentar mais detalhadamente sobre ela no Capítulo 2, devido ao seu estreito envolvimento com a extensão cultural da UnB (ANJOS, 2024, p. 318-331).

Para fins de esclarecimentos ao leitor sobre a utilização da principal fonte deste trabalho, a pesquisa realizada na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, foram identificadas 559 edições do jornal *Correio Braziliense* que abordaram especificamente a “Universidade de Brasília” no período de 1960 a 1964. Além de catalogar todas as fontes, todas foram lidas e analisadas. Destas, utilizamos 160 edições na pesquisa, consideradas mais relevantes para os objetivos deste estudo, o que representa mais de 28% do total de publicações que mencionam a instituição na hemeroteca.

Apresentadas as linhas gerais da historicidade do *Correio Braziliense*, cumpre agora refletir sobre seu uso enquanto fonte histórica.

Cruz e Peixoto (2007, p. 2) abordam, em seu artigo “Na oficina do Historiador”, como os historiadores empregam a imprensa como fonte. Elas destacam a imprensa como uma fonte valiosa de pesquisa devido à sua influência na sociedade, sendo uma força social ativa capaz de proporcionar a visão de uma realidade vivida ou de sua historicidade:

Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 2).

A imprensa é atualmente reconhecida como uma fonte de grande relevância no âmbito acadêmico, resultado de “mudanças historiográficas relacionadas à colocação de novos problemas, novas abordagens e utilização de novos objetos e fontes para a pesquisa histórica” (CAPELATO, 2015, p. 114). Ela deixou de ser considerada uma fonte suspeita e sem credibilidade e agora desempenha um papel significativo na pesquisa histórica. Nesse contexto, a imprensa fornece narrativas que refletem subjetividade e intencionalidade, revelando assim a mentalidade da sua época e as intenções daqueles que a produziram. Conforme apontado por Cruz e Peixoto (2007), a imprensa desempenha um papel fundamental na formação da opinião pública. Dessa forma, por meio de suas narrativas, a imprensa exerce poder

ao contribuir com conteúdos e interpretações para a construção histórica de um período determinado, ocorrendo no campo de lutas sociais. Ao utilizar a imprensa, o historiador deve:

Entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 258).

A escolha do jornal *Correio Braziliense* como fonte para esta pesquisa aconteceu devido à sua capacidade de evidenciar a memória de uma época. Isso não desmerece as outras fontes, mas a especificidade e a linguagem do jornal foram determinantes, pois expressam o cotidiano do seu tempo, a vida comum, dentro da qual desenvolveu-se a Universidade de Brasília. Capelato (2015) corrobora essa percepção ao afirmar que a imprensa oferece um grande leque de possibilidades para o estudo da história, uma vez que nela fica registrada “a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos, o que permite ao historiador compreender como viveram os indivíduos de outras épocas, não só os ‘ilustres’, mas também os sujeitos anônimos” (CAPELATO, 2015, p. 115).

Sobre a questão da neutralidade do jornal, é importante considerar que ele pode ser ideologicamente orientado e não necessariamente imparcial em seus registros, refletindo assim as tendências políticas e ideológicas da época. No entanto, o jornal também contém expressões autênticas, incluindo emoções de pessoas que vivenciaram eventos naquele momento específico. Conforme destacado por Cruz e Peixoto, “o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 258).

Em “Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa”, Anjos (2016) problematiza a importância das fontes na pesquisa da história da educação, enfatizando a necessidade de o historiador realizar uma análise crítica das fontes, estabelecer relações entre diferentes fontes e desenvolver uma teorização para compreender o passado. As fontes não devem ser aceitas como um registro objetivo

do passado, mas sim interrogadas criticamente - “elas só passam a sê-lo, verdadeiramente, quando o historiador decide servir-se delas para interrogar aqueles que um dia as produziram e, por meio dessa interlocução, entender os seres humanos de um tempo diferente do nosso” (ANJOS, 2016, p. 101). No artigo, Anjos concentra seus estudos em fontes produzidas fora do ambiente escolar, mas que são apresentadas para a compreensão da realidade escolar estudada em diferentes períodos e espaços sociais. No caso, as fontes exploradas por Anjos são as impressas e digitalizadas, sendo que estas últimas se encontram acessíveis em acervos públicos, o que facilita muito a pesquisa do historiador. A imprensa periódica, segundo Anjos, destaca-se na escrita da história da educação, pois, mesmo sendo originária de fora da escola, fornece testemunhos da realidade vivida, permitindo a aproximação das práticas educacionais realizadas nesse “jardim secreto” (ANJOS, 2016).

O trabalho do historiador com as fontes, conforme ressalta Anjos (2016, p. 110), demanda muito esforço, não apenas com fontes da imprensa, mas com qualquer fonte:

... para, em meio à documentação que interroga e as pessoas que ela vai revelando, procurar, do modo mais honesto, compreender aqueles que viveram num tempo diverso do nosso, nos quais os valores, ideias e atitudes podem, com frequência, ser totalmente opostos aos que defendemos no presente. Isso impõe, de uma parte, que resistamos à tentação de julgar os mortos no tribunal dos vivos, mas antes, entendamos a razão daquelas posições que assumiram no tempo histórico em que viveram (ANJOS, 2016, p. 110).

Anjos (2022) considera o jornal *Correio Braziliense* uma importante fonte para a escrita da história da educação na cidade de Brasília. Neste contexto, o jornal diário representa uma forma de registro da vida cotidiana da comunidade de Brasília, proporcionando uma rica possibilidade de estudo para os pesquisadores da área. O jornal tem a capacidade de evidenciar como acontecia e se organizava a vida social da comunidade brasiliense, bem como o funcionamento de suas instituições escolares.

O jornal diário – como o próprio nome diz, publicado diariamente e com circulação estável numa dada região, um dos gêneros impressos identificáveis dentro da categoria maior a que

denominamos imprensa –, é das fontes mais visitadas e interrogadas pelos historiadores da educação. Produzido fora da escola, não deixa de ser relevante para a compreensão de sua historicidade e cultura, sendo um informante indireto de suas manifestações (ANJOS, 2022, p. 38).

Capelato (2015), Anjos (2016/2022) e Cruz e Peixoto (2007) consideram a imprensa importante para o trabalho do historiador, pois ela tem a capacidade de fornecer vestígios de uma realidade vivida por uma sociedade num outro contexto social, político, econômico e intelectual, sob a perspectiva imersa na realidade do redator e leitor do periódico. Cabe ao historiador perceber as “opiniões e projetos” expressos no jornal, que podem conter informações implícitas, incluindo resultados de processos coercitivos ou mesmo a ausência de registros. A escrita jornalística representa uma forma específica de comunicação, exigindo que o historiador compreenda a história do periódico que será utilizado na pesquisa para interpretar os vestígios. Isso porque, como destaca Anjos, a escrita jornalística “fornece parte do contexto de inteligibilidade das evidências nele localizadas sobre a escola e a escolarização” (ANJOS, 2022, p. 42).

A metodologia adotada nesta pesquisa envolveu a busca por palavras-chave na plataforma digital da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, nas edições do jornal *Correio Braziliense*. Essa plataforma, de acesso público e gratuito, oferece recursos de filtragem que possibilitam uma busca mais precisa em todo o material disponível, identificado por palavras-chave em seus documentos digitalizados. Além disso, a hemeroteca disponibiliza o material de forma *on-line* e integral, podendo dispensar a presença física do pesquisador no arquivo.

Para a busca, foram utilizadas as seguintes configurações e palavras-chave: Local: DF; Período: 1960-1969; Periódico: *Correio Braziliense* e Pesquisar (palavra-chave): “Universidade de Brasília”. Como resultado da busca, foram identificados 2.791 registros. Observou-se que, ao aplicar os filtros, a plataforma reconheceu a palavra “Universidade de Brasília” nos artigos e edições do jornal do *Correio Braziliense*, organizando-os em pastas separadas por ano (de 1960 a 1969) e destacando a palavra-chave “Universidade de Brasília” em amarelo para facilitar a visualização.

Com a intenção de organizar o material encontrado, optou-se por registrar todas as ocorrências relevantes dos anos de 1960 a 1964. Esses registros foram realizados em forma de fichamento, totalizando mais de 100 páginas de anotações, categorizadas de maneira individual em quatro aspectos: Gestão, Ensino, Pesquisa e Extensão. Cada registro inclui também um *link* direcionando para o respectivo material, fornecendo uma referência direta ao conteúdo original.

Esse levantamento reforçou ainda mais a importância do jornal *Correio Braziliense* para a pesquisa da historiografia da educação no Distrito Federal e da Universidade de Brasília, pois o jornal contém uma grande quantidade de registros sobre os acontecimentos cotidianos do ensino universitário na vida social, política e econômica da cidade. Além disso, o jornal evidenciou claramente a estreita relação entre a comunidade universitária e a população de Brasília, especificamente no que diz respeito às dimensões acadêmicas, extensionistas e sociais, mostrando o percurso da UnB em sua consolidação como universidade e como referência de educação superior para o país.

Concluindo a introdução desta pesquisa, cabe observar que ela se divide em três capítulos, cada um deles dedicado a um dos objetivos específicos anteriormente mencionados. Assim, no Capítulo 1, será apresentado o processo de instalação e gestão da “Universidade Necessária”. O Capítulo 2 ocupa-se em delinear a Universidade em ação: ensino, pesquisa e extensão cultural. Já no Capítulo 3 o foco consiste em expor, como produto técnico desta pesquisa, a história da Universidade de Brasília no período de 1960 -1964 em um minicurso de extensão universitária na UnB. Convido o leitor a seguir-me, no rastro do *Correio Braziliense*, na narrativa histórica sobre os primórdios da Universidade de Brasília.

CAPÍTULO 1 - O PROCESSO DE INSTALAÇÃO E GESTÃO DA UNIVERSIDADE NECESSÁRIA

A Universidade de Brasília nasceu da intenção de se criar uma instituição de ensino superior nova e inovadora, única no cenário educacional brasileiro na década de 60. O desejo era que a universidade fosse um combustível para transformar e modernizar o país, tornando-se uma ferramenta capaz de conduzir seus cidadãos a contribuírem efetivamente para o progresso nacional e para o desenvolvimento autônomo, livre da dependência externa (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962). Embora existam numerosos materiais publicados¹⁵ sobre os ideais almejados pelos intelectuais à criação da Universidade de Brasília, há uma lacuna significativa de como esses ideais se concretizaram na perspectiva comum e cotidiana.

Ampliar o conhecimento sobre a UnB é importante não apenas para a história da educação em Brasília, mas principalmente para a história da educação no Brasil. A instituição representava uma experiência educacional significativa na tentativa de inovar o ensino superior no país. Nesse sentido, Aparecida (1995) apresenta a principal marca da UnB:

A ousadia seria identificada com seus princípios, com o regime jurídico da Universidade, com a estrutura acadêmico administrativa, com o conteúdo dos programas e a introdução sistemática da pesquisa. Tudo era novo em um País acostumado a um conjunto de universidades estreitamente amarradas ao controle da burocracia do Estado quanto aos seus planos, conteúdos didáticos e formas de aplicação e gestão (APARECIDA, 1995, p. 41).

Anísio Teixeira (1998) considerou a UnB uma universidade que teve em seu planejamento a intenção de aglutinar as funções necessárias ao desenvolvimento da sociedade e do país.

¹⁵ Incluem livros e artigos escritos pelos próprios idealizadores da UnB, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Além disso, foram considerados artigos e trabalhos científicos que discutem as ideias desses intelectuais, levantados na introdução desta dissertação, na pesquisa historiográfica, com consultas em bases de dados de revistas, bibliotecas, Google Acadêmico, entre outros.

Assim viemos até a década de 1960, quando, com o movimento pela Universidade de Brasília, assistimos ao aglutinar-se das três ideias a respeito da universidade e surgir, afinal, a lei de fundação daquela universidade, que consubstancia a função formadora e de cultura básica, a função de preparo do especialista, o curso pós-graduado e a pesquisa, e a ideia de serviço e integração na sociedade brasileira e nos seus problemas (TEIXEIRA, 1998, p.76).

Neste sentido, visto a experiência única¹⁶ que a UnB representou na educação superior no Brasil na década de 60, tem-se a intenção de investigar como a UnB “aconteceu” entre os anos de 1960 – 1964 (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962). Assim, neste capítulo, será perseguido um dos objetivos específicos desta pesquisa: a narrativa do Processo de Instalação e Gestão da Universidade de Brasília. Essa trajetória de instalação e gestão esclarecerá o caminho percorrido e as batalhas travadas pela concretização da UnB, um modelo, segundo Darcy Ribeiro, de Universidade Necessária que possibilitaria o desenvolvimento e o progresso da nação brasileira.

Para melhor esclarecer o leitor, o termo “Universidade Necessária” surgiu da percepção de que o ensino superior no Brasil precisava ser reinventado. Em um contexto histórico de mudanças iniciado na década de 1920, surgiram novas ideias e “movimentos culturais, políticos, sociais e educacionais que tiveram repercussões nas décadas seguintes” (FÁVERO, 2009, p.13), abalando as estruturas das universidades tradicionais até então utilizadas no país. Diante desse cenário, a universidade passou a ser questionada, pois as mudanças ocorridas na sociedade e no mundo exigiam uma transformação do ensino superior - uma modernização:

... ninguém mais defende a estrutura vigente da universidade que, ainda em sua forma menos arcaica, gera tensões insuportáveis. E também porque, até para prosseguir cumprindo suas funções tradicionais, a universidade deve alterar suas maneiras de ser e de

¹⁶ Esta experiência foi única naquela época, pois nenhuma outra universidade tinha acontecido como a UnB. Ela era uma nova instituição universitária que foi inspirada nas experiências educacionais nacionais e internacionais, unindo Ensino, Pesquisa e Extensão de maneira orgânica. Construída e organizada do zero numa cidade igualmente nova, projetada para ser a capital do país. Segundo o então presidente da República, Jânio Quadros, por ocasião da sanção da Lei nº 3.998, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília, a missão da instituição seria: “Esta universidade nova é que hoje se institui. Planejada à luz da experiência nacional e internacional. Destinada a cumprir funções específicas de assessoramento aos poderes públicos em todos os campos do saber. Voltada para o cultivo da ciência e da técnica. Comprometida com estudo e a procura de soluções para os problemas que afligem o nosso povo” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, s.p).

atuar. A postura crítica também se modifica e amadurece ao ver-se desafiada a formular um projeto próprio de desenvolvimento autônomo, suficientemente explícito para fazer frente à postura modernizadora e que, não confiando mais na espontaneidade, se encaminha para a formulação de programas de renovação (RIBEIRO, 1969, p. 13).

Desta forma, o termo “Universidade Necessária” teve origem nas ideias de uma geração de intelectuais, entre eles Darcy, materializada oportunamente num livro escrito por ele, num contexto de estudo de um Seminário de Estruturas Universitárias realizado na Universidade da República do Uruguai em 1967, que abordou os problemas da Universidade Moderna. Anísio Teixeira, na Apresentação do livro em questão, coloca que:

Como o Diretor do Seminário, Darcy Ribeiro produziu este importante livro, em que, depois de marcar em suas linhas distintivas as múltiplas experiências da Universidade na Europa e na América Inglesa, volta-se para América Latina e analisa em profundidade a história da nossa experiência, as tentativas de reforma e renovação, faz um balanço crítico dos dilemas e falácias e mostra os desafios cruciais do momento, ante os quais ergue o projeto de desenvolvimento autônomo da América Latina, traçando, então, as linhas mestras da nova reforma, da Universidade Necessária, de que nos dá, com minúcia e riqueza, o modelo teórico (TEIXEIRA, Universidade Necessária. Prefácio. s.p.)

Na ocasião, de forma resumida, pode-se afirmar que Darcy Ribeiro apresentou um modelo teórico de reforma universitária que se tornou uma referência para a renovação do ensino superior no Brasil. Esse modelo foi encarado como uma esperança de realização, mesmo que inicialmente no campo utópico. No entanto, para Darcy e muitos intelectuais, foi considerado indispensável para promover as transformações que permitiriam o desenvolvimento social, político e econômico, procurando garantir a autonomia nacional em relação aos países desenvolvidos.

Ao escrever seu livro, Darcy Ribeiro delineou um projeto abrangente, que não se limitou apenas ao aspecto acadêmico, mas também incluiu dimensões educacionais, arquitetônicas e sociais. Esse projeto visava contribuir para o progresso e superar o atraso enraizado no país, representando um modelo essencial para ser implementado, originando assim a ideia do título do seu livro "Universidade

Necessária". A Universidade de Brasília, por ele criada, foi a materialização desse projeto, ainda que, muito cedo, a experiência tenha sido interrompida e reformulada pós golpe civil-militar de 1964.

O presente capítulo será subdividido em três partes: 1.1 – De Brasília à UnB, 1.2. O processo de instalação da UnB e 1.3 - A gestão da Universidade Necessária. Aqui será possível compreender o lugar da Universidade de Brasília dentro do projeto urbanístico da capital federal e como aconteceu o processo de planejamento e organização da UnB, desde sua concepção e tramitação como proposta no Congresso Nacional até sua efetiva instalação na Cidade Universitária.

1.1. De Brasília à UnB

A capital brasileira foi oficialmente transferida para a cidade de Brasília em 21 de abril de 1960. Porém, para compreender as razões que motivaram a transferência da capital federal, que anteriormente era no Rio de Janeiro, para Brasília, no interior do país, é necessário revisitar tempos distantes da história do Brasil. Mas antes disso, lançamos duas questões que podem ser compreendidas ainda nesta seção: Como uma capital recém-criada pode representar uma nação produzindo, assim, novos significados de uma cidade moderna no Planalto Central, com representações construídas e novas práticas desenvolvidas numa universidade? Que esforços os dirigentes da universidade e o povo de Brasília tiveram que fazer para conquistar esse novo espaço social proposto entre a nova capital e a nova universidade, que gerava a sensação de independência, de esperança e de novas singularidades?

A ideia de construir Brasília surgiu, segundo Juscelino Kubitschek (JK), “à época da Inconfidência Mineira. A partir daí viera rolando através das diferentes fases da nossa História: o fim da era colonial, os dois reinados e os sessenta e seis anos de República, até 1955” (OLIVEIRA, 2000, p. 5).

A transferência da capital para o interior do Brasil constou na Constituição Federal de 1891¹⁷, mostrando ser uma visão antiga, consistente e necessária ao

¹⁷ “Art. 3º - Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura capital federal” (BRASIL, 1891, *on-line*). A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, original e digitalizada, de 25 de fevereiro de 1891, está disponível na Biblioteca Digital do *site* do Senado Federal.

país a ponto de figurar em uma de suas Cartas Magnas. Porém, segundo JK, foi apenas com os Planos de Metas de seu governo, cujo objetivo era avançar “50 anos em 5” e que seguia um perfil desenvolvimentista, que ocorreram avanços significativos em áreas estratégicas, a ponto de se conseguir executar a interiorização do país. Entre os avanços estabelecidos no plano do governo estava a efetiva transferência da capital para o Planalto Central e com ela a implementação de uma educação pública em novos moldes. Diante desses avanços e esforços do governo, a interiorização e a transferência da capital foram entendidas como estratégias de progresso, já que o governo de JK acreditava que, para desenvolver o interior do país, era fundamental descentralizar o poder das regiões costeiras (OLIVEIRA, 2000, p. 7). Quem não gostaria que o país se desenvolvesse dessa forma? Quem viveu nessa época achava que seria um plano impossível ou eram pessoas esperançosas e otimistas? O fato é que houve um grande esforço tanto do governo quanto da população brasileira para concretizar um plano grandioso como esse. Afinal, Brasília foi construída em um curto período de tempo, com as obras iniciadas em 1956, em uma fase de expansão e desenvolvimento do Brasil. As palavras de JK, citadas no seu livro “Juscelino Kubitschek: o Presidente Bossa-Nova”, reforçam a convicção da criação de Brasília: “A criação de Brasília, a interiorização do governo, foi um ato democrático e irretratável de ocupação efetiva do nosso vazio territorial” (OLIVEIRA, 2005, p. 217).

Para melhor compreensão dos contextos histórico, econômico e social, Rotta e Reis (2018) nos ajudam a refletir sobre os impactos econômicos do Plano de Metas de JK para o Brasil:

O Plano de Metas, os seus desdobramentos e o conjunto de medidas adotadas pelo governo JK para implementá-lo, geraram uma transformação estrutural da economia brasileira, imprimindo uma nova dinâmica e consolidando a inserção do país no cenário das economias capitalistas, porém a partir de uma proposta de desenvolvimento subordinada e dependente, que atendia aos interesses do capital naquele contexto histórico específico (ROTTA; REIS, 2018, p. 164).

Consequentemente, como parte do Plano de Metas e do processo desenvolvimentista de JK, a transferência da capital para Brasília foi meramente

estratégica. A interiorização visava levar o progresso à nova capital ao concentrar o poder público nela, o que, por sua vez, estimulou o povoamento e o desenvolvimento da região.

A construção de Brasília atraiu pessoas de várias partes do Brasil, que vieram tanto para trabalhar nas obras da nova capital quanto para atuar nos órgãos governamentais. Além disso, muitos foram atraídos pelas oportunidades que uma cidade em construção parecia oferecer, contribuindo para a ocupação da região. Dessa forma, assim como o governo, os novos moradores também desempenharam um papel relevante na consolidação de Brasília como capital, ajudando a fixar a cidade e impulsionar seu desenvolvimento. No entanto, esse processo não foi tão rápido. Embora tenha sido inaugurada em 1960, a cidade ainda tinha muitas obras a serem finalizadas e outras que iriam começar (OLIVEIRA, 2000, p. 7).

Com a intenção de explorar um pouco mais a relação estabelecida nos anos 1960 entre a nova capital e a sua universidade, destaca-se o Plano Orientador da UnB, de 1962, que inclui detalhes sobre a história de Brasília. Já nas primeiras páginas, o Plano Orientador de 1962 apresenta, na íntegra, o Relatório do Plano Piloto de Brasília, redigido por Lúcio Costa, com o título “Isto é Brasília”. No texto, Lúcio Costa escreveu: “...José Bonifácio, em 1823, propõe a transferência da capital para Goiás e sugere o nome de Brasília” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, s.p). Ainda nas palavras de Lúcio Costa, ele expressou que Brasília seria uma:

... cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de torna-se, com o tempo, além de centro de governo e administrativo, num foco de culturas dos mais lúcidos e sensíveis do país (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, s.p).

O relatório de Lúcio Costa, citado no documento orientador da UnB, foi escolhido em um concurso para seleção da melhor proposta para o projeto urbanístico da nova capital, dentre 26 programas. Este projeto tornou-se mundialmente conhecido e foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade (REIS, 2018). Como se nota, desde sua concepção por este urbanista, Brasília foi pensada para ser, além de centro político e administrativo do país, um

foco de cultura no Planalto Central, que viria a ser ocupado pela sua universidade, razão pela qual essa assertiva abria o Plano que iria orientá-la em sua efetivação.

Além de um planejamento urbanístico, a cidade de Brasília também contou com a elaboração de um plano educacional elaborado pelo professor Anísio Teixeira, à época Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Segundo Pinto, Müller e Anjos (2020), o plano urbanístico e educacional do DF estava em sintonia: “no processo de estruturação desse projeto educacional, Lucio Costa e Anísio Teixeira atuaram juntos para a configuração estrutural da educação no Distrito Federal” (PINTO, MÜLLER e DOS ANJOS, 2020, p. 299). Anísio Teixeira afirma que o “plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a capital federal oferecer à nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do país” (TEIXEIRA, 1961, p.195). Pode-se compreender, a partir dessa afirmação, que Brasília foi uma oportunidade para realizar um planejamento educacional mais orgânico e original, de forma que o ensino estivesse mais integrado à dinâmica da cidade e servisse de modelo para todo o país. Esse planejamento, organizado e inserido no plano urbanístico de Lúcio Costa, facilitou a projeção de um sistema de ensino público completo para a população de Brasília, abrangendo todos os níveis, desde a educação infantil até o ensino superior (TEIXEIRA, 1961). Desta forma, essa foi uma chance para a cidade se tornar uma referência educativa no Brasil. Pinto, Müller e Anjos (2020) afirmam que essa experiência de criar uma cidade nova e de planejar seu sistema de ensino desde o nível mais básico representava uma:

... oportunidade para a execução de um projeto pedagógico único. Calçado no acesso irrestrito à educação pública de qualidade, previa desde a educação pré-escolar até a universidade, de forma que, mais do que acompanhar o crescimento de uma nova cidade, possibilitaria a realização de uma utopia educativa, integrada ao projeto urbano (PINTO; MÜLLER; DOS ANJOS, 2020, p. 299).

FIGURA 1 - IMAGEM QUE ILUSTRA O PLANO URBANÍSTICO DE BRASÍLIA



Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962, s.p.

A Figura 01, extraída do Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962, faz parte do plano urbanístico de Brasília e orienta a disposição geográfica da cidade. Ela ilustra o planejamento urbanístico proposto por Lúcio Costa, destacando o espaço reservado à Cidade Universitária (Universidade de Brasília), identificada pelo número 15 (em verde mais vivo) na Asa Norte. O conceito de Brasília, cujo formato lembra um avião, é claramente visualizado nessa disposição.

Além de contextualizar e localizar o leitor geograficamente, o Plano Orientador da UnB de 1962 descreveu as características da fauna, da flora e do clima da região, bem como dados sobre a região central do país e de Brasília naquela época, conforme transcrição abaixo:

Brasília foi construída em meio a um imenso planalto recortado por rios que se encaminham às bacias do Amazonas e do Prata, ao longo dos quais se estendem estreitas galerias de mata. O comum da vegetação é o chamado "cerrado", tipo savana, em que predominam as pastagens naturais e uma flora de pequena estatura, adaptada às condições de baixo grau hidrométrico.

A área do Distrito Federal é de quase 6.000 km² e se situa entre os paralelos 15° 30' e 16° 30', numa altitude média de 1.100 metros sobre o nível do mar.

O clima é temperado, marcadamente seco e ameno, com temperaturas que variam entre 18 e 20° centígrados.

O censo demográfico realizado em setembro de 1960 revelou a presença de 141.742 pessoas no Distrito Federal, mas sua população é hoje avaliada em mais de 200.000 habitantes, um quinto da qual vivendo no Plano Piloto e o restante em cidades satélites e na zona rural.

Tôda a estrutura básica do Plano Piloto de Lúcio Costa, tanto no Eixo Monumental, como no Rodoviário, está concluída, bem como os palácios, os ministérios e a maior parte das sedes dos órgãos públicos, moldados pela linha bela, audaciosa e inconfundível de Oscar Niemeyer.

Ao longo das duas asas distribuem-se milhares de apartamentos e casas, ordenados não nos arruamentos tradicionais das cidades que até agora se conhecem, mas na composição infinitamente mais rica das Super-Quadras planejadas por Lúcio Costa e que constituem, seguramente, uma das criações mais originais do plano urbanístico de Brasília.

Colocada no centro do país, Brasília se comunica com as capitais de todos os Estados em 2 e no máximo 3 horas de vôo, e com todos os Estados da Federação, por meio de estradas rodoviárias, algumas asfaltadas (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, s.p).

Com a presente apresentação da região da cidade de Brasília, sua localização, geografia e seu significado para o Brasil desenvolvimentista almejado à época, é possível compreender os esforços atribuídos à concretização da nova capital destinada a ser, segundo o discurso de JK, um espelho para toda a nação. Povoar a região por meio da transferência de órgãos públicos, assim como estabelecer um sistema de ensino público completo e planejado para a população foi parte desse processo. Nesse contexto, a Universidade de Brasília foi concebida como um novo modelo de ensino superior, representando, conforme já mencionado, uma oportunidade de oferecer uma educação pública de nível superior renovada. A UnB integrou os planos urbanístico e educacional da cidade, funcionando não apenas como uma estratégia para atrair e fixar a população na região, mas também como um instrumento para promover o desenvolvimento e o progresso (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962). Assim, tanto para a capital quanto para o país, a universidade se alinhava aos novos moldes de modernidade, compatíveis com o perfil desenvolvimentista pretendido para o Brasil.

1.2. O processo de instalação da UnB

A Universidade de Brasília foi um tema amplamente discutido e noticiado no âmbito político, econômico e social brasileiro por um período significativo. Sua importância para o país era inegável, dada a sua influência no panorama educacional, social e político desde o início de seu processo de instalação na capital federal, Brasília-DF. Esse processo abarcou desde sua organização e seu planejamento como projeto de lei até sua efetiva instalação na cidade, o que despertou especial interesse e atenção em diversos setores da sociedade. A imprensa escrita, nesse contexto, tornou-se um canal de difusão de informações sobre esse assunto, em especial, o jornal diário da nova capital, o *Correio Braziliense*.

Artigos selecionados neste jornal, datados de 1960 a 1964, descrevem a trajetória da UnB. Os artigos e as notícias nos mostram o caminho da UnB desde a aprovação do Projeto de Lei nº 1.861, de 1960, que posteriormente deu origem à Lei nº 3.998, de 15/12/1961, autorizando a criação da Fundação Universidade de

Brasília. Percebe-se que a maioria dos artigos refletiam a esperança depositada na instituição para solidificar a cidade de Brasília como capital do Brasil, simbolizando o estabelecimento definitivo e irreversível da cidade como a nova capital federal, e também a esperança em reinventar a educação superior brasileira.

Logo nos primeiros artigos do jornal, a exemplo do datado de 30 de maio de 1960, anunciava-se que a “Universidade de Brasília funcionaria dentro de pouco tempo” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FUNCIONARÁ DENTRO DE POUCO TEMPO, 1960, p. 3). Observamos que esta declaração foi feita em 1960, antes da aprovação do projeto de lei da Fundação Universidade de Brasília, que estava em processo de tramitação no Congresso Nacional. Na ocasião, o jornal apresentou a exposição de motivos realizada pelo ministro Clóvis Salgado ao presidente da República, JK, ressaltando o compromisso do Ministério da Educação e Cultura com o planejamento escolar de Brasília, em especial da construção da Universidade de Brasília, em consonância com os propósitos do governo de construir a nova capital em moldes modernos.

... solicitando a criação da Universidade de Brasília, o titular da Educação e Cultura acentuou: “Atento ao indeclinável dever de participar, no setor de sua específica competência, dos propósitos do governo de construir a nova capital em moldes rigorosamente modernos, o Ministério da Educação e Cultura vem colaborando, desde a primeira hora, no planejamento escolar de Brasília (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FUNCIONARÁ DENTRO DE POUCO TEMPO, 1960, p. 3).

A universidade foi concebida como uma instituição moderna, em sintonia com a cidade que a abrigaria, sendo considerada uma iniciativa inovadora e revolucionária. Nas exposições de motivos, o ministro apresentou as bases do projeto, sua estrutura e os objetivos da futura universidade. Neste discurso, foram citados alguns artigos do projeto, incluindo aqueles relacionados ao patrimônio da Fundação, à manutenção da Universidade de Brasília pela Fundação Universidade de Brasília e à administração da Fundação por um Conselho Diretor, o que teve sua composição e atribuições apresentadas.

Nessa exposição de motivos, a universidade foi descrita como uma "unidade orgânica integrada por institutos centrais de ensino e de pesquisas e por faculdades

destinadas à formação profissional" (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FUNCIONARÁ DENTRO DE POUCO TEMPO, 1960, p. 3). No contexto apresentado, a notícia detalha a estrutura de cada instituto e faculdade, descrevendo suas funções e objetivos em relação à universidade. Parece, então, que a decisão de conceber a UnB como uma Fundação foi estratégica, conferindo-lhe uma diferenciação significativa em relação a muitas outras universidades brasileiras da época. Essa opção tinha como objetivo principal garantir a autonomia administrativa em relação ao governo federal, proporcionando flexibilidade financeira, promovendo a inovação educacional e contribuindo para a modernização do ensino superior. Mas a concepção de uma universidade não era algo novo na história do Brasil. Antes da UnB, existiu a Universidade do Distrito Federal (UDF), instituída na cidade do Rio de Janeiro pelo Decreto Municipal nº 5.513, de 4 de abril de 1935, e extinta em 20 de janeiro de 1939 pelo Decreto Federal nº 1.063/39. A UDF era reconhecida por ter um modelo inovador, destacando-se na época pela sua dimensão cultural e integradora. De acordo com Fávero (2009, p. 23), Anísio Teixeira, o idealizador da UDF, afirmou no discurso de inauguração dos cursos desta instituição que "a fonte para a criação da identidade de um povo e do caráter nacional era a Universidade". Além disso, esclareceu que "uma das exigências para a concretização de tal proposta é, sem dúvida, o exercício da liberdade e a efetivação da autonomia universitária" (FÁVERO, 2009, p. 24).

Desde a exposição de motivos do ministro da Educação e Cultura, os planos para a aprovação do projeto de lei para a criação da FUB pareceram ganhar força. No projeto de lei, as bases do projeto delineavam os princípios e objetivos da futura universidade para a recém-inaugurada capital federal, ressaltando a importância de sua criação naquele momento específico. A proposta de criação de uma universidade inovadora e moderna, gerida por uma fundação dotada de autonomia governamental emergiu como um elemento essencial e revolucionário no panorama educacional do período.

A Comissão de Educação da Câmara Federal ouviu a exposição do professor Darcy Ribeiro sobre a Universidade de Brasília. Na época, Darcy, atuando como diretor substituto do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (INEP)¹⁸ e membro da Comissão nomeada pelo Presidente Juscelino Kubitschek para a elaboração do projeto da universidade, apresentou os motivos para a criação de uma nova universidade e uma justificativa para sua localização em Brasília. A Comissão, formada por intelectuais renomados e comprometidos com o projeto de criação de uma instituição de ensino superior totalmente inovadora no Brasil, refletiu seu forte embasamento intelectual e científico na organização da UnB.

Nos planos de Darcy, a construção da universidade estava prevista para ocorrer entre os anos de 1961 e 1963, período durante o qual haveria tempo suficiente para preparar toda a estrutura de pessoal docente necessária ao funcionamento das atividades universitárias. Ele desempenhou um papel fundamental na defesa da criação da Universidade perante o Congresso. Segundo a reportagem, Darcy Ribeiro defendeu que:

A estrutura da Universidade é também em moldes inteiramente novos, baseados em institutos centrais que ministrarão o ensino fundamental a todos os alunos antes de encaminhá-los às faculdades.

A Universidade de Brasília se voltará principalmente para a formação de profissionais e pesquisadores, segundo um programa planejado para atender especificamente às necessidades de desenvolvimento econômico e cultural do país (D.F. TERÁ UNIVERSIDADE: EXPOSIÇÃO, 1960, p. 6).

Darcy Ribeiro, atuando como diretor do anteprojeto da FUB, evidenciaram que, desde o início, tanto o governo brasileiro quanto a intelectualidade tinham a intenção de estabelecer uma universidade diferenciada. Esta seria voltada para o progresso do país e contrastaria com as instituições tradicionais então vigentes no Brasil. Caracterizado por seu viés nacionalista e inovador, o projeto visava reformar e transformar o ensino superior no Brasil. A criação da Comissão Nacional para estudar a organização da UnB teve repercussões em todo o país, dada a importância do impacto que uma universidade desse porte teria na educação superior brasileira. Como foi relatado no Noticiário dos Estados:

¹⁸ Sobre o INEP: “O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), criado em 1937 sob a denominação de “Instituto Nacional de Pedagogia”, e transformado em autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) em 1997, é o órgão federal responsável pelas evidências educacionais e atua em três esferas: avaliações e exames educacionais; pesquisas estatísticas e indicadores educacionais; e gestão do conhecimento e estudos” (BRAZIL, 2024).

O professor Alfredo Pereira Goes, do Instituto de Física e Matemática da Universidade de Recife, representará Pernambuco na comissão nacional, de 36 membros, que estudará a Organização da Universidade de Brasília. O governo federal pretende chegar a uma organização diferente da atualmente existente em nosso país, tendo convocado para estudar o assunto destacados especialistas de todo país (NOTICIÁRIO DOS ESTADOS. RECIFE (Meridional). UNIVERSIDADE, 1960, p.10).

Esta notícia deixa claro que a UnB foi planejada desde o início, reforçando novamente a participação de intelectuais e do governo. Mais do que um projeto inovador, a universidade visava não somente estabelecer uma instituição de ensino superior de excelência para a capital federal, mas também promover uma reestruturação da educação em âmbito nacional. Organizada por intelectuais da educação brasileira e fundamentada em estudos e nas necessidades de transformações sociais, a UnB estabeleceu-se, assim, como um marco nacional. Desta forma, ficou evidente que o jornal tinha a intenção de publicizar a universidade como um modelo único, abrangendo desde o projeto acadêmico até as estruturas físicas da instituição. Com isso, inaugurou uma nova era na educação superior brasileira.

Mesmo partindo de um projeto bem estruturado, considerado como um modelo necessário, a aprovação do projeto não foi uma tarefa fácil e exigiu uma atuação intensa de Darcy Ribeiro. Como mencionado no jornal, "AURO MOURA É DO CONTRA", datado de 26 de outubro de 1960, "O professor Darcy Ribeiro tem ido diariamente ao Congresso a fim de conseguir a aprovação da lei que cria a Universidade de Brasília" (AURO MOURA É DO CONTRA, 1960, p. 6). Isso demonstrava o compromisso incansável de Darcy Ribeiro na busca pela aprovação do projeto e também indicava que ainda havia muito a ser feito para convencer todos de que a UnB era realmente um projeto benéfico e necessário para o país.

FIGURA 3 - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS)¹⁹. A instituição em estudos visa a dar ao Brasil completa independência no plano científico, cultural e profissional - Debates para organizar sistemas revolucionários



Fonte: Correio Braziliense, 8 de novembro de 1960, p. 1. Acessado via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A imagem acima (Figura 3) permite observar o destaque dado pelo jornal ao anúncio de que a UnB seria uma instituição crucial para garantir ao Brasil independência científica, cultural e profissional, revolucionando o sistema de ensino superior no país. Quem não gostaria de ter no seu país uma instituição que promettesse tamanha transformação? Além disso, a reportagem posiciona a universidade como indispensável para a nova capital, Brasília-DF, destacando-a como uma instituição de assessoramento técnico e científico altamente qualificada para resolver problemas nacionais. A UnB exerceria, nesse contexto e conforme anunciado, um papel de conselheira junto aos órgãos do poder público. Quanto poder essa universidade exerceria junto ao poder público? Até então, nada

¹⁹ Matéria transcrita na íntegra no ANEXO B - TRANSCRICÃO DAS FIGURAS. FIGURA 03.

semelhante havia sido visto no Brasil. Naquela época, a proposta era verdadeiramente inovadora e revolucionária.

Em um encontro no Centro de Pesquisas Educacionais, organizado por Darcy Ribeiro, nos dias 28 e 29 de outubro de 1960, foi realizada uma mesa redonda com várias personalidades da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) para discutir a organização da UnB, tratando especificamente do tema estrutura e regulamentação. Entre os participantes, estavam personalidades proeminentes, tais como:

Walter Oswaldo Cruz, Maurício Rocha e Silva, C. Pavan, Florestan Fernandes, O. A. Ohrweiler, A. Pereira Gomes, J. Goldenberg, O. Sala, J. Pudles, Newton Freira Maia, Celso Furtado, Carlos Chagas Filho, Jacques Danon, Anísio Teixeira, Lúcio Costa, Darcy Ribeiro, Leopoldo Nachbin, José Leite Lopes, Guido Beck, Maurício Joppert, Paulo de Goes, Jayme Tiomno, F. Brigrer, Pompeu Accioly Borges, Edson Nery da Fonseca, Horácio Macedo, H. Moussatché, H. Lent, Cyro dos Anjos e Walter Mors (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS), 1960, p. 9)²⁰.

Esse foi mais um momento que uniu vários intelectuais e em que se discutiu e estudou em detalhes as estruturas e a regulamentação que contemplariam a Universidade de Brasília. Como afirmado:

²⁰ Bomeny (2016) apresenta as áreas e especialidades dos intelectuais, o que pode justificar a presença na reunião. “Os intelectuais presentes nesta reunião em boa medida se envolveram também na implantação da Universidade de Brasília, indicando a sintonia da criação de uma universidade com uma atmosfera crítica a respeito do modelo existente no país. Estiveram na reunião os **físicos** Gleb Wataghin, José Leite Lopes, Mário Schembert, José Goldemberg, Jayme Tiomno, Richard Wallauschek, Oscar Sala, Guido Beck, Lauro Nepomuceno; os **matemáticos** Leopoldo Nachbin, Maria Laura Leite Lopes, A. Pereira Gomes; os químicos J. Cristóvão Cardoso, Jacques Danon, Walter B. Mors, Júlio Pudles, Ricardo Ferreira, Lúcia Furtado; os **geógrafos** Orlando Valverde, Pinchas Geiger, Fábio M. S. Guimarães; o **diplomata** Wladimir Murtinho; o **filósofo** Euryalo Cannabrava; os **biólogos** Paulo Sawaya, F. Brigrer, Carlos Chagas F., W. Oswaldo Cruz, Haiti Moussatché, M. Rocha e Silva, Crodovaldo Pavan, Newton F. Maia, J. Ribeiro do Valle, S. Baeta Henriques, Annie P. Danon, Amadeu Cury, Herman Lent, Antonio Couceiro, O. Frota Pessoa, Segadas Viana, Carlos Zilberstchmidt; os **médicos** Arthur Moses, Paulo de Góes, M. de Freitas Amorim, Haydée G. Dourado; os **escritores** Cyro dos Anjos, Paulo Duarte, Afrânio Coutinho, J. I. Mendonça, P. Madureira de Pinho; os **historiadores** Maria Yedda Leite Linhares, Francisco Iglésias; o **crítico de arte** Mário Pedrosa; os **antropólogos** Darcy Ribeiro, Carlos de Araújo Moreira Neto, Roberto Cardoso de Oliveira, Josidelth G. Consorte; os **economistas** Celso Furtado, Pompeu Accioly Borges, Ignácio Rangel; os **educadores** Anísio Teixeira, Almir de Castro, Jayme Abreu, Faria Goes Sobrinho, Alberto Venâncio Filho; o **sociólogo** Florestan Fernandes” (BOMENY, 2016, p. 1.014 -1.016, **negrito nosso**).

Encontra-se pois o governo não apenas na necessidade de criar em Brasília um centro Universitário, cuja existência viria estimular vigorosamente os demais a uma renovação por todos reclamada, mas que só pode efetuar-se, de pronto, em uma Universidade inteiramente nova planejada à luz das melhores experiências nacionais e internacionais. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS), 1960, p. 9).

Neste período, as universidades brasileiras estavam sujeitas a intensas críticas e questionamentos devido ao atraso em várias áreas, especialmente no desenvolvimento da pesquisa científica. A notícia ressalta a importância e a urgência de estabelecer uma universidade nova em Brasília, baseada em práticas educacionais avançadas, tanto em nível nacional quanto internacional. Cunha (1983), em *A Universidade Crítica*, destaca que a ideologia desenvolvimentista buscava a modernização do ensino já há algum tempo e confirmava a influência de práticas internacionais, sendo que:

A estruturação e o desenvolvimento do ensino superior brasileiro eram avaliados com referência ao observado ou imaginado nos países “civilizados”, primeiramente, e “desenvolvidos”, posteriormente. Os países da Europa forneceram os principais paradigmas, até o fim do Estado Novo. A partir daí, as universidades norte-americanas constituíram os modelos incontestes, festejadas pelo prestígio decorrente da contribuição tecnológica que deram ao esforço de guerra da maior potência dos anos 40 (CUNHA, 1983, p.151).

Nesse esforço de mostrar que o ensino superior já pedia por mudanças há muito tempo, Cunha (1983) ressalta em seu livro um breve trajeto sobre a busca de um ensino superior moderno:

No império, clamava-se por uma universidade; na primeira república, acusava-se a universidade, criada em 1920, de ser mero condomínio de escolas estanques; na era de Vargas, essas invectivas continuaram e presenciaram-se duas tentativas, logo frustradas, de criação de “verdadeiras” universidades, a de São Paulo, em 1934, e a do Distrito Federal, em 1935, mas foi durante o período 1946/64 que essas críticas atingiram praticamente todo o ensino superior, tendo o próprio Estado como uma de suas principais fontes (CUNHA, 1983, p.151).

Darcy Ribeiro visava estabelecer na UnB um modelo novo, uma referência de universidade moderna para o Brasil, que fosse uma resposta a essas críticas que então se faziam. Com a intenção de fazer a nova universidade, Darcy realizou estudos e convocou especialistas de diversos ramos do conhecimento para construir uma instituição que enfatizava "um ensino científico alicerçado na pesquisa científica" (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS), 1960, p. 9). Essa abordagem reflete a determinação de Darcy Ribeiro em estabelecer uma universidade inovadora, dedicada à realização de pesquisas científicas e diferenciando-a das práticas educacionais tradicionais no Brasil.

A organização da universidade contemplava também planos para atrair e recrutar um corpo docente e técnico de alta qualidade, seguindo a recomendação de "criar em Brasília uma Universidade do tipo novo para nós, mas já tradicional nos países plenamente desenvolvidos e considerada por eles como um dos principais motores do progresso que experimentaram". (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS), 1960, p. 9). Mas, existia pessoal docente capacitado para recrutamento e atuação nessa universidade visto os seus novos moldes? Mesmo sendo um novo modelo de universidade, tinha a intenção de atender às peculiaridades nacionais de forma a desenvolver o país.

Houve um momento em que, apesar dos esforços na construção do projeto de instituição da Fundação Universidade de Brasília, ele foi rejeitado na Câmara dos Deputados (APROVADOS DOZE PROJETOS PELO "QUORUM" MÍNIMO, 1960, p. 3). Essa negativa foi registrada pelo jornal datado de 10 de dezembro de 1960, em contraste com as aprovações de vários outros projetos. Tal decisão parecia refletir uma insegurança quanto ao andamento do projeto. Não aceitaram a UnB por ser algo que assustava pelos seus ideais de ensino? Medo de mudança ou do progresso da nação? Faltou apoio político para aceitação da proposta? Provavelmente temos aí nessa negativa um pouco de cada um dos questionamentos.

Entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas para a aprovação do projeto da FUB, o processo de instalação da universidade já estava em andamento e parecia ser algo irreversível. Tanto a prefeitura quanto a Companhia Urbanizadora

da Nova Capital do Brasil (Novacap), em Brasília, aprovaram a provisão de terreno para a construção da Cidade Universitária. Segue a notícia:

A Universidade de Brasília, embora ainda não constituída oficialmente, já conta à sua disposição com a área necessária para a edificação da Cidade Universitária. Neste sentido, foi aprovada pela última reunião da Assembléia Geral Extraordinária matéria específica (PREFEITURA E NOVACAP. CIDADE UNIVERSITÁRIA, 1960, p. 3).

Ficou evidente que os objetivos de Brasília para a implantação da UnB na capital eram robustos, pois, mesmo antes da aprovação do projeto, já se discutia e planejava a construção da instituição. Uma área de 257 hectares foi destinada à construção da UnB (SCHLEE, A. R. *et al.*, 2014, p. 23), conforme o plano urbanístico de Lúcio Costa. Esse comprometimento e a repercussão para a implantação da UnB demonstrava a importância que as autoridades no Brasil e na cidade atribuíram à universidade, bem como sua relevância para o contexto de desenvolvimento da região e para as contribuições de Brasília como capital federal.

Nesse sentido, o *Correio Braziliense* retratou em suas páginas que a Universidade de Brasília não era apenas importante para a recém-criada capital do Brasil, mas também correspondia "a um plano adaptado à contextura que evidenciam as referências consignadas" (A EDUCAÇÃO E A SALUBRIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p.3). Isso significa que a UnB não apenas ocuparia um espaço físico, mas também se integraria de forma intrínseca ao desenvolvimento e à identidade da capital, desempenhando um papel fundamental nas contribuições e no progresso de Brasília. Essa perspectiva ressalta novamente a relevância da UnB não simplesmente como uma instituição de ensino superior, mas também como um elemento essencial para a construção e o aprimoramento da cidade e de sua comunidade. Mas, aqui nesse artigo, notou-se também que o colunista José M. Penã tinha a intenção de valorizar a educação que estava sendo estabelecida em Brasília. Ele destacou que as pessoas que se mudaram para a capital encontrariam ali uma educação de qualidade. Isso sugere o reconhecimento da importância da Universidade de Brasília em seu papel na oferta de educação pública superior de alto nível na região. Essa ênfase na qualidade da educação em Brasília pode ser interpretada como uma forma de promover a cidade e a universidade, sendo um

destino atraente para profissionais e famílias em busca de oportunidades (A EDUCAÇÃO E A SALUBRIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 3).

É relevante ressaltar que a Universidade de Brasília não apenas contribuiu para a consolidação da capital federal em Brasília/DF (REAFIRMAÇÃO, 1962, p. 4; CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL. NOTA OFICIAL DA PRESIDÊNCIA DO GABINETE, 1962, p. 1), mas também, como veremos mais à frente nesta dissertação, trouxe características que impactariam o padrão desejado de educação em todo o Brasil, pois “a UnB, no coração do Brasil, ventilaria os ideais de renovação no pensamento para o País inteiro” (APARECIDA, 1995, p. 37). Camargo *et al.* (2022) comentam, na apresentação da obra “Darcy Ribeiro e a UnB: a Universidade necessária no século XXI”, sobre essa influência da UnB na Educação Superior Brasileira:

A Universidade de Brasília foi criada para se engajar no desenvolvimento econômico e social do país e como a primeira semente para a reforma das universidades brasileiras. De fato, a UnB foi um marco no sistema das universidades brasileiras, que se transformou profundamente nas décadas seguintes à sua criação (CAMARGO *et al.*, 2022, p. 12).

Visto sua importância para a educação superior brasileira, muito se discutiu e trabalhou para que o projeto de criação da FUB fosse concretizado. Em 27 de março de 1961, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro foram recebidos pelo presidente da República em uma audiência especial para discutir os problemas educacionais e do ensino no Brasil (ANÍSIO TEIXEIRA PINTA PARA MEC, 1961, p.1). Essa reunião ressalta uma oportunidade política valiosa para angariar mais apoio para a aprovação do projeto da Universidade de Brasília, que tinha sido rejeitado recentemente na Câmara dos Deputados.

Durante o processo de criação da UnB, houve manifestações políticas que envolviam o próprio presidente da República para estabelecer, na Universidade de Brasília, um meio de comunicação em benefício da educação. Defendiam que uma emissora de televisão vinculada à UnB seria de grande importância para a instituição e a comunidade, dada sua capacidade de divulgar informações e de poder contribuir de diversas formas.

Do sr. Roberto Ruiz, professor de rádio-televisão da Fundação Brasileira de Teatro recebeu o presidente da república telegrama no qual expressa o júbilo que se apossou dos idealistas dêsse meio de educação no Brasil, pelo projeto da criação da Universidade de Brasília, incluindo emissora de altas finalidades. Solicita, ainda, aquele educador, em nome de seus representados a inclusão de uma emissora de televisão, imprescindível à magnífica obra a ser realizada (UNIVERSIDADE DO DF, 1961, p. 5).

Na conjuntura política do país, fica evidente nessa notícia que a Universidade de Brasília contou com apoio do presidente da República para alcançar sua aprovação e reconhecimento.

Durante o processo de organização para a criação da Universidade de Brasília (UnB), a Comissão de Planejamento da Universidade de Brasília (CPUB) foi instituída pelo presidente da República por meio do Decreto nº 50.732 de 1961, datado de 6 de junho de 1961. A Comissão, composta por sete membros, deu início aos seus trabalhos em uma reunião realizada em 21 de junho de 1961, no Gabinete do Chefe do Executivo Municipal, sob a presidência do prefeito Paulo de Tarso. Os membros incluíam os intelectuais Anísio Teixeira, Paulo Novais, Almir Godofredo de Almeida, Celso Furtado, Roberto Herbst, Gusmão e Darcy Ribeiro, que desempenhava o papel de Coordenador Geral (UNIVERSIDADE DO D.F.: COMISSÃO DE PLANEJAMENTO VAI REUNIR-SE, 1961, p. 8).

A CPUB tinha como responsabilidade principal a elaboração do plano urbanístico da cidade universitária, a preparação dos programas básicos necessários das unidades da UnB e o estabelecimento de acordos e convênios com organizações estrangeiras e internacionais para obtenção de cooperação técnica e financeira, com a colaboração da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para estruturar a instalação dos institutos centrais, da biblioteca e demais órgãos da universidade. Além dessas atribuições, a CPUB tinha outras responsabilidades que foram valiosas para definir a organização da UnB e caracterizar o novo modelo de ensino superior que se desejava. Como destacado em uma reportagem do *Correio Braziliense* datada de 14 de junho de 1961:

... a CPUB tem ainda a missão de colaborar na implantação da Universidade Nacional do trabalho, tendo em vista a articulação dos respectivos programas, de modo que seus órgãos se tornem mutuamente complementares e que seus alunos graduados nos seus cursos básicos possam fazer a especialização tecnológica ou científica na outra (UNIVERSIDADE DO D.F.: COMISSÃO DE PLANEJAMENTO VAI REUNIR-SE, 1961, p. 8).

Neste contexto, ressalta o modelo acadêmico integrado que estava sendo delineado para a Universidade de Brasília, algo ainda não alcançado em outras universidades brasileiras. No entanto, o trabalho da Comissão não se limitava a isso. Segundo o artigo do *Correio*, eles também tinham a responsabilidade de organizar um sistema de bolsas de estudo para os alunos que residiam em Brasília enquanto os outros cursos não estavam em funcionamento, estabelecer um Centro de Documentação com o objetivo inicial de atender às necessidades de informações bibliográficas e técnicas para amparar os poderes públicos da nova capital e de estabelecer convênios e receber doações para a UnB. Posteriormente, esse centro de documentação seria integrado à biblioteca da UnB (UNIVERSIDADE DO D.F.: COMISSÃO DE PLANEJAMENTO VAI REUNIR-SE, 1961, p. 8).

Nessa busca pela organização, planejamento e implantação da UnB, Darcy Ribeiro, coordenador geral da CPUB, frisou durante a reunião da Comissão que “agora já é tempo de ter no Brasil um sistema universitário moderno, onde os estudantes possam se preparar trilhando caminhos certos assistidos por professores aptos e certos de que poderão ser úteis à Pátria e à Ciência” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA JÁ ESTÁ EM PLANEJAMENTO, 1961, p. 8). Segundo o artigo do *Correio*, o prefeito Paulo de Tarso e o professor Darcy Ribeiro expressaram em seus discursos o compromisso de enfrentar todos os desafios para alcançar a implantação da Universidade de Brasília e enfatizaram a aspiração de “que a futura Universidade de Brasília seja de fato o centro da cultura nacional, glória e orgulho de um povo, esperança e tranquilidade dos estudantes brasileiros” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA JÁ ESTÁ EM PLANEJAMENTO, 1961, p. 8).

Neste período, o contexto de busca por transformações na educação brasileira era intenso. Segundo Monteiro (2021), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961 estava há treze anos em tramitação no Congresso Nacional, o que mostra a dificuldade enfrentada para aprová-la, evidenciando “a

oposição de ideologias no sistema: liberais e conservadores, privatistas e publicistas, defensores da laicidade e da religião” (MONTEIRO, 2021, p. 28).

Por fim, os debates no Congresso Nacional sobre a reestruturação do sistema educacional culminaram na promulgação da Lei nº 4.024/61, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e no primeiro Plano Nacional de Educação de 1962. Nesse cenário, foi discutido um novo modelo de estruturação das universidades no Brasil (REABERTA A DISCUSSÃO SÔBRE AS., 1961, p. 5). A Universidade de Brasília, conforme apresentado na reportagem do jornal, se destacou como uma oportunidade para a concretização da reforma universitária, representando a possibilidade de estabelecer uma instituição de ensino superior alinhada às necessidades do país desde a sua fundação.

Em continuação das discussões da LDB, no *Correio Braziliense*, a Universidade de Brasília era reforçada como um projeto de grande relevância em tramitação no Congresso. Já se vislumbrava a necessidade de planejamento e organização da nova LDB para "atender" a essa futura universidade que estava prestes a se concretizar, demonstrando o reconhecimento da importância e potencial impacto da instituição no cenário educacional.

A mesma atenção foi dispensada ao ensino superior, e, particularmente, à estruturação das Universidades, permitindo uma forma optativa de sua organização, para inclusão das Faculdades de Filosofia ou de um Corpo de Institutos Básicos, esta última forma visando a atender, de modo especial, o Projeto em tramitação na Câmara dos Deputados, de criação da Universidade de Brasília (REABERTA A DISCUSSÃO SOBRE AS., 1961, p. 5).

Diante do breve contexto educacional brasileiro apresentado, comprovou-se que o projeto da UnB já constava nos planos do governo como algo que atenderia às demandas do país. Isso sugere também que o caminho para a aprovação do projeto e para a instituição da UnB não demoraria para ser concretizado, pois era, de certa forma, um desejo expresso que constava nas discussões do projeto educacional brasileiro da época e, novamente, contava com o apoio do governo brasileiro.

Nesse sentido, alinhada à proposta de modernização da educação, a UnB refletia os ideais de desenvolvimento da educação na época, pensando um modelo que pretendia integrar diversas áreas de conhecimento com interdisciplinaridade e promoção de pesquisa científica. Mas, apesar disso, na perspectiva de Cunha (1983, p. 257), nem todas as medidas contempladas na LDB favoreceram a modernização do ensino superior, destacando a “manutenção da cátedra vitalícia e do mecanismo de formação de universidades pela agregação de escolas isoladas”. No entanto, ele ressaltou que a maior contribuição da LDB foi o aumento da autonomia das instituições de ensino, algo que estava previsto para a UnB como uma Fundação. Fazendo uma análise sobre a legislação educacional brasileira apresentada no jornal, percebeu-se a importância de identificar que ali, no momento de produção e de realização da LDB, expressavam elementos como a tradição/costumes, linguagem jurídica estratégica, intervenção social e política e lutas sociais.

Faria Filho (1998) destaca a importância de compreender a legislação, afirmando que:

aproximar da lei enquanto ordenamento jurídico significa, além de se dar conta de uma tradição e de suas relações com outras tradições e costumes, entender uma certa lógica em funcionamento. Como se sabe, a lei precisa ser legítima e legitimada, o que, por sua vez, requer não apenas uma retórica de igualdade mas, minimamente, a colocação em funcionamento, no discurso legal, de uma lógica de igualdade. Se assim não fosse, a lei não seria legítima e, muito menos, necessária (FARIA FILHO, 1998, p. 101).

Um aspecto importante que distingue a Universidade de Brasília de muitas outras universidades brasileiras na época era o regime de Fundação, denominado para a UnB como Fundação Universidade de Brasília (FUB). Essa concepção reflete o anseio por autonomia universitária presente no novo projeto de instituição de ensino superior. Conforme estabelecido pela Lei Nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, art. 2º, a FUB seria uma entidade autônoma, adquirindo personalidade jurídica a partir da inscrição de seu ato constitutivo no Registro Civil das Pessoas Jurídicas,

acompanhado dos estatutos e do decreto que os aprovasse (Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961²¹).

O propósito da UnB era poder se autoadministrar, desvinculada de interferências governamentais ou ministeriais, funcionando como um serviço público independente. Como afirmou Darcy Ribeiro, então vice-diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) do MEC (Ministério da Educação e Cultura), em resposta a questionamentos de jornalistas:

... a Universidade de Brasília, como está estruturado em projeto ora na Ordem do Dia da Câmara Federal para votação, não será órgão nem do Ministério da Educação e Cultura nem da Prefeitura do Distrito Federal, mas uma entidade privada, como o são as Fundações Educacional, Hospitalar e Cultural (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 5).

Essa informação veiculada pelo *Correio Braziliense* ressalta a natureza autônoma do projeto da UnB, transmitindo aos leitores que a instituição se destacava como uma Fundação.

O ritmo de trabalho de Darcy Ribeiro e da Comissão de Organização da UnB intensificou-se em julho de 1961, pois o projeto final elaborado pelo professor Lúcio Costa já havia sido entregue para execução dos técnicos e a Comissão acelerou os estudos para aprovar rapidamente o projeto da UnB (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1961, p. 9).

Nesse embalo, e seguindo o trâmite de deliberação no Legislativo, o projeto da UnB foi apresentado na Câmara dos Deputados:

Apresentando requerimento de preferência para o projeto que institui a Fundação Universidade de Brasília, o sr. Raul Pila manifestou-se, defendendo o requerimento os srs. Josué de Castro e Arruda Câmara, enquanto o sr. Adauto Cardoso a combatia. Dada como aprovada, o sr. Adauto Cardoso, como líder, requereu verificação, confirmando-se a aprovação por 161 contra 37 votos e passando-se ao encaminhamento da votação do projeto, quando ocuparam a

²¹ Na página da Câmara dos Deputados (BRASIL, 1961) tem-se acesso público ao texto completo da Lei 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências.

tribuna os srs. Raul Pila e Josué de Castro (UNIVERSIDADE DO D.F., 1961, p. 3).

Brasília, uma cidade recém-inaugurada, estava diante do dilema de criar uma universidade para sua consolidação e crescimento, dada a expansão populacional em curso. Como capital federal, a oferta de ensino de qualidade e acessível ao público era uma necessidade tanto para o governo quanto para a sociedade, nos âmbitos nacional e local. Muitos dos servidores públicos transferidos para Brasília eram universitários que desejavam continuar seus estudos sem interrupções (ESTUDANTES VÃO PLEITEAR ABONO DE FALTAS, 1961, p. 7). Além disso, o crescimento da cidade gerou uma demanda crescente por ensino superior qualificado para a juventude local. Essa questão foi amplamente discutida entre os universitários da cidade, que clamavam pela rápida instauração da Universidade de Brasília para dar continuidade aos seus estudos universitários, aumentando assim a pressão para a aprovação do projeto da UnB.

Para resolver esse inconveniente, alguns estudantes pleiteavam o abono de faltas e a instalação imediata da UnB. Os discentes, principalmente da Faculdade de Direito de Goiânia, buscavam minimizar os prejuízos decorrentes da impossibilidade de assistir regularmente às aulas em suas instituições de origem. Como medida emergencial para mitigar a crise do ensino superior em Brasília até que a UnB fosse efetivamente instalada, propuseram o abono das faltas dos estudantes. Nesse contexto, os estudantes de direito pleiteavam que o Ministro da Educação promovesse uma reunião com o reitor da faculdade de Goiânia, com um representante de seu Conselho e com o presidente da República no sentido de encontrar uma solução para essa situação. Ao analisar essas notícias, foi possível vislumbrar a situação:

Justificam sua pretensão com a falta, em Brasília, de estabelecimentos de ensino superior, embora o plano educacional preveja a imediata instalação da Universidade de Brasília (ESTUDANTES VÃO PLEITEAR ABONO DE FALTAS, 1961, p. 7).

Com o desenvolvimento diário da cidade e a pressão da própria população, a instalação da UnB se tornava uma necessidade cada vez mais urgente. O jornal *Correio Braziliense*, no intuito de dar força às reivindicações dos estudantes, pressionar o governo e impulsionar a concretização da Universidade, abordou repetidamente o assunto em suas publicações nos dias 17, 21 e 24 de setembro de 1961 e 9 e 20 de março de 1962²².

Todos já sentiam a ausência de uma instituição de ensino superior na capital e com isso a pressão para a aprovação do projeto e instalação da UnB aumentava, visto que já existia um plano educacional que previa a instituição. O rápido crescimento de Brasília evidenciou ainda mais a necessidade de uma universidade que pudesse atender às demandas educacionais da comunidade local e contribuir para o progresso e desenvolvimento da cidade. Essa urgência foi destacada nos relatos das ações de algumas autoridades antes da aprovação do projeto no Congresso.

O Ministro Oliveira Brito comparecerá no próximo dia 6 perante a Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga problemas do ensino universitário e que é presidida pelo deputado e professor Aderbal Jurema.

Para conversar com o Presidente do Congresso, Senador Auro Moura Andrade, e outros membros do Parlamento brasileiro, sobre o projeto que cria a Universidade de Brasília. Irá hoje ao Senado o Ministro Oliveira Brito, da pasta da Educação e Cultura. Tentará o Ministro a aprovação da Lei ainda no corrente mês de novembro, para que seja possível funcionar, já em 1962, as primeiras unidades da Universidade de Brasília, de forma a receber os alunos que em dezembro concluirão o último ano dos cursos de ensino médio (EDUCAÇÃO, 1961, p. 5)

No dia 14 de novembro de 1961, o projeto da Universidade de Brasília foi aprovado na Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal, presidida pelo sr. Meneses Pimentel, por maioria de votos. Na ocasião, destacou o caráter inovador da instituição de ensino superior, ressaltando que o projeto foi uma iniciativa do presidente da República na época, Juscelino Kubitschek, remetida ao Congresso Nacional no dia da inauguração de Brasília como capital federal, em 21 de abril de

²² ESTUDANTES VÃO PLEITEAR ABONO DE FALTAS, 1961, p. 7.
O ABONO DE FALTAS SERÁ RESOLVIDO ESTA SEMANA, 1961, p.3.
QUEREM SER ASSISTENTES NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 9.
UNIVERSIDADE DO DF EM GOIÁS TEM REPROVAÇÕES, 1962, p. 8.

1960. No seu parecer, o senador Jarbas Maranhão ressaltou o papel da universidade para cidade, destacando:

A este núcleo cultural não poderia faltar uma Universidade, porque somente esta - cobrindo todos os ramos do saber, através das formas mais nobres de domínio que são o estudo, a pesquisa, o ensino e a divulgação - será capaz de dar a Brasília a autonomia cultural e a criatividade que a tornem capaz de imprimir aos empreendimentos que daqui serão planejados o mesmo caráter inovador que presidiu sua edificação (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FOI APROVADA NO SENADO, 1961, p. 5).

Com mais essa etapa vencida, a atenção passou a ser na aprovação do projeto na Comissão de Serviço Público do Senado Federal e na sanção presidencial. Darcy Ribeiro, figura central nesse processo, planejava que o projeto final fosse aprovado ainda em 1961 para que as atividades da Universidade de Brasília pudessem começar já em março de 1962, com alguns cursos oferecidos em um modelo transitório. Entre os cursos planejados para esse início estavam direito, administração, economia e arquitetura. Darcy Ribeiro também tinha nos planos da instituição oferecer, desde o início, níveis de pós-graduação ao curso de arquitetura, com foco especial na cidade de Brasília como objeto de estudo. Além disso, previa a oferta de aulas de línguas e culturas brasileiras, voltadas para a formação de professores secundários de português e literatura, bem como de redatores para os órgãos de imprensa (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PODERÁ MANTER CURSOS, 1961, p. 4). Nesse trecho já fica explícito que os planos para o início das atividades da UnB foram definidos com o objetivo de atender às necessidades da nova capital e da juventude, demonstrando um aparente compromisso com a qualidade do ensino e a contribuição para o desenvolvimento educacional e cultural.

Após aprovação do parecer na Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal, a Comissão de Serviço Público do Senado Federal também deliberou pela aprovação, por unanimidade, do projeto de lei que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA GANHA NOVO ROUND: SENADO, 1961, p. 5). Essas aprovações representam mais um passo na concretização da criação da UnB, evidenciando o respaldo e a aprovação desse projeto nas principais áreas técnicas no âmbito Legislativo.

[illegible]

Ainda sobre a tramitação do projeto da UnB no Senado Federal, a matéria do *Correio Braziliense* destaca a aprovação com o seguinte título: "SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F.". O relato da notícia apresenta que, apesar da aprovação sem emendas, alguns senadores, como o senador Mem de Sá, se manifestaram contra o projeto. Nesta ocasião e em várias outras publicações seguintes, o jornal publicou na íntegra ou em partes o texto do

²³ Matéria transcrita na íntegra no ANEXO B - TRANSCRICÃO DAS FIGURAS. FIGURA 04.

projeto da FUB²⁴ e o parecer do relator, deixando assim evidente ao leitor todo o potencial que a Universidade representava. Isso provavelmente contribuiu para a percepção de urgência em sua criação por parte do público, uma vez que o acesso a essas informações detalhadas permitia uma compreensão mais clara dos benefícios e impactos positivos que a UnB traria para a comunidade, a cidade e o país como um todo. Uma matéria que torna evidente essa influência no leitor visto ser algo apresentado como de grande potencial para a cidade é a notícia da publicação da lei que cria a UnB no Diário Oficial, que também expõe o texto do projeto aprovado na íntegra (PUBLICADA A LEI QUE CRIOU A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 8). Salmeron (2012), em "A Universidade Interrompida: Brasília 1964 - 1965", faz uma consideração sobre essa aprovação "urgente" ocorrida no Senado Federal, no contexto da renúncia do presidente Jânio Quadros: "Diante da situação política perigosa e de evolução imprevisível, os deputados passaram a submeter ao plenário, com urgência, projetos de lei para serem aprovados a toque de caixa" (SALMERON, 2012, p.76). Esta análise, em consonância com o apresentado por Anjos (2016, p.102), de que o historiador deve realizar perguntas adequadas à fonte e não se deixar ser influenciado por ela, "buscando pistas e indícios sobre o porquê fazem determinadas coisas e calam ou ocultam outras", colaborou para o entendimento e questionamento do porquê da urgência da aprovação do projeto no Senado.

Esses são exemplos de como um periódico influencia a formação da opinião pública e o curso dos acontecimentos. Nesse sentido, Faria Filho (1998) esclarece um pouco sobre:

A faceta educativa da atividade jornalística pode ser percebida quando se analisa suas posições frente aos debates sobre a política e legislação educacionais, ocasião em que eles se colocam como expressão da opinião pública e, sem dúvida, como momento mesmo de sua constituição (FARIA FILHO, 1998, p. 107).

²⁴ SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F., 1961, p. 5.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 3.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 5.

IMPORTANTES LEIS SANCIONADAS PELO CHEFE DO EXECUTIVO, 1961, p. 5.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. FUNDAÇÃO PODERIA FUNCIONAR EM 1962, 1962, p. 3.

REIVINDICAÇÃO DOS INTELECTUAIS O PLANEJAMENTO DA UNIVERSIDADE, 1961, p. 3.

PUBLICADA A LEI QUE ..., 1961, p. 2.

PUBLICADA A LEI QUE CRIOU A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 8.

Em continuação à notícia de aprovação do projeto no Senado, destacaram-se na reportagem os quatro votos contra dos senadores Mem de Sá, Dix-Huit Rosado, Sérgio Marinho e Heribaldo Vieira, visto que são dados importantes para a compreensão do contexto em questão. As principais objeções levantadas por Mem de Sá foram:

1 - serão necessários 12 bilhões de cruzeiros para a Universidade; 2 - tais recursos seriam melhor empregados na remodelação das já existentes; 3 - pelo projeto, a Universidade de Brasília terá população de 15 mil pessoas, entre 1.600 professores, em “full time”, alunos e funcionários; 4 - é excessivo o arbítrio que se deferirá ao reitor da Universidade (SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F., 1961, p. 5).

Essas questões refletem o debate em torno do alto custo da universidade, da alocação de recursos e do modelo de governança proposto para uma instituição, especialmente a preocupação com o “arbítrio excessivo” destinado ao reitor da Universidade. Desta forma, o senador Mem de Sá estava claramente incomodado com a autonomia concedida tanto à instituição quanto ao seu reitor. Mas, segundo Cunha (1983, p.178), a estrutura de poder destinada à UnB era resultado das “demandas dos professores/pesquisadores de modernizarem suas condições de trabalho, conforme o paradigma norte-americano, mas resguardando-se do arbítrio governamental, cuja memória do tempo do Estado Novo, permanecia viva para muitos”. Salmeron (2012) corrobora essa preocupação quando menciona que a Universidade do Distrito Federal (UDF), considerada por ele análoga em vários aspectos à UnB, padeceu em decorrência da intervenção na instituição pelo governo do Estado Novo, o que culminou na extinção da instituição em 1939.

A proposta regulamentar da UnB proporcionou uma renovação à educação universitária no Brasil, mas também serviu como limitador à sua atuação. Tornar a regulamentação pública é uma forma de exercício de controle público, pois a sociedade também precisava de conhecimento sobre os campos nos quais a universidade deveria atuar e até onde suas competências se estendiam. Cunha

(1983, p. 171) deu destaque ao caráter moderno que a UnB representava em sua norma:

Nascia, assim, a mais moderna universidade brasileira, em todos os sentidos, tendo como primeira de suas finalidades algo nunca proclamado anteriormente por qualquer instituição de ensino superior: “Formar cidadãos empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas com que se defronta o povo brasileiro na luta por seu desenvolvimento econômico e social” (CUNHA, 1983, p. 171).

No dia 11 de dezembro de 1961, a redação final do projeto da FUB foi aprovada e encaminhada à sanção do Executivo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 3). Logo em seguida, em apenas 5 dias após o envio do texto final, em 16 de dezembro de 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei do Congresso Nacional, instituindo a Fundação da Universidade de Brasília, com o objetivo de criar e manter a Universidade de Brasília (IMPORTANTES LEIS SANCIONADAS PELO CHEFE DO EXECUTIVO, 1961, p. 5). Já no título da notícia destacou novamente a importância da aprovação e sanção da lei que institui a FUB: “Importantes Leis Sancionadas pelo Chefe do Executivo”. Depreende-se nesse contexto que o jornal sempre reforçava a universidade como algo importante e dava apoio às ações do governo nessa empreitada de tramitação do projeto de lei da UnB.

Por fim, isso representou apenas o início da jornada da UnB. A sanção presidencial da lei que instituiu a FUB abriu caminho para uma nova etapa: a efetiva instalação da Universidade de Brasília. Até o momento, foi apresentada uma compreensão da trajetória de planejamento e organização da UnB até a aprovação da FUB. Agora, chegou a hora de compreender a efetiva instalação da Universidade tão sonhada, criteriosamente planejada pela intelectualidade brasileira. Essa universidade representaria uma esperança para um futuro do ensino superior verdadeiramente renovado, seria uma instituição criada do zero, com novas estruturas e ideias.

O senador Jarbas Maranhão, em seu parecer, expressou:

Numa universidade nova como a de Brasília, que não surgirá da reunião nominal de escolas pré-existentes, mas, parte do ponto zero,

estes princípios podem ser inteiramente adotados como diretrizes básicas de estruturação. Sua adoção importará em emprestar-lhe a necessária flexibilidade para diversificar as modalidades de formação superior, elevar o nível de ensino, melhor utilizar o equipamento e o pessoal docente e, deste modo, contribuir mais e melhor para o desenvolvimento do saber e para o auto-conhecimento do Brasil (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 3).

Após a sanção, o presidente Jango, em seu discurso, exaltou “o caráter novo e revolucionário da nova universidade e sua missão fundamental de integração nacional através da ampliação das oportunidades, de educação e preparo cultural da juventude brasileira” (IMPORTANTES LEIS SANCIONADAS PELO CHEFE DO EXECUTIVO, 1961, p. 5). O *Correio Braziliense* destacou no subtítulo “JANGO: MISSÃO DA U. BRASÍLIA”, que traduz a UnB como uma missão do presidente João Belchior Marques Goulart, pois foi durante seu governo que ela foi concretizada em lei, sem mencionar, no momento, outras figuras que atuaram intensamente nesse processo.

CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL. NOTA OFICIAL DA PRESIDÊNCIA DO GABINETE - essa matéria sugere o início concreto da instalação da UnB em Brasília, pois agora a presença da universidade era sinônimo de que a cidade era irreversível, fazendo com que ambas se tornassem uma realidade.

“A Nota Oficial da Presidência do Gabinete”, destacada na Capa do Caderno Órgão dos Diários Associados do jornal *Correio Braziliense* em 6 de janeiro de 1962, informava sobre um grupo de membros do Conselho Diretor da UnB e seu significado para a cidade. Era evidente na notícia que o ato era intencionalmente um apoio ao governo, que pretendia consolidar rapidamente a cidade e a UnB na capital federal (CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL. NOTA OFICIAL DA PRESIDÊNCIA DO GABINETE, 1962, p. 1). Esse entendimento é fortalecido pela rapidez na posse do Conselho Diretor da universidade já no início de janeiro, poucos dias após a publicação da lei de criação da UnB no Diário Oficial (PUBLICADA A LEI QUE CRIOU A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1961, p. 8), e com a manifestação do governo publicada no jornal no dia seguinte, intitulada REAFIRMAÇÃO:

Manifestou o Governo, ao empossar os membros do Conselho da Universidade de Brasília, o seu interesse em manifestar “por todos os

meios e em quaisquer oportunidades, sua determinação inabalável de fazer da contemplação das obras de Brasília e do incremento da mudança da administração pública para a nova Capital ponto de honra do seu programa de ação” (REAFIRMAÇÃO, 1962, p. 4).

Em continuação:

A reafirmação do Conselho, de fé nos destinos de Brasília, de inamovibilidade dos melhores desígnios mudancistas, deve seguir por aquelas providências que respondam a um grave reparo, feito por toda imprensa e pela opinião pública, segundo a qual o Executivo ainda não se acha plenamente instalado no Distrito Federal (REAFIRMAÇÃO, 1962, p. 4).

Após a posse do Conselho Diretor da Universidade e a eleição e posse do conselheiro Darcy Ribeiro como presidente da FUB, a instalação da UnB se tornava uma realidade ainda mais concreta, não era uma discussão e não precisava mais tramitar nada no Congresso. Já se percebia a opinião da imprensa local, favorável à UnB e ao governo, sobre a posse do Conselho e a escolha do reitor da UnB. Ari Cunha escreveu, com a intenção de reforçar a escolha do principal representante da instituição: “Justíssima, a eleição do sr. Darci Ribeiro para Reitoria da Universidade de Brasília. Foi o idealizador, principal trabalhador, e está com toda a disposição para fazer de nossa Universidade um exemplo para as demais” (VISTO, LIDO E OUVIDO, 1962, p. 9).

É perceptível que a UnB se tornou uma das notícias mais comentadas da cidade, pois a quantidade de publicações realizadas pelo jornal *Correio Braziliense* aumentou significativamente no ano de 1962 em comparação aos anos anteriores de 1960 e 1961, o que destaca o início das ações e obras da universidade, bem como a pressão para que a opinião pública fosse favorável à nova instituição. Era realmente um assunto que movimentou a cidade inteira. Para esclarecer ainda mais essa atenção dada à UnB, seguem os dados quantitativos retirados do jornal *Correio Braziliense*, disponibilizados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que ilustram essa crescente atenção no período de 1960 a 1962: em 1960, foram publicadas 9 edições que mencionaram a UnB; em 1961, o número subiu para 37; em 1962, atingiu 159.

A colunista Katucha, assim como Ari Cunha, ambos profissionais atuantes no jornal *Correio Braziliense*, favoráveis à instituição e a Brasília, mostravam-se

notadamente apoiadores e reforçadores da atuação de Darcy Ribeiro como peça fundamental no processo de concretização e instalação da universidade. Na notícia publicada em 10 de janeiro de 1962, a jornalista registrou o início das atividades de Darcy como reitor da universidade, ocasião em que ele ofereceu um jantar aos membros do Conselho Diretor da UnB e a algumas autoridades, como os ministros Victor Nunes, Ciro dos Anjos, e o ministro da Educação e Cultura, Oliveira Brito (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962a, p. 7).

No dia 15 de janeiro de 1962, o Decreto nº 509, do presidente do Conselho dos Ministros, aprovou os Estatutos da FUB, sendo publicado com destaque na página do jornal e seu texto na íntegra. No dia seguinte, em 16 de janeiro de 1962, a UnB demonstrava que suas atividades já haviam iniciado ao anunciar a abertura das inscrições para o primeiro vestibular da instituição (ASSINADO DECRETO DA FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE BRASÍLIA, 1962, p.5). A universidade já estava em ação, como pode ser observado no comunicado divulgado sobre o vestibular:

A Universidade de Brasília vem comunicando que estão abertas as inscrições para os exames vestibulares aos cursos de: Direito, Administração, Economia e Finanças, Arquitetura e Urbanismo, Letras Brasileiras.

Os candidatos deverão comparecer à sede provisória da Secretaria dos Cursos, no 8º andar do Edifício do Ministério da Educação e Cultura, das 9 às 11h ou das 15 às 17 horas, nos dias úteis, a partir de 17 do corrente, para preencher a ficha de inscrição e tomar conhecimento das exigências do concurso de habilitação (UNIVERSIDADE DO D.F: EXAMES VESTIBULARES, 1962, p. 8)

Na mesma sequência houve várias divulgações sobre a abertura das inscrições do vestibular, detalhando sempre local, hora, datas e documentação exigida. Além disso, ficou evidente a efetiva realização das atividades visto a atuação da Secretaria dos Cursos e a disposição de uma localização (física) da universidade para executar suas atividades. Mesmo não sendo o local definitivo, já indicava a sua concretização e o forte apoio recebido do governo. Yvonne Jean, à época colunista do Esquina de Brasília do jornal *Correio Braziliense*, uma jornalista nitidamente favorável à UnB – trazida à Brasília para trabalhar também no setor de extensão cultural da universidade –, explicou como foi o início das inscrições no Ministério da Educação, fornecendo detalhes sobre o sistema flexível que a

universidade oferecia e divulgando a opinião dos candidatos. Nas palavras de Yvonne, para este primeiro vestibular:

Quando os jornais anunciaram que os candidatos aos cursos da nova Universidade de Brasília podiam se inscrever para o exame vestibular, uma verdadeira multidão invadiu o Ministério da Educação. Nada menos que 120 candidatos apresentaram-se no primeiro dia e o movimento continua. Antes de preencher os formulários, todos pedem informações detalhadas e um jovem, após ouvi-las atentamente exclamou:

- Puxa! É tão bom que a gente nem acredita! Então será, mesmo, uma universidade “bossa nova”? (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962i, p. 4).

Esse registro da fala do candidato ao vestibular mostra entusiasmo e surpresa diante da concretização da Universidade de Brasília em Brasília, bem como a formatação moderna e renovada apresentada já em seu vestibular. O candidato era simpatizante de Bossa Nova, ou haveria algum outro significado? Compreende-se que naquele contexto político, social e econômico brasileiro, a palavra “Bossa Nova” podia ser associada ao lema do ex-presidente JK, que almejava desenvolver o Brasil, avançando “50 anos em 5”. Nesse contexto, o otimismo exalado pelo governo JK coincidiu com o surgimento de um novo estilo musical, a Bossa Nova, também marcado pela animação e pelo entusiasmo. Assim como a Bossa Nova, “Sob a era JK, o Brasil transpirou otimismo: a televisão, o rádio, o cinema, a literatura transbordaram criatividade” (OLIVEIRA; COHEN, 2005, p. 47). Essas características estavam presentes naquele momento, tornando as pessoas mais esperançosas e otimistas quanto ao desenvolvimento e à modernização do país. Nessa conjuntura, o presidente JK acabou associado ao estilo musical da Bossa Nova, que evocava a ideia de renovação e progresso para o Brasil. Com isso, surgia uma nova perspectiva para o país: o “Cinema Novo, Bossa Nova: este era um tempo de apreço à nova identidade nacional” (OLIVEIRA; COHEN, 2005, p. 49).

A colunista deu destaque ao surgimento da primeira construção da universidade e expressou todo seu apreço sobre o que a universidade representava:

E falando em realizações concretas, tive a oportunidade de observar o nascimento do primeiro prédio da futura cidade universitária de Brasília. Os idealizadores, administradores e construtores da universidade estão mais entusiasmados, ainda, que os futuros estudantes. Decidiram que os cursos deveriam funcionar, quanto antes, em local próprio, desde o início, em março, se possível, e, no pior dos casos, umas poucas semanas após sua inauguração em prédio próprio. Tenho a esperança que consigo transmitir ao leitor o entusiasmo que me empolgou também a mim, ao observar todas essas medidas que são o primeiro passo em direção à realização de uma universidade renovada e renovadora que será, sem dúvida, um centro piloto para toda a América Latina (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962i, p. 4).

Nos dias 19 e 20 de janeiro de 1962, foi lançada uma matéria extensa e notadamente destacada na página do jornal, descrevendo as atividades programadas para a Universidade de Brasília naquele ano e expondo as metas de inauguração, em 1964, dos Institutos Centrais e serviços auxiliares que seriam necessários ao início dos cursos no novo modelo de ensino superior. Ainda na descrição dos planos, na intenção de evitar que houvesse atrasos nas atividades, prejudicando ainda mais a população, o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília deliberou por instituir imediatamente cursos transitórios em 1962 que futuramente seriam absorvidos pelos institutos centrais e faculdades. É presumível que essa foi uma forma de mitigar o prejuízo pelo atraso da construção de uma universidade na capital e ao mesmo tempo parecia ser uma forma de não perder força para a instalação efetiva da instituição e da capital federal em Brasília. Salmeron (2012) considerou que, em detrimento das incertezas políticas do Brasil com a mudança da Presidência da República, existia uma preocupação e desconfiança de que a universidade fosse adiada. “A situação era ambígua: de um lado, seria imprudente não iniciá-la, porque ela poderia ser muito retardada ou até desaparecer mesmo antes de existir” (SALMERON, 2012, p. 77).

Por fim, a universidade iniciaria suas atividades sem seguir o que foi proposto originalmente em seu projeto para poder atender às demandas aparentemente urgentes do ensino superior em Brasília. (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7)

De fato, esse contexto confirma que não pretendiam esperar a conclusão da construção da cidade universitária para iniciar o funcionamento da instituição de

ensino. Esse foi um momento em que divulgaram os planos de funcionamento para que a comunidade tivesse conhecimento e se preparasse. Como não era surpresa, a universidade foi apresentada como algo diferenciado, os planos incluíam muitas novidades.

Quanto aos Cursos Transitórios, nos planos para 1962, mostraram que foram resultado de avaliações das condições de atendimento para um ensino qualificado. Após isso, decidiram criar três cursos-tronco: direito, administração e economia; arquitetura e urbanismo; e letras brasileiras. “Todos eles serão ministrados através de programas comuns de dois anos de estudo, ao fim dos quais o aluno fará opção definitiva pela carreira que deseja abraçar, dentro do campo anteriormente escolhido” (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). Na ocasião, para cada curso-tronco foram apresentados os cursos oferecidos para matrículas parceladas do primeiro e do segundo semestre de forma a oportunizar a consulta e escolha dos futuros alunos da instituição. (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). A matéria deixa claro o caráter publicitário destinado à promoção da UnB.

A notícia detalhou também os objetivos dos cursos transitórios e divulgou o funcionamento para a realização das disciplinas, que “em lugar do sistema de anos-séries, os cursos serão dados semestralmente e a inscrição dos alunos se fará por disciplinas parceladas. Assim a aprovação ou reprovação se avaliará por disciplina, e não por termo semestral ou série-ano” (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). Além disso, explicou que cada aluno teria um professor-orientador e que poderia escolher as disciplinas que desejasse (máximo 4 para formação e mínimo 1 de cultura geral). Essa flexibilidade do aluno em escolher as disciplinas poderia ser feita apenas nos dois primeiros anos, após esse período ele ingressaria na segunda parte do curso considerado profissional em que precisaria ter pelo menos 10 disciplinas como formação básica de carreira. Para completar a apresentação do Plano, em 1964, previa-se a inauguração do Conjunto de Institutos Centrais - Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e Artes - e dos Serviços Auxiliares,

que passariam a absorver os cursos transitórios²⁵ (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). São muitos os elementos abordados pela matéria sobre a forma como seriam desenvolvidas as atividades acadêmicas que já se iniciariam. Por ora, focaremos nos vestígios da instalação efetiva da UnB em Brasília. No próximo capítulo, este assunto será abordado novamente.

Na sequência, na destacada e extensa notícia PREVISTA PARA ABRIL A INAUGURAÇÃO DOS PRÉDIOS DA UNIVERSIDADE DO DF, do dia 26 de janeiro de 1962, Darcy Ribeiro declarou que o ministro Oliveira informou que no dia 2 de abril a Cidade Universitária contaria com dois conjuntos de prédios para a realização das suas atividades. Esse momento marcava o início da construção da cultura material da universidade, destacando que em apenas 60 dias concluiriam as obras:

O primeiro conjunto, de cerca de cinco mil metros quadrados, em alvenaria e cimento armado, constará de salas de aula, Biblioteca, Restaurante, Reitoria e Auditório para 250 pessoas. O segundo compõe-se de casas pré-fabricadas para residência de 50 instrutores e de 10 apartamentos para professores (PREVISTA PARA ABRIL A INAUGURAÇÃO DOS PRÉDIOS DA UNIVERSIDADE DO DF, 1962, p. 8).

O edital para o primeiro vestibular da UnB foi lançado e o exame estava previsto para acontecer nos dias 26 e 27 de fevereiro - sem segunda chamada (MARCADOS PARA 2ª FEIRA EXAMES VESTIBULARES NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 6). No dia 8 de fevereiro de 1962, o *Correio* divulgou uma notícia mostrando entusiasmo e espanto em relação às inscrições do vestibular: o número de inscritos ultrapassou 1.000 candidatos, que era muito e algo que não se esperava (MAIS DE MIL CANDIDATOS INSCRITOS PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8).

As notícias sobre o início dos exames do vestibular ocuparam lugar de destaque no jornal naquele período devido ao grande número de inscritos e por ser

²⁵ Vale a pena consultar o Plano Orientador da Universidade de Brasília que apresenta a “Estrutura da Universidade de Brasília”, “As Vantagens do Sistema Duplo e Integrado”, o “Programa dos Cursos para 1962”, os quadros com as “vias de acesso à Universidade de Brasília” planejadas para acontecer com a conclusão de todas as obras da Cidade Universitária e outras informações que mostram toda a dinâmica planejada e orientadora para a instituição.

o primeiro vestibular da UnB. Katucha apresentou as palavras do reitor da UnB sobre o certame: "O professor Darcy Ribeiro, Reitor da Universidade, acha que o interesse despertado na população da Capital já é uma garantia de sucesso" (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962b, p. 9). Em seguida, em outra publicação, a jornalista reforça a declaração de Darcy "Cerca de mil e duzentos candidatos compareceram às provas de habilitação para o curso vestibular intensivo da Universidade de Brasília" (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962c, p. 7). O resultado da seleção foi divulgado à imprensa no dia 22 de março de 1962, e na publicação constou a lista completa dos aprovados e a convocação dos alunos para instruções²⁶ (REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8).

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE como subtítulo da matéria marca a instalação da Biblioteca, sendo considerada pelo redator como uma das peças mais importantes da UnB:

Sob a orientação da bibliotecária Doris Queirós de Carvalho está sendo organizada, desde já, a Biblioteca da Universidade de Brasília, por enquanto instalada no oitavo andar do Bloco 1 dos Ministérios. O fato não pode deixar de ser registrado como dos mais relevantes como fase da implantação da Universidade que deverá ser dentro de pouco tempo, o núcleo de irradiação da cultura brasileira no país e no continente latino-americano (MAIS DE MIL CANDIDATOS INSCRITOS PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8).

A efetivação da Universidade de Brasília na cidade estava se tornando evidente, conforme as últimas notícias mostravam as atividades da instituição já em andamento e instaladas em locais mesmo que provisórios. A velocidade com que iniciaram o período de inscrição do vestibular, a instalação da secretaria do Ministério da Educação, a montagem da biblioteca, o progresso das obras na Cidade Universitária para entrega em abril e a realização das provas dos primeiros candidatos só reforçam que a UnB já estava atuando para cumprir seus objetivos. Certamente, o verdadeiro marco da instalação da UnB foi o início das atividades acadêmicas em 9 de abril de 1962, em um local provisório nos ministérios (UNIVERSIDADE INICIARÁ CURSOS DIA 9, 1962, p. 1). Já o curso de arquitetura e

²⁶ A lista com os nomes dos candidatos aprovados no vestibular foi transcrita e consta no ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS DE JORNAIS: FIGURA 2A - REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

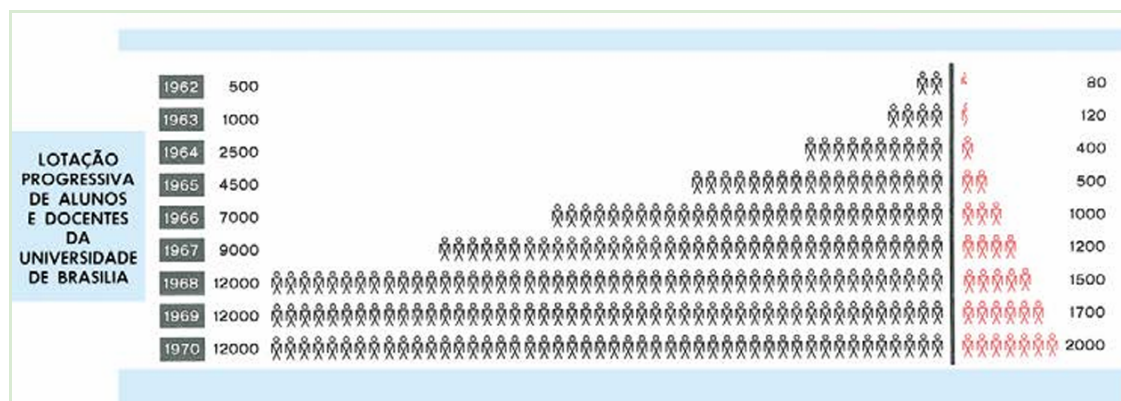
urbanismo iniciou suas aulas com algumas matérias em 9 de abril (supletivo), enquanto outras disciplinas específicas de formação começaram em 23 de abril, na Cidade Universitária (CURSO DE ARQUITETURA INICIA-SE AMANHÃ, 1962, p. 4).

Desta forma, com o início das aulas “evidenciou-se, mais uma vez, o interesse existente no seio da população de Brasília pela Universidade. Cerca de 450 alunos estudarão nos cursos” (INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). Observa-se que o jornal apresenta que, dos mais de mil candidatos inscritos no vestibular, aproximadamente “450”²⁷ foram convocados para ingressar como alunos da instituição (INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7; MAIS DE MIL CANDIDATOS INSCRITOS PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8; REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). Segundo o *Correio Braziliense*, “o número de vagas não foi taxativamente fixado e tudo indica que teremos em 1962 uma considerável quantidade de alunos cursando as várias cadeiras...” (MAIS DE MIL CANDIDATOS INSCRITOS PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). No entanto, isso suscita uma questão importante: a UnB teria corpo docente e infraestrutura suficiente para atender à demanda projetada de vagas à época? Em 1962, ao iniciar suas atividades, a universidade ainda estava em processo de captação de profissionais e enfrentava limitações tanto em recursos humanos para ministrar as aulas quanto em infraestrutura para acomodar o grande número de alunos, o que provavelmente foi limitante para a abertura de mais vagas. Aparecida (1995), em UnB em Dois Tempos, apresentou que:

Apesar de todos os planos, entre 1962 e 1964, por imperativos de ordem política, a UnB funcionou com sua estrutura provisória. Em consequência, alterou em parte a primeira etapa de implementação, retardando em um ano a instalação de algumas unidades. Somente no início de 1964, começaram a chegar os cientistas que deveriam abrir os Institutos de Ciências. Nesse ano foram matriculados 872 alunos regulares, e a Universidade contava com 87 professores, além de vários instrutores. Começaram também a afluir os recursos externos que seriam fontes de financiamentos complementares (APARECIDA, 1995, p. 41).

²⁷ O jornal coloca que eram aproximadamente 450 o número de ingressantes como alunos para iniciar as aulas (INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7), porém foram menos de 415 o número de convocados da lista aprovados no vestibular REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8).

FIGURA 5 - LOTAÇÃO PROGRESSIVA DE ALUNOS E DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962, s.p.

A Figura 5 apresenta uma projeção da quantidade de alunos e docentes para os anos subsequentes a 1962, evidenciando a intenção da UnB de contar com até 80 docentes para atender aproximadamente 500 alunos. Considerando que, no primeiro vestibular, menos de 450 alunos foram admitidos, é provável que a instituição tivesse menos de 75 docentes em seu quadro inicial (1962)²⁸. O número de alunos que ingressaram na UnB revela uma alta concorrência, uma vez que a oferta de vagas era inferior à demanda, resultando na exclusão de muitos candidatos. Entretanto, a projeção de alunos para 1963 indicava um crescimento significativo, passando de 500 para 1.000 alunos, o que demandaria também o aumento dos recursos humanos e da infraestrutura da instituição. Cabe ressaltar que o Plano Orientador de 1962 foi publicado em agosto daquele ano, após a realização do primeiro vestibular, o que sugere que esse estudo foi conduzido com base nos dados levantados a partir desse processo seletivo inicial da UnB.

Esses acontecimentos reforçam que a UnB estava ganhando seu lugar, era procurada e demandada por sua população. As aulas foram iniciadas antes mesmo da inauguração da Cidade Universitária e sem a realização de uma cerimônia oficial, conforme consta na notícia do dia 31 de março de 1962:

²⁸ A projeção de 500 alunos para 80 docentes resulta em uma média aproximada de 6,25 alunos por docente.

A Universidade de Brasília comunica que os cursos-tronco de Direito, Economia e Administração e de Letras Brasileiras iniciarão suas aulas no dia 09 de abril no 3º andar e 4º andar do bloco 11 da Esplanada dos Ministérios (Edifício do Ministério das Relações Exteriores). Não haverá nenhuma solenidade marcando o início das aulas (UNIVERSIDADE INICIARÁ CURSOS DIA 9, 1962, p. 1).

A rapidez com que a UnB se estabeleceu em Brasília como uma universidade foi notável, caracterizando uma demanda urgente por parte de muitos interessados.

A infraestrutura, os corpos docente e técnico foram prontamente estabelecidos para iniciar as atividades. É evidente que a instituição contou com amplo apoio governamental, político e social, o que facilitou sua realização. Por fim, a solenidade de inauguração aconteceu no dia 21 de abril de 1962, junto ao aniversário de Brasília, data em que era prevista a transferência dos cursos para as instalações definitivas (UNIVERSIDADE INICIARÁ CURSOS DIA 9, 1962, p. 1 e INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7).

Na solenidade de inauguração, o reitor Darcy Ribeiro fez seu discurso no auditório Dois Candangos, obra recém-concluída, segundo informações do discurso do reitor, finalizada vinte minutos antes do início da cerimônia. A UnB já contava com 8 salas, além do auditório, espaços para secretaria e edifícios - um para alojamentos de professores, um para os alunos e um para o refeitório, restaurante e lavanderia (CANDANGOS HOMENAGEADOS, 1962, p. 2).

O Reitor Darcy Ribeiro, em breves palavras agradeceu a todos os esforços desempenhados para se erguer a Universidade e, lembrando que o auditório onde se realizava a cerimônia havia sido concluído vinte minutos antes do ato, pediu que se desse o nome de auditório Dois Candangos ao salão. 'Seria uma singela homenagem aos engenheiros, arquitetos, técnicos e trabalhadores candangos anônimos que se empenharam de forma incomum para concluir esta obra. Entre estes destacaram-se dois jovens nordestinos que morreram durante a construção soterrados por uma barreira'. As palavras do Reitor foram cortadas por vigorosos aplausos de uma plateia emocionada (CANDANGOS HOMENAGEADOS, 1962, p. 2).

Todos os espaços construídos na universidade foram realizados rapidamente e utilizando materiais e projetos mais modernos. A formação da cultura material da UnB estava em andamento. Com o intuito de destacar o esforço na construção da

UnB e divulgá-lo ao público em geral, Yvonne Jean publicou uma matéria na coluna Esquina de Brasília:

Com quanta ternura e cooperação preparou-se o auditório! Não nos esqueçamos de todos esses prédios - salas de aulas, reitoria, administração, auditório, alojamentos para estudantes e professores, restaurante - foram erguidos em 60 dias. Lembremos que o auditório ficou pronto vinte minutos antes da cerimônia de inauguração! Era animador observar, nos últimos dias e noites, o trabalho da equipe que unia construtores e professores, operários e estudantes num verdadeiro mutirão, em torno da sopa de meia-noite (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962f, p. 4).

Em continuação:

Os próprios operários trabalhavam de maneira diferente. Sentiam-se que cooperavam em algo grande e importante que talvez chegasse a transformar a vida de seus filhos (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962f, p. 4).

As reportagens que se seguiram contaram com a presença cada vez maior de traços da cultura material da universidade que não se referem apenas aos prédios construídos – bens imóveis, mas também aos bens móveis que começaram a engendrar os ambientes das salas, dos auditórios, dos dormitórios e das secretarias, compondo a personalidade da instituição²⁹. A universidade estava a se transformar e concretizar de várias maneiras, agora era uma instituição permanente e que ganhava vida e identidade com sua instalação em Brasília. Com o propósito de alcançar mais claramente o objetivo específico desta dissertação, serão exploradas as fontes que envolvem a cultura material da UnB, sendo um ponto que apresenta vestígios da efetiva instalação da UnB sob a perspectiva da cultura material. A reportagem CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE OBEDECEU AO RITMO BRASÍLIA, de 21 de abril de 1962, identifica traços dessa cultura material em plena construção:

Em menos de cinquenta dias os técnicos e os operários entregaram 6 edifícios: o bloco central com 80 por 60 metros, um auditório com

²⁹ Existem outras formas de cultura material da UnB - não serão abordadas aqui, mas considero importante deixar registrado para futuras indagações ou pesquisas a existência das Aulas Gravadas, datilografadas e mimeografadas; Apostilas; Venda de apostilas; Publicação de Livros didáticos e científicos; Emprego de elementos audiovisuais como auxiliares do ensino superior das ciências básicas ("CORREIO" ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962u, p. 9).

capacidade para 250 pessoas, dois blocos residenciais para professores e alunos com todas as instalações necessárias, uma cozinha e prédios da administração. No auditório, onde morreram dois candangos no dia 5 de abril, fizeram-se várias experiências novas em arquitetura: o arquiteto Sérgio Ribeiro³⁰ recebeu, em uma semana, um tipo novo de cadeira, é uma peça inteiramente revolucionária em mobiliário: um assento de couro suspenso num arco de ferro que faz às vezes de braço da poltrona (CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA OBEDECEU AO RITMO BRASÍLIA, 1962, p. 7).

A produção dos móveis da UnB teve seu diferencial, pois tudo o que se construiu para a UnB foi organizado e planejado de perto pelo reitor da UnB e por Lúcio Costa. O responsável pela criação e materialização dos primeiros móveis da universidade foi o *designer* Sérgio Rodrigues³¹. Na oportunidade, na obra “Sérgio Rodrigues em Brasília 1956 -1981” consta que o *designer* “a princípio, sugeriu Darcy comprar todo o mobiliário, inclusive as poltronas, em lojas especializadas em São Paulo, mas este o convenceu de que era fundamental que desenvolvesse uma linha de móveis para a UnB, que seria denominada mais tarde linha UnB” (MARI *et al.*, 2023, p. 14). Esse foi o primeiro profissional que atuou na criação de móveis para a Universidade de Brasília, que na sua maioria eram móveis específicos e exclusivos, que deram uma característica única aos ambientes da instituição. Nessa mesma obra, consta que “duas circunstâncias contribuíram para que Rodrigues executasse seus projetos inovadores na UnB: o interesse de Darcy por seus móveis, que gerou o convite para a execução das poltronas do auditório, além do interesse de Lúcio Costa pelo sistema modular de construção de habitações que ele inventara, denominado SR2³²”(MARI *et al.*, 2023, p.15). Nessas produções, o arquiteto e *designer* desenvolveu os móveis para a universidade, muitos deles feitos em jacarandá. Esses móveis incluíam cadeiras, poltronas, sofás, camas, mesas, escrivaninhas, estantes, púlpitos, entre outros. “É desse período a criação dos seguintes móveis: a Poltrona Candango (1962), a Poltrona Lia (1962), a Cadeira e

³⁰ Aqui na reportagem consta um erro no sobrenome do *designer* e arquiteto que projetou os móveis da UnB. Onde lê: Sérgio Ribeiro, leia-se: Sérgio Rodrigues.

³¹ O *site* do Instituto Sergio Rodrigues (2024, *on-line*) foi criado e está ativo desde 2012. Nele, encontramos a biografia do arquiteto e *designer* Sergio Rodrigues, bem como seu acervo e projetos. Alguns dos móveis da linha criada para a UnB em 1962 também são identificados no *site*.

³² Sigla que indica as iniciais do nome do arquiteto Sérgio Rodrigues: “SR2” (MARI *et al.*, 2023, p.15).

Poltrona UnB e o Sofá Darcy (1963)" (SCHLEE, A. R. *et al.*, 2014, p. 26)³³. Nos primeiros prédios, OCA I e OCA II, nomeados em referência à empresa, Rodrigues desenvolveu a construção utilizando o sistema intitulado SR2 - "Trata-se de uma estrutura composta de elementos modulados pré-fabricados em madeira" (SCHLEE, A. R. *et al.*, 2014, p. 27). Verifica-se que o interesse de Darcy e Lúcio Costa era pela produção de móveis e imóveis práticos, de rápida fabricação, que conferissem um ar de modernidade aos ambientes, em harmonia com o padrão urbanístico moderno da capital.

FIGURA 6 - EVENTO DE INAUGURAÇÃO DO TEATRO DOIS CANDANGOS, NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



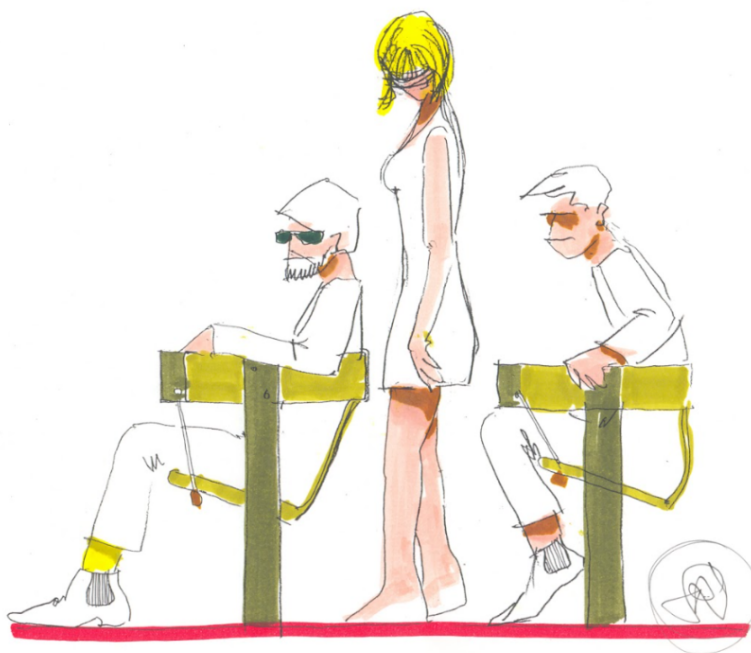
Inauguração do Teatro dos Candangos

Fonte: Acervo do Instituto Sergio Rodrigues.

A Figura 06 representa o “Evento de Inauguração do Teatro Dois Candangos, na Universidade de Brasília, em 21-04-1962” (INSTITUTO SÉRGIO RODRIGUES, 2024, *on-line*). No ambiente, os móveis utilizados como mesas, púlpitos e cadeiras foram feitos exclusivamente para o auditório.

³³ Consultar o ANEXO C, onde estão disponibilizadas algumas figuras cedidas pelo Instituto Sérgio Rodrigues, representando móveis adquiridos pela UnB em 1962. As figuras incluem: Figura 13 - Cadeira UnB, Figura 14 - Poltrona e Sofá UnB, Figura 15 - Poltrona Lia e Figura 16 - Poltrona Darcy.

FIGURA 7 - CROQUI DA POLTRONA CANDANGO



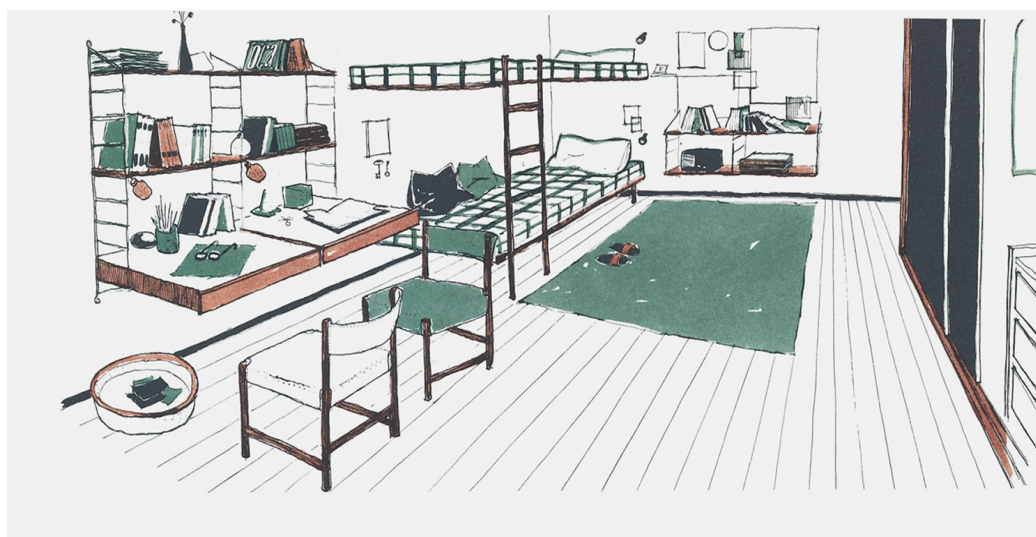
Fonte: Acervo do Instituto Sergio Rodrigues. Criação - *designer 068*.



Fonte: Acervo do Instituto Sergio Rodrigues. Criação - *designer 071*.

A Figura 7, representada pelas imagens “*designer 068 e 071*”, apresentou o “Croqui da poltrona Candango, criada por Sergio Rodrigues em 1962, para o auditório Dois Candangos na Universidade de Brasília (UNB)” (INSTITUTO SÉRGIO RODRIGUES, 2024, *on-line*). Esta foi uma criação de Sergio Rodrigues para a linha de móveis da Universidade de Brasília.

FIGURA 8 - ALOJAMENTO DOS PROFESSORES



Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962.

A Figura 8 mostra o alojamento dos professores da UnB, localizado na OCA, permitindo observar como era o espaço interno desse alojamento.

FIGURA 9 - FACHADA DA OCA



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB.
<https://atom.unb.br/index.php/00269-06>.

A Figura 9 apresenta a vista externa da OCA, em contraste com a imagem interna mostrada na Figura 8. Nela, observa-se a movimentação de “Cinco homens caminhando pelo *Campus*. Ao fundo aparece a fachada da OCA em vista diagonal e algumas árvores. Temos na fotografia: 2º - Darcy Ribeiro; 3º - Embaixador da França; Frei Mateus Rocha (ao fundo, em trajes claros)” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Arquivo Central, AtoM UnB, 2024).

Após a apresentação das figuras e dando continuidade ao tema das instalações da UnB, observa-se que, em 6 de julho de 1962, o setor administrativo da universidade foi instalado em um galpão de madeira, que futuramente seria destinado ao almoxarifado. Lá foram acomodados o diretor administrativo, o tesoureiro, os contadores, as datilógrafas e outros funcionários da área administrativa. Apesar da aparente estrutura improvisada, Yvonne Jean insistiu em transmitir uma mensagem de satisfação aos leitores sobre a alegria do pessoal transferido, deixando claro seu desejo de que todos compreendessem que dali surgiria uma grande obra - uma instituição ambiciosa e gigantesca.

Tem muito espaço e ar, sendo, evidentemente, menos confortável e bonito que as salas do bloco 1, durante esta fase provisória de plena construção. Entretanto todos estão radiantes. Apesar da distância maior, apesar da poeira de um canteiro de obras, não votariam por nada nesse mundo, às belas salas de ontem! (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962q, p. 9).

Até este ponto, a primeira parte do primeiro capítulo da dissertação, foi possível acompanhar e compreender o trajeto percorrido pela Universidade de Brasília até alcançar sua aprovação, instalação e consolidação como uma instituição de ensino superior em pleno funcionamento, por meio de matérias veiculadas no jornal de circulação *Correio Braziliense*. Isso proporcionou uma oportunidade de interrogar os acontecimentos relacionados à instalação da universidade, conforme o cotidiano acompanhado pela população. Cabe, agora, nos indagarmos como, após sua inauguração, deu-se a sua gestão, aspecto de que nos ocuparemos na seção a seguir.

1.3. A gestão da Universidade Necessária

Em busca de uma renovação na educação superior que atendesse às demandas de desenvolvimento social e econômico, a Universidade de Brasília emergiu como uma instituição que concretizaria um modelo educacional moderno e reformista. Nesse sentido, foi enriquecedor refletir um pouco sobre a obra "A Universidade Necessária", de Darcy Ribeiro, na qual Anísio Teixeira redigiu um texto na contracapa do livro, esclarecendo o modelo teórico apresentado às universidades, o que ajudou a compreender a visão que guiou Darcy na gestão da UnB.

... é uma moderna, pela sua estrutura e pelos seus objetivos, mas é, sobretudo, a universidade das múltiplas e variadas culturas nacionais do mundo latino-americano, proposta à sua crítica e constante reformulação, instrumento supremo de reavaliação do esforço nacional, tanto no campo cultural quanto no econômico, visando a integração social das respectivas populações, o vigor do caráter nacional de cada uma das nações irmãs e a riqueza da sua contribuição específica à civilização latino-americana (TEIXEIRA, 1969, n.p.).

Conforme Cunha (1983, p. 171), a UnB, além de ser reconhecida como a mais moderna universidade brasileira em diversas perspectivas, foi distinta por sua primeira finalidade³⁴, algo inédito e nunca manifesto por nenhuma outra instituição de ensino superior. Essa finalidade consistia em formar cidadãos capacitados a buscar soluções democráticas para os problemas brasileiros, engajando-se na luta pelo desenvolvimento econômico e social do país.

Neste panorama inovador, a Universidade de Brasília, enquanto instituição recentemente estabelecida, enfrentava o desafio de concretizar um modelo educacional ainda sem precedentes no contexto brasileiro. A concepção da "Universidade Necessária" era, em certa medida, considerada utópica, existindo "no mundo das ideias", conforme descreve Ribeiro (1969, p. 168). Esse modelo se caracterizava por sua estrutura flexível e pela autonomia em sua gestão financeira, administrativa e acadêmica. Nessa mesma direção, Alberto (2023) argumenta que “a

³⁴ As finalidades da UnB constam no Plano Orientador da UnB de 1962.

criação da Universidade de Brasília, em 1962, foi um marco desses movimentos, ela objetiva a libertação das ‘amarras’ do serviço público federal sem, contudo, perder as características de uma instituição pública, um modelo de modernização institucional que deveria abranger todos os campos do saber” (ALBERTO, 2023, p. 74).

O primeiro reitor da Universidade de Brasília, professor Darcy Ribeiro, desde sua posse como membro do Conselho Diretor e presidente da Fundação Universidade de Brasília, supostamente desenvolveu suas atividades de gestor com respaldo de deliberação colegiada. A fundação e a operação da universidade eram regidas por uma legislação específica (Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961) e pelos Estatutos da FUB, que estipulavam diretrizes para a instituição. Essas diretrizes garantiam que as decisões administrativas seguissem um processo colegiado, evitando práticas irregulares e assegurando a conformidade com os princípios estabelecidos para a universidade.

Para contextualizar as mudanças ocorridas no sistema universitário no período em questão e possibilitar uma breve comparação do modelo implementado na UnB com os modelos universitários anteriores a ela, apresentaremos pontualmente o desenvolvimento histórico da universidade brasileira naquela época. Afinal, no que a UnB estaria sendo diferente das outras universidades? Segundo Durham (2005, p. 191) “as primeiras instituições de ensino superior foram criadas em 1808 e as primeiras universidades são mais recentes, datando da década de 1930”, o que torna o Brasil um país com um sistema universitário “tardio”. Acredita-se que esse início “tardio” está relacionado a diversos fatores históricos, sendo a colonização portuguesa destacada como a mais significativa dentre eles. Segundo Alberto (2023), o modelo brasileiro de educação superior sofreu, desde sua gênese, influências externas significativas, como o modelo francês e alemão. Além dessas influências, o modelo brasileiro absorveu características do modelo de educação norte-americano, uma das mais recentes, que promoveu mudanças notáveis no modelo tradicional predominante no país.

Diante de tantas influências, cabe destacar que desde a era colonial com os jesuítas e a forte política educacional napoleônica empregada no nosso país, o ensino superior brasileiro nasceu com a seguinte característica:

..., instituições do governo, pelo governo dirigidas e mantidas, dissociando o ensino da pesquisa científica e criação de escolas isoladas. Foram criadas faculdades e cursos com a finalidade de formar profissionais para atuarem nos quadros administrativos do Estado (ALBERTO, 2023, p. 51).

Ainda nesse sentido, assim como Alberto (2023), Mendonça (2000), em seu artigo “A Universidade no Brasil”, destacou que a maioria das universidades brasileiras tinham um carácter profissionalizante em seus cursos. As instituições, naquela época, não uniam ensino, pesquisa e extensão, elas eram um aglomerado de cursos profissionalizantes. Mendonça (2000), nessa discussão, apresentou um panorama sobre a evolução do ensino superior no Brasil, demonstrando as características das universidades brasileiras e criticou a tendência à profissionalização excessiva das universidades em detrimento da formação cultural e científica ampla. Mendonça (2000) apresentou em seu texto os modelos das seguintes universidades: Universidade do Rio de Janeiro (1920) - primeira instituição universitária do Brasil que funcionava pela agregação de algumas escolas profissionais preexistentes; Universidade de Minas Gerais (1927) - também tinha o mesmo modelo de agregação de escolas profissionalizantes; Universidade de São Paulo (USP) (1934) - forte enfoque em pesquisa e nos altos estudos tentando romper com os modelos excessivamente profissionalizantes; Universidade do Distrito Federal (UDF) (1935) - ênfase na integração ensino, pesquisa e extensão abordados de forma interdisciplinar e com uma gestão colaborativa e menos hierarquizada; e a Universidade do Brasil (1937 - atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) - foco em escolas profissionalizantes e na formação de professores secundários. Ainda sobre as universidades no Brasil, complementando o que foi apresentado por Mendonça (2000), Morosini (2021), na Enciclopédia Brasileira de Educação Superior (EBES), assinalou as exceções ao modelo de ensino superior vigente naquele período:

...a Universidade de São Paulo (USP) em 1934; Universidade de Porto Alegre (UPA), instituída em 1934 e renomeada como Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1947; Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935 e Universidade do Rio de Janeiro, reestruturada em Universidade do Brasil, em 1937. Entretanto, no contexto de autoritarismo do Estado Novo, a UDF

desaparece, e a USP recua em seu projeto original (MOROSINI, 2021, p. 111 e 112).

Durham (2005) explica que a reforma realizada pelo governo Vargas tinha uma tendência centralizadora (burocrática pela normatização e supervisão de todo o sistema) e não eliminou as escolas autônomas (DURHAM, 2005, p. 197).

Com a apresentação das universidades UDF e USP por Morosini, percebe-se que ambas eram instituições diferenciadas por não adotarem o padrão vigente no Brasil de agregação de escolas profissionalizantes. Elas propunham modelos educacionais que contribuíssem para o desenvolvimento social, econômico e cultural do país, possibilitando a formação integral e crítica. Em complementação a essas ideias, Mendonça (2000) sublinha a centralidade da pesquisa e dos altos estudos na USP e na UDF, destacando o papel inovador das duas instituições na renovação do ensino superior. Seguindo essa linha de análise, Alberto (2023) expressa que a UnB traçou uma continuidade na linha de transformação no ensino superior, estabelecendo uma nova estrutura universitária (ALBERTO, 2023, p. 71), diferente dos modelos já existentes no Brasil, inspirado nas transformações inovadoras já iniciadas pela USP e pela extinta UDF, que serviram de experiência para a concepção da UnB. Na Enciclopédia Brasileira de Educação, Morosini (2021) expõe que:

... a UnB representa um marco na história das universidades, a exemplo do que foram a USP e a UDF na década de 1930. Sobrevém como a mais moderna universidade do país, tanto por organização institucional em institutos centrais e faculdades compostos de departamentos, quanto por suas finalidades. (MOROSINI, 2021, p. 119)

Monteiro (2021) apresentou em um quadro a experiência de algumas instituições de ensino superior, entre elas a USP e a UDF já mencionadas por Morosini (2021), que, segundo ela, futuramente inspiraram e influenciaram o modelo da UnB. Neste quadro é possível identificar as características modernizantes que cada uma delas experienciou, algumas boas e outras nem tanto:

FIGURA 10 - MODELOS MODERNIZANTES DE INSTITUIÇÕES QUE INSPIRARAM A UNB³⁵

Contribuição das Experiências Modernizantes para UnB		
USP	UDF	ITA
"lição extraída do fracasso da tentativa de implantar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras[...] como órgão integrador"	• Reforço de disciplinas do vestibular • Tipologia disciplinar: Fundamentos, Conteúdos e Integração Profissional • Contratação docente pela CLT	• Admissão: Prova+Psicotécnico • "Ano Prévio" • Organização em Básico e Profissional • Contratação docente pela CLT • Carreira de Magistério

Fonte: Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Monteiro, 2021, p. 46).

Além das influências externas, o ensino superior sofria tensões em função das oscilações internas políticas, econômicas e sociais que o país transitava e afetava a sua política educacional, como por exemplo as experimentadas durante o governo Vargas. Nesse cenário complexo, a UnB surgiu em meio a um movimento de reforma universitária, a intelectualidade buscava estabelecer uma universidade distinta que unisse o ensino, a pesquisa e a extensão. Por isso, a instituição apresentou uma organização institucional ainda não experienciada por nenhuma outra instituição brasileira, marcada principalmente por uma estrutura institucional flexível desenvolvida a partir do zero, com a intenção da ausência de um sistema tradicional de catedráticos e de autonomia universitária (livre das "amarras" do governo).

Nesse panorama de uma universidade visionária e diferenciada, a UnB pretendia iniciar suas atividades já implementando o novo ideal de ensino superior, com a expectativa de que essa nova visão se concretizasse a partir do começo de suas operações. Nessa linha de raciocínio, a UnB foi concebida como uma instituição diferenciada, e seu nome não foi diferente, pois nele ela não levou o nome de Universidade Federal como muitas outras instituições públicas federais.

³⁵ Significado das siglas das instituições citadas na FIGURA 08: USP - Universidade de São Paulo (1934); UDF - Universidade do Distrito Federal (1935); ITA - Instituto Tecnológico da Aeronáutica (1950). O ITA não era uma universidade, mas sim um instituto, o que o diferencia em nossa análise. Por essa razão, não será abordado de forma aprofundada. O modelo de vestibular do ITA era conhecido por ser "difícil e longo" (MONTEIRO, 2021, p. 42), diferindo do estilo adotado na UnB, conforme discutiremos mais adiante. Destacamos, no entanto, que o vestibular do ITA serviu como experiência modernizante para o modelo implementado na UnB.

Isso se deve ao fato de ter sido instituída como uma fundação, o que em teoria lhe conferiria maior autonomia em relação ao governo. Além disso, a universidade já estava localizada em Brasília, a sede do governo federal.

Voltando à análise do jornal, a primeira publicação dos Planos da Universidade de Brasília para o ano de 1962, veiculada no jornal *Correio Braziliense* em 19 de janeiro daquele ano, marcou um momento significativo para a instituição, revelando aspectos fundamentais de sua administração. A matéria da jornalista Katucha informava que o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília havia decidido estabelecer uma série de cursos em regime transitório para o ano de 1962, os quais seriam posteriormente integrados aos Institutos Centrais e às Faculdades (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p.7). Essa decisão, transparente e divulgada publicamente, evidenciava a natureza colegiada e democrática da gestão da UnB, contrariando naquele momento qualquer noção de autoritarismo ou centralização decisória. Cabe destacar que, segundo a reportagem, o processo de decisão para a criação dos cursos transitórios foi concebido tendo em vista estudos e avaliações sobre a possibilidade de oferecê-los de imediato e com qualidade, sem perder de vista os ideais propostos para a nova universidade.

Na mesma reportagem, foi replicado integralmente o documento que estabeleceu os objetivos para os cursos transitórios, bem como a estrutura desenhada para acontecer na UnB, sendo esclarecido que as atividades começaram com três cursos-tronco. Mostrou também que o período transitório seria a oportunidade de preparar a instituição no alcance do que se propôs no projeto original até que fossem concluídos os outros prédios no ano de 1964. No próximo capítulo desta dissertação nos dedicaremos a explorar mais profundamente essas atividades acadêmicas e como elas aconteceram, contribuindo para o crescimento e a consolidação da UnB.

Salmeron (2012) descreveu que a UnB veio para superar algumas deficiências do ensino superior, e sua estrutura principal foi elaborada para atuar principalmente no ensino e na pesquisa. Uma inovação destacada pelo autor é a organização da UnB em Institutos Centrais e Faculdades, um modelo inspirado no sistema de países desenvolvidos como a Europa e os Estados Unidos. “Essa estrutura tem virtude de ser bem adaptada às condições do País: permite economia

na administração e uma universidade integrada, isto é, integração dos institutos com as faculdades” (SALMERON, 2012, p. 92). Além da sua função primária, a UnB também possuía uma missão secundária, conforme explicou Salmeron, voltada para o engajamento com a comunidade: era o caso do Instituto de Teologia Católica e diversos cursos oferecidos à população, evidenciando uma preocupação da universidade em estender seu impacto educacional e social além de suas atividades regulares.

A administração da UnB agiu rapidamente para dar vida à sua visão educacional, divulgando suas intenções para o primeiro semestre de atividades, previsto para março de 1962. Por meio de um comunicado veiculado pela jornalista Yvonne Jean, foram anunciados os contornos iniciais da oferta acadêmica da Universidade. Esse anúncio incluiu o lançamento dos cursos de Arquitetura como Primeiro Curso-Tronco, de Direito, Administração e Economia como o Segundo Curso-Tronco, e Letras Brasileiras como o Terceiro Curso-Tronco. Além disso, Jean destacou a disponibilidade de cursos de pós-graduação para início em março de 1962, todos vinculados a esses cursos principais, reforçando o compromisso da instituição com uma educação integrada e avançada. A universidade também se propôs a promover a Extensão Cultural e a organizar Conferências e Seminários abertos ao público, além de implementar programas de rádio e televisão, visando ampliar seu alcance educacional e social (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962a, p. 4). A gestão da UnB mostrava que conseguiria atender o ensino, a pesquisa e a extensão universitária desde o início das suas atividades, e isso mostra também a determinação em cumprir os ideais da nova proposta de universidade.

Com respaldo nos estudos de Cunha (1983), será possível apresentar como a universidade foi conduzida em nível estrutural e colegiada, seguindo os planos delineados para ela.

Estrutura administrativo-pedagógica:

A organização administrativo-pedagógica da universidade consistia, basicamente, num conjunto de institutos centrais e faculdades, uns e outros compostos, por sua vez, de departamentos. Os institutos centrais (de matemática, física, química, biologia, geociências, ciências humanas, letras, artes) forneceriam ensino introdutório de dois a três anos, complementando pelo ensino especializado das faculdades (de ciências políticas e sociais; de educação; de ciências

médicas; de ciências agrárias; de tecnologia de arquitetura e urbanismo). Os institutos centrais forneceriam, também, ensino complementar para a formação de pesquisadores e ensino de pós-graduação. Os departamentos reuniriam professores especializados de um mesmo campo do saber. O instituto central de ciências humanas, por exemplo, compunha-se dos departamentos de antropologia, sociologia, psicologia, economia, ciência política, história, filosofia, demografia. As disciplinas desse instituto seriam oferecidas a todos os que dela precisassem, quaisquer que fossem as carreiras escolhidas: direito, diplomacia, administração, economia e outras. Para o cumprimento das exigências curriculares, os estudantes colecionariam os créditos conferidos pelas disciplinas de diversos departamentos, de institutos centrais e faculdades sem que fossem obrigados a um percurso previamente traçado pela rotina no regime seriado (CUNHA, 1983, p. 172 e 173).

Estrutura colegiada:

O poder (formal) na universidade estava dividida (*sic*) entre órgãos normativos, órgão de coordenação e órgão de direção.

Eram órgãos normativos as congregações de carreira, a câmara dos deanos e a câmara dos delegados estudantis. As congregações de carreira eram formadas por todos os professores das disciplinas que compunham o currículo de cada carreira profissional ou acadêmica, e de dois representantes dos estudantes regulares, um dos cursos de graduação, outros dos de pós-graduação. A congregação de carreira tinha, como atribuições, fixar e modificar o currículo e aprovar os programas das disciplinas. Cada congregação de carreira elegia, dentre seus membros, um decano de cursos de graduação e outro de pós-graduação. Os deanos compunham uma câmara com poderes de traçar normas de trabalho das congregações e de encaminhar proposições dos professores ao conselho universitário. Os representantes dos estudantes junto às congregações da carreira formavam a câmara dos delegados estudantis, com o poder de convocar, por intermédio do reitor, reuniões extraordinárias do conselho universitário para apreciar matérias do interesse dos estudantes (CUNHA, 1983, p. 175 e 176).

Ainda no âmbito da estrutura apresentada pela gestão da UnB, uma organização administrativo-pedagógica interdisciplinar posicionava a UnB numa posição de vanguarda na área educacional do ensino superior no país. A proposta parece ganhar destaque pela capacidade de otimizar a aplicação de recursos físicos e humanos. Ademais, a abordagem flexível quanto à área acadêmica proporciona benefícios aos estudantes, permitindo-lhes fazer uma escolha mais consciente sobre

sua trajetória profissional após os dois primeiros anos de estudos introdutórios, antes de optar definitivamente por uma área específica de estudo³⁶.

Os órgãos normativos, de coordenação e de direção, desempenharam um papel fundamental no direcionamento da Universidade de Brasília, influenciando decisões e estabelecendo novas diretrizes acadêmicas, financeiras e administrativas. Cunha (1983) atribuiu a esses órgãos o poder de orientar a universidade para o cumprimento de seus princípios e objetivos, destacando uma característica distintiva em relação às instituições de ensino superior existentes no Brasil naquela época de uma maior participação de professores e estudantes na tomada de decisões (CUNHA, 1983, p. 175).

Com a aproximação do início das atividades acadêmicas da UnB, marcada pela realização do primeiro vestibular e início das aulas, o reitor, professor Darcy Ribeiro, viajou para o Rio de Janeiro ao encontro de professores contratados para trabalharem na universidade. Essa iniciativa foi destacada em uma reportagem intitulada ÚLTIMAS NOTÍCIAS, publicada pelo *Correio Braziliense* em 9 de fevereiro de 1962. A matéria enfatizava a dedicação do professor Darcy Ribeiro na seleção de catedráticos altamente capacitados e na discussão de outros temas relevantes à instituição (ÚLTIMAS NOTÍCIAS, 1962, p.1). Essas e outras reportagens do jornal transitadas até agora validam a significativa atuação direta do reitor na resolução dos pontos essenciais da universidade. A contratação dos primeiros docentes foi basilar, pois muitos deles assumiriam papéis fundamentais no desenvolvimento da UnB, optando por se mudar para Brasília e deixar seus empregos ou cidades anteriores por acreditarem na proposta e no potencial da universidade. A estratégia adotada pelo reitor, de abordar pessoalmente os futuros acadêmicos da instituição, refletiu uma estratégia diferenciada para captar os melhores intelectuais disponíveis para a execução da proposta da UnB. Além disso, reforçando a atuação da gestão,

³⁶ Em relação à flexibilidade: “Em lugar do sistema anos-séries, os cursos serão dados semestralmente e a inscrição dos alunos se fará por disciplinas parceladas. Assim, sua aprovação ou reprovação se avaliará por disciplina, e não por termo semestral ou série-ano”(PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

“Por esse sistema, e aconselhado pelo respectivo professor-orientador, o aluno escolherá, cada semestre, as disciplinas que deseja cursar dentro do máximo de 4, classificadas como de formação, e do mínimo de uma, compreendida como de cultura geral. Sua liberdade de escolha será, porém, limitada, porque ao fim de dois anos, para ingressar na segunda parte do curso propriamente profissional, ele deverá apresentar certificados de aprovação de pelo menos 10 disciplinas definidas como de formação básica para cada carreira”(PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

a coluna "Correio" Universitário destacou o processo de contratação do corpo docente da UnB, ilustrando o empenho da administração em selecionar professores de alto nível, considerando-o como fundamental para o sucesso inicial e impacto do ensino da UnB na educação superior brasileira.

Entre os professores convidados para lecionar na UnB, destacam-se o professor Hemes Lima, Chefe da Casa Civil da Presidência da República; o ministro Ciro dos Anjos, presidente do Tribunal de Contas do DF; o ministro Victor Nunes Leal, do Supremo Tribunal Federal; o jornalista Pompeu de Sousa, Secretário de Imprensa do Conselho de Ministros. Os demais professores, também de renomada competência, foram recrutados pelo Magnífico Reitor Darcy Ribeiro nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Os métodos de ensino que vem sendo adotados estão agradando a grande maioria dos estudantes, especialmente pelos processos revolucionários e práticos na forma como esse ensino vem sendo ministrado ("CORREIO" UNIVERSITÁRIO, 1962, p. 9).

Constata-se que os primeiros docentes recrutados pelo reitor Darcy Ribeiro para atuar na UnB não eram apenas catedráticos provenientes de outras universidades - seja do Brasil ou do exterior. Eram funcionários públicos que ocupavam posições importantes e estratégicas do governo. Essa escolha provavelmente aconteceu em função da conveniência de estarem em Brasília, pela experiência e qualificação desses profissionais, e em função da necessidade de mão de obra especializada, dada a especificidade da docência naquela universidade voltada para um projeto inovador, integrando ensino, pesquisa e extensão. Mas, cabe destacar que, além de serem funcionários governamentais notadamente reconhecidos em suas áreas, esses intelectuais também eram apoiadores do governo, da nova capital e do projeto da universidade. Podemos entender que essa escolha representou uma estratégia para dar continuidade e viabilizar rapidamente as atividades da universidade com qualidade.

Em seguida, durante a realização do primeiro vestibular da Universidade de Brasília, a presença do reitor, o professor Darcy Ribeiro, foi notavelmente marcante ao acompanhar de perto o andamento do exame. Essa ação impactou tanto os jornalistas presentes quanto os candidatos participantes. Segundo relato do jornal, "o professor Darcy Ribeiro, por seu turno, acompanhou o desenvolvimento dos

vestibulares, distribuindo aquela massa de candidatos com sua presença de equilibrado educador" (INICIADO ONTEM O VESTIBULAR À UNIVERSIDADE, 1962, p. 7). Mais uma vez, Darcy Ribeiro fez uma aparição em nome da universidade, conforme exarado por Yvonne Jean. Nessa ocasião, a jornalista informou que após o êxito do primeiro vestibular, ele fez um pronunciamento à população por meio da televisão, marcando mais um momento significativo na comunicação direta da universidade com a sociedade.

...com o dinamismo e entusiasmo que o caracterizam, pediu que o povo brasiliense não falasse mais da "Universidade de Brasília" mas comesse a dizer, com o carinho da cooperação e amizade: "Nossa Universidade nasceu", "nossa Universidade está sendo construída em tempo *record* à beira do lago"... (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962b, p.11).

Isso aponta a atenção e o envolvimento direto do reitor na condução das atividades da universidade. Ficou claro que ele buscava envolver a população de Brasília nesse processo, fazendo com que compreendessem a UnB como parte integrante do cotidiano. Tal iniciativa não apenas sublinha a visão de Darcy Ribeiro de uma universidade integrada à comunidade, mas também demonstra seu comprometimento em tornar a educação uma referência para o desenvolvimento social e cultural de Brasília.

A chegada do compositor Cláudio Santoro³⁷ à UnB para atuar como docente foi um exemplo da visão que a instituição sustentava sob a liderança de Darcy Ribeiro. A notícia intitulada "Universidade de Brasília tem Planos de Atividades Musicais", publicada em 13 de abril de 1962, informou que o compositor apresentou seu plano de trabalho à universidade, revelando sua surpresa e satisfação por, pela primeira vez no Brasil, ter recebido a oportunidade de desenvolver um trabalho construtivo. A mesma reportagem destacou os elogios de Cláudio Santoro à equipe

³⁷ O *site* de Cláudio Santoro tem informações sobre a obra e trajetória do músico. "Claudio Franco de Sá Santoro (Manaus, 23-11-1919 - Brasília, 27-03-1989) foi um dos mais inquietos e polivalentes músicos de nosso tempo. Menino prodígio, inspirado criador e brilhante intérprete, dinâmico organizador, lúcido pedagogo e incansável pesquisador, desenvolveu nacional e internacionalmente intensa atividade como compositor, regente, professor, organizador, administrador, articulista, jurado, representante brasileiro em conferências e organizações internacionais, tendo sido convidado de diversos Governos e instituições estrangeiras. Nele encontramos também o catálogo e produções deste professor e artista" (2024, *on-line*).

de gestão da UnB e, em particular, ao professor Darcy Ribeiro. Afirmou Santoro: “Pela primeira vez, encontrei toda a compreensão de uma equipe que dirige um grande organismo como a Universidade de Brasília sob a direção de um Reitor que, além de possuir uma ampla cultura, tem visão” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA TEM PLANO DE ATIVIDADES MUSICAIS, 1962, p. 8). O reconhecimento de Santoro à liderança de Darcy Ribeiro e a toda a equipe de gestão da UnB é uma forma de reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido pela administração da UnB, que valoriza a cultura, a inovação e a construção de um espaço acadêmico que possibilita o desenvolvimento intelectual e criativo.

Em preparação para a inauguração dos Institutos Centrais, um evento marcante ocorreu em 25 de maio: a ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, na qual a imprensa de Brasília foi convidada para um encontro com os coordenadores dos Institutos Centrais de Biologia, Física e Química da Universidade de Brasília. Essa iniciativa da administração da UnB simbolizou um esforço intensivo em estabelecer essas unidades acadêmicas fundamentais. Ao envolver a imprensa, a intenção era a de engajar a comunidade, oferecendo maior visibilidade e estimulando a participação pública nas atividades da universidade “nossa universidade”. Este gesto enfatizou a intenção de interação com a comunidade, refletindo um dos fundamentos do projeto da nova universidade que a gestão da UnB se empenhava em realizar. Adicionalmente, percebe-se que esse evento sublinhava a importância dos coordenadores como representantes de cada instituto, destacando um modelo de gestão compartilhada, no qual eles, naquele momento, personificaram cada instituto específico, evidenciando uma abordagem colaborativa e descentralizada (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

A proposta desses institutos foi apresentada como inovadora e econômica, adequada à realidade de um país com recursos limitados para investimentos em educação. Em entrevista, o coordenador do Instituto Central de Biologia, professor Rocha e Silva, abordou diversos aspectos da gestão e desenvolvimento da UnB, destacando a universidade como um polo de aglutinação científica para o Brasil e a América Latina, e uma solução econômica inovadora para o ensino superior.

Quanto à UnB ser considerada uma solução econômica:

Os institutos são essencialmente econômicos. Em vez de Faculdades específicas, desde o início, haverá institutos e cada instituto representa a soma das cadeiras básicas: tomemos o exemplo da biologia: terá estudantes que se destinam à medicina, veterinária, agronomia, farmácia, odontologia, engenharia florestal. Não haverá duplicação nenhuma. E em vez de 4 ou 5 departamentos de bio-química uns bons e outros menos bons - haverá um só o melhor! (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

No que concerne à aparelhagem única:

Tudo parece fantástico... e é realmente moderno. Uma concepção moderna (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

No tocante ao programa do Instituto de Biologia, que podemos considerar um espelho para todos os institutos da UnB:

A grande inovação é dar uma base científica a toda formação profissional, formar CIENTISTAS, no sentido exato da palavra, isto é, dar aos estudantes uma formação baseada antes de tudo sobre a formação científica. Os professores serão pesquisadores (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

Quanto aos estudantes ingressantes:

O estudante brasileiro que não se diferencia dos outros estudantes da América Latina, não está preparado para o ensino superior. Os institutos darão preparo aos estudantes deformados por estudos incompletos ou mal dirigidos, graças ao treinamento adicional, não em tempo e sim em diversificação. Os institutos, inspirados pelo "College" norte-americano são a grande inovação da UnB. Trata de adaptar o aluno (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

Rocha e Silva também discutiu a atração de um corpo docente diversificado de instituições nacionais e estrangeiras, que pretendiam recrutar até 1964. Segundo

ele, não buscavam exclusividade, mas sim fomentar a formação de novos grupos de pesquisa e ensino.

Não queremos tirar catedráticos de outras Faculdades, não queremos, em Brasília, a exclusividade dos bons professores. Queremos que venham para formar novos grupos na Universidade, que treinem, preparem, dêem o impulso (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

No tocante ao relacionamento internacional, a UnB³⁸ já mostrava seu impacto, sendo considerada uma promessa em realizar pesquisas de alto nível e em formar especialistas:

... a UnB atrairia e já estava atraindo a atenção do mundo ao ponto de grandes organizações internacionais, como a fundação Ford e Rockefeller, por exemplo, já terem demonstrado interesse e desejo de apoiá-la com a ajuda de fundos internacionais e a Universidade já ter planejado a instalação de laboratórios na Universidade de Brasília onde iniciaram pesquisas de alto nível e formariam cientistas especializados (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

Em suma, a entrevista revela muitos aspectos de inovação e estratégias da gestão da UnB no sentido de transformar a educação superior no Brasil, sendo considerada uma oportunidade única para reformar e melhorar o ensino tradicionalmente deficiente no país, uma tentativa de libertação e inovação educacional (ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7). Entre os exemplos de expansão internacional da UnB, destaca-se a significativa participação de intelectuais em atividades promovidas na universidade (seminários, palestras e conferências), algo que é amplamente reportado no *Correio Braziliense* em diversos artigos. Citamos aqui algumas participações, registradas por Yvonne Jean, que

³⁸ Programa financeiro do Plano Orientador da Universidade de Brasília 1962 - "O aperfeiçoamento do pessoal docente da Universidade demandará, também, despesa ponderável, avaliada em 2.250 milhões de cruzeiros, a maior parte a ser realizada em moeda estrangeira. Nesse campo também se deverá apelar para a ajuda de instituições como a OEA e a UNESCO, que mantêm serviços de bolsas-de-estudo, e para Fundações como a Ford, Rockefeller e outras, devotadas à assistência técnica e à formação de pessoal científico" (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

mostrou a abertura da UnB para o mundo: presidente do Senegal, professor René Durand (Universidade de Dakar e Conselheiro da UNESCO), professor Wayne Less (Decano de Ensino para Graduandos da Universidade de Chicago), bolsistas da UNESCO e de estudantes norte-americanos - Grupo “Júnior Year em Brazil” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962r, p. 9; “CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962t, p. 9). Isso nos mostra a impressionante capacidade da gestão da UnB em impulsionar a internacionalização, a cooperação e a transição de pessoas entre países, passando a ser uma universidade atrativa e de peso internacional em tão pouco tempo. Acredito que o fato de a UnB estar localizada na capital federal atraía mais essa participação, pois era o centro político do país.

Nesse contexto de grande fluxo de atividades, seria razoável inferir que os coordenadores dos institutos centrais da Universidade de Brasília já desempenhavam atividades colegiadas dentro dos institutos envolvidos, dado que suas funções já eram formalmente reconhecidas pela instituição e pela sociedade. Reportagens no jornal *Correio Braziliense* evidenciam outras participações além dos coordenadores do Institutos Centrais mencionados na entrevista coletiva anterior, como é o caso de chefes de departamento e coordenadores em ações de planejamento e na instituição de novas fases da gestão acadêmica e administrativa pela UnB:

O Departamento Econômico anuncia a vinda do Professor Fernando Antônio Roquette Reis, Professor de Ensino Superior da Cadeira de Estrutura e Organização Econômicas, que dará aulas e fará um Seminário sobre Mercado de Capitais (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962g, p. 9).

[...]

Cláudio Santoro, coordenador do ensino musical na UnB foi para o Rio de Janeiro onde participará do 1º Simpósio Educacional e Cultural promovido pela Ordem dos Músicos, no Rio de Janeiro e destinado a discutir o ensino da música no Brasil (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962h, p. 9).

[...]

Durante os três últimos dias da semana, os coordenadores gerais dos Institutos Centrais Científicos da Universidade de Brasília

discutiram em sua segunda reunião, as bases para implantação dos Institutos Centrais que deverão começar a funcionar em 1964 (PROFESSORES DISCUTEM EM BRASÍLIA FORMAÇÃO DE CIENTISTAS NO PAÍS, 1962, p. 8).

Essas evidências sugerem um engajamento ativo desses líderes nas operações diárias e na tomada de decisões estratégicas da universidade. Embora o foco principal em muitas dessas reportagens seja nas ações de gestão superior, particularmente do reitor, algumas rotinas administrativas da gestão dos departamentos como a seleção e contratação de docentes frequentemente mencionam a atuação desses profissionais envolvidos em suas funções. Isso indica também visibilidade e reconhecimento de suas contribuições para a universidade, ainda que a cobertura jornalística não detalhe as reuniões ou os processos internos dos departamentos e/ou institutos.

Podemos considerar, já que foi identificada, essa ausência de menção às reuniões colegiadas dos departamentos nas reportagens, uma lacuna na cobertura jornalística da época, em que se priorizam ações de maior escala ou de interesse mais amplo, deixando de lado alguns aspectos do cotidiano acadêmico e administrativo da universidade. Desta forma, em complementação, acredito que esse foco na gestão superior em detrimento das instâncias colegiadas menores não implica necessariamente a inatividade ou a irrelevância desses grupos, pode significar apenas falta de compreensão da mídia da época em entender como a UnB realmente funcionava.

No contexto de fortes movimentações políticas e sociais no âmbito nacional sobre os problemas universitários no Brasil, a Universidade de Brasília desempenhou um papel central ao sediar uma série de reuniões da Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura. Esses encontros foram dedicados a abordar e debater os desafios enfrentados pelo ensino superior no país. Numa sequência de reportagens do Seminário sobre Problemas Universitários, a jornalista Yvonne Jean apresentou o desenrolar das atividades realizadas no *Campus* da UnB, mostrando que o professor Darcy Ribeiro aparecia atuante como sempre e que reitores de todo o país estavam também presentes no evento. Ficou claro que este momento foi desafiador para a gestão da UnB, pois a temática era importante e ao mesmo tempo sensível.

Estava em pauta nas reuniões um assunto que muito interessava à Universidade de Brasília: o Estatuto do Professor Universitário. Além disso, outros assuntos de grande importância estavam na agenda, como os Exames Vestibulares e a Organização Universitária. O seminário foi realizado de 25 de julho a 4 de agosto de 1962, seguindo esta programação específica: de 25 a 28 de julho (4 dias) dedicados à discussão do Estatuto do Professor Universitário; de 30 a 31 de julho (2 dias) voltados aos Exames Vestibulares; e de 1 a 4 de agosto (4 dias) para tratar da Organização Universitária (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962x, p. 9). No texto publicado em 25 de julho de 1962, coincidindo com o primeiro dia do seminário, a jornalista Yvonne deu destaque à elaboração do anteprojeto relativo à carreira docente:

Será feito o anteprojeto do estatuto que abrangerá os problemas fundamentais de acesso, carreira, condições e regime de trabalho no ensino e na pesquisa, etc., anteprojeto a ser submetido à apreciação das Universidades e, posteriormente, ao Centro Federal de Educação. Serão, sem dúvida, dias de contactos e discussões de problemas de grande interesse para o ensino superior no Brasil (CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962x, p. 9).

A colunista, atenta ao que apresentava à população, era também notadamente a favor do andamento do anteprojeto, considerando-o um assunto de grande interesse da educação superior no Brasil. Neste contexto, Salmeron (2012) destaca uma das propostas de Darcy Ribeiro para a carreira docente na UnB: “A carreira docente na Universidade de Brasília deveria ser baseada na produção e na criatividade, com tempo integral e dedicação exclusiva obrigatórios” (SALMERON, 2012, p. 94). Cunha (1983), assim como Salmeron, destacaram que a UnB tinha a proposta da inexistência de cátedras como uma meta para a modernização do ensino superior. Para Cunha: “A instituição da cátedra vitalícia constituía, na época, um resíduo arcaico” (CUNHA, 1983, p. 256).

No dia seguinte, 26 de julho de 1962, antes de prosseguir com os relatos do segundo dia do seminário, Yvonne Jean fez questão de defender a UnB em resposta a uma publicação que, supostamente, denunciava o êxodo na universidade.

Tudo isso a propósito da pomposa palavra “êxodo” - às vezes é uma palavra poética, dessa vez foi usada para dar ênfase a um assunto muito menos importante de que a palavra faz pressupor - aplicada a alguns algarismos relativos aos estudantes que se matricularam na universidade, frequentam ou não os cursos, prosseguem ou não o ano letivo. Fica muito impressionante demonstrar que 47 alunos inscreveram-se no curso de administração, que dez trancaram a matrícula e 12 “simplesmente deixaram de comparecer”. Tal constatação parece, à primeira vista justificar o título assustador “Êxodo na Universidade” estampado num vespertino. Por sinal, chamo atenção do jornalista interessado em assuntos universitários sobre o pequeno erro de aluno primário, que estranhemos numa frase tão majestosa: a palavra é “êxodo” e não “exôdo”, pois é proparoxítona (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962y, p. 9).

Ela claramente defendeu a Universidade de Brasília e puxou a orelha do jornalista, expondo que ele não utilizou adequadamente os “algarismos” e nem a palavra “Êxodo”. Contudo, considero que essa reportagem evidencia que os problemas universitários realmente estavam presentes na UnB. Ao concluir seu relato, Yvonne finalizou com as seguintes palavras:

Tudo isso não representa uma defesa intransigente de uma nova universidade, que muito temos prestigiado porque representa o início da vida cultural em Brasília, de estudos de nível superior para seus jovens e do assessoramento aos poderes públicos, como também da realização de um novo e moderno conceito da universidade, mas que, evidentemente, ainda é imperfeita nessa primeira fase de sua vida. É simplesmente um sorriso perante o pomposo e injustificado chamariz “Êxodo” - perdão, “Exôdo” - e um aproveitamento pouco exato de algarismos exatos” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962y, p. 9).

Yvonne Jean³⁹, além de defender e valorizar a instituição, reconhece que, no estágio inicial de suas atividades, a UnB enfrentava alguns problemas. Contudo, ela argumenta também que a palavra “êxodo” não se aplicava à situação e que seu uso foi equivocado. A jornalista, defensora da UnB, acompanhava de perto as atividades

³⁹ Ela veio para Brasília a convite do reitor da Universidade de Brasília Darcy Ribeiro para trabalhar em prol da extensão universitária da UnB. No Capítulo 2, será apresentado um pouco mais sobre a jornalista, visto seu estreito envolvimento com a extensão cultural da UnB (ANJOS, 2024, p. 318-331).

da Administração Superior da Universidade de Brasília e, por isso, refletia a gestão da instituição para a população.

Paralelamente à realização do Seminário de Problemas das Universidades Brasileiras, a Delegação de Brasília (de estudantes) participou do XXV Congresso Nacional dos Estudantes, realizado no dia 25 de julho de 1962, em Petrópolis. O discente Rubem de Azevedo informou ao *Correio* que não exerceu o direito de voto porque o diretório do Distrito Federal não estava registrado, mas apesar desse fato não deixaram de participar ativamente:

... foi dinâmica a participação da delegação de Brasília no XXV Congresso Nacional da UNE, destacando-se pronunciamentos sobre a inexistência de catedráticos na Universidade de Brasília, a esquematização dos nossos cursos e o critério de seleção vestibular (INEXISTÊNCIA DE CATEDRÁTICOS FOI TEMA NO CONCLAVE DE QUITANDINHA, 1962, p. 8).

Esta reportagem destacou o engajamento dos estudantes da UnB em discussões sobre os desafios enfrentados pelas universidades brasileiras, revelando naquele momento algumas características diferenciadas da UnB. A questão de grande destaque, conforme salientado pela matéria, era a Inexistência de catedráticos na UnB, um ponto que o jornal fez questão de enfatizar no título do artigo. Esses elementos reforçam a importância da UnB no contexto educacional brasileiro e a necessidade da pauta de discussão realizada no Seminário de Problemas das Universidades, sublinhando a urgência na elaboração do Estatuto do Professor Universitário naquele momento histórico.

A jornalista Yvonne Jean destacou a presença constante do reitor Darcy Ribeiro em todas as reuniões e nos trabalhos realizados no referido Seminário. Por meio da participação ativa do gestor da UnB, ficou nítido o comprometimento de Darcy Ribeiro em enfrentar e solucionar os desafios educacionais da UnB e, por extensão, do ensino superior no Brasil, mostrando seu empenho em promover melhorias significativas nessa área (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962, p. 9).

As discussões em torno dos desafios enfrentados pelas universidades também movimentaram as atividades do Conselho Diretor da Universidade de

Brasília, segundo relatos de Yvonne Jean. Os membros do Conselho se reuniram durante dois dias, em 26 e 27 de julho de 1962: “muitos problemas foram discutidos durante esta XV sessão do Conselho Diretor, que foi das mais proveitosas” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962z, p. 9). Essa simultaneidade entre o Seminário, abordando problemas das universidades, e as reuniões do Conselho Diretor da UnB sublinha um esforço coordenado em nível de colegiado para abordar e encontrar soluções para os problemas da UnB. Através dessa dinâmica, mostra o empenho da gestão da Universidade de Brasília em discutir e deliberar sobre os assuntos emergidos no Seminário, enfatizando seu compromisso em resolver questões críticas de interesse institucional. Fora isso, configura que o professor Darcy Ribeiro realizava reuniões colegiadas para suas decisões institucionais, que aparentemente representavam a instituição de forma democrática e técnica.

Na mesma reportagem Yvonne segue com mais uma participação característica da gestão da UnB, em que acolhe e dialoga com a comunidade universitária. Essa postura reforça o caráter participativo da administração, demonstrando um interesse pelas necessidades dos estudantes da instituição.

O Reitor Darcy Ribeiro, que participou, numa mesma semana, da XV sessão das Reuniões do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, da primeira reunião do Seminário sobre Problemas Universitários da Diretoria do Ensino Superior e da Reunião dos Reitores Federais com o Ministro da Educação e Cultura, ainda encontrou tempo para atender a uma assembleia de estudantes, realizada no campus universitário na manhã de ontem, quando debateu, com eles, em cordial reunião, problemas do interesse dos alunos da UnB (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962z, p. 9).

A assembleia de estudantes, realizada em 27 de julho de 1962, deve ser compreendida dentro do contexto dos eventos daquele período na Universidade de Brasília e do cenário educacional brasileiro, caracterizado por intensas discussões sobre os problemas universitários. Ficou claro que os estudantes levaram ao reitor propostas e pedidos acerca de assuntos que despertavam grande interesse entre eles. Darcy Ribeiro, naquela época, não apenas participou do Seminário sobre Problemas Universitários e da reunião com os reitores federais, mas também

presidia o Conselho Diretor da FUB e era o melhor caminho dos estudantes para propor suas demandas. As questões abordadas, incluindo o Estatuto dos Docentes, os Exames Vestibulares e a Organização Universitária eram temas delicados e por isso possuíam um impacto significativo sobre toda a comunidade universitária.

No dia 18 de setembro de 1962 ocorreu uma mudança temporária na gestão da UnB. O professor Darcy Ribeiro foi escolhido para a pasta da Educação e precisou ser substituído na função de reitor da universidade. Isso colocou a instituição diante de um questionamento: essa transição impactaria o prosseguimento dos planos da nova universidade? Considerando o papel ativo de Darcy Ribeiro na implementação dos projetos e na condução da UnB, seu afastamento, ainda que temporário, poderia ser visto como um momento de incerteza. Contudo, o Estatuto da UnB já previa mecanismos para tal substituição, assegurando a continuidade administrativa (DARCY E UB, 1962, p. 1; MINISTÉRIOS, 1962, p. 3).

Em 21 de setembro de 1962, a reunião extraordinária do Conselho Diretor foi convocada para escolher o reitor em exercício da UnB, resultando na seleção de Frei Mateus, então coordenador do Instituto de Teologia Católica e membro do Conselho Diretor (FREI MATHEUS MANTEVE CONTATOS COM MESTRES E ALUNOS APÓS ASSUMIR A REITORIA DA U.N.B, 1962, p. 8).

O leitor pode estar se perguntando: quem foi Frei Mateus? Frei Matheus demonstrou interesse pela missão indigenista de Darcy Ribeiro, o que o levou a estabelecer contato com ele (POLETTTO, 2003, p. 40). De acordo com Miglievich-Ribeiro (2017), Frei Mateus, oriundo de Minas Gerais e integrante da Ordem Dominicana, recebeu um convite de Darcy Ribeiro para que os dominicanos estabelecessem um Instituto de Teologia Católica na UnB. Esse convite visava prevenir o avanço de uma proposta feita ao presidente Juscelino Kubitschek, segundo a qual a Companhia de Jesus pretendia fundar uma universidade na nova capital sem ônus para o governo (uma PUC - Pontifícia Universidade Católica), colocando em risco o projeto da UnB.

Como parte do projeto da UnB, foi incluído um “Instituto Teológico, de caráter ecumênico, destinado a se tornar um relevante centro de pesquisa teológica” (POLETTTO, 2003, p. 40). Diante desta realidade, Frei Mateus levou a proposta de criação do instituto ao Papa João XXIII, que gostou da iniciativa, eliminando, assim,

a possibilidade de estabelecimento de uma universidade jesuíta em Brasília naquele momento (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 591).

Embarcando no ideal de Darcy, Frei Mateus, na função de coordenador do Instituto de Teologia Católica da Universidade de Brasília, contribuiu para a concretização da universidade e para a criação de um espaço dedicado à pesquisa e à formação de teólogos.

Yvonne Jean relatou as palavras de Frei Mateus ao assumir a reitoria:

O instituto de Teologia será um Órgão Complementar. Será criado por um convênio a ser assinado entre a UnB e a Província Dominicana do Brasil, que fundará e manterá o Instituto. Se perguntar por que a Universidade Nacional de Brasília julgou necessário ou importante a criação de um instituto como esse, responderei que a Universidade é uma instituição aberta a todos os ramos do saber e a teologia é um dos ramos do saber humano que já deu grandes nomes à cultura universal (FREI MATHEUS MANTEVE CONTATOS COM MESTRES E ALUNOS APÓS ASSUMIR A REITORIA DA U.N.B, 1962, p. 8).

Além do apresentado acima, a reportagem de Yvonne Jean destacou a prontidão de Frei Matheus em se comunicar com a comunidade acadêmica da UnB, abordando os desafios enfrentados pela universidade. Além disso, a colunista enfatizou que Frei Mateus foi bem recepcionado e apoiado, mostrando que ele já conhecia bem os desafios enfrentados pela universidade e que estaria em contato direto com o ministro Darcy Ribeiro (FREI MATHEUS MANTEVE CONTATOS COM MESTRES E ALUNOS APÓS ASSUMIR A REITORIA DA U.N.B, 1962, p. 8).

Buscando reforçar a capacidade do novo reitor para o cargo, Yvonne Jean divulgou o currículo de Frei Mateus, enfatizando suas características marcantes de entusiasmo e dinamismo “como convém à universidade nova de uma cidade nova” (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ae, p. 9):

Frei Mateus fez os estudos secundários no Seminário de Mariana, cursou filosofia no Seminário São Vicente de Petrópolis e ingressou no noviciado da Ordem Dominicana de São Paulo em 1948. Fez o curso de Teologia na Escola Théologique de Sant Maximin, na França onde foi ordenado sacerdote em 1951. Voltou ao Brasil em 1952. Ensinou Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

de Santa Maria em Belo Horizonte e foi um dos iniciadores do movimento de estudantes católicos em Belo Horizonte. Em 1955, foi eleito provincial da Província Dominicana do Brasil, tendo sido reeleito em 1960 e ocupando até hoje este cargo de chefia e governo. Desde dezembro do ano passado é Membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Brasil. É autor de um livro e publicou diversos artigos e ensaios ("CORREIO" ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ae, p. 9).

A atitude da jornalista configura não apenas a intenção de iluminar as qualificações de Frei Mateus, mas também de apoiar e reforçar sua posição na opinião pública, contribuindo para uma transição de gestão mais tranquila e assegurando à comunidade universitária que a gestão da UnB permaneceria em boas mãos.

Frei Mateus permaneceu na gestão, no lugar de Darcy, por poucos meses. No dia 9 de janeiro de 1963, foi noticiado no *Correio* que Darcy Ribeiro assumiu novamente a reitoria, deixando a função temporária de Ministro da Educação e Cultura (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1963a, p. 11).

No ANÚNCIO CLASSIFICADOS de 26 de janeiro de 1963, destacou-se a necessidade urgente de a Universidade de Brasília contratar pessoal administrativo, conforme notícia assinada pelo diretor-administrativo da UnB, Greenhalgh H. Faria Braga. O anúncio especificava:

Precisamos admitir urgentemente diversos Auxiliares Administrativos, diplomados em Contabilidade e com experiência comprovada. Os candidatos, desde que satisfaçam plenamente essas condições, poderão procurar o Campus Universitário, das 8 às 12 e das 14 às 18 horas, o Serviço de Pessoal, para entrevistas e testes. Salário inicial: Cr\$ 58.500,00 (ANÚNCIO CLASSIFICADOS, 1963, p. 11).

Esta reportagem revelou, inicialmente, a urgente necessidade de contratação de pessoal administrativo pela universidade. Em segundo lugar, ela destaca o horário de funcionamento da área administrativa e por último detalha o processo de contratação de pessoal, incluindo a necessidade de experiência comprovada, a realização de entrevistas e testes para os candidatos, demonstrando a preocupação da instituição em assegurar a competência e a qualificação dos funcionários para o bom funcionamento da UnB.

O salário oferecido para a especialidade anunciada, de Cr\$ 58.500,00, superava o valor do salário mínimo para a região de Brasília, que, conforme dados do IBGE, variou de Cr\$ 13.440,00 (treze mil, quatrocentos e quarenta cruzeiros) de outubro de 1961 a janeiro de 1963, e alcançou Cr\$ 21.000,00 (vinte e um mil cruzeiros) de janeiro de 1963 a fevereiro de 1964. De acordo com informações do IBGE e do IPEA (SOBIA, 1984, p. 106), a elevada inflação da época levava a uma rápida perda de valor dos salários, diminuindo o poder aquisitivo dos trabalhadores. Esse cenário contribuía para o crescimento de greves e demandas por aumentos salariais em todo o país, em reação à desvalorização salarial, culminando em um expressivo movimento trabalhista. Ademais, dados disponibilizados pelo IPEADATA (IPEADATA, 2024) informam que, no período em questão, o Brasil não possuía um salário mínimo unificado. Os valores variavam de acordo com a realidade econômica de cada região. Por fim, a matéria apresenta o valor do salário oferecido e evidencia a procura por profissionais capacitados. Mais à frente, serão exploradas as percepções e reações dos servidores em relação aos seus salários, incluindo aspectos de satisfação e possíveis reivindicações.

No Segundo Prêmio do Concurso de Reportagens do *Correio Braziliense*, a jornalista Yvonne Jean, colunista da seção "Ensino Dia a Dia" do jornal, redigiu a reportagem "Brasília, belo pássaro das nossas esperanças", publicada destacadamente na página do jornal. Esta notícia apresentou um panorama das realizações da UnB, abordando as conquistas patrimoniais, acadêmicas e sociais da universidade na capital brasileira. O artigo refletiu a empolgação dela pelas vitórias alcançadas pela UnB, desde a aprovação da lei que instituiu a universidade em 1961 até 21 de abril de 1963, data da publicação dessa notícia. Além disso, Yvonne faz uma observação crítica aos céticos que inicialmente duvidaram da viabilidade desse projeto de instituição de ensino superior em Brasília, mas que, perante sucessos evidentes, passaram a admirar a UnB. Além disso, ela expressa com exaltação o trabalho que foi sendo realizado pela gestão e em especial pelo reitor Darcy Ribeiro.

Onze prédios novos estão sendo construídos ao mesmo tempo. Um deles - o Instituto de Ciências - será o mais extenso de Brasília e o mais flexível, pois adaptar-se-á um fato. Oh! tem seus problemas, é claro. Uma obra tão ambiciosa e revolucionária não se consolida sem alguns contratempos e tropeços, sem pisar nalguns calos, sem

discussões. [...] Mas mesmo assim, o entusiasmo que o Reitor Darcy Ribeiro irradia continua sendo a mola do último canteiro do pioneirismo brasiliense onde perdura o ritmo-Brasília dos primeiros tempos. Ritmo ainda acelerado pela presença da juventude e até mesmo das crianças para as quais a Universidade não é algo longínquo e assustador, mas um privilégio e será o deles quando o ensino, mesmo superior, não for mais um privilégio e sim um bem ao alcance de todos os habitantes... (SEGUNDO PRÊMIO DO CONCURSO DE REPORTAGENS CORREIO BRAZILIENSE, 1963, p. 9).

O relato mostrou o reconhecimento dos desafios e das adversidades enfrentados pela gestão da UnB para torná-la uma realidade, destacando ser uma obra ambiciosa e revolucionária que encontrou diversos obstáculos e resistências. Como não podia faltar, igualmente em outras reportagens dessa jornalista, ela elogiou o professor Darcy Ribeiro pelo seu dinamismo e entusiasmo, visto ser ele o ator que alavancou e inspirou a universidade. Yvonne mostra esse "ritmo-Brasília" como um legado da juventude e das futuras gerações, para quem a universidade representa não apenas uma instituição educacional, mas um símbolo de acesso e direito à educação superior. Assim, a reportagem da jornalista não apenas documentou o crescimento, os feitos e as dificuldades da UnB, mas também tenta passar ao leitor o espírito de otimismo e determinação da universidade, da sua gestão e também da cidade de Brasília, sendo a instituição uma promessa de uma educação superior mais inclusiva e acessível a todos.

No ritmo de Brasília, Katucha publicou:

O Reitor Darcy Ribeiro informou que a Universidade de Brasília já aplicou em obras cerca de quatro bilhões de cruzeiros e em dólares mais de sete milhões, prosseguindo assim pelo menos na Universidade o "ritmo de Brasília"... (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1963b, p. 12).

A divulgação dos gastos para a construção da Universidade de Brasília, reportada na coluna Sociais de Brasília, demonstrou não somente o elevado investimento na infraestrutura da instituição, mas também deu luz à postura de transparência adotada pela gestão universitária. Esta informação não só reflete o

comprometimento financeiro significativo com o projeto educacional, mas também a disposição da gestão em compartilhar os valores dos recursos empregados na UnB.

No dia 19 de junho de 1963, o *Correio Braziliense* noticiou mais um afastamento do professor Darcy Ribeiro da função de reitor da UnB. A reportagem anunciou a iminente posse de um novo reitor e informava que, no dia anterior, Darcy havia assumido a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República. Isso causou surpresa e certa insegurança quanto à continuidade do projeto da UnB. As declarações do dr. Bichat Rodrigues, diretor administrativo da UnB, ao jornal, refletiram a preocupação com a conclusão do projeto universitário na ausência de Darcy Ribeiro:

Todo dinamismo desta Universidade deve-se ao espírito de luta e extraordinária capacidade de trabalho do Reitor Darcy Ribeiro, isso naturalmente, sem desmerecer seus demais membros. Mas, deve-se ao Sr. Reitor desde o planejamento à sua quase conclusão. Daí achamos ser o homem ideal para a atual Reitoria. Por isso ficamos naturalmente surpresos e não deixamos de sentir o temporário afastamento, de um líder que tão bem soube gerir os destinos de uma Universidade (HOJE A POSSE DO NOVO REITOR: UNB, 1963, p. 8).

Entretanto, é importante reconhecer que a gestão da UnB não se concentrava exclusivamente em Darcy Ribeiro. A instituição fundamentava suas decisões e planejamentos em um modelo colegiado e democrático, envolvendo reuniões de grupos, comunidade acadêmica e por fim tramitados no Conselho Diretor, conforme mencionado em alguns trechos neste capítulo. Mas cabe aqui destacar que a figura do professor Darcy ganhava grande espaço em função das características pessoais, profissionais e pelo envolvimento fervoroso em prol da educação e, no caso do projeto UnB, pela conclusão dos ideais de uma universidade nova e renovada.

O ministro da Educação reuniu-se com o Conselho para discutir a situação da universidade. No mesmo dia dessa reunião e na mesma notícia o *Correio Braziliense*, em 20 de junho de 1963, anunciou a indicação do professor Anísio Teixeira para assumir o cargo de reitor da universidade, substituindo Darcy Ribeiro (PAULO DE TARSO INICIA CONTATO COM EDUCADORES, 1963, p. 1).

A coincidência da indicação de Anísio Teixeira como reitor no mesmo dia da reunião do Conselho Diretor com o ministro da Educação, em 19 de junho de 1963, suscitou questões sobre uma possível influência dessa reunião na decisão. Por qual motivo não escolheram novamente o Frei Matheus, dando continuidade ao que ele experienciou em sua curta gestão em substituição a Darcy? Em outra reportagem publicada no mesmo dia, o jornal destacou o novo reitor, enfatizando seu currículo e sua trajetória como educador e figura pública. Essa abordagem justificava sua nomeação, ressaltando que Anísio Teixeira era um intelectual de grande influência, com uma atuação marcante na educação brasileira e experiência na criação da UDF. Segundo o jornal, Anísio fez a seguinte declaração após sua posse:

...se considera como um dirigente provisório da Universidade e em tudo dará continuidade à obra do Reitor Darcy Ribeiro, ora na chefia da Casa Civil, e que tem revelado, [...] alta capacidade e grande compreensão do problema educacional brasileiro, tendo conseguido concretizar uma experiência universitária que marca os novos rumos da Educação nacional a serviço da Humanidade (ANÍSIO TEIXEIRA O NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE, 1963, p. 1).

Anísio Teixeira era um educador de destaque à época e isso evidentemente influenciou a decisão pelo seu nome, mas compreende-se também que ele acompanhou de perto toda a trajetória desde o planejamento da universidade e entendia muito bem quais eram as propostas da instituição. Em reportagem ao *Correio*, ele disse se considerar “plenamente identificado com a ideia, com o plano e com o período de realização em que a Universidade de Brasília já se acha” (PROF. ANÍSIO TEIXEIRA AO CORREIO: FAZER DE BRASÍLIA UM MODELO PARA EDUCAÇÃO NO PAÍS, 1963, p. 7). Além disso, diante do contexto apresentado e segundo noticiado, Anísio informou que tinha respeito pelas conquistas anteriores e um compromisso em manter o curso definido por Darcy Ribeiro para a UnB.

Logo após assumir a função de reitor da Universidade de Brasília, Anísio Teixeira enfrentou desafios significativos, como evidenciado pelo episódio intitulado "PROFESSOR AOS ALUNOS: FALTA AUTONOMIA À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA". Nesta reportagem, foi destacado o depoimento do professor Luiz Bicalho, ex-secretário geral dos cursos, durante uma Assembleia Geral dos

Estudantes da UnB, explicando as razões que o levaram a pedir demissão do seu cargo. As palavras de Bicalho, conforme reproduzidas no jornal, levantaram questionamentos sobre a concentração de poderes na figura do reitor.

...O ponto central que provocou a minha atitude foi o fato de o poder administrativo da Universidade estar centralizado nas mãos do Reitor.

Existe um Conselho Diretor nesta Universidade, que foi criada logo após a sua inauguração, mas devido ao fato de a Universidade de Brasília ser uma Fundação, única e exclusivamente financiada pelo Governo, os membros desse Conselho (6 membros e 2 suplentes) são de livre nomeação do Presidente da República, sendo na maioria estranhos à vida universitária. Não vivem da Universidade, não vivem na Universidade, suas reuniões são esporádicas e conseqüentemente, não pode (*sic*) compreender nem julgar os atos do Reitor, nem controlar o veto da Reitoria sobre as ações de quaisquer órgãos colegiados dentro da Universidade, nem muito menos saber quais os anseios dos estudantes. Daí a série de incompreensões entre a Reitoria e não só os estudantes, mas, também, os professores que estamos sentindo agora.

Além deste inconveniente, há o problema da vinculação muito forte com o Governo, devido à composição deste Conselho. A Universidade de Brasília não tem o que as outras Universidades, consideradas retrógradas se comparadas a essa tem - a autonomia universitária.

Quero, finalizando, pedir a vocês como favor, que considerem o meu caso da maneira mais impessoal possível. Não quero acusar A, B ou C, quando o erro não vem de A, B ou C, mas sim, de uma estrutura universitária deficiente (PROFESSOR AOS ALUNOS: FALTA AUTONOMIA À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1963, p. 8).

A proposta de autonomia universitária constituiu um dos aspectos mais inovadores da UnB, conforme já foi apresentado diversas vezes no presente capítulo, marcando-a como pioneira no cenário educacional brasileiro. Essa autonomia visava conferir à UnB uma liberdade sem precedentes em termos administrativos, acadêmicos e financeiros, diferente do modelo tradicional utilizado até então nas universidades brasileiras. Contudo, o relato veiculado pelo jornal apontou dificuldades na implementação dessa autonomia. De acordo com a reportagem, Bicalho denunciava que a UnB enfrentava uma dependência financeira completa do governo, e seu Conselho Diretor estava sujeito à influência governamental, comprometendo, assim, a autonomia. Mas será que essa dependência não era momentânea porque estava em processo de construção e consolidação? Visto a proximidade dos idealizadores e o governo, a relação entre a

gestão da UnB e o governo seria de apoio e não de controle? Além disso, o relato expressava preocupações com a centralização do poder nas mãos do reitor e a composição do Conselho Diretor, predominantemente formado por membros sem vivência universitária direta e nomeados pelo presidente da República. Essa configuração, segundo Bicalho, limitava a capacidade do Conselho de compreender, julgar os atos do reitor ou exercer qualquer forma de veto ou controle sobre as ações dos órgãos colegiados dentro da universidade. Essa estrutura apresentada pelo professor questionava a eficácia da autonomia universitária na prática, sugerindo que, apesar dos ideais inovadores e da referência que a UnB buscava estabelecer como uma nova universidade, a realidade apresentou desafios significativos na manutenção de sua independência administrativa, acadêmica e financeira perante as influências governamentais e a concentração de poder.

Ainda sobre os desafios na gestão de Anísio, no dia 15 de outubro de 1963, conforme relatado por Yvonne Jean em sua coluna, a UnB enfrentava “sua primeira grande crise com a greve geral de todos os funcionários da U.N.B”, que reivindicavam melhorias salariais (ENSINO DIA A DIA, 1963, p. 9). Esse movimento comprovou a insatisfação dos funcionários com os salários recebidos à época. Nessa linha de acontecimentos e de acordo com as informações publicadas no *Correio*, a “Comunicação do Reitor da Universidade de Brasília” revelou que as insatisfações e demandas dos funcionários já tinham levado o Conselho Diretor a marcar uma reunião para 14 de outubro de 1963, coincidindo com o mesmo dia em que a greve foi anunciada. Essa coincidência foi destacada no comunicado, indicando que a greve atuou como um mecanismo de pressão para atenderem às reivindicações. Assim, em 17 de outubro de 1963, o Conselho emitiu e divulgou, por meio do jornal, um comunicado detalhando a proposta completa da Administração da Universidade de Brasília. Essa proposta representava, segundo o texto publicado, o máximo que a instituição poderia oferecer, levando em conta as limitações financeiras e operacionais da UnB (COMUNICAÇÃO DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1963, p. 1). Essa decisão indica uma forma de autonomia, já que podiam gerenciar os recursos ou salários destinados a pagamento de pessoal? Nessa oportunidade, observou também que a prática de divulgar à população as ações da gestão da UnB ainda permaneciam.

Considerando o levantamento dos valores do salário mínimo apresentado anteriormente neste trabalho, que indicava o salário mínimo de outubro de 1963 como sendo Cr\$ 21.000,00 (vinte e um mil cruzeiros) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1965), o salário para a categoria de menor remuneração foi ajustado para “Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros)”. O ajuste representou um aumento de no mínimo 60% para todos os servidores, da menor à maior remuneração, além de abonos concedidos a todos, mais um valor adicional por dependente econômico, esposa e filhos menores de 12 anos (COMUNICAÇÃO DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1963, p. 1). Enfim, os servidores concordaram com a proposta apresentada pela administração superior da universidade. Com isso, tanto os funcionários quanto os alunos encerraram a greve, sendo que estes últimos haviam aderido em apoio às reivindicações dos funcionários da UnB.

Os desafios enfrentados pela gestão da UnB se intensificaram com a ação militar de 9 de abril de 1964, conforme reportado pelo *Correio Braziliense* na coluna Órgão dos Diários Associados no dia seguinte: “O Comando Militar de Brasília, numa operação conjugada com elementos do DFSP e da Polícia de MG, vasculhou ontem, às diversas dependências da Universidade de Brasília, onde foi apreendido farto material subversivo” (ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS, 1964, p. 1). Além disso, o jornal noticiou a apreensão de material de propaganda comunista, incluindo panfletos cubanos, russos e chineses, na universidade, e a prisão de estudantes e professores (MATERIAL DE PROPAGANDA COMUNISTA APREENDIDO PELO EXÉRCITO NA UNB, 1964, p. 8). A invasão das tropas militares na UnB ocorreu por razões políticas, poucos dias após o golpe de Estado. Segundo Salmeron (2012), tratou-se de uma oportunidade para atacar os governos anteriores, de Juscelino Kubitschek e João Goulart, e tudo o que eles representavam.

Em continuação às ações interventivas na universidade, foi promulgado um decreto assinado pelo presidente Ranieri Mazzilli que extinguiu o mandato dos conselheiros da Fundação Universidade de Brasília (UNB: EXTINTO MANDATO DOS CONSELHEIROS, 1964, p. 5). Esses acontecimentos marcaram o início de um período com intensas turbulências e repressão na história da UnB, refletindo o ambiente político tenso e repressivo que se instaurou no Brasil naquele momento. A Universidade de Brasília passou a operar com a gestão de um reitor provisório,

Zeferino Vaz (NOVO REITOR DA UNB PROMETE ACELERAR O RITMO DAS OBRAS, 1964, p. 6). Motta (2014) destacou que o afastamento dos conselheiros da UnB fazia parte da chamada “operação limpeza”:

Nada mais adequado do que começar pela Universidade de Brasília, que atraía a atenção Nacional. Como foi dito, a jovem UnB era considerada perigoso foco subversivo desde sua formação, e esse “pecado” de origem não seria perdoado (MOTTA, 2014, p. 38).

Para compreender plenamente o período em que a UnB enfrentou a ditadura militar, é essencial considerar os diversos desafios enfrentados pela instituição, como a invasão de tropas, a prisão de alunos e professores, a demissão de docentes, a interdição da biblioteca e de escritórios de professores, a apreensão de livros, a destituição do Conselho Diretor da FUB e outras ações que comprometem a liberdade de expressão e a democracia. Nesse contexto, a UnB, ainda em pleno processo de consolidação, já havia estabelecido vínculos significativos com a população local e nacional, reforçados por sua localização estratégica na capital do país. Motta (2014) destaca o impacto específico sofrido pela UnB durante esse período, evidenciando a intensidade com que a instituição foi atingida pelos eventos:

O cerco militar, no caso da UnB, foi parcialmente intenso, não apenas pelas razões já apontadas, mas porque, na jovem capital, ainda um canteiro de obras, não havia forças sociais ou instituições tradicionais (Igreja e imprensa, por exemplo) que servissem de freio às ações militares, à diferença de outras capitais brasileiras. Desde o início, a tarefa de Zeferino Vaz era inglória: tentar administrar uma instituição que os militares da área preferiam ver aniquilada. Tudo era vigiado, e mesmo um reitor afinado ideologicamente com o novo regime não tinha sossego, pois os menores detalhes eram controlados, até o programa musical da orquestra universitária. Circulava um dito jocoso na UnB, nesse período, ilustrativo do clima político: o comandante do Batalhão da Guarda Presidencial mandava na instituição tanto quanto o reitor (MOTTA, 2014, p. 39).

A ditadura rompeu violentamente com a gestão da universidade e com a continuidade de um processo modernizador que já estava em andamento, afastando seus idealizadores e alterando o caminho originalmente projetado para a UnB e outras instituições universitárias brasileiras. Segundo Motta (2014), as

consequências da ditadura nas universidades foram profundas, pois, “no que se refere aos prejuízos causados às instituições, os expurgos políticos afastaram lideranças importantes para o sucesso das reformas, gerando um impulso contraditório em relação ao projeto modernizador” (MOTTA, 2014, p. 253). Esse foi o impacto que a ditadura militar causou na UnB, mas essa é uma história que merece ser contada e aprofundada em outro momento.

Este capítulo, todavia, atingiu o objetivo de apresentar o processo de instalação e gestão da Universidade Necessária, guiando-se pelas notícias veiculadas pelo *Correio Braziliense* para oferecer uma perspectiva cotidiana da Universidade de Brasília. Além disso, essa metodologia possibilitou questionar os eventos e as decisões que definiram a rápida instalação e a gestão inicial da UnB pelos seus idealizadores.

A administração da UnB demonstrou ser ativa, perspicaz e que apresentava decisões colegiadas e outras autônomas (a depender do assunto), esforçando-se para implementar a visão de uma nova universidade tendo como base um Plano para concluir a tão desejada obra. No entanto, como ocorre com qualquer grande projeto, nem todas as ações foram bem recebidas. É importante ressaltar que a gestão demonstrava um compromisso com o diálogo junto à comunidade universitária. Contudo, na intenção de que a instituição funcionasse de forma orgânica, enfrentaram-se muitos desafios e foram feitos alguns ajustes. Esse período evidenciou o esforço contínuo da UnB para alcançar autonomia e para criar uma estrutura flexível, aspectos que serão mais profundamente investigados no capítulo seguinte, que será abordado a partir de uma visão acadêmica. A análise das atividades acadêmicas, portanto, promete revelar novas compreensões e suscitar perguntas, possibilitando compreender o desenvolvimento da UnB.

CAPÍTULO 2 – A UNIVERSIDADE EM AÇÃO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO CULTURAL

Este capítulo tem por objetivo delinear a Universidade de Brasília em ação por meio de suas práticas de ensino, pesquisa e extensão cultural, que são os pilares fundamentais de sua concepção. A UnB foi pioneira na experiência de integrar ensino, pesquisa e extensão, pois ali houve a oportunidade de desenvolver efetivamente essas atividades de forma conjunta no seu ambiente acadêmico, num espaço integrado e organizado para funcionar organicamente⁴⁰. Monteiro (2021) esboçou a missão da UnB, que era uma síntese de ideias de vários intelectuais brasileiros:

A moderna universidade de pesquisa pleiteada pelos intelectuais da ABE, ABC e SBPC se reconhece pela integração entre ensino, pesquisa e extensão e pelo interesse em gerar grupos de cientistas dedicados ao conhecimento, a desenvolver estudos e pesquisas e a colaborar com outras instituições de ensino nacionais e internacionais. As referências advindas das Reuniões Interamericanas e dos órgãos de planejamento destacam-se em todos os objetivos com caráter desenvolvimentista e dedicados ao progresso da nação (MONTEIRO, 2021, p. 54).

A UnB foi a primeira instituição a efetivamente desenvolver, na prática, o ensino e a pesquisa de forma integrada, conforme registrado em seu Plano e alinhado com as diretrizes estabelecidas na recém-promulgada LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). A extensão, também registrada em seu Plano, foi fortemente desenvolvida na UnB desde seus primórdios. No entanto, só foi formalmente incluída como "indissociável" do ensino e da pesquisa nas universidades brasileiras após a redemocratização do ensino superior, sendo expressamente mencionada na Constituição de 1988 (art. 207)⁴¹. Mais adiante,

⁴⁰ Assunto também tratado no Plano Orientador da UnB - 1962, que detalha toda a estrutura planejada e montada para que as atividades da instituição funcionassem organicamente. Disponível em:

https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf

⁴¹ No *site* do Supremo Tribunal Federal do Brasil (*on-line*) consta o texto da Constituição Federal de 1988. Nele encontramos o artigo 207, que trata sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: "Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" (BRASIL, 1988).

cada seção abordará um pouco mais sobre esse tema. Quanto à integração do ensino, pesquisa e extensão, Mazzilli (2011) compreende:

Nesse projeto, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é apontado como referência do padrão de qualidade acadêmica para as instituições de ensino superior do país, que se baseia na negação das desigualdades sociais (que abrange a distribuição desigual dos bens, inclusive culturais), expressando assim o papel social da universidade na construção de uma sociedade democrática e igualitária (MAZZILLI, 2011, p. 214).

No livro “FE 50 anos - 1966 - 2016: Memória e registros da história da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília”, o artigo “Extensão Universitária nos 50 anos da Faculdade de Educação” expõe de forma clara o significado da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, ajudando na compreensão da importância da educação superior e da necessidade de conexão dessas áreas. Embora a presente pesquisa não abranja o período da redemocratização do ensino superior, é proveitoso entender essa questão para captar a essência da educação superior, dada a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A educação permite o desenvolvimento das capacidades ontológicas dos indivíduos - assumindo, portanto, a humanização plena-, dentre as quais é possível ressaltar a capacidade de projetar, implementar operacionalmente o projeto e intervir socialmente (BORGES; VILLAR; WELLER, 2018, p. 299).

Em seguida:

...apresenta-se como princípio básico na dimensão político-pedagógica de forma orgânica, pois sua essência pressupõe a prática do ensino, com destaque para a transmissão e apropriação do saber historicamente acumulado e sistematizado; o desenvolvimento da pesquisa, processo de construção do saber, objetivação e materialização desse conhecimento; e extensão, que pressupõe a intervenção na realidade e a retroalimentação do ensino e da pesquisa (BORGES; VILLAR; WELLER, 2018, p. 299).

Com a utilização do jornal *Correio Braziliense*, foi possível acompanhar o cotidiano do desenvolvimento da Universidade de Brasília e, mais especificamente, compreender o progresso de suas atividades finalísticas de ensino, pesquisa e

extensão. A instituição pôde ser observada em ação no dia a dia, conforme relatado pelo jornal, mostrando a execução de seu projeto arrojado e os motivos pelos quais deveria continuar existindo.

Segundo Mazzilli (2011), a educação superior brasileira estava em transformação, e a UnB representava um marco importante nesse cenário, dando continuidade às ideias já projetadas e iniciadas na USP e UDF, porém inconcluídas:

O ano de 1961, além de marcar a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, culminando um debate iniciado ainda na década de 1950, foi palco de outros importantes acontecimentos para a universidade brasileira. Um deles foi a fundação, em 1962, da Universidade de Brasília (UnB), concebida por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, que se fundamentava nos princípios de autonomia e de democracia interna. A UnB constituiu-se num projeto arrojado para aquele momento, incorporando muitas das ideias que sustentaram os projetos da USP e da UDF e exercendo forte influência na construção de uma ideia de universidade no Brasil quanto ao modo de concebê-la e realizá-la. Mantém, no entanto, o compromisso com a formação das elites dirigentes, sem referir-se ao caráter seletivo e, portanto, excludente da universidade brasileira (MAZZILLI, 2011, p. 210).

A Universidade de Brasília, desta forma, desde o início de suas atividades na capital federal, procurou atender ao disposto em seu plano e às suas ideias inovadoras para o seu ensino, oferecendo uma educação acessível a todos, laica e gratuita. No desenvolvimento das atividades, conforme expresso no plano de 1962, a Universidade de Brasília apresentava as ações e intenções voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão.

A integração dessas três áreas era uma das marcas distintivas da UnB na educação superior do Brasil, conforme já mencionado anteriormente, beneficiando diretamente a cidade de Brasília e sua população. A cidade utilizou a instituição para dar vida e movimento ao novo ambiente urbano, proporcionando aos seus habitantes a oportunidade de integrar e usufruir desse ensino superior mais próximo de sua realidade. Monteiro (2021) esclarece como a UnB pretendia direcionar seu modelo de ensino:

... seria regida pela liberdade de investigação, de ensino e de expressão, seria fiel ao método científico e aberta ao estudo de todas as correntes de pensamento, mas sem participação em movimentos político partidários. A instituição oferecia cursos de graduação,

pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão” (MONTEIRO, 2021, p. 50).

Para melhor compreensão do leitor sobre cada uma das áreas da tríade universitária, o capítulo foi dividido em três seções: Ensino, Pesquisa e Extensão. Dessa forma, os temas serão tratados separadamente para proporcionar um entendimento mais aprofundado de cada um no contexto do desenvolvimento da instituição. Essa abordagem facilitará a análise das fontes, mas, ao longo do texto, será possível verificar que, na prática, essa tríade era desenvolvida de forma integrada, refletindo o novo modelo para o ensino superior nacional em pleno desenvolvimento, como veremos a seguir.

2.1. A Universidade em Ação: Ensino

Desde o seu anúncio como projeto até sua concretização na esfera educacional, a UnB gerou grande repercussão nacional. A universidade destacou-se tanto como um projeto de ensino quanto pela promessa de integrar e materializar a cidade de Brasília. Ela foi apresentada ao mundo como um modelo influente e norteador para a educação no país, proporcionando uma oportunidade de inovar e romper com as práticas educacionais tradicionais realizadas no Brasil.

Nesse sentido, a reportagem do *Correio Braziliense*, de 21 de setembro de 1961, intitulada "Oppenheimer Visitou o MEC" mostra o impacto mundial do novo modelo de ensino apresentado pela UnB. O interesse de J. Robert Oppenheimer, criador da bomba atômica, pela universidade, reforçou a repercussão internacional da UnB e o seu potencial transformador para a educação superior brasileira. A reportagem destaca: “O sábio ianque formulou diversas perguntas ao ministro Oliveira Brito, tendo demonstrado grande interesse em conhecer pormenores sobre a Universidade de Brasília, principalmente quanto à data prevista para seu funcionamento” (OPPENHEIMER VISITOU O MEC, 1961, p.6).

Conforme tratado no capítulo anterior, os primeiros cursos ofertados pela UnB foram anunciados antes do início efetivo das atividades da instituição. O jornal *Correio Braziliense* forneceu detalhes dos cursos à população. Além de informar que os primeiros cursos seriam iniciados de forma transitória, Darcy Ribeiro acrescentou

informações sobre a abrangência da formação que pretendiam alcançar com o ensino oferecido: “É previsto também, aulas de línguas e culturas brasileiras para formação de professores secundários de Português e Literatura e de redatores para órgãos de imprensa que terão domínio completo dos instrumentos de expressão literária” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PODERÁ MANTER CURSOS, 1961, p. 4). Nesta mesma reportagem, a UnB apresentou também características de seu ensino, pesquisa e extensão, destacando a existência de programas de pós-graduação, com grande foco inicial no curso de arquitetura. Desde o início, houve uma ênfase significativa na pesquisa, utilizando a cidade de Brasília e a própria UnB como objetos de estudo. Para o curso de arquitetura, isso representou uma oportunidade perfeita para aproveitar a vivência da realidade de Brasília e desenvolver ensino e pesquisa concretos.

Na esperança de que a UnB fosse uma referência de ensino para o Brasil, o jornalista Ari Cunha, na coluna “Visto, Lido e Ouvido” apresentou: “Aliás, neste negócio de Universidade, o Brasil está muito pródigo. Possui 27 Universidades, enquanto a Inglaterra possui apenas 8. Mas a nossa valerá pelas demais, cremos” (VISTO, LIDO E OUVIDO, 1962, p. 9). A UnB tinha em seu projeto a inspiração das melhores experiências modernizantes do ensino superior, sendo considerada a esperança de ser realmente uma universidade que se tornaria referência (MONTEIRO, 2021).

Podemos considerar que tanto a reportagem em que Darcy Ribeiro explanou sobre algumas características do ensino de alguns cursos quanto a mensagem de Ari Cunha mostravam aos leitores do jornal que a UnB representava a esperança de um ensino diferenciado e de qualidade, com o potencial de se tornar um centro de cultura e desenvolvimento do ensino superior nacional.

As atividades de ensino da UnB tiveram início em 1962, conforme detalhado na reportagem “Divulgados os Planos para 62 da Universidade de Brasília”. A matéria permitiu à população conhecer os programas de ensino planejados para a instituição, que apresentavam características flexíveis. Os principais pontos destacados foram: 1) Os Cursos Transitórios ofereciam três cursos-tronco: direito, administração e economia, arquitetura e urbanismo, letras brasileiras. 2) Os cursos possuíam programas comuns de dois anos de estudo. 3) A opção definitiva ocorreria após dois anos para as carreiras de direito, administração pública, administração de

empresas, planejamento econômico, economia empresarial e finanças públicas (DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p.7). Esse planejamento era inédito no Brasil, nenhuma outra universidade havia implementado algo nessa proporção.

A Universidade de Brasília iniciou suas atividades provisoriamente no 8º andar do prédio do Ministério da Educação e Cultura. As atividades voltadas ao ensino começaram com a movimentação do primeiro vestibular para os cursos de direito, administração, economia e finanças, arquitetura e urbanismo e letras brasileiras (UNIVERSIDADE DO D.F: EXAMES VESTIBULARES, 1962, p. 8). Segundo Yvonne Jean, a cidade já começava a ser impactada pelas atividades acadêmicas da universidade (ESQUINA DE BRASÍLIA. UNIVERSIDADE “BOSSA NOVA”, 1962, p.4).

O ensino oferecido pela Universidade de Brasília foi concebido para formar cidadãos preparados para solucionar os problemas nacionais e modernizar o país. Nesse cenário, atuando como orientadora e formadora de pessoas capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento nacional, a reportagem "TEMPO PARA MEDITAR", da coluna Esquina de Brasília, destacou uma característica marcante do ensino da UnB. A matéria refletiu sobre a proposta do método educacional, que oferece mais tempo aos alunos para escolherem seu curso definitivo. Após dois anos de estudos introdutórios comuns a todos os estudantes da instituição, eles têm a oportunidade de escolher qual carreira seguir. A proposta original visa proporcionar tempo suficiente para que amadureçam e desenvolvam plena consciência de seus interesses e suas habilidades, permitindo-lhes definir com segurança o que desejam para o restante de suas vidas.

Yvonne Jean mostrou à população um pouco sobre essa novidade oferecida pela UnB:

Geralmente, o moço que completou o ciclo colegial e quer ingressar numa escola superior, decide que será professor, advogado ou arquiteto e inscreve-se numa Faculdade. Acabou-se. Está traçado o seu destino. Definitivamente.

Acontece que um deles, sinta, após algum tempo que tomou uma decisão errada. Deixou-se influir pelo pai, que é médico, mas um contato diário com especialidades que mal conhecia demonstraram-lhe que não será jamais o bom cirurgião que admira no pai e que a matéria que o interessa, de verdade, é a física nuclear.

Queria dedicar-se à pesquisa. Porém, já é tarde. Para mudar de rumo, seria preciso recomeçar à estaca zero. As condições financeiras da família não lhe permitem prolongar os anos de estudo (ESQUINA DE BRASÍLIA. TEMPO DE MEDITAR, 1962h, p. 4).

Em outro parágrafo, mais adiante, Yvonne escreveu:

Na nova Universidade de Brasília casos como estes não acontecerão pois ninguém entrará, de vez, na Faculdade escolhida. Todos os alunos frequentarão cursos introdutórios de dois anos com colegas que se destinam a outras carreiras (ESQUINA DE BRASÍLIA. TEMPO DE MEDITAR, 1962h, p. 4).

Adiante, ela continua:

Este sistema não é tão somente uma imensa ajuda para jovens. Também permitirá à Universidade selecionar melhor e fazer uma nítida distinção entre o preparo científico e o treino profissional. Enfim, proporcionará a convivência de todos os estudantes em vez de separar os “literários” dos “científicos” e os “teóricos” dos técnicos, nesta verdadeira comunidade universitária (ESQUINA DE BRASÍLIA. TEMPO DE MEDITAR, 1962h, p. 4).

Além de esperar o amadurecimento do aluno, o modelo de ensino flexível proporciona uma educação humanizada, integrada e equitativa a todos. Dessa forma, ao oferecer aos estudantes a oportunidade de explorar diferentes áreas de estudo antes de escolherem suas carreiras, a UnB facilitava a descoberta de interesses genuínos e alinhados às suas verdadeiras aspirações.

As inovações dessa instituição não pararam por aí, sendo apresentadas diariamente no jornal à população, com mais detalhes sobre o novo modelo do processo seletivo do vestibular dos cursos da UnB. Compreender como funcionava o vestibular era essencial para entender o ensino da UnB, visto que, a partir dele, alunos com determinados perfis ingressavam na universidade, alinhados com as expectativas e os objetivos institucionais. Diante desse entendimento, depreende-se que a UnB tinha o objetivo de realizar uma seleção diferenciada em relação às outras instituições de ensino superior, onde predominava a “decoreba” e não se avaliava o aluno em sua completude. Na UnB, foi empregada uma nova proposta na seleção dos alunos, que incluía provas e avaliação psicotécnica. Os candidatos realizaram as provas de Cultura Geral nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1962,

durante o primeiro vestibular da UnB. Após a aprovação nessas provas, passaram por Avaliações Psicotécnicas, realizadas graças a uma parceria com o Centro de Psicologia Aplicada da Prefeitura do Distrito Federal (PDF E UB: SELEÇÃO DE CANDIDATOS, 1962, p.8).

Notadamente, as reportagens do jornal destacavam os detalhes do vestibular como uma das grandes novidades que a UnB trazia para o ensino superior no Brasil. As provas foram aplicadas na escola Centro de Educação Média Elefante Branco, localizada na Asa Sul em Brasília, e os docentes da instituição foram convocados para trabalhar na aplicação e fiscalização das provas, estabelecendo desde o início uma proximidade com os alunos (MARCADOS PARA 2ª FEIRA EXAMES VESTIBULARES NA UNIVERSIDADE, 1962, p. 6). Os exames foram planejados para a realidade que queriam transformar, exigindo capacidade de raciocínio dos candidatos e apresentando uma abordagem gradativa de dificuldade nas questões:

Antes de mais nada, as provas não foram improvisadas e sim preparadas durante cinco meses por técnicos de primeira ordem. Não apresentaram sádicas perguntas capciosas, pontos ignorados e cálculos cujas respostas só podem ser encontradas por gênios ou malabaristas. Fizeram perguntas gradativas - fáceis no começo, mais difíceis à medida que a prova continua e que o aluno já se sente mais à vontade. Perguntas que exigem algum raciocínio (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962b, p.11).

Segundo Yvonne Jean, “a Universidade ‘diferente’ e moderna entusiasmou os jovens, interessou os mais velhos” (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962e, p. 4), captando dessa forma muitos interessados no ensino dessa instituição. Ela relata que todos queriam uma renovação na aplicação dos exames vestibulares no Brasil e que as mudanças realizadas pela UnB geraram inquietação devido às inovações empregadas:

[...] muitos candidatos se assustaram. Queriam uma renovação mas ao descobrir a influência que teria sobre cada um ficaram perturbados. Então, haveria um exame de cultura geral, quer dizer um exame pelo qual não era possível preparar-se, às pressas já que exigia tantos anos de preparo quanto de vida? Então haveria uma espécie de prova de recapitulação geral pelo qual nenhum “cursinho” podia ajudá-los já que não se tratava de reler, rapidamente, os capítulos da história e geografia que iam “cair” na prova e rever alguns grandes problemas de álgebra e sim de colher os resultados de todos os estudos primários e secundários, bons ou ruins? E como

se tudo isso não bastasse, ainda deveriam inscrever-se para um exame psicológico para o qual não é preciso nem possível preparo algum? (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962e, p. 4).

Yvonne destacou que os exames de Cultura Geral e psicotécnicos avaliaram:

O primeiro ia revelar seu nível mental, sua capacidade de raciocínio, sua inteligência abstrata. O segundo ia colocar na sua ficha, dados que ajudariam mais tarde os professores a orientá-los a ajudar os tímidos e introvertidos, conhecer os dinâmicos, e tudo mais (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962e, p. 4).

O vestibular da UnB refletia o modelo de ensino e o perfil de aluno que a universidade almejava. Nada semelhante havia sido visto até então, sendo novo no Brasil⁴². A reportagem destacou que esse modelo de vestibular, que além de ter questões de Cultura Geral que vão aumentando a dificuldade de forma gradativa incluía a avaliação psicotécnica, era inspirado nas universidades norte-americanas, onde era conhecido como “*counseling*.” Nessas instituições, havia centros de pesquisa dedicados à psicologia individual ou em grupo, em que os alunos podiam procurar ajuda com seus problemas. A reportagem destacou a atuação incansável e diferenciada da UnB e a colaboração da prefeitura de Brasília para realizar e concretizar todo o processo de avaliação do primeiro vestibular da UnB, um modelo totalmente diferenciado no Brasil. Neste processo, não foram encontrados vestígios nas fontes sobre uma avaliação contínua realizada pelos profissionais de psicologia.

⁴² UDF - “O processo de admissão contava com exames vestibulares considerados difíceis e longos. Acentua-se que as provas de francês e inglês eram obrigatórias e classificatórias. Se o candidato apresentasse alguma dificuldade nesses idiomas, teria que cursar disciplinas obrigatórias das línguas. Os estudantes dos cursos de formação dos professores secundaristas cursaram disciplinas com diversidade tipológica. Elas eram classificadas em de fundamentos, de conteúdo e de integração profissional, e eram ministradas em diversas unidades universitárias” (MONTEIRO, 2021, p. 42).

USP - “De acordo com o Decreto nº 6.283/1934, só haveria vestibular se o número de candidatos fosse superior às vagas ofertadas” (MONTEIRO, 2021, p. 40).

ITA - “A admissão por meio de exame vestibular nacional, era composta de uma prova de alto rigor técnico e de exame psicotécnico. O candidato aprovado iniciaria o curso fundamental, com duração de dois anos. O fundamental era dedicado aos conteúdos básicos como ciências físicas, químicas e matemáticas. Mas, também faziam parte do básico as disciplinas do Departamento de Humanidades, as quais deveriam compor pelo menos 10% do currículo dos alunos. O aspirante que não atingisse o nível necessário para o fundamental, mas tivesse sido aprovado em matemática, poderia entrar no “ano prévio”. Nesse “ano prévio”, o aluno seria formado para suprir suas ausências; conseguindo esse objetivo, ingressaria no fundamental. Finalizado o básico, seguia-se o curso profissional, de três anos, com disciplinas do campo escolhido pelo aluno” (MONTEIRO, 2021, p. 45).

Constatou-se apenas a existência da avaliação da equipe no momento da seleção para o vestibular (etapa da entrevista). Tudo indica que esses alunos eram então entregues aos docentes orientadores, que os guiavam academicamente a partir dessa primeira avaliação, atuando como conselheiros vocacionais. Infere-se que essa avaliação inicial influenciou a primeira geração de estudantes da Universidade de Brasília e alterou o modelo de seleção na educação universitária.

No dia 23 de março de 1962, o jornal *Correio Braziliense* divulgou o resultado do exame vestibular, expondo os nomes dos aprovados. Na mesma reportagem, foi feita a convocação dos candidatos aprovados para realizarem um teste individual em forma de entrevistas com autoridades da instituição (REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). Essas entrevistas não se limitaram apenas aos psicólogos para a realização dos testes psicotécnicos, mas também contaram com a presença dos professores orientadores. Essa abordagem holística visava oferecer um suporte abrangente aos alunos, combinando a análise psicológica com a orientação acadêmica. A figura do professor orientador era vista como essencial na jornada acadêmica dos alunos. (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962d, p. 4).

Com a intenção de mostrar a importância da relação e conexão entre os professores orientadores e os psicólogos, de áreas diferentes e complementares no trabalho de seleção, Yvonne Jean esclarece o papel de cada um nessa fase preparatória da primeira turma de alunos da UnB:

Assim, nas entrevistas, o psicólogo tem à frente a orientação sugerida pelo professor, após exame das notas ao passo que o professor não deixa de se apoiar no veredito psicológico. Aliás, notamos interessante e sugestiva concordância entre testes e provas, que é uma resposta concreta a todos aqueles que ainda imaginam que psicologia é luxo (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962d, p. 4).

Ressalta-se que a etapa da entrevista era igualmente importante na seleção dos alunos para a instituição. Os aprovados nas provas, a primeira etapa do vestibular, eram obrigados a passar pela entrevista e, caso não a realizassem, seriam impedidos de efetivar sua matrícula na universidade.

A Universidade de Brasília está comunicando aos candidatos que a 'Entrevista' está sendo realizada no horário 8 e de 12 às 18 horas, no sétimo andar do Edifício do Ministério de Educação, terminando impreterivelmente sexta-feira próxima, dia 30. O não comparecimento do candidato implica na impossibilidade de sua matrícula nos cursos da UnB, mesmo que ele tenha sido classificado no exame de habilitação (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA CHAMA OS CANDIDATOS, 1962, p. 2).

A UnB já demonstrava sua influência no perfil dos alunos que ingressavam na instituição. Desde o método de seleção, a universidade buscava candidatos criativos e preparados para o ensino superior ali proposto. O modelo de seleção privilegiava o raciocínio, evitando favorecer alunos que apenas memorizavam conteúdos. Embora essa abordagem inovadora tenha inicialmente assustado o público, a seleção recebeu muitos elogios. Segundo o jornal *Correio Braziliense*, os alunos estavam satisfeitos com os exames, destacando a eficácia do processo seletivo:

Em consenso unânime, os candidatos exaltaram o alto estilo da metodologia adotada pela Reitoria da Universidade Federal de Brasília, que aprimorou por elaborar um questionário claro e movimentado, o que pode estabelecer nível de cultura compatível com o escopo de Brasília como centro de civilização avançada (INICIADO ONTEM O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE, 1962, p. 7).

O jornal transmitia à população que a nova metodologia aplicada pela UnB era de "alto estilo", assim como a cidade de Brasília. Nesse sentido, o ensino destinado aos alunos da UnB, segundo Yvonne Jean, buscava formar cidadãos críticos e preparados para enfrentar os desafios nacionais:

[...] criar uma juventude estudantil consciente em Brasília...gerar interesses culturais reais...preparar a liderança da Universidade para o planejamento e a solução de problemas nacionais...conseguir o contato real entre professores e estudantes em vez de separá-los em duas castas... formar uma Universidade jovem...representar uma tomada de consciência... (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962d, p. 4).

Esses objetivos apresentados por Yvonne para a juventude a ser formada na UnB corroboram as funções básicas descritas no Plano Orientador da UnB, na

seção "Por quê criar uma universidade em Brasília?"⁴³, em que a instituição propõe trabalhar em prol da integração, desenvolvimento e progresso da capital e do país.

Como já apresentado no capítulo anterior, as aulas dos cursos-tronco de direito, economia e administração e letras brasileiras da UnB iniciaram no dia 9 de abril em local provisório, sem solenidade, nos edifícios do Ministério da Saúde e do Ministério das Relações Exteriores na Esplanada dos Ministérios. As disciplinas dos cursos de integração de arquitetura também começaram nesta data, mas as matérias específicas iniciaram somente no dia 23 de abril, após a inauguração oficial do *campus* universitário (UNIVERSIDADE INICIARÁ CURSOS DIA 9, 1962, p. 1). O jornal *Correio Braziliense* acompanhou a movimentação do primeiro dia de aula da UnB, destacando o grande número de acadêmicos presentes. As aulas ministradas pelo prof. Hermes Lima, na época Chefe da Casa Civil da Presidência da República, abordaram dois temas: "a importância daquele centro de estudo para o desenvolvimento cultural e a própria fixação de Brasília no Planalto Central" e sobre "introdução nas Ciências Jurídicas, examinando problemas de conduta do homem na sociedade". Depois das duas aulas de Hermes Lima, seguiram-se as aulas nos demais cursos, ministradas pelos professores Ciro dos Anjos, presidente do Tribunal de Contas do Distrito Federal, Luís Pereira, de São Paulo, e Pompeu de Sousa, secretário da Imprensa do Gabinete do Primeiro Ministro (INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 7).

Com o início das aulas e a UnB em ação, a universidade já demonstrava as novidades implantadas no seu ensino. Conforme apresentado na reportagem da coluna "CORREIO UNIVERSITÁRIO" do jornal *Correio Braziliense*, o novo método agradava os alunos: "Os métodos de ensino que vêm sendo adotados estão agradando à grande maioria dos estudantes, especialmente pelos processos revolucionários e práticos na forma como esse ensino vem sendo ministrado" ("CORREIO" UNIVERSITÁRIO, 1962, p. 9).

As aulas eram um tema frequentemente abordado pelo jornal *Correio Braziliense*, especialmente no início das atividades acadêmicas da UnB. O jornal acompanhava de perto os detalhes do desenvolvimento da universidade. Por exemplo: "Essa semana, a aula de História da Arte, da Cadeira de Arquitetura da

⁴³ O *site* da Universidade de Brasília possui o Plano Orientador da UnB - 1962. Disponível em: https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf

Universidade de Brasília, será dada no recinto da exposição do Planalto que se encontra aberta ao público desde 22 de abril no térreo do Bloco 1 dos Ministérios” (HISTÓRIA DA ARTE, 1962, p. 8). É interessante observar que as aulas eram realizadas de forma diferenciada, tanto em sua localização física quanto no acesso à comunidade (público geral). Essa era uma das características marcantes do novo modelo de ensino da UnB, onde teoria e prática eram fortemente ligadas, promovendo um caráter humanista que integrava e dava acesso a todos. O jornal *Correio Braziliense* fazia questão de publicizar essas aulas, movimentando a vida cultural da cidade. Isso é evidenciado nas reportagens publicadas nos dias 3 e 5 de maio de 1962⁴⁴, que destacavam como as aulas contribuíram para a dinâmica cultural e acadêmica de Brasília.

Outras reportagens destacavam as características das aulas na UnB, como as ministradas pelo professor Agostinho da Silva. Segundo José Helder de Souza, na coluna “Correio” Literário, as aulas de Agostinho da Silva entusiasmavam os alunos: “O humanismo do professor português radicado no Brasil, espalha seus benefícios entre seus estudantes e breve teremos uma elite cultural considerável” (“CORREIO” LITERÁRIO, 1962, p. 10).

Acompanhando as aulas ministradas desde o início das atividades acadêmicas da UnB, a imprensa destacou que o ensino era conduzido de maneira distinta em comparação com outras instituições no Brasil. Em 17 de maio de 1962, Yvonne Jean apresentou detalhes sobre o cotidiano das aulas de artesanato universitário na UnB, revelando a união inédita do “artesanato e a universidade” — “duas palavras que raramente se empregam juntas ou, melhor, que nenhum país do mundo jamais uniu” (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962c, p. 4). Ela enfatizou a integração das “habilidades técnicas e manuais com o estudo intelectual” e destacou que, apesar da universidade ser jovem, inovou ao abandonar “a velha concepção europeia tradicional que separava por completo essas habilidades” (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962c, p. 4). A jornalista relatou:

Era tempo que uma universidade começasse a experiência e era lógico que a primeira Universidade do mundo a fazê-la fosse a nossa Universidade, nessa Brasília que, sendo um gigante canteiro, era o

⁴⁴ HISTÓRIA DA ARTE, 1962, p. 8.

SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962d, p. 7.

lugar indicado para criação de um curso de arquitetura vivo, dinâmico, em transformação constante, aliando o concreto e o abstrato, a teoria e a realização, a arquitetura externa e interna, a arquitetura do prédio, os interiores e dos objetos. Um grande todo (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962c, p. 4).

Pondera-se que, aparentemente, essa mudança no ensino proporcionada pela UnB gerou benefícios significativos aos estudantes, pois ampliou uma abordagem que vinha sendo empregada nas instituições no Brasil e até no mundo. Agora, a teoria e a prática eram unidas de forma dinâmica e viva. Esse novo método de ensino, conforme relatado pela jornalista, agradava os alunos, transformando e enriquecendo o currículo do curso de arquitetura.

Nas reportagens apresentadas até agora, a teoria e a prática unidas, a participação mais ativa da comunidade externa e dos estudantes nas aulas, a liberdade de escolha de disciplinas e um espaço multidisciplinar mostram a presença de uma nova abordagem de ensino e uma nova pedagogia que foge do modelo tradicional vigente naquela época nas universidades brasileiras. Na ocasião da inauguração da UnB, o ministro da Educação, Oliveira Brito, destacou o novo modelo de ensino da UnB: "...a Universidade de Brasília, estabelecimento que adotou os mais modernos métodos de ensino dentre em pouco dará ao Brasil técnicos competentes que terão função preponderante no processo de desenvolvimento de nossa pátria" (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962, p. 7). Esse modelo prezava o senso crítico e uma participação ativa do aluno nas aulas e no incentivo à criatividade, o aluno tornava-se um sujeito ativo no processo de ensino. Além das aulas de arquitetura, observa-se isso nas aulas de artes. "A criação da "nossa" Universidade em Brasília implicou novos rumos e uma planificação tão diferente da tradicional quanto Brasília é diferente das outras cidades" (ESQUINA DE BRASÍLIA. "ENTREVISTAS", 1962d, p. 4).

A atuação do professor Cláudio Santoro na inovação do ensino de música na Universidade de Brasília foi registrada diversas vezes pelo jornal *Correio Braziliense* durante o período abordado nesta dissertação. Ele era um intelectual muito ativo na UnB e na vida cultural da cidade. A chegada de Santoro à UnB foi marcada por grande euforia, devido ao seu renome na área e sua vasta experiência internacional, o que prometia contribuir significativamente para a jovem universidade. No capítulo anterior, discutimos brevemente a proposta e os planos de trabalho que Cláudio

Santorio pretendia aplicar no ensino de música da UnB. Agora, trataremos especificamente do que Cláudio Santoro implementou no Departamento de Música da Faculdade de Artes, destacando a importante atuação dos órgãos complementares da instituição no desenvolvimento das atividades de ensino. O Departamento de Música planejava dividir-se em três áreas principais: “a) discoteca, biblioteca, editora e TV; b) Cursos Universitários de Música; c) Escola Profissional de Música” (“CORREIO” ESTUDANTIL, 1962b, p. 6). Cada uma dessas divisões tinha uma função específica para auxiliar o alcance do projeto de Santoro na educação musical da UnB. Yvonne Jean apresentou o projeto de Cláudio Santoro e como o ensino de música aconteceria:

Segundo o projeto, a discoteca e a biblioteca deverão começar a funcionar imediatamente porque representam a base dos cursos de divulgação musical...

Para a discoteca, providenciou-se desde já a cópia de todo o material de música brasileira para o ‘Arquivo do Patrimônio Musical Brasileiro’ cuja criação é uma grata notícia.

Também já se trataram contatos com as Embaixadas dos Estados Unidos, Alemanha, Áustria e outros países para o fornecimento de discos e fitas magnéticas.

A Editora será uma das iniciativas mais interessantes da UnB porque não temos editora nacional interessada na impressão de partituras dos autores nacionais. A Biblioteca da UnB deverá organizar uma seção especializada em música brasileira e ligar à Editora da UnB a fim de suprir esta lacuna e intensificar a divulgação da obra dos nossos compositores no país e no estrangeiro. Quanto às emissoras de rádio e TV trabalharão em colaboração com o Departamento de Música, os alunos, professores, conjuntos, etc., e que permitirá criar programas musicais ecléticos e variados.

Enfim a projetada escola profissional de música formaria profissionais de instrumentos requisitados em nossas orquestras de câmeras e sinfônicas de todo o país. Também se espera a formação de orquestras. Inicialmente os professores formariam orquestras de câmara. Mais tarde, formariam com os alunos a Orquestra Sinfônica da UnB (“CORREIO” ESTUDANTIL, 1962b, p. 6).

A reportagem foi muito útil para compreender não apenas como funcionava o ensino de música na Faculdade de Artes, mas também para entender a importância dos órgãos complementares no desenvolvimento do ensino na UnB e no Brasil, com destaque especial para a Editora UnB⁴⁵. Cada um desses órgãos complementares

⁴⁵ “A Lei 3.998, de 15 de janeiro de 1961, que institui a Fundação Universidade de Brasília, criou um fundo rotativo destinado à publicação de obras científicas, técnicas e culturais pela Editora UnB. O programa acompanhará as atividades dos Institutos e Faculdades e os estúdios, escritórios e oficinas

desempenhava um papel importante na difusão do ensino, não apenas no curso de Artes, mas em toda a universidade, servindo como canal de propagação e divulgação do conhecimento. Monteiro (2021) apresentou a atuação dos órgãos complementares na UnB, destacando sua relevância no apoio às atividades acadêmicas e na promoção de uma educação integrada e abrangente.

As Unidades Complementares também ministrariam cursos de formação profissional, aperfeiçoamento, especialização e extensão cultural. Eram elas: a Biblioteca Central, o Centro de “Teledifusão” Educativa, a Editora Universitária de Brasília, os Museus da Civilização Brasileira e da Ciência e Técnica, o auditório Aula Magna, o Centro Militar, o Estádio Universitário, as Casas Nacionais da Língua e da Cultura; o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e o Instituto de Teologia Católica (MONTEIRO, 2011, p. 52).

Além disso, recebiam, integravam e disseminavam o conhecimento vindo de fora e o produzido pela UnB. O Plano Orientador da UnB (1962, n.p.) estabelece: “A Universidade de Brasília deverá manter, também, um corpo de órgãos complementares destinados a funcionar supletivamente como centros de extensão para a cidade e para o país”. No caso da Editora UnB, o Plano Orientador explica a que se destina:

A EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, que se destina a traduzir para português as principais obras do patrimônio cultural, científico e técnico da humanidade, que ainda não são acessíveis em nossa língua e, sobretudo fazer elaborar e editar textos básicos para ensino em nível superior, além de editar a produção científica e literária da própria Universidade. Somos, hoje, um dos maiores importadores de livros técnicos da Espanha, do México e da Argentina. A exemplo do que fizeram todos os países modernos, impõe-se editar em português a bibliografia básica para a formação profissional comum, em nível universitário (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.)

De certa forma, o ensino almejado pela Universidade de Brasília não seria tão inovador sem o apoio desses órgãos e sem a cooperação internacional que se estabelecia. Para que o modelo de ensino visado pela UnB se desenvolvesse

servirão de centro prático e de treinamento para os alunos dos cursos de artes gráficas e arte do livro” (EDITORA DA UNIVERSIDADE DO DF LANÇOU SEU 1º LIVRO, 1962, p. 9)

plenamente, era necessário estabelecer parcerias além do seu alcance local, criando uma rede de colaboração nacional e até global. Essas parcerias permitiram a troca de conhecimentos, a adoção de novas metodologias e a integração de diferentes perspectivas, fortalecendo a capacidade da UnB de oferecer uma educação de vanguarda.

Um exemplo do que foi planejado e oferecido por Cláudio Santoro era o curso de divulgação musical que tinha como “objetivo principal dar aos alunos uma visão panorâmica não especializada dos elementos, da técnica e do mecanismo da criação musical através dos tempos” (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962d, p. 9). Segundo apresentado na coluna O ENSINO DIA A DIA, do dia 5 de junho de 1962, o curso foi idealizado para leigos e sem nenhum conhecimento teórico-musical. A intenção era que o curso atingisse tanto alunos da UnB quanto o público em geral, possibilitando assim o acesso da comunidade de Brasília à universidade. Foram oferecidas 100 vagas para alunos regulares e 100 vagas para o público externo. Essa ação evidencia como o ensino na UnB foi planejado e desenvolvido para ser acessível a leigos e à comunidade como um todo, realizado de forma integrada. Esse assunto também é um traço das ações de extensão universitária iniciadas na instituição, que serão detalhadas ainda neste capítulo na seção Extensão. O Plano Orientador fornece mais detalhes sobre os moldes do ensino de Artes, que envolvem a especialidade de música: “A Universidade de Brasília procurará orientar o seu Instituto Central de Artes para a função fundamental de dar a toda a comunidade universitária e à população de Brasília oportunidade de experiência e de apreciação artística” (PLANO ORIENTADOR, 1962, n.p.).

Uma característica importante apresentada no jornal sobre o ensino na UnB era sua relação com outros países, o que chamaremos aqui neste trabalho de “internacionalização”. Segundo Marques e Conceição (2020, p. 59), em “Internacionalização da Educação, Pesquisa e Inovação: Um Caso Estudo da Universidade de Brasília (UnB)”, a UnB iniciou suas atividades já praticando a internacionalização: “desde sua criação, essa instituição iniciou seu processo de internacionalização acadêmica quando convidou pesquisadores renomados para compor sua equipe acadêmica”. Essa relação esclarece que existia uma integração cultural e intelectual de vários lugares do mundo com a UnB.

Na reportagem do dia 3 de junho de 1962, Yvonne Jean ressaltou que a UnB foi ágil em iniciar programas de intercâmbio cultural e científico. Desde o início de suas operações, a universidade buscou parcerias robustas para a construção de espaços dedicados ao estudo das línguas e culturas de outros países⁴⁶. Entre os países inicialmente convidados estavam Japão, França, países de língua portuguesa, Inglaterra, Tchecoslováquia e outros⁴⁷. Conforme relatado pela jornalista: “Estas Casas da Língua e da Cultura dos países são uma das iniciativas mais interessantes da UnB. Em vez de organizar cursos de línguas estrangeiras, esta parte do currículo ficará a cargo dos próprios países” (“CORREIO” ESTUDANTIL, 1962c, p. 6). Esse espaço concedido pela UnB seria voltado para a cultura internacional, permitindo que o currículo ficasse a cargo dos próprios países, o que facilitava uma interação autêntica com a cultura de origem (“CORREIO” ESTUDANTIL, 1962c, p. 6). Segundo Yvonne, “um conjunto que será um pedaço de cada país no campus universitário, aproximando os estudantes do ambiente cultural próprio a cada nação e de sua língua com maior segurança que qualquer número de aulas avulsas e teóricas” (CORREIO” ESTUDANTIL, 3 de junho de 1962c, p. 6). Desse tipo de parceria surgiram bolsas de estudo e outros vínculos, como a contratação de professores visitantes e a disponibilização de quartos de trânsito para alunos e professores de passagem. A pesquisa no jornal *Correio Braziliense* possibilitou verificar a intensa presença e trânsito de professores e estudantes de outros países na universidade. Visualizamos também aulas, palestras e conferências proferidas por professores estrangeiros ou intelectuais variados, além da participação de alunos estrangeiros em diversas atividades acadêmicas. Na oportunidade, foi identificada a seguinte participação:

Professor:

⁴⁶ “Às Casas da Língua e da Cultura cumprirá ministrar cursos instrumentais de domínio das respectivas línguas para a população Universitária e cursos avançados de língua e literatura para a formação de professores de ensino médio, bem como cursos de aperfeiçoamento do magistério em exercício no Brasil” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

⁴⁷ A UnB enviou também convites para outros países participarem dessas Casas de Língua e Cultura como: “Alemanha Ocidental, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Índia, Israel, Itália, Japão, México, República Árabe Unida e URSS” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962s, p. 9).

O professor Henry A. Kissinger⁴⁸, da Universidade de Harvard proferirá uma conferência na sede provisória dos cursos da UnB (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962f, p. 9).

Estudante:

Etty Guanich, madrilena vivendo na Argentina e segundalista de Direito na Faculdade de Buenos Aires, passou umas semanas em Brasília para seguir algumas aulas relacionadas com sua futura especialidade. Entretanto, ficou tão entusiasmado (*sic*) pelo ambiente do campus, a convivência, as possibilidades, que acabou tomando aulas de modelagem, escultura e pedra-sabão, português e arquitetura analítica (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962e, p. 9).

Essas participações exemplificam formas de expansão e de troca de experiências, tornando o ensino na universidade mais plural e globalizado⁴⁹. A experiência do discente estrangeiro do curso de Direito, Etty, revelou a multidisciplinaridade oferecida pelo ensino na UnB, algo que ele nunca havia vivenciado. Ele ficou extasiado pela flexibilidade do ensino, em que os alunos podem optar por disciplinas de diferentes cursos, reforçando a ideia de uma educação abrangente e integrada.

Dando continuidade à importância das parcerias internacionais no ensino da UnB, destacam-se as atividades de ensino de linguística do curso-tronco de letras, que foram realizadas pela professora Sarah Gudschinsky⁵⁰, PhD pela Universidade da Pensilvânia. Essa colaboração foi resultado de um convênio entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Instituto de Verão de Linguística dos Estados Unidos. Essas atividades foram mencionadas diversas vezes no jornal, devido ao manifesto

⁴⁸ No *site* de Henry Alfred Kissinger (2024, *on-line*) tem a biografia dele. O intelectual foi político, diplomata e acadêmico especialista em geopolítica.

⁴⁹ O jornal *Correio Braziliense* apresentou várias reportagens que evidenciam as ações culturais e científicas desenvolvidas intensamente na UnB em parceria com outros países. Essas ações foram destacadas de diversas formas. Citaremos algumas dessas atividades realizadas nos meses de junho e julho de 1962 que mostram essa movimentação internacional:

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962h, p. 9.

CONCERTO DE MÚSICA CLÁSSICA, 1962, p. 8.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962f, p. 9.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962i, p. 9.

PROFESSORES FRANCÊSES EM BRASÍLIA, 1962L, p. 4.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962m, p. 9.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962r, p. 9.

⁵⁰ No *site* de Linguística, encontramos a biografia de Sarah Gudschubky (2024, *on-line*), que era uma linguista internacionalmente reconhecida. Ela iniciou seu trabalho atuando na educação infantil em uma escola rural em Michigan.

interesse da população de Brasília, que solicitou informações ao *Correio Braziliense* sobre o trabalho de alfabetização das tribos indígenas realizado pela professora⁵¹.

Anteontem, levou dois dos 4 índios da tribo Canela à Universidade e durante sua aula matinal⁵², demonstrou aos estudantes como conversa com eles, extraía informações, aprendia a Língua desconhecida e descobria suas riquezas. A vivacidade de um dos índios, a maneira como apontava para os erros de pronúncia ou ortografia da professora, e, principalmente, o método de aproximação com língua tão diferente das que chamamos de civilizadas e cuja sutileza e riqueza nada ficam a dever às nossas línguas habituais, interessam vivamente os estudantes. Foi uma destas aulas diferentes, não só pelo pitoresco da situação como também do seu conteúdo cultural. O anúncio da volta dos índios à Universidade, para ontem, espalhou-se rapidamente e estudantes de outros cursos, que não incluem a linguística no seu currículo, fizeram questão de assistir à demonstração! (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962p, p. 9).

Uma característica notável do ensino na UnB era a estreita relação entre ensino e pesquisa. A reportagem observou que havia um convênio formal entre as instituições para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa realizado pela docente. Mais adiante, abordaremos a pesquisa na UnB em uma seção específica, mas aqui já podemos perceber que ela foi conduzida de forma indissociável do ensino integrado às aulas regulares. Outras características apresentadas na reportagem foram a integração de teoria e prática, além da flexibilidade dos cursos oferecidos na UnB, que aceitavam alunos de outras áreas, permitindo a troca de conhecimentos de forma multidisciplinar.

A UnB continuou inovando. Além das novas formas de ensino definidas pela interação cultural e científica com outros países e o ensino de música planejado por Santoro, a instituição também oferecia um curso inédito no Brasil: teologia. No capítulo anterior, foi apresentado o coordenador do Instituto de Teologia da UnB, Frei Mateus, e contextualizadas as intenções por trás da criação desse instituto. Não foi surpreendente perceber que a população de Brasília tinha curiosidade sobre o

⁵¹ Algumas reportagens que deram destaque ao trabalho realizado por Sarah Gudschubky no Ensino da Linguística são: “CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962n, p. 9.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962o, p. 9.

⁵² Sarah Gudschubky visitava de três a quatro vezes por semana seis indígenas da tribo de Canela (de origem maranhense) em Taguatinga/DF, uma Região Administrativa da cidade de Brasília. Lá, ela pesquisou a possibilidade de incluir a língua Canela no conjunto das línguas Jê (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962o, p. 9).

instituto, afinal, era algo nunca visto no Brasil. Atendendo aos pedidos da população, que ligava para o jornal solicitando esclarecimentos, o *Correio Braziliense* apresentou algumas informações sobre o Instituto de Teologia:

Eis sua finalidade tal qual está explicada no seu projeto:

1. Promover o estudo das ciências teológicas com a mesma preocupação de seriedade científica que se vai preocupar nos demais institutos da mesma universidade.
2. Atender a todos os candidatos que preencham as condições e pretendem adquirir cultura teológica ou ampliar seus conhecimentos de teologia.
3. Atender especialmente aos alunos nacionais e estrangeiros que se destinam ao sacerdócio católico.
4. Publicar trabalhos científicos que venham aumentar o patrimônio teológico brasileiro.
5. Conferir a seus alunos graus universitários, reconhecidos pelo Governo Brasileiro e pela Santa Sé os quais os habilitem a ensinar em outros estabelecimentos de ensino teológico.
6. Promover debates, conferências, seminários, dias de estudo, confrontando com a teologia os problemas da atualidade. ("CORREIO" ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962e, p. 9).

Além das inovações mencionadas, é importante destacar que o ensino na UnB foi significativamente enriquecido pela participação de professores de outras instituições nacionais. Esses educadores contribuíram de diversas maneiras e em diferentes momentos, trazendo uma variedade de perspectivas e conhecimentos que fortaleceram a proposta educacional da universidade. Embora o jornal *Correio Braziliense* tenha falado muito sobre as participações internacionais, a contribuição de intelectuais nacionais também foi destacada e não pode ser ignorada. Frequentemente, o jornal noticiava sobre intelectuais brasileiros que saíam de suas cidades para ministrar aulas ou participar como palestrantes ou conferencistas na UnB. Alguns vinham por curtos períodos, enquanto outros permaneciam por mais tempo ou ficavam de vez. A UnB se destacou como uma instituição que atraía intelectuais do Brasil e do mundo para colaborar. Muitos seminários e conferências foram oferecidos por esses acadêmicos, contribuindo significativamente para a formação dos alunos e, frequentemente, também para o público em geral. Uma característica marcante da UnB era sua interação com a população de Brasília, mesmo que não fossem alunos regulares da instituição. Para pesquisadores da área de Educação, investigar os temas das palestras e conferências ministradas por

esses intelectuais na UnB pode revelar uma área de pesquisa fascinante, refletindo os interesses e prioridades da educação superior naquele período.

Em uma reportagem, a jornalista Yvonne registra a presença de dois intelectuais que deram palestras aos alunos na universidade, evidenciando a contribuição de diversas mentes e professores de outras instituições nacionais na UnB:

Estêve em Brasília até ontem o conhecido historiador e ensaísta político João Camilo de Oliveira Tôres⁵³, autor de obra tão fecunda. Citemos, entre seus livros, “O Positivismo no Brasil”, “Harmonia Política”, “O Homem e a Montanha”, o ensaio histórico “Democracia Coroada” que a crítica tão bem acolheu e tanto louvou, e a célebre “História de Minas Gerais” em 5 volumes.

O Escritor João Camilo de Oliveira Tôres falou aos alunos da UnB sobre o assunto “Federação e Governo local”, assunto indicado para o autor de tantos trabalhos sobre o Federalismo no Brasil (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962L, p. 9).

Logo em seguida, na mesma reportagem, apresenta mais a participação de um professor externo à UnB:

O Professor Fernando Roquette Reis, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais deu, esta semana, uma aula maior na UnB sobre a situação bancária no Brasil. Ao examinar o assunto geral do Mercado de Capitais, aludiu rapidamente a numerosas facetas do problema, para dar aos estudantes uma visão de conjunto e referiu-se ao Banco Central e controle monetário: bolsas de valores e companhias de investimento; variações do valor da moeda; problema da inflação; e o caso brasileiro (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962L, p. 9).

Na UnB, o ensino não era trabalhado de forma isolada do resto do país e do mundo. A universidade discutia assuntos relevantes que exigiam debates e atualizações, sempre considerando a conjuntura social, política e econômica do país na época, em busca do progresso. Yvonne Jean comentou em sua coluna sobre essa dinâmica de participação e circulação de professores na UnB:

⁵³ No *site* do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (2024, *on-line*) encontramos a biografia de João Camilo de Oliveira Tôres – ele se dedicou à pesquisa da história imperial brasileira. Foi professor de Filosofia Moral da Faculdade de Filosofia da UFMG e de História do Brasil da Faculdade Santa Maria (BH/MG).

É difícil imaginar que esta nossa universidade, que tantas notícias nos fornece dia a dia; que tantos professores de outros Estados e do estrangeiro atrain, cada semana a Brasília; que já se lamenta tão intenso intercâmbio cultural e movimento intelectual na Capital, só existe, na realidade, desde o mês de janeiro deste ano (CORREIO ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962v, p. 9).

A organização do ensino e as estruturas dos institutos centrais da UnB também contaram com muitas visitas de especialistas externos que contribuíram tecnicamente para seu desenvolvimento. A UnB se baseou em diversas experiências, sempre em busca de um modelo estrutural e acadêmico integrado. Essas contribuições ajudaram a moldar uma instituição capaz de incorporar as melhores práticas de diferentes contextos, reforçando seu compromisso de buscar a inovação e a excelência acadêmica.

Ainda nessa direção de integração e disseminação do conhecimento, muitas das aulas na UnB foram gravadas, datilografadas e mimeografadas para depois serem disponibilizadas e vendidas aos alunos e a outros interessados. Segundo Yvonne Jean, nenhuma aula "interessante" deixaria de ser registrada e se perderia, permitindo uma leitura tranquila de todo o conteúdo fornecido na sala de aula. Aqui está mais uma amostra da riqueza do patrimônio material da instituição, que possibilita o acesso à forma como essas aulas eram ministradas, as relações com a turma e o conteúdo abordado. Esse é um excelente caminho para descobrir, a fundo, como as aulas eram conduzidas didaticamente no período inicial da instituição. Aqui se encontra mais uma oportunidade potencial de estudo para os pesquisadores da história da educação ("CORREIO" ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962u, p. 9).

O governo demonstrava seu interesse pelo crescimento do ensino superior visando capacitar mais profissionais para atender às necessidades crescentes do país. Um exemplo disso foi o discurso de João Goulart, no qual ele destacou a importância de aumentar ao máximo o número de atendimentos e vagas nas universidades. Nesse contexto, a UnB, situada no centro das discussões políticas, econômicas e sociais do país, desempenhava um papel importante nos debates de interesse nacional. Um exemplo disso foi a realização de simpósios e conferências sobre o ensino superior em suas instalações. O Simpósio de Medicina ocorreu nas instalações da UnB, com destaque, nesse caso, para o curso de Medicina, que foi o foco do discurso presidencial ("CORREIO" ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA,

1962ai, p. 9). A UnB, ainda nessa linha de entendimento, frequentemente abrigava discussões sobre o ensino no Brasil, abrangendo não só o nível superior, mas também os níveis primário e secundário. Devido à sua proximidade com o governo federal, tanto politicamente quanto geograficamente, a universidade parecia influenciar as decisões do poder público. Na ocasião específica do encerramento do Simpósio sobre Ensino de Medicina, conforme apresentado por Yvonne Jean, a UnB reuniu especialistas de todo o país por três dias:

Voltaremos às conclusões concretas e esperançosas que resultaram deste Encontro e foram apresentadas no Auditório dos Dois Candangos ao Presidente João Goulart, Presidente do Conselho, Ministros Darcy Ribeiro e Clóvis Salgado e numerosas outras personalidades políticas e intelectuais, no ambiente de seriedade que convém a procura de soluções para remediar ao abandono das populações rurais ao qual o Presidente da República aludiu, lembrando a insuficiência de médicos, necessidade de ampliar as matrículas ao máximo, formar cientistas e técnicos para um ajustamento à situação criada por um território muito extenso com populações dispersas. O Presidente Goulart, concluiu este seu primeiro discurso pronunciado na UnB agradecendo a colaboração do jovem Ministro Darcy Ribeiro e dos médicos que aqui vieram para equacionar e começar a resolver problemas prementes através da colaboração de cientistas e educadores ("CORREIO" ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ai, p. 9).

Além da preocupação do presidente com a ampliação de profissionais para atender às demandas nacionais por médicos, era evidente a existência de um diálogo e uma parceria entre os políticos, cientistas e professores para buscar uma solução para a demanda da área de medicina.

Cabe ressaltar que Darcy Ribeiro deixou a função de reitor da UnB para atuar como ministro da Educação, mas não deixou de promover o desenvolvimento da UnB. Sua atuação como ministro parece ter impulsionado a UnB como um centro de discussão do ensino nacional. Nesse mesmo contexto, além do Simpósio sobre Ensino de Medicina, foi realizado o I Simpósio Nacional de Música na UnB, onde se discutiu, entre outros pontos, a apreciação do Plano para a organização do ensino da música na Universidade de Brasília. O título da matéria ocupa um lugar de destaque na página do jornal: "MÚSICOS DE TODO O PAÍS ESTARÃO AMANHÃ EM BRASÍLIA". Na reportagem, enfatizou-se a atuação do maestro e professor da UnB, Cláudio Santoro, na coordenação geral dos trabalhos, além do ministro Darcy

Ribeiro: “Músicos eminentes - compositores, maestros, musicólogos, professores - de diferentes regiões do país, virão a Brasília no próximo dia 3, para participar do I Simpósio Nacional de Música, convocado pelo Ministro Darci Ribeiro” (MÚSICOS DE TODO O PAÍS ESTARÃO AMANHÃ EM BRASÍLIA, 1962, p. 8). O evento contou com a presença de importantes figuras, além de Cláudio Santoro, que representou Darcy Ribeiro na sua ausência, incluindo os maestros Enio de Freitas e Castro (Rio Grande do Sul), Hércio Benevides Soares (Universidade da Bahia), Osvaldo Estrela (Universidade do Brasil) e José Siqueira (Ordem dos Músicos do Brasil), destacando a relevância e o impacto do evento para o ensino de música na UnB e no Brasil (ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS, 1962, p. 1). Em outra reportagem, ainda no contexto do Simpósio, a jornalista Yvonne Jean informou que o maestro Cláudio Santoro “declarou, em nome de Darcy Ribeiro, que é do interesse do Governo disciplinar o ensino da música de forma a atender à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1962e, p. 11). Essa declaração sublinha o compromisso dos músicos e o envolvimento político na causa para atender à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e suas diretrizes, contribuindo para o reconhecimento da formação dos profissionais e para o fortalecimento da cultura do país. Porém, Monteiro (2021) reflete sobre as intenções por trás do projeto educacional, considerando:

...foi compreendido como uma política pública do Estado, um projeto de governo que se utiliza de programas, legislações e ações para atingir seu objetivo. Dessa forma, esse projeto apresenta o pensamento dominante, assumindo princípios diferentes a depender da concepção do Estado vigente (MONTEIRO, 2021, p. 12).

Yvonne Jean destacou em sua reportagem “um trabalho de grande importância” (O ENSINO DIA A DIA, 1963a, p. 9): o Curso de Madureza e o Curso de Alfabetização. Ambos eram cursos ministrados por alunos. A jornalista enfatizou que não se tratava de cursos de extensão, pois foram criados por iniciativa dos próprios estudantes. No entanto, será que realmente não eram de extensão? Segundo reportagem do *Correio Braziliense*, os interessados pelos cursos procuraram a Secretaria de Cursos de Extensão da UnB para se inscrever, mas não era um curso oferecido pelo Departamento de Extensão. O Curso de Madureza foi resultado do trabalho da “Federação dos Estudantes, que resolveu preparar

candidatos para o Art. 91, organizar um curso gratuito e realizá-lo na Escola Parque a partir do dia 15 de fevereiro à noite” (O ENSINO DIA A DIA, 1963a, p. 9). O Curso de Alfabetização ofereceu dez turmas, seguindo o mesmo modelo do Curso de Madureza, sendo também dirigido por estudantes, tanto na universidade quanto nas cidades satélites. No entanto, essa iniciativa partiu dos professores do Elefante Branco e não dos alunos da UnB. Essas ações demonstram a conexão da universidade com o progresso da cidade e sua atuação junto à população, visando seu ideal de ajudar Brasília. Esses exemplos ilustram um ensino integrado, resultado de uma parceria entre os alunos da UnB e o público externo, beneficiando a população local e proporcionando a vivência prática aos alunos da UnB (O ENSINO DIA A DIA, 1963a, p. 9; O ENSINO DIA A DIA, 1963c, p. 9).

O Centro de Integração de Ensino Médio (CIEM) é outra peculiaridade da UnB, e pelo que consta no Plano Orientador de 1962, faz parte de um Órgão Complementar da UnB. O Órgão contempla “escolas primárias e média e demonstração para alunos da Faculdade de Educação - o Centro Recreativo e Cultural e o Estádio Universitário” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.). Walter Garcia⁵⁴, no prefácio do livro “Uma Experiência de Educação Interrompida. CIEM - UnB 1964 -1971”, de autoria de Terezinha Rosa Cruz⁵⁵, expressou o potencial que representava o CIEM no contexto da Educação Superior e para a Universidade de Brasília:

O CIEM representou um avanço em relação a outras propostas pedagógicas. Os relatos obtidos por Terezinha indicam que Darcy Ribeiro e José Aloísio Aragão tinham consciência de estar construindo um colégio que, seguramente, iria perpassar o projeto da Universidade de Brasília, dando suporte à implantação de uma nova concepção de educação superior (CRUZ, 2001, p. 17).

O jornal *Correio Braziliense* anunciava o início das operações do CIEM, no dia 15 de março de 1964, sob a direção do professor José Aloísio Aragão, oferecendo “apenas” a 3ª série do científico⁵⁶. As inscrições para as matrículas foram abertas em

⁵⁴ No *site* do Instituto Paulo Freire (2024, *on-line*) encontra-se disponível a biografia de Walter Garcia. Foi Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire de São Paulo (SP) em 1991.

⁵⁵ Segundo Walter Garcia, a professora Terezinha Rosa Cruz era “ligada ao projeto CIEM-UNB desde seu início, conheceu sua gênese, com os principais autores envolvidos, bem como sua forma de pensar e sentir e as propostas que os animavam” (CRUZ, 2001, p. 16).

⁵⁶ Usam o “apenas” porque tinham em seus planos a intenção de oferecer também a 1ª e a 2ª série.

26 de fevereiro de 1964, com o edital publicado várias vezes⁵⁷ no jornal para informar a população sobre as condições do certame (EDITAL, 1964, p. 7). O processo seletivo incluiu a previsão de um exame de seleção a ser realizado no dia 16 de março, demonstrando todo o empenho da universidade na realização do CIEM. O jornal, ao destacar as atividades do CIEM, esclareceu os objetivos do Centro: “O Colégio Universitário funcionará como centro de treinamento dos alunos do curso de pedagogia. Tão logo esse curso seja implantado, o ginásio já terá elementos para fornecer os meios para o treinamento dos universitários” (CIMUB FUNCIONARÁ SÓ COM O 3º CIENTÍFICO, 1964, p. 8).

No dia 21 de março, a Direção do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília tornou público o resultado final dos exames de seleção e anunciou o período de matrículas, a ser realizado nos dias 23, 24, 25 e 30 de março (CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO. EDITAL Nº 02/64, 1964, p. 7). Nos dias que seguiram, aconteceu a invasão das tropas militares na UnB, mas apesar disso tudo indica que as atividades do CIEM foram mantidas, conforme apresentado nas reportagens do Jornal *Correio Braziliense*, com a realização das seguintes ações: 1) Ocorreu uma reunião com os alunos matriculados para discutir uma pauta de assuntos relacionados ao curso (NOTÍCIAS EM FOCO, 1964, p. 6 e AVISO, 1964, p. 7); 2) Aula inaugural ministrada pelo Reitor *pro tempore* Zeferino Vaz, marcou o início das aulas do CIEM (REITOR MINISTRA AULA, 1964, p. 2). Não vamos nos aprofundar no período da ditadura devido às limitações do tempo desta pesquisa. No entanto, para contextualizar e encerrar o assunto, foram apresentadas as reportagens acima, que finalizam o período inicial de atividades do CIEM, uma proposta de ensino idealizada pela gestão anterior a Zeferino, desenvolvida por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Foi uma iniciativa interessante que buscou inovar também no ensino médio, oferecendo aos alunos da Faculdade de Educação da UnB a oportunidade de experienciar a prática da sala de aula. As reportagens do jornal não comentaram muito sobre o CIEM, possivelmente devido ao contexto político do país, que coincidiu com o florescimento do centro.

⁵⁷ EDITAL, 1964, p. 13.

EDITAL, 1964, p. 14.

EDITAL, 1964, p. 3.

O ensino da Universidade de Brasília rapidamente se destacou e, conforme veiculado nas notícias do jornal *Correio Braziliense*, influenciou e renovou o cenário educacional brasileiro ao implementar um modelo de ensino superior almejado para o país. Monteiro (2021, p. 54) observa: “Evidenciou-se que a UnB tinha um projeto ‘ambicioso’, como adjetivou Darcy Ribeiro, porque a instituição foi criada a partir da avaliação dos erros e das contradições do sistema educacional brasileiro e buscou corrigi-los ou superá-los”.

Com um currículo flexível que permitia aos estudantes acessarem diversas áreas de conhecimento antes de optarem por suas especializações, a UnB buscou implantar uma educação realista com a situação do país, humanizada e integrada em todas as suas ações acadêmicas. A instituição também não economizou esforços para promover colaborações internacionais e nacionais, enfatizando a interdisciplinaridade e a união entre teoria e prática, características que marcaram suas práticas pedagógicas. Dessa forma, com o ensino da UnB em ação, foi possível visualizar que as parcerias com outras instituições, o envolvimento da comunidade externa e dos alunos nas práticas institucionais e a atuação ativa de professores e pesquisadores renomados ajudaram a UnB a caminhar em direção a se tornar um centro de referência e inovação no ensino superior brasileiro.

2.2. A Universidade em Ação: Pesquisa

A pesquisa na Universidade de Brasília foi implementada como uma importante ferramenta para a criação de conhecimento e a formação de futuros pesquisadores e profissionais, contribuindo para a inovação e o desenvolvimento em diversas áreas do saber. No Brasil dos anos 1960, a pesquisa acadêmica ainda não era muito desenvolvida, o que frequentemente obrigava o país a buscar tecnologias e soluções no exterior. Melhorar esse cenário foi um dos objetivos da integração do ensino e da pesquisa, visando alcançar o progresso do país. Martins (2018), em seu texto “As origens da pós-graduação nacional (1960-1990)”, expõe que a pós-graduação no Brasil começou a se desenvolver a partir de 1960, após a inclusão na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961 (LDB) e com a criação de várias universidades federais (federalização do ensino superior):

Os primeiros anos da década de 1960 são marcados por um intenso movimento visando a reforma do ensino superior do qual participaram ativamente docentes, pesquisadores e estudantes, visando à modernização do sistema universitário. Em grande medida, esse movimento traduzia as aspirações de cientistas e de jovens pesquisadores que haviam recebido uma formação e treinamento no exterior e desejavam fazer da universidade um locus de produção e disseminação do conhecimento científico, integrando essa atividade com a formação profissional (MARTINS, 2018, p. 15).

A partir desse entendimento e da urgente necessidade de progresso na área, a pós-graduação na UnB começou imediatamente depois da inauguração da instituição em 1962, iniciando juntamente com as atividades de pesquisa. O ensino de pós-graduação estava intrinsecamente ligado às pesquisas. O objetivo era formar pesquisadores e especialistas qualificados para solucionar problemas nacionais, impulsionando o Brasil para outro patamar econômico, social e político, e, com o tempo, libertar o país da dependência externa de conhecimento e tecnologia. Segundo o Programa de Cursos para 1962 - seção VI - ESTUDOS PÓS-GRADUADOS, do Plano Orientador da UnB (1962, s.p.), a previsão era de que a universidade contaria com os seguintes cursos e alunos de pós-graduação:

Prevê que nessa categoria serão inscritos na Universidade, em 1962, cerca de 20 jovens arquitetos e engenheiros, bem como, especialistas em comunicação visual e em artes gráficas e plásticas; cinco graduandos em curso de Direito, cinco, em Administração; cinco, em Economia; cinco, em Ciências Sociais; e cinco, em Letras. (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.)

Além dos cursos de pós-graduação que se iniciaram com o curso de arquitetura, no qual utilizavam o próprio *campus* como prática de suas pesquisas, a UnB organizou um curso de pós-graduação em matemática (CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). Na mesma reportagem do *Correio Braziliense*, intitulada CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, há uma extensa explicação sobre como funcionaria a pós-graduação na universidade. Primeiramente, o jornal esclareceu que o curso de pós-graduação (mestrado) teria a duração de dois anos. Em seguida, apresentou o significado de receber o "grau de mestre - equivalente ao grau de 'master' dos Estados Unidos"

(CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). Essa comparação com os Estados Unidos se deve ao fato de que essa nação era referência mundial em ensino superior e era o modelo mais moderno, influenciando fortemente a UnB. Por último, a reportagem explica que:

Os instrutores⁵⁸ encarregados de lecionar matemática pela manhã, aos alunos do primeiro grau fazem à tarde, o curso de pós-graduação, integrando-se, por completo, a uma Universidade que requer tempo integral e interesse real por parte dos professores. (CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8).

Aqui fica evidente que na UnB os professores precisavam se dedicar totalmente às suas funções, indicando a necessidade de dedicação exclusiva. Além disso, alguns alunos de pós-graduação, denominados “instrutores”, tinham o compromisso de ensinar pela manhã e realizar seus cursos no período da tarde, possuindo uma jornada integral na instituição. Para sustentar esse sistema, a UnB oferecia moradia e pagava um valor pelo trabalho realizado pelos instrutores⁵⁹, que ajudavam a sustentar a carga de ensino dos cursos básicos. De Souza e Duarte (2014) explicam essa dinâmica: “o trabalho, nesse início do Instituto Central de Matemática, ficou assim estruturado, os professores Djairo e Geraldo se ocupavam com as aulas do mestrado e os instrutores davam aulas para as turmas de graduação” (DE SOUZA e DUARTE, 2014, p. 726).

Como já especulado anteriormente nesta pesquisa, na seção Ensino, o ensino e a pesquisa na UnB estiveram intrinsecamente ligados, influenciando todas as partes envolvidas. Mendonça (2003) corrobora esse entendimento ao apresentar o artigo “A pós-graduação como estratégia de reconstrução da Universidade Brasileira”, relacionado à pesquisa “A formação dos mestres: a contribuição de Anísio Teixeira para a institucionalização da pós-graduação no Brasil”. Ela reflete sobre a política desenvolvida por Anísio Teixeira para o desenvolvimento da pós-graduação no Brasil. Nesse sentido, Mendonça expõe seu entendimento sobre a

⁵⁸ Os instrutores eram alunos da pós-graduação da UnB que ministravam aulas para os alunos da graduação.

⁵⁹ No Plano Orientador, Programa de cursos para 1962 - IV - ESTUDOS PÓS-GRADUADOS: “esses alunos poderão exercer funções de instrutores para os cursos de formação, fazendo jus, nesse caso, a uma ajuda financeira, além de residência na Universidade” (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

relação pretendida por Anísio Teixeira para o meio universitário naquela época. Na intenção de reformar a universidade a partir de dentro, seria necessária uma mudança na forma de pensar e ensinar dos docentes, alinhada ao método científico, o que levaria a uma abordagem educacional baseada na experimentação e evidência científica (MENDONÇA, 2003, p.15). Desta forma, a pós-graduação era um espaço de mudança de mentalidade que possibilitaria a reforma universitária e a formação de professores universitários capazes de realizar um novo ensino superior no Brasil. Mendonça (2003) explica: “Atuando como uma verdadeira escola de formação de mestres, ao fabricar um novo habitus intelectual, transformaria o próprio cotidiano acadêmico, engendrando uma nova maneira tanto de ensinar quanto de pesquisar” (MENDONÇA, 2003, p.15). Ficou claro que os alunos instrutores ministravam aulas nos cursos, não eram meros auxiliares. Estavam em um processo de preparação para a docência universitária, contribuindo simultaneamente para o ensino e a pesquisa. Esse arranjo oferecia um benefício triplo, tanto para a instituição quanto para os docentes e discentes, abrangendo tanto os estudantes dos cursos de graduação quanto os alunos de pós-graduação em uma nova relação de ensinar e pesquisar. Essa abordagem se mostrou uma solução para lidar com a escassez de professores e pesquisadores no ensino superior.

Em seguida, na mesma reportagem, foi anunciada a forma de ingresso nos cursos de pós-graduação: possuir um diploma de curso superior. Embora isso pareça óbvio, considerando ser um pré-requisito para avançar nos estudos, no contexto de um país onde a pós-graduação ainda não era muito incentivada, era válido registrar. Além do diploma, o candidato teria que apresentar seu currículo aos coordenadores do curso. Estes decidiam se havia necessidade de exames vestibulares ou se o diploma, as referências e recomendações de professores, além das atividades já realizadas na área de especialização, eram suficientes para justificar sua admissão (CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). Isso mostra que, dependendo do grau de talento, o aluno poderia ser dispensado dos exames.

Desde o início das atividades acadêmicas, a pós-graduação da Universidade de Brasília recebeu muitos alunos bolsistas de outros países, conforme já abordado anteriormente ao discutir a internacionalização na UnB. Yvonne Jean apresenta o caso da discente Colette Diallo, que veio ao Brasil com mais 14 colegas africanos.

Colette, de Saint Louis, licenciada em espanhol em Dakar, estava preparando seu diploma de estudos superiores em espanhol, português e francês na UnB. Para isso, ela escolheu como tema de sua tese a obra de Jorge Amado e se inscreveu no curso de letras, coordenado pelo ministro Ciro dos Anjos. Na reportagem, Yvonne destaca a ajuda que a aluna recebeu do professor Heron de Alencar para se aproximar da literatura moderna brasileira e fez questão de registrar que Colette divulgaria esse conhecimento adquirido em seu país de origem. A jornalista forneceu mais detalhes sobre a vivência dos alunos bolsistas estrangeiros na pós-graduação e em Brasília, destacando a forma como a instituição apoiava esses estudantes:

A jovem estudante senegalesa mora no próprio campus da Universidade, no bloco de alojamento já terminado da OCA, onde a convivência com professores e estudantes cria um ambiente de camaradagem e permite-lhe fazer progressos rapidíssimos em português.

Nas poucas horas vagas da tarde, dá aulas de francês o que não lhe permite tão somente melhorar seu padrão de vida - bolsista nunca consegue se arrumar com o exclusivo dinheiro da bolsa! - como também ajudar a muita gente, em Brasília, onde os professores da Aliança Francesa estão sobrecarregados e nem existem muitos professores particulares de francês ("CORREIO" ESTUDANTIL, 1962b, p. 6).

A universidade, apesar de nova, já tinha em seu planejamento a implantação de programas de bolsas e serviços auxiliares para estudantes estrangeiros, visando manter e fortalecer sua pós-graduação⁶⁰. No entanto, observamos que, apesar da ajuda, a bolsa aparentava ser de valor baixo, o que levou a estudante a procurar outras atividades para complementar sua renda nas horas vagas. As ações da UnB demonstravam seu compromisso em manter essas interações culturais, que enriqueciam os cursos e as pesquisas.

O professor Oracy Nogueira, técnico da administração do setor de ciências sociais do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, visitou a UnB e realizou uma série de aulas sobre métodos e técnicas de pesquisa em sociologia. Durante sua visita, ele identificou uma lacuna significativa nas pesquisas realizadas

⁶⁰ Plano Orientador da UnB de 1962 - ÓRGÃOS COMPLEMENTARES: "Estão previstos também, Serviços Auxiliares, como o Centro de Assistência Médica e Dentária, a Casa Internacional, destinada a abrigar estudantes estrangeiros, principalmente latino-americanos e africanos, aos quais deverá ser reservada certa porcentagem de matrículas, e o setor de habitações de estudantes e professores, além dos diversos serviços públicos indispensáveis a uma cidade universitária" (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, n.p.).

pela UnB. Na reportagem do jornal *Correio Braziliense*, intitulada “Brasília não é cidade sem condição de habitabilidade,” foi relatada uma entrevista com o professor Oracy, na qual ele se mostrou perplexo pela ausência de pesquisas sociais sobre o desenvolvimento da cidade:

[...] como estudioso das ciências sociais, lamenta que não tenha havido preocupação em se fazer um “follow up” do desenvolvimento da cidade desde o início através de pesquisas sociais. Acredita o sociólogo que embora seja lamentável que até agora nada se tenha feito neste sentido, ainda é tempo de se iniciar um programa de pesquisas sociais que inclua uma reconstituição do desenvolvimento da cidade até a fase atual, procedendo-se a uma descrição de sua atual estrutura e o registro das mudanças que foram ocorrendo. ‘Este problema é um desafio deveras atraente para os cientistas sociais que se formam em Brasília’, disse. Acrescentou o professor Oracy que estudos a este respeito deverão ser empreendidos antes que uma grande distância em tempo os torne mais difíceis (BRASÍLIA NÃO É CIDADE SEM CONDIÇÃO DE HABITABILIDADE, 20 de junho, 1962, p. 8).

As observações realizadas pelo sociólogo trouxeram uma reflexão sobre as pesquisas que a UnB ainda deveria desenvolver, destacando ser uma necessidade urgente para a cidade. Ele enfatizou a importância de uma pesquisa voltada para a compreensão do desenvolvimento da capital do Brasil. Essa manifestação do intelectual, que considerou a ausência dessa pesquisa como “lamentável”, evidenciou a importância da atuação de professores de outras instituições na universidade e reforçou que essa condição transitória de docentes traz benefícios ao ensino e à pesquisa. Mesmo que passageira, a presença de Oracy, com seu conhecimento especializado, permitiu a identificação dessa lacuna nas pesquisas. Ele ressaltou: “ainda é tempo de iniciar um programa de pesquisa que inclua a reconstituição do desenvolvimento da cidade até a fase atual” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962j, p. 9), mas alertou que não se deveria esperar muito para não dificultar essa reconstrução. Segundo a jornalista, o sociólogo afirmou que não existia na UnB e em Brasília nenhuma informação sobre “a formação, evolução e estabilização da cidade” (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962j, p. 9).

Gradualmente, com o aumento da cobertura realizada pelo jornal sobre as pesquisas na Universidade de Brasília, a população passou a conhecer melhor essa

atuação da instituição. O crescimento na frequência das notícias evidenciou a presença de cursos de pós-graduação e das pesquisas realizadas, bem como o esforço em oferecer serviços à população de imediato. Um exemplo desse empenho foi a oferta de um curso de pós-graduação, conforme exposto no jornal:

A Reitoria da Universidade de Brasília expediu convite ao Professor Mário Tavares Chicó⁶¹, de Lisboa, para ministrar na UnB ainda no segundo semestre deste ano, um curso de pós-graduação, que provavelmente durará três meses sobre a “Arte portuguesa e suas manifestações na Índia e no Brasil”. A Universidade cogita ainda de convidar para frequentarem este curso os assistentes da cadeira de Arte no Brasil de todas as demais universidades brasileiras (MINISTÉRIOS...., 1962, p. 6).

Mais uma vez, fica claro que a interação com professores externos, especialmente os internacionais, trouxe benefícios significativos para a universidade e para o ensino superior como um todo. Essas trocas são amplas, envolvendo conhecimento e experiências diversas, como podemos observar nessa reportagem. A oferta do curso de pós-graduação ministrado pelo professor Mário Tavares Chicó, que provavelmente envolveu professores assistentes de outras universidades do Brasil, é um exemplo concreto desse enriquecimento através de colaborações internacionais. Além disso, o ensino de pós-graduação e as pesquisas realizadas na UnB já começavam a influenciar o ensino superior no país, estabelecendo importantes trocas de experiências. Essas trocas, realizadas em formato de conferências ou cursos, frequentemente resultam em parcerias ou acordos. Por isso, essas ações têm um enorme potencial para contribuir cada vez mais com as atividades acadêmicas e o desenvolvimento da ciência no Brasil.

⁶¹ No *site* Dicionário de Historiadores Portugueses há um pouco de informações sobre o professor Mário Tavares Chicó - “Historiador da arte que se notabilizou, sobretudo, pelo estudo da arquitetura gótica portuguesa e da arquitetura do mundo ultramarino português dos séculos XVI e XVII, particularmente a da Índia” (DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES, 2024, *on-line*).

FIGURA 11 - PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB



Fonte: Correio Braziliense, 7 de outubro de 1962, p. 9. Acessado via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A reportagem intitulada "Parque do Xingu Servirá como Centro de Pesquisas da UnB" (Figura 11), em destaque na parte superior do jornal, propagou a ação de pesquisa da Universidade de Brasília para a sua comunidade. O artigo anuncia uma cooperação técnica entre o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)⁶² e a UnB, estabelecendo um centro de pesquisas para os alunos da universidade no Parque Nacional do Xingu. A justificativa para a instalação deste centro enfatiza questões geopolíticas, subsistência e preservação dos grupos indígenas em regiões de fronteira⁶³: "Sua localização em uma zona de transição entre o sul do país e a hiléia amazônica é motivo de grande interesse para os alunos da Universidade do Distrito Federal" (PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB, 1962, p. 9). Essa área de interesse e pesquisa foi possivelmente incentivada e impulsionada por Darcy Ribeiro, antropólogo que, na época, não estava mais na função de reitor da UnB por ter assumido há pouco tempo o cargo de ministro da Educação, o que pode ter facilitado ainda mais tal parceria⁶⁴.

⁶² Site do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV), documento intitulado Serviço de Proteção aos Índios, p. 3: "Instituição criada pelo Decreto nº 8.072, de 20 de junho de 1910 com o nome de Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN). Tinha por tarefa a pacificação e proteção dos grupos indígenas, bem como o estabelecimento de núcleos de colonização com base na mão de obra sertaneja. As duas instituições foram separadas em 6 de janeiro de 1918 pelo Decreto Lei nº 3.454, e a instituição passou a ser denominada SPI. O SPI foi extinto em 1967 quando da criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)" (ABREU, 2024, p. 3).

⁶³ A reportagem "A EPOPEIA DOS VILAS BOAS" de Wilson Gomes explica o plano da pesquisa da UnB que seria desenvolvido no Xingu (A EPOPEIA DOS VILAS BOAS, 1963, p. 8).

⁶⁴ Darcy estava envolvido com a criação do parque do Xingu e os laços aparentemente continuavam intensos após a criação da UnB. No site da Fundação Darcy Ribeiro temos a trajetória de Darcy como antropólogo, o que facilita a compreensão e importância do trabalho realizado pelo intelectual para fundação do parque do Xingu e com os índios. "A criação do Parque Indígena do Xingu, em 1961, representou um marco do indigenismo, estabelecendo novos parâmetros de reconhecimento e regularização de terras indígenas. Concebido pelos antropólogos Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão e pelos sertanistas Villas-Boas, ainda na década de 1950, todos imbuídos de uma visão rondoniana, o

Nas reportagens “Universidade de Brasília mantém relações culturais” e “UnB Aparelhada para Penetrar a Selva”, foi anunciado o recebimento de duas aeronaves doadas à UnB. Uma foi oferecida pela cidade de Filadélfia (EUA) através do “Summer Institute of Linguistics” e a outra resultou de entendimentos entre os governos brasileiro e peruano⁶⁵. O *Correio Braziliense* destacou a solenidade de entrega dos aviões, mostrando o envolvimento da UnB no desenvolvimento de suas pesquisas. O artigo também mencionou a construção de uma pista de pouso para as aeronaves em apenas uma hora, exemplificando o “ritmo de Brasília”. A presença de representantes de três nações (Brasil, Peru e EUA) foi destacada, evidenciando a cooperação científica internacional. Abaixo, a Figura 12 ilustra a importância dada pelo jornal ao evento:

FIGURA 12 - UNB APARELHADA PARA PENETRAR A SELVA



Fonte: Correio Braziliense, 17 de maio de 1963, p. 9. Acessado via *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Parque do Xingu constituiu-se num novo modelo para a demarcação de terras indígenas, ao considerar a intrínseca relação dos índios com os ambientes naturais que habitavam, em uma concepção simbiótica da necessidade de preservar uma extensa área de natureza como forma de garantir a sobrevivência desses povos e a perpetuação de suas culturas” (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2024).

⁶⁵ Outras publicações contaram a notícia da doação dos dois aviões à UnB para as pesquisas na Amazônia e no Xingu, considerando-a uma novidade no Brasil e em uma universidade. São elas: O ENSINO DIA A DIA, 1963f, p. 9. SOCIAIS DE BRASÍLIA, 1963b, p. 12.

Sobre o mesmo assunto, em outra reportagem, o jornal informou que as aeronaves foram destinadas a “transportar pessoal e material entre a Capital Federal e o Parque do Xingu, área de pesquisas reservada ao Centro de Estudo das Línguas e Culturas Indígenas da Universidade de Brasília” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA MANTÉM RELAÇÕES CULTURAIS, 1963, p. 8). No mesmo artigo, foram evidenciadas ações da UnB para impulsionar suas pesquisas, incluindo parcerias recentes com o Jardim Botânico de Nova Iorque, a Faculdade de Medicina da Universidade de San Luis de Potosí no México, e o senhor Quednau, chefe da Divisão de Treinamento do Fundo Especial das Nações Unidas. Além disso, a reportagem mencionou que, em 1963, a UnB e o Jardim Botânico de Nova Iorque, em colaboração intermediada pelo professor botânico tropical Bassett Maguire (Universidade de Columbia), realizariam um programa de estudos da flora ao longo das estradas Belém-Brasília e Brasília-Acre (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA MANTÉM RELAÇÕES CULTURAIS, 1963, p. 8).

O Departamento de Matemática da UnB se destacou nas pesquisas desde 1962. Mesmo antes da inauguração dos institutos científicos, foram estabelecidas parcerias para a prática de pesquisa, tanto para estudantes de graduação quanto para o setor de pós-graduação. O departamento foi dirigido pelos professores Djairo Guedes de Figueiredo e Geraldo de Souza, ambos "Master of Sciences e Ph.D." pela Universidade de Nova Iorque (O ENSINO DIA A DIA, 1963b, p. 9). Sobre essa mesma área, Yvonne Jean fez questão de anunciar a presença do professor Joseph Keller, da Universidade de Nova York, que, em função de uma cooperação com a UnB, realizou trabalhos de pesquisa com os professores do Departamento de Matemática. Além de apresentar esse professor estrangeiro, Jean enfatizou a importância da parceria, destacando que a universidade do professor Keller é uma das mais renomadas e atuantes do mundo. Novamente, essas parcerias beneficiaram a UnB e a pesquisa no Brasil, trazendo conhecimento e experiência de pesquisa para a instituição.

O Cerrado, uma vegetação típica da região de Brasília e suas redondezas, oferecia um campo de pesquisa abundante. Aproveitando essa oportunidade, a UnB focou em estudos sobre essa flora. A publicação “Investigações Florestais no Cerrado do DF” destacou uma pesquisa realizada pelos cientistas Ezequias Paulo Heringer, Armando de Matos Filho e Carlos Toledo Rizzini, patrocinada pela

Superintendência de Agricultura do Distrito Federal, pela Universidade de Brasília e pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro (INVESTIGAÇÕES FLORESTAIS NO CERRADO DO DF, 1963, p. 3). Esta pesquisa abordou diversos aspectos do Cerrado. Foi interessante notar que o jornal apresentou detalhes da pesquisa para a compreensão do trabalho realizado pela instituição e pelos pesquisadores, bem como a utilização dos resultados:

Ezequias P. Heringer faz a parte de silvicultura, acompanhando a planta desde a germinação da semente; Armando de Matos Filho do Jardim Botânico faz a anatomia do lenho para identificação da espécie e estudos para aproveitamento da madeira e Carlos Toledo Rizzini fez o estudo da ecologia, analisa a planta em relação ao meio em que vinga. Os resultados dessas pesquisas serão apresentados no II Simpósio do Cerrado a realizar-se no Rio sob os auspícios do CNP⁶⁶. O primeiro Simpósio realizou-se em São Paulo o ano passado (INVESTIGAÇÕES FLORESTAIS NO CERRADO DO DF, 1963, p. 3).

Ficou notório, neste ponto do capítulo, que a pós-graduação e a pesquisa já eram uma forte realidade em diversas áreas na UnB. Aos poucos, o jornal apresentou o desenrolar das atividades diárias da universidade, demonstrando que a UnB desempenhou com êxito suas atividades de pesquisa desde sua inauguração. Apesar de ser uma universidade jovem, a UnB já se mostrou muito ativa nas pesquisas, realizando parcerias enriquecedoras e ampliando seu desenvolvimento.

2.3. A Universidade em Ação: Extensão Cultural

A extensão da Universidade de Brasília iniciou suas atividades em 1962, pouco após a inauguração da instituição, integrando a universidade à sociedade, especialmente à cidade de Brasília. Mazzilli (2011) afirmou que a “questão da universidade é tratada no Manifesto dos Pioneiros, a partir da proposta de que as universidades assumissem sua tríplice função: de elaboração e de transmissão do

⁶⁶ No *site* oficial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) encontramos a história do Conselho Nacional de Pesquisas - CNP bem como informações sobre finalidade e acervo da entidade. A Lei nº 1.310, de 15 de janeiro de 1951, cria o Conselho Nacional de Pesquisas como autarquia vinculada à Presidência da República, foi chamada por Álvaro Alberto de “Lei Áurea da pesquisa no Brasil”. O CNP foi posteriormente, em 1974, renomeado para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CENTRO DE MEMÓRIA CNPq, 2024, *on-line*).

conhecimento, e o desenvolvimento de ação social, sob a forma de vulgarização da ciência” (MAZZILLI, 2011, p. 210). A extensão é considerada, portanto, um dos pilares fundamentais das instituições de ensino superior, reconhecida como indissociável do ensino e da pesquisa no Brasil com a Constituição Federal de 1988. Ela abrange atividades e projetos desenvolvidos pela universidade, que conectam o conhecimento acadêmico às necessidades da sociedade, tornando a universidade acessível a todos. Gadotti⁶⁷ (2017) expressa as ideias de Paulo Freire sobre extensão universitária em seu texto “Extensão Universitária: Para quê?": “a extensão como ‘ação cultural’, o contrário da ‘invasão cultural’. Por cultura ele entende o que fazemos, como práxis, como ‘ação transformadora’ - transformar o meio natural em meio cultural - isto é, trabalho, seja ele material ou imaterial, social ou produtivo, manual ou intelectual” (GADOTTI, 2017, p. 5). Essa interpretação nos entrega a essência da extensão, que precisa estar conectada à sociedade em uma ação transformadora.

No caso da Universidade de Brasília, essa relação foi ainda mais impactante devido à sua proximidade com a recém-inaugurada capital federal (1960), contribuindo significativamente para o desenvolvimento e a fixação da cidade. Os benefícios da extensão para a UnB e Brasília eram substanciais. Além de movimentar a vida cultural da comunidade local, os programas de extensão preparavam os alunos para enfrentar desafios reais e ampliavam o alcance do conhecimento, beneficiando pessoas para além da comunidade acadêmica.

Para melhor compreender a importância do papel de Yvonne Jean para a UnB, é essencial conhecer sua história, já que ela foi mencionada várias vezes nesta dissertação como autora de diversas reportagens do jornal *Correio Braziliense*.

Yvonne Silberfeld nasceu em Antuérpia, Bélgica, em 1911 e faleceu em 1981 no Brasil. Ela emigrou para o Brasil aos 29 anos, em 29 de agosto de 1940. Posteriormente, casou-se com um catarinense e naturalizou-se brasileira em 23 de março de 1949, adotando o nome de Yvonne Jean da Fonseca (TEIXEIRA, 2017, n.p.; SILVA, 2019, p. 172).

Histologista de formação, Yvonne Jean, ao chegar ao Brasil, conseguiu trabalho no Serviço de Neurobiologia do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Em pouco tempo ela iniciou uma nova jornada profissional como jornalista,

⁶⁷ Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire.

destacando-se rapidamente na imprensa carioca. Ela escreveu “sobre diversos temas, mas principalmente sobre arte, cotidiano, cultura e educação para jornais, Diário de Notícias, Correio da Manhã, Última Hora e *Correio Braziliense*, entre outros títulos” (TEIXEIRA, 2017, n.p.; SILVA, 2019, p. 176). Seus textos refletiam alto conhecimento cultural e uma afinidade com o país, e após sua transferência para Brasília, a convite de Darcy Ribeiro, Yvonne atuou com muito vigor e empenho à Nova Capital e à Universidade de Brasília. Logo que chegou a Brasília para atuar no Centro de Extensão Cultural da Universidade de Brasília, Yvonne Jean se vinculou ao único jornal local, o *Correio Braziliense*. Nele, manteve uma coluna ativa de 1962 a 1971, começando com o nome “Esquina de Brasília”, passando para “Correio Estudantil” e, depois, para “O Ensino Dia a Dia”. Esta coluna era dedicada a textos sobre a educação em Brasília, focando especial atenção às atividades extensionistas da UnB (TEIXEIRA, 2017, n.p.; ANJOS, 2024a, p. 320; ANJOS, 2024b, p. 2 e 3), “onde organizaria cursos e palestras com artistas locais e de outros estados” (SILVA, 2019, p. 177). Em função de suas características e atividades, Yvonne possuía um olhar detalhado e especial dos eventos e do cotidiano da UnB. Ela descrevia de forma singular tudo o que acontecia, oferecendo uma perspectiva que somente poderia ser expressa por alguém que vivenciou ou experienciou o momento. Nesse contexto, Silva (2019) destacou que os textos de Yvonne “ficaram marcados pelas observações do cotidiano, por suas expectativas quanto ao desenvolvimento da cidade e por reivindicações em tons otimistas” (SILVA, 2019, p. 177).

Contribuindo para Brasília e para a UnB, a jornalista Yvonne Jean teve um importante papel na dinâmica social da cidade e nas atividades da universidade. Ela capturou e materializou no jornal momentos importantes que refletiram não apenas as experiências dela, mas também de toda a comunidade brasiliense.

Nesse sentido, Yvonne Jean, na coluna “Esquina de Brasília”, reforçou mais uma vez a proximidade da extensão da UnB com a cidade. Ela anunciou à população que a UnB acolheria todos em seu *campus*, oferecendo acesso a intelectuais, conferências e outros eventos realizados pela universidade. A UnB foi promovida como uma universidade do povo, integrando a vida acadêmica à sociedade e dinamizando a vida da população na cidade. O próprio governo local facilitou o acesso à universidade, criando uma linha de ônibus que levava até os

prédios centrais do *campus* universitário (ESQUINA DE BRASÍLIA, 1962g, p. 4). Ao abrir suas portas para a população, a universidade se estabeleceu como um ponto de referência cultural na capital, demonstrando seu interesse em integrar a universidade com a sociedade.

A aula de história da arte foi uma evidência clara da interação entre a universidade e a população. Essa disciplina do curso de arquitetura foi ministrada no recinto de exposição do Planalto, situado no bloco 1 dos ministérios. A publicação anunciou que a aula estava aberta ao público da cidade desde o dia 22 de abril de 1962, reforçando a integração da UnB com a comunidade. Mesmo sendo uma aula regular da cadeira de arquitetura, a população tinha acesso a ela, o que também serviu como uma forma de divulgar a disciplina, a universidade e suas atividades, que foram iniciadas oficialmente após a solenidade de inauguração da UnB no aniversário de dois anos de Brasília, em 21 de abril de 1962. Assim, é interessante notar que essa relação com a sociedade se estabeleceu rapidamente pela instituição, mesmo antes da inauguração das atividades do departamento de extensão da UnB.

O *Correio Braziliense* anunciou que os cursos de extensão na Universidade de Brasília estavam previstos para iniciar em 22 de maio de 1962. Para que a população compreendesse um pouco o propósito dos cursos oferecidos inicialmente, foi explicado: “É destinado a todos aqueles que desejam se preparar para ingressar no curso pós-graduado do próximo ano letivo: diplomados afastados de há muito do estudo ou da especialidade, entre outros” (CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 8). O jornal passou uma visão parcial do que era a extensão, mas a intenção era de atingir o leitor com essa novidade.

Em outra reportagem, de junho de 1962, a jornalista expõe a expectativa da população de Brasília quanto ao início dos cursos de extensão da UnB:

Muitas pessoas - mas muitas, mesmo - visitam diariamente a Secretaria dos cursos da UnB para se inscreverem para os cursos de extensão. Esta pressa já comprova o interesse despertado pelo anúncio de cursos públicos abrangendo os setores mais diversos! Digo “pressa” porque as inscrições ainda não foram abertas! Prometemos divulgar a data logo que for fixada. Muito em breve. Até lá, não vale a pena perder tempo indo inutilmente até o Bloco 11 da Esplanada dos Ministérios (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962i, p. 9).

Yvonne Jean continua logo em seguida:

E já que há tanta curiosidade e interesse em torno destes cursos, repetimos o nosso pedido de ontem: quem tiver sugestões a fazer, que nos escreva ou telefone desde já, enquanto não for tarde. Serão devidamente encaminhadas e estudadas (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962i, p. 9).

Ficou claro que a população de Brasília estava muito interessada em participar dos cursos e que havia um canal de comunicação entre a instituição e a comunidade para captar as necessidades e os interesses desse público: o *Jornal Correio Braziliense*. O jornal se mostrava como um meio efetivo de comunicação e interação entre a UnB e a população. Mas será que os cursos sugeridos pela população ao jornal foram atendidos e realmente oferecidos pela UnB? Vamos acompanhar o desenvolvimento das atividades de extensão no jornal ao longo desta seção e verificar se o sucesso na procura por cursos se refletiu na efetivação das matrículas.

A jornalista Yvonne Jean, do jornal *Correio Braziliense*, decidiu realizar uma espécie de inquérito entre os leitores, solicitando que enviassem sugestões de cursos de interesse para a área de extensão da universidade. Na ocasião, ela aproveitou para apresentar uma variedade de áreas de cursos que provavelmente seriam oferecidos: arte, literatura, economia, política, sociologia, cinema, astronomia, música, política internacional, história, eletricidade, energia atômica, zoologia, botânica, física, atualização jornalística, eletrônica, horticultura, avicultura, agricultura, floricultura, entre outras (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962h, p. 9). A variedade de assuntos era impressionante para uma universidade recém-criada. Essa era a mensagem que a jornalista queria transmitir aos leitores: a universidade estava se empenhando ao máximo na extensão universitária. Conhecendo bem o perfil acessível da UnB, Yvonne Jean acreditava que as propostas seriam analisadas, dado o interesse manifestado pela população. Seu discurso defendeu as ações de extensão da UnB e buscou promover uma interação real entre a universidade e a população de Brasília:

[...], a UnB tem seus planos pre-estudados e parte dos seus cursos já está sendo estruturada. Porém, conhecendo a flexibilidade que a

caracteriza e o desejo que tem de se entrosar o melhor possível com a população brasiliense, parece-me possível sugerir, além dos cursos necessários, básicos e já programados, alguns outros, a pedido. Assim se os leitores tiverem vontade de se manifestar, que escrevam a esta coluna para dizer que a fruticultura, ou a arte barroca no Brasil ou qualquer matéria interessam sumamente um grupo de estudantes. Encaminharemos as cartas para a organização dos cursos de extensão que examinarão e se houver realmente grande interesse para algumas matérias específicas e se se tratar de assuntos de nível universitário e interesse real, não tenho dúvidas que o caso será estudado e solucionado. Começa, portanto o inquérito pelo qual este jornal põe em prática seu intento de ligar o ensino à população, os professores aos alunos, a Universidade de Brasília à vida da cidade. Estamos esperando sugestões! (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962h, p. 9).

Continuando com a análise das reportagens do jornal, o artigo de Yvonne Jean, publicado em 7 de julho de 1962, anunciou o prazo de encerramento das inscrições para o primeiro curso de extensão cultural da Universidade de Brasília, o curso de iniciação musical. Ela destacou que os alunos não precisavam ter nenhum conhecimento prévio sobre o tema e que, neste curso específico, seria exigido o pagamento de uma taxa, considerada de valor acessível. Além disso, Yvonne anunciou que, em breve, novos cursos seriam oferecidos, como cinema, literatura brasileira, física, história da arte e outros (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962r, p. 9). Para aqueles que não sabiam que a universidade cobrava taxas para alguns cursos de extensão, essa foi uma oportunidade de esclarecimento. Possivelmente, a taxa em questão era para cobrir custos como aluguel de espaço ou outras despesas. No entanto, nem todas as atividades tinham custo, pois muitas eram oferecidas gratuitamente, como, por exemplo:

O professor René Durand dará uma série de palestras destinadas a professores e estudantes, bem como a todos os interessados, sobre o modernismo hispano americano. Estas aulas, que começaram ontem, terão lugar no campus universitário, às 21 horas da noite nos dias 9, 10, 12, 13, 16, 17, 19 e 20 de junho (“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA, 1962t, p. 9).

Desde a inauguração da UnB em Brasília, as crescentes ações de extensão foram notáveis nas reportagens do jornal *Correio Braziliense*, destacando a grande oferta de cursos. É importante ressaltar que a inauguração oficial das atividades de extensão ainda não havia ocorrido, e esse evento seria o momento de apresentar

um grande leque de cursos gratuitos à população de Brasília, assunto que será abordado mais adiante neste capítulo.

Mesmo com a crescente oferta e a aparente disposição para as ações de extensão, a UnB enfrentou desafios para concretizar essas atividades. Como expresso por Gurgel (1986) no texto "EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: COMUNICAÇÃO OU DOMESTICAÇÃO?", a extensão precisava alcançar a população trabalhadora:

A extensão deve ser vista como um espaço possibilitador de estabelecimento de uma ligação com a classe trabalhadora, que permita um intercâmbio de conhecimentos, no qual a universidade aprenda a partir do saber popular e assessore as populações no sentido de emancipação crítica... (GURGEL, 1984, p. 59).

A oferta de cursos no período noturno visava proporcionar oportunidades à população trabalhadora que não podia frequentar o *campus* durante o dia. Isso exigiu um esforço adicional dos ministrantes, majoritariamente professores da própria UnB, que aumentaram sua carga horária para se dedicar às atividades de extensão, visto que a UnB ainda não oferecia cursos regulares à noite. A questão da locomoção ao *campus* parecia estar resolvida com a implementação de uma linha de ônibus, facilitando maior participação da comunidade, conforme apresenta:

A grande maioria dos cursos de extensão da UnB será ministrada à noite para que o público possa ir ao campus universitário após o dia de trabalho. Aqueles que não possuem automóvel e que a ida à Asa Norte, à noite, assusta, podemos anunciar que, em breve, um serviço de ônibus organizado ligará a Rodoviária à Universidade nas horas das aulas de extensão. Os interessados podem, portanto, inscrever-se no curso escolhido sem receio de grandes dificuldades de condução ("CORREIO" ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ad, p. 9).

Outra ocorrência, que evidenciou uma dificuldade na realização do curso de apreciação musical, foi anunciada no jornal sob o título "Departamento de Extensão Cultural da UnB". A mensagem tornada pública dizia: "Participa aos alunos de apreciação musical que não haverá aula esta noite, porque autoridades municipais cancelaram contrato anterior feito com a Universidade de Brasília. Foram inúteis os nossos esforços para evitar o fato que lamentamos" (DEPARTAMENTO DE

EXTENSÃO CULTURAL DA UNB, 1962, p. 3). Esse episódio sugere que o espaço para a realização desse curso provavelmente era alugado, o que pode justificar a cobrança de taxa dos alunos para a sua realização, conforme mencionado anteriormente.

A notícia do jornal *Correio Braziliense*, de 11 de setembro de 1962, chamada “Universidade levará cultura à população de Brasília”, foi a manchete principal da página do jornal, enfatizando a solenidade da inauguração oficial das ações de extensão cultural da UnB que se aproximavam. Na mesma página, Yvonne Jean detalha o programa de extensão, informando os nomes dos professores, horários, títulos das conferências e outras informações relevantes (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962w, p. 9). O programa é apresentado como a concretização dos princípios originários da UnB:

“...que guiaram os criadores da Universidade de Brasília, que, no projeto de organização, citava, entre suas funções, as seguintes:
 ...“Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira;”...
 ...“Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como Capital do País;”...
 ...“Garantir à nova Capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil;”...
 ...“Dar à população de Brasília perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo”... (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962w, p. 9).

Jean ainda enfatiza como a vida da cidade seria impactada pelas ações de extensão:

Com as palestras, conferências, concertos, espetáculos que, além dos cursos, hão de se suceder, dia a dia, noite a noite e quase que hora a hora, no campus universitário, este tornar-se-á, sem dúvida, o lugar de encontro habitual de todos os brasileiros desejosos de mergulhar num ambiente de camaradagem, discussões, arte ou cultura após a rotina do trabalho cotidiano, para povoar as horas de lazer com novos interesses e aproximações (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962w, p. 9).

Na reportagem do dia 12 de setembro de 1962, sob o título “Cursos na Universidade Serão Iniciados 2ª Feira”, exposto em destaque no topo da página,

semelhante à reportagem anterior, o jornal anuncia novamente aos leitores a extensa programação de cursos para o semestre. A jornalista registra que a UnB oferecia um “novo curso de auxiliares de enfermagem, destinado a formar o pessoal indispensável ao funcionamento da rede hospitalar brasiliense” (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ab, p. 9). Ela detalha o programa do curso, permitindo que os interessados ou curiosos visualizassem o conteúdo das aulas. Além disso, a maioria dos cursos era oferecida no horário noturno durante a semana, com três cursos adicionais ministrados nos finais de semana, aos sábados e domingos (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ab, p. 9).

Após os sucessivos anúncios dos dias 11 e 12 de setembro, o *Correio Braziliense* informou à população, no dia 13 de setembro, sobre a alteração da data de início dos cursos, que seria divulgada oportunamente. Na publicação com o título “Transferida a Data de Início dos Cursos ao Público da UnB”, Yvonne Jean enfatizou que a UnB ofereceu 30 cursos de extensão cultural, cumprindo assim o papel de atrair os brasilienses ao *campus* universitário. Ela, mais uma vez, destacou o interesse dos leitores, manifestado pelas inúmeras cartas e telefonemas de interessados enviados ao jornal (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ac, p. 9).

No dia 23 de setembro de 1962, foi anunciada uma “novidade”: o 1º Caderno da Universidade de Brasília - documento expedido pelo Departamento de Extensão Cultural da UnB e incluído na edição do jornal *Correio Braziliense*. O caderno continha informações sobre as atividades didáticas e o funcionamento de 28 cursos de extensão previstos para iniciar no dia 1º de outubro de 1962 (CADERNO DA UNIVERSIDADE, 1962, p. 1). Mas será que esse caderno facilitou a disseminação dos cursos de extensão e a movimentação cultural da cidade? Vamos descobrir mais adiante com a constatação do número de inscritos e os relatos sobre a movimentação de pessoas no *campus*.

O professor Pompeu de Souza, coordenador dos Cursos de Extensão Cultural da UnB, escreveu uma carta que foi publicada pelo jornal *Correio Braziliense* no dia 30 de setembro de 1962. Na carta, intitulada “A Extensão Cultural na Universidade de Brasília”, o professor detalhou as iniciativas de extensão da universidade, explicando a importância dessas atividades para a integração entre a universidade e a comunidade de Brasília. Ele destacou como os cursos de extensão cultural

visavam atrair os brasilienses ao *campus* universitário, promovendo um intercâmbio de conhecimento e cultura entre a academia e a população local.

FIGURA 13 - A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Extensão Cultural na Universidade de Brasília

Prof POMPEU DE SOUSA
(Coordenador dos Cursos de Extensão Cultural)

A abertura, amanhã, dos Cursos de Extensão Cultural é um testemunho a mais do espírito que caracteriza a Universidade de Brasília: o de fazer da cultura um instrumento vivo de ação social, integrado no processo do desenvolvimento nacional e da elevação de nível das nossas populações. Tendo iniciada o funcionamento de seus cursos regulares conjuntamente com o próprio início das obras de construção dos seus primeiros edifícios — seu trabalho é uma obra diária de criação, em que professores e alunos criam uma universidade lado a lado com pedreiros e carpinteiros que a constroem.

A nossa pressa de existir e prestar ao país o serviço que nos atribuímos — e, já nesta altura, ele escora de nós — manifesta-se, assim, em todos os atos da nossa existência tão recente mas tão intensa. Teoricamente, nossa universidade só teria condições físicas de funcionamento a partir de 1964. Na prática, entretanto, estamos funcionando com dois anos de antecedência sobre os cronogramas habituais. Porque, na verdade, tudo quanto fazemos tem o sentido e a marca da construção do habitual, do rotineiro. Damos nossos aulas num canteiro de obras. Mas, antes a isto, a inventiva de Pompeu já possui cursos universitários e a própria Universidade ganha, na sua estrutura-

cão, uma experiência toda feita de realidades concretas. Nasce, pois, e crescerá como um ser vivo, orgânico. O que isto significa, como integração universitária, como criação de uma autêntica Universidade — eis um ato novo na história cultural do Brasil, que o futuro poderá avaliar devidamente.

Sómente dentro deste quadro é que se poderá compreender que uma universidade ainda no segundo semestre de seu funcionamento provisório, do funcionamento anterior à sua própria estruturação — já possa oferecer à população de Brasília um elenco de cursos de extensão que se estende por cerca de 30 matérias diversas, abrangendo desde «Cálculo e Geometria Analítica» até «Aplicação de Físicas da Obra», desde «O Processo da Composição Arquitetônica» até «Cinema — Arte e Indústria».

É que todos os recursos docentes da nossa Universidade foram mobilizados para esses cursos, como antes já o haviam sido para os diversos currículos dos cursos regulares. De resto, nem chegaram a ser mobilizados: mobilizaram-se, eles próprios, os professores, porque isto é, justamente, o que caracteriza o espírito da Universidade de Brasília: o voluntarismo na ação criadora e propagadora de cultura. Espírito, este, que nasceu com o primeiro tijolo e a primeira aula juntos implantados na construção comum. Espírito dos seus dirigentes, dos seus professores, dos seus alunos. Espírito que queremos e vemos, agora, com os Cursos de Extensão Cultural, estender à população de Brasília, toda ela, tão bem representada na múltipla variedade humana que caracterizou as matrículas em tais cursos.

Tudo isso vem demonstrar o acerto da nossa assumida na vida brasileira pela Universidade de Brasília: o Brasil estava precisando, estava esboçando esta revisão no sentido humano e social da cultura, para que ela possa cumprir o seu verdadeiro destino de instrumento da melhoria das condições de vida material e espiritual do povo.

JOÃO GOULART: NOVA

(Conclusão da 1ª página)

valados, representando 7.300.000 cafeeiros e uma área de 15 mil hectares.

PREÇOS MINIMOS
E não se situam apenas nesse

mo, o tempo necessário às assina-
turas do contrato, além de di-
minuir as despesas com a sua
efetivação. Outra medida de
maior alcance ainda será adota-
da pelo Banco do Brasil, com a

Fonte: Correio Braziliense, 30 de setembro de 1962, p. 4. Acessado via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A carta do professor Pompeu de Sousa, publicada no *Correio Braziliense* em 30 de setembro de 1962, expressa a dedicação da Universidade de Brasília em fornecer acesso à cultura para a população, promovendo o desenvolvimento nacional. Ele salientou o esforço e a intensidade que a UnB tornou realidade, antecipando em dois anos o funcionamento dos cursos, que eram programados para começar apenas em 1964. Pompeu afirmou que a universidade cresceu “como um ser vivo: organicamente. O que isto significa, como integração universitária, como criação de uma autêntica Universidade - eis um ato novo na história cultural do

Brasil, que só o futuro poderá avaliar devidamente” (A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 4). Nas palavras do coordenador, é incontestável que os cursos de extensão se tornaram realidade graças ao voluntariado dos professores, que, por iniciativa própria, se disponibilizavam para ministrar os cursos gratuitos. Ainda segundo Pompeu, essa ação dos docentes de se dispor ao trabalho de extensão cultural era uma marca distintiva da instituição no cenário do ensino superior brasileiro.

...o que caracteriza o espírito da Universidade de Brasília: o voluntariado na ação criadora e propagadora de cultura. Espírito, este, que nasceu com o primeiro tijolo e a primeira aula juntos implantados na construção comum. Espírito dos seus dirigentes, dos seus professores, dos seus alunos. Espírito que queremos e vemos, agora, com os Cursos de Extensão Cultural, estender à população de Brasília, toda ela, tão bem representada na múltipla variedade humana que caracterizou as matrículas em tais cursos (A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 4).

Após todo o discurso apresentado na carta, ficou clara a energia que a instituição investiu para concretizar os cursos destinados à população, e como o coordenador acreditava firmemente na causa pela qual estava lutando. Oferecendo cerca de 30 cursos de extensão, a UnB se consolidava como uma referência local e nacional, dada a quantidade e qualidade prometida pelos cursos, que seriam ministrados por renomados professores do ensino regular daquela universidade.

Este capítulo buscou, de certa forma, compreender como a UnB se manifestou nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, ou melhor, como o título do capítulo sugere, visualizar a UnB em Ação em suas dimensões de Ensino, Pesquisa e Extensão. Nesta seção dedicada à "Extensão", ficou evidente que a Extensão Cultural da universidade estava fortemente ativa, influenciando toda a vida cultural da cidade e se refletindo em várias partes do país. Isso reforça o impacto da UnB como referência da capital federal e como um modelo de ensino superior renovado. Seu impacto social e cultural foi percebido de imediato, consolidando a universidade como uma força dinâmica na promoção da educação e cultura acessível a todos, conforme apresenta:

O ambiente da sala de inscrições para os Cursos de Extensão estava agitadoíssimo, ...Pessoas de todas as idades, tipos, classes sociais, ocupações...um grupo do Estado Maior das Forças Armadas, políticos, alunos da CASEB, operários, artistas, e assim por diante... Todos queriam se inscrever antes que fosse tarde... (CURSOS DE EXTENSÃO DA UNB SERÃO INICIADOS AMANHÃ, 1962, p. 9).

A coluna Correio Feminino “Meu Lar”, também do *Correio Braziliense*, se desviou um pouco dos temas habituais para abordar os cursos de extensão da UnB. A coluna exaltou a acessibilidade dos cursos para todos e relatou a participação na solenidade de inauguração dos cursos, considerando-a “um acontecimento dignificante, um desejado encontro dos brasileiros com a intelectualidade” (CORREIO FEMININO. “MEU LAR”, 1962, p. 7). Na publicação, o jornal fez questão de registrar a participação de Darcy Ribeiro, ministro da Educação e Cultura, e a atuação de Anísio Teixeira, que proferiu a aula inaugural, considerada o ponto alto da solenidade. Ficou claro que o jornal retratou esse momento como algo realmente engrandecedor para a população, uma oportunidade de interação com os intelectuais e seus conhecimentos.

Já com os cursos em funcionamento, a jornalista Yvonne Jean fez questão de registrar em sua coluna a quantidade de inscritos: “Nada menos que 1.270 inscrições foram registradas até hoje” (CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962af, p. 9). Ela destacou que o *campus* universitário não era exclusivo para alunos do ensino superior, mas um local acessível e tão frequentado pela população quanto um cinema ou parque (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962af, p. 9). Esse número impressionante de inscritos, que superou a quantidade de alunos regulares da universidade, reflete o esforço conjunto da UnB e do jornal *Correio Braziliense* em divulgar os cursos e alcançar a população.

As aulas dos cursos de extensão foram frequentemente notícia no jornal, mantendo a população informada sobre diversos assuntos, como o cancelamento de aulas devido à doença de um professor, a continuidade das aulas, alterações de horário, entre outras atualizações (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962aq, p. 9; “CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1962ah, p. 9). Regularmente noticiadas, essas informações indicavam que, em pouco tempo, a extensão da UnB se tornou parte da rotina da população. Além dos cursos, as reportagens destacavam que a extensão da UnB incluía conferências e outras

atividades dinâmicas, proporcionando ainda mais oportunidades para a comunidade (CONFERÊNCIA NA UNB, 1962, p. 6).

Como já foi apresentado anteriormente neste capítulo, o ensino ganhava muito com a participação de intelectuais que, de passagem pela UnB, deixavam seu conhecimento na instituição. Esse envolvimento com professores externos, tanto nacionais quanto internacionais, acontecia também na esfera da extensão universitária, como pode ser evidenciado no caso do curso de iniciação musical da UnB destinado a professores. Nesse caso, a universidade contou com a participação do professor alemão Herman Regner, que introduziu um novo método chamado “Orff”⁶⁸. Durante sua estadia em Brasília, ele ministrou um curso de duas semanas, enriquecendo ainda mais a oferta educacional da UnB. Este é um exemplo da contribuição cultural de outros países ao nosso ensino e cultura (“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA, 1963, p. 9).

A popularidade e o alcance dos cursos de extensão em 1962 foram aparentemente um sucesso, o que pode ser visto pela quantidade de inscritos. Yvonne Jean relatou que o jornal recebeu muitos pedidos e perguntas sobre os cursos do semestre seguinte. Em resposta às perguntas apresentadas ao jornal, ela prontamente informou aos leitores que a UnB ofereceria “aproximadamente 23 cursos de extensão, cuja lista será oportunamente publicada” (O ENSINO DIA A DIA, 1963d, p. 9).

Introduzindo mudanças nos cursos de extensão, a Universidade de Brasília mais uma vez inovou em sua atuação. Essa novidade foi apresentada na segunda oferta de cursos de extensão da universidade com o curso “aspectos da civilização clássica”. Com duração de 12 semanas, o curso seria ministrado uma vez por semana, e cada parte seria constituída como uma unidade relativamente independente das outras, ou seja, não seria rigorosamente seriado. “Assim, quem só puder frequentar um semestre não ficará prejudicado, pois cada semestre tratará de uma época histórica determinada e bem caracterizada” (O ENSINO DIA A DIA, 1963e, p. 9). Essa nova abordagem para conduzir os cursos de extensão era ideal para a população em geral, que trabalhava e nem sempre conseguia frequentar os

⁶⁸ Carl Orff (1895 - 1919), nascido na cidade de Munique, Alemanha, foi o nome do fundador do método “Orff”. O conceito surgiu na década de 20 e hoje está difundido em todo o mundo. “A essência da proposta pedagógica de Orff encontra-se na educação musical elementar ou básica. Para o autor, a música elementar oferece oportunidades para vivências significativas, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo” (MATEIRO; LLARI, 2012, p. 140).

curso regularmente no formato tradicional universitário. A UnB buscou compreender seu público e adaptar os cursos à sua realidade.

A publicação “Dezenas de Cursos de Extensão Cultural já abertos na Universidade de Brasília”, de 13 de março, anunciou de fato o início das inscrições para 21 cursos de extensão para o primeiro semestre de 1963. A reportagem incluía detalhes sobre a lista de cursos, datas, horários, carga horária, títulos dos cursos e a exigência ou não de diploma (DEZENAS DE CURSOS DE EXTENSÃO CULTURAL JÁ ABERTOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1963, p. 8).

Quinze dias após o início das inscrições, no dia 30 de março de 1963, o jornal publicou a reportagem “Preferência ao Estudo de Assuntos Sociais: Cursos de Extensão da UnB”. A matéria ofereceu informações valiosas sobre o interesse da população por alguns cursos específicos oferecidos pela instituição e trouxe também um alerta do Departamento de Extensão da UnB, que mostrou preocupação com a redução no número de inscrições em comparação com o semestre anterior. Primeiro, a reportagem destacou a “preferência por cursos de sociologia (tendências atuais do socialismo e problemas econômicos do Brasil contemporâneo)” (PREFERÊNCIA AO ESTUDO DE ASSUNTOS SOCIAIS: CURSOS DE EXTENSÃO DA UNB, 1963, p. 8), uma tendência que já havia sido observada no semestre anterior. Outros cursos de “notável preferência” incluíam música e linguística (PREFERÊNCIA AO ESTUDO DE ASSUNTOS SOCIAIS: CURSOS DE EXTENSÃO DA UNB, 1963, p. 8). Além disso, a notícia informou que o Departamento de Extensão tinha 548 inscritos em seus cursos, menos da metade do número do semestre anterior. O que poderia ter causado essa redução no número de interessados? Na mesma reportagem, o professor Fritz Teixeira de Sales, secretário do Departamento de Extensão Cultural, relatou ao jornal *Correio Braziliense* a existência de um problema com o transporte público no período noturno, o que poderia afetar os cursos que estavam com inscrições abertas. A UnB estava negociando com a Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília (TCB) para ajustar os horários de transporte de modo a atender os cursos sem gerar prejuízo à empresa. Essa questão do transporte pode ter sido uma causa da redução no número de interessados pelos cursos, afinal, a UnB não era facilmente acessível para quem não dispunha de condução própria. Pergunta-se se o problema com o transporte público não ocorreu durante os cursos do semestre anterior e, se ocorreu, se causou evasão dos alunos. O jornal não apresentou essas

informações, o que suscita uma reflexão interessante. A ausência de dados sobre possíveis evasões ou dificuldades enfrentadas pelos alunos no semestre anterior deixa uma lacuna importante para entender completamente a situação.

A aula inaugural dos Cursos de Extensão de 1963 aconteceu no dia 21 de abril, coincidindo com o aniversário da universidade e da cidade de Brasília. O presidente da República, João Goulart, ministrou a aula, que abordou “a luta da Nação pela educação e a cultura. O papel desempenhado pela Universidade no desenvolvimento da nova Capital e a significação de Brasília para solução dos grandes problemas nacionais” (AGENDA CB, 1963, p. 5).

Em 1964, a UnB iniciou suas atividades de extensão com menos destaque em relação aos anos anteriores. A divulgação dos cursos no jornal *Correio Braziliense* diminuiu, possivelmente devido à situação política do país. Embora os cursos ainda fossem mencionados, a vivacidade anterior estava ausente e a grande variedade de cursos ofertados não era mais apresentada. Além disso, o calendário de extensão para o semestre seguinte ainda não havia sido anunciado. Alguns cursos como o de artes, cinema e gravura ainda surgiam nas reportagens de Katucha, em sua Coluna Sociais de Brasília. O filtro realizado nesta pesquisa, sob o tema “Universidade de Brasília”, revelou que a maioria das reportagens de 1964 (até o golpe civil-militar) da área de extensão foram de autoria de Katucha, da coluna Sociais de Brasília. Anteriormente, a maioria das reportagens dessa área eram escritas por Yvonne Jean, jornalista fortemente envolvida nas atividades diárias da UnB e nos assuntos de extensão cultural. Seus textos fizeram falta, pois ela possuía uma característica impressionante de expor os detalhes cotidianos da vida acadêmica e extra-acadêmica no *campus*.

Esta seção, que trata das atividades de extensão da Universidade de Brasília, revela o entusiasmo dos envolvidos na extensão universitária, incluindo professores, alunos, a comunidade externa, políticos e o jornal. A universidade desempenhou uma rotina extensionista de destaque, evidenciada pela ampla oferta de cursos, conferências, seminários, mesas-redondas e outras atividades. Essas iniciativas não só enriqueceram a comunidade acadêmica, mas também influenciaram cultural e socialmente toda a cidade.

A extensão da UnB não apenas ajudou a promover o desenvolvimento integral da população trabalhadora, mas também promoveu o desenvolvimento da

cidade e impulsionou o progresso em várias esferas da sociedade. Na UnB, a extensão funcionou fortemente como um canal de comunicação entre a universidade e a comunidade, desempenhando esse papel de maneira eficaz, conforme observado nas reportagens do *Correio Braziliense* e pelo número de inscrições de seus cursos. Gurgel (1984) apresentou uma conclusão sobre a extensão universitária que corrobora as reflexões sobre a atuação da extensão da UnB em Brasília:

A extensão universitária em uma dimensão de mudança na direção de uma sociedade mais justa e igualitária, tem portanto, obrigatoriedade, de ser uma função de comunicação da universidade com o seu meio, possibilitando assim, a sua realimentação face à problemática da sociedade, propiciando uma reflexão crítica e revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa (GURGEL, 1984, p. 60).

Durante o período analisado, a UnB, por meio de suas iniciativas, desempenhou um papel fundamental na integração, no fortalecimento e no desenvolvimento da comunidade local. Os objetivos específicos desta seção foram alcançados, pois o jornal nos trouxe ricos detalhes das ações da UnB na realização da extensão universitária. Naquela época, havia uma grande necessidade de uma universidade atuante e extensionista que também funcionasse como um centro cultural inovador e dinâmico. A UnB pareceu cumprir esse papel com excelência, proporcionando uma variedade de cursos e atividades que atenderam às necessidades da população e promoveram um enriquecimento cultural e educacional significativo.

CAPÍTULO 3 - PRODUTO TÉCNICO

A Universidade de Brasília é uma jovem instituição federal de ensino superior (62 anos), reconhecida no Brasil e no exterior. Esse reconhecimento, que a Universidade de Brasília possui atualmente, está diretamente ligado ao fato de ter sido concebida como um modelo inovador e diferenciado para o cenário educacional brasileiro. Essa característica despertou o interesse em investigar como se estruturaram o ensino, a pesquisa e a extensão em seus anos iniciais, bem como a gestão implementada na instituição até o período que antecedeu o golpe civil-militar de abril de 1964. A partir da análise e reflexão de fontes jornalísticas e o resultado da presente dissertação, constatou-se a relevância de disseminar o conhecimento gerado que contribui para o enriquecimento da história da educação em um período marcado por transformações no ensino superior brasileiro. Assim, propõe-se um curso de curta duração, com carga horária de 12 horas, dividido em três encontros, voltado tanto à comunidade acadêmica quanto à sociedade em geral, com o objetivo de apresentar os primeiros anos da UnB.

Título do curso: A história dos primeiros anos da Universidade de Brasília (1960-1964)

Resumo da proposta: Este curso de curta duração visa apresentar a trajetória inicial da Universidade de Brasília (1960-1964), destacando como aconteceram o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão sob uma perspectiva cotidiana. A proposta se baseia em análises de reportagens do jornal *Correio Braziliense*, que documentou a trajetória da UnB e o impacto dela na capital do Brasil e, especialmente, na população local.

Justificativa: A história cotidiana da Universidade de Brasília nos seus primeiros anos (1960 - 1964) ainda é pouco explorada em materiais acadêmicos. Muitos estudos enfatizam os ideais fundacionais da Universidade de Brasília explanados pelos seus fundadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, mas o cotidiano da instituição ao longo de seus mais de 60 anos de existência tem sido pouco explorado, especialmente no que diz respeito ao seu impacto diário na sociedade, à percepção de sua gestão e ao modo como suas atividades foram vivenciadas pela comunidade.

Monteiro (2021) endossa a percepção de que os textos sobre a história da UnB expressam as ideias fundantes:

...percebeu-se que os textos que tratam especificamente sobre a história institucional, manejaram e perpetuaram a narrativa dominante expressa nas crônicas dos fundadores da Universidade. Outra observação foi que as demais fontes secundárias ao abordarem a universidade, estão interessadas somente em apresentá-la situando seu objeto de estudo, dessa forma também reproduziram a história contida nas crônicas fundadoras (MONTEIRO, 2021, p. 58).

Ou seja, este trabalho abordará um conteúdo que vai além de cursos, unidades ou indivíduos específicos, buscando oferecer uma visão mais ampla da instituição. O foco recai sobre como as ações e atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão que se desenrolaram no cotidiano da Universidade são apresentadas nas páginas do jornal diário. Também se inclui uma contextualização sobre a cidade onde a universidade foi estabelecida: uma capital recém-criada em 1960, com um propósito modernizador e voltada para ser o centro do poder do país. Diante desse impacto nacional, Brasília demandava uma “universidade-modelo” projetada com o mesmo espírito de inovação e modernidade, representando um modelo a ser seguido, dada sua localização na capital federal.

A ideia de criação de uma universidade na nova capital do país justificava-se pelo argumento de que o centro do poder deveria ter no plano cultural o equivalente ao que era exibido no plano arquitetônico ou urbanístico. A universidade corresponderia ao desafio inovador que a cidade de Brasília representava no cenário urbano brasileiro. O antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) esteve envolvido à exaustão nessa fase inicial de construção do que, em sua perspectiva, confirmaria o ineditismo da nova capital: a criação de uma universidade modelo, à frente de seu tempo, inovadora, sintonizada com os ares de refundação do país (BOMENY, 2016, p. 1.004).

O conteúdo publicado pelo jornal *Correio Braziliense* possibilitou o acesso à rotina e ao desenvolvimento da universidade, revelando momentos de vivência de sua comunidade acadêmica. Além disso, permite uma reflexão da situação da história da educação superior no Brasil e em Brasília, revelando a formação de capital intelectual da nova capital em um contexto histórico marcado por peculiaridades sociais, econômicas e políticas. Diante dessa possibilidade de análise

diferenciada e pormenorizada, este jornal foi escolhido como fonte principal da pesquisa, sendo devidamente categorizado, analisado e interpretado para atender aos objetivos do estudo. Os jornais diários, como o *Correio Braziliense*, são materiais em que encontramos registros da vida cotidiana de uma sociedade, oferecendo amplas possibilidades para estudos relacionados à história da educação (ANJOS, 2022). Ainda sobre a utilização do jornal diário, Anjos (2022) apresenta a multiplicidade que essa fonte fornece ao pesquisador para compreender a história cotidiana de uma instituição ou comunidade:

Seja por dar voz a sujeitos anônimos e/ou esquecidos – quer sejam editores, redatores, intelectuais, leitores – seja por colocar em relevo instituições sociais como a escola, o jornal diário fornece possibilidade de se recuperarem para a escrita histórica, evidências não só da lógica que organiza a vida social, mas vestígios dos elementos de funcionamento da própria instituição escolar enquanto um de seus elos constituidores e objeto de disputa e valoração (ANJOS, 2022, p. 39).

Ademais, é relevante compreender a UnB no contexto histórico do ensino superior no Brasil, pois ela foi resultado de experiências educacionais nacionais e internacionais (MOROSINI, 2021; RIBEIRO, 1969). “A velha universidade estava em crise. Não tinha padrões estruturais ou modelos operativos a nos oferecer. Éramos, pois, livres e estávamos desafiados a repensar” (RIBEIRO, 1986, p. 4). A universidade foi uma das consequências do movimento da intelectualidade brasileira iniciado na década de 1920, época em que os debates se concentraram na renovação do ensino e na transformação das estruturas educacionais tradicionais (RIBEIRO, 1969; NÓBREGA *et al.*, 2021).

Diante dessas mudanças, o curso de pequena duração surge como oportunidade de disseminar esses achados, permitindo que a comunidade compreenda o papel desempenhado pela UnB na educação superior, os esforços envolvidos em sua concretização e sua relevância para a cidade que a agregou.

Ementa:

O curso abordará a história cotidiana da Universidade de Brasília entre 1960 e 1964, explorando seu planejamento, sua implementação e sua consolidação como uma instituição, à época, inovadora. Serão discutidos os pilares do ensino, da pesquisa e

da extensão, bem como a gestão da universidade, sua inserção na cidade de Brasília e seu impacto no cenário educacional brasileiro.

Objetivos:

1. Analisar fontes históricas jornalísticas para compreender o contexto histórico da UnB;
2. Conhecer os primórdios da história da Universidade de Brasília sob uma ótica comum e cotidiana;
3. Compreender como a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão aconteceram na UnB e se ela aconteceu como foi idealizado e planejado;
4. Identificar as ações inovadoras da UnB e seu impacto no ensino superior brasileiro.

Perfil dos participantes:

Comunidade acadêmica e público externo interessado na história da educação e de Brasília.

Metodologia:

O curso será desenvolvido a partir da análise de jornais, com foco na interpretação crítica e reflexiva dos artigos do *Correio Braziliense*. As aulas serão divididas entre momentos expositivos e atividades de discussão, favorecendo a interação e a dinâmica dos conteúdos. O curso terá uma carga horária total de 12 horas, distribuídas em três encontros presenciais.

Conteúdo do minicurso:

No primeiro encontro, será introduzido o conteúdo referente à contextualização histórica do ensino superior no Brasil no período de 1960. Será apresentado o panorama das universidades brasileiras no Brasil e os movimentos da intelectualidade brasileira pela modernização do ensino superior. Na oportunidade será apresentada também a história da cidade de Brasília, que é a cidade que acolheu a Universidade de Brasília e se insere no contexto de sua criação e concretização. Introdução de conceitos básicos sobre análise de documentos históricos e representação serão discutidos, oportunizando o entendimento de como utilizar as fontes jornalísticas para a compreensão da história da UnB. Com isso, pretende-se alcançar um entendimento sobre o contexto social, político e econômico do país em que a Universidade de Brasília se inseriu no cenário educacional brasileiro.

No segundo encontro, será apresentada a trajetória histórica da aprovação da UnB nos bastidores do Congresso Nacional. Nesse contexto, serão analisadas reportagens publicadas no jornal *Correio Braziliense* que divulgaram na íntegra legislações, pareceres e outras notícias relacionadas à tramitação do projeto de criação da UnB, à aprovação da lei que instituiu a Fundação Universidade de Brasília e à trajetória de sua implantação na cidade de Brasília para o início das atividades da instituição. O objetivo desta aula é destacar o caminho percorrido para conceber, aprovar e implementar a UnB, evidenciando os desafios enfrentados e os esforços realizados nesse processo.

No terceiro encontro, será detalhada a universidade em ação, destacando o desenvolvimento das suas atividades de gestão, ensino, pesquisa e extensão tanto na cidade de Brasília quanto na cidade universitária. Serão apresentadas reportagens do *Correio Braziliense* para discutir essas atividades de forma mais interna e cotidiana, permitindo uma visão mais clara do que a instituição realmente desenvolveu, inovou ou se distanciou do que foi inicialmente proposto. O objetivo desta aula é possibilitar que os cursistas compreendam o vivido pela instituição e pela comunidade acadêmica, assim como a influência da universidade sobre a população local, que experimentou diretamente suas transformações e impactos.

Avaliação:

A avaliação será realizada de forma contínua durante as aulas, considerando a participação nos momentos de discussão dos artigos jornalísticos. Ao final do curso, os participantes deverão entregar uma carta reflexiva, comparando a percepção que tinham da UnB antes e depois do curso. Nela, os alunos devem apresentar de forma breve a história da instituição, sua representação nos jornais e a percepção sobre o impacto que a UnB causou nos âmbitos educacional e social da população.

Referências:

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 37-54, 2022.

BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. spe, p. 1003–1028, 2016.

MONTEIRO, Amanda Rafaelly Casé. **Os projetos e as experiências educacionais da FAU e da UnB (1957-1972)** (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

MOROSINI, Marília (Org.). **Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. 2 v. (Ries/Pronex; v. 10 e 11). Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/>.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. 32 p

NÓBREGA, Juliana Regina Avelar da; FARRERO, Jordi Garcia; PULINO, Lúcia Helena Cavazin Zabotto. Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma práxis em processo. **History of Education in Latino America**. Natal, v. 4, p. 2 - 21, 2021.

Referências sugeridas:

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Paraná. **Metodologia da pesquisa científica em educação: dos desafios emergentes a resultados eminentes**. Curitiba: Ithala, p. 100-113, 2016.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. Tradução . São Paulo: Humanitas, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988. 244 p.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 89-125, 1998.

SALMERON, Roberto. **A Universidade Interrompida**: Brasília, 1964 - 1965. Brasília: Editora da UnB, 2012.

CONCLUSÃO

O conteúdo apresentado nesta dissertação possibilitou a visualização da trajetória da Universidade de Brasília entre 1960 e 1964, utilizando as notícias divulgadas no jornal *Correio Braziliense* como fonte para compreender o desenvolvimento das atividades essenciais da universidade durante esse período. O jornal foi escolhido como a principal fonte de pesquisa em função das suas características textuais e da riqueza informativa contida nele, que possibilitam reflexões que nos aproximam do vivido pelas pessoas comuns, ou seja, uma representação dos fatos da UnB em seu cotidiano a partir de sua relação com a sociedade, apresentado por diversos atores frequentemente ausentes em outras fontes. As informações coletadas foram interpretadas, catalogadas e contextualizadas, demonstrando a relevância dessa fonte para as investigações sobre a UnB e muito pertinente por contribuir para as investigações na área da história da educação. A partir dessa abordagem, apresentou-se o processo de instalação e gestão da universidade, bem como foram delineadas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão cultural sob a ótica do cotidiano. Além disso, foi elaborado um produto técnico, um curso de curta duração, que visa divulgar a história inicial da universidade à comunidade.

No Capítulo 1, a dissertação delineou a trajetória da UnB desde a tramitação no Congresso Nacional, antes mesmo da formalização e do início de suas atividades em Brasília. A pesquisa, desta forma, contribuiu para acompanhar a dinâmica cotidiana e cronológica dos acontecimentos a partir de 1960, dois anos antes da inauguração da instituição. Com a instituição e instalação da UnB na cidade de Brasília acompanhou-se uma grande movimentação na rotina da cidade e no discurso que a mídia, os políticos e a sociedade faziam para reforçar a importância da universidade para Brasília, para a sua população e para o Brasil. A UnB não seguia o modelo tradicional de universidade encontrado em outras cidades, ela era uma proposta inovadora, inspirada nas melhores experiências educacionais e concebida para ser concretizada na nova capital federal (MONTEIRO, 2021). Para contextualizar o leitor, foram apresentados alguns modelos de universidades brasileiras, bem como o contexto histórico que marcou o início das movimentações em prol das mudanças no ensino superior no Brasil. A Universidade de Brasília,

neste panorama de busca de mudanças e renovação no ensino superior brasileiro, ficou conhecida e demonstrou ser uma Universidade Necessária para o Brasil, visto a proposta estruturada que a fundamentou (CAMARGO *et al.*, 2022; RIBEIRO, 1969).

O laço criado entre a universidade e a cidade foi fortemente percebido nas reportagens, que projetavam um modelo moderno para as duas e enfatizaram sua interdependência, pois o sucesso de uma dependia da outra, Brasília precisava da universidade e a universidade precisava de Brasília. A capital era o centro do país, e ali surgiu a oportunidade de criar novas possibilidades políticas, econômicas e sociais para o Brasil, além de implementar um modelo de ensino universitário renovado que servisse de exemplo para as demais instituições. No decorrer do capítulo, ficou claro que tanto a população quanto o governo tinham convicção de que a universidade inovadora seria um modelo capaz de transformar o ensino superior no Brasil.

Claro que existiam pessoas contrárias à universidade, e a pesquisa não foi realizada de forma isolada, sendo apontados momentos em que ocorreram as objeções. Foram apresentados relatos das dificuldades enfrentadas pela UnB ao longo de sua trajetória, sejam devidos às oposições durante a tramitação de seu projeto no Congresso Nacional, ou a questões de ordem pessoal, política e financeira.

A cidade foi abordada ao longo dos capítulos, mas, especificamente no Capítulo 1, ao tratar do processo de instalação e gestão da Universidade Necessária, foram apresentados mais detalhes sobre os aspectos geográficos e de planejamento da cidade. Brasília foi projetada para se destacar por sua modernidade. A universidade estava envolvida em sua cidade, com ambas, cidade e universidade, entrelaçadas para se fortalecerem e se concretizarem.

Durante todo o processo de escrita, o Plano Orientador da Universidade de Brasília foi utilizado, pois ele servia como o guia da universidade naquela época. O plano urbanístico de Lúcio Costa e o Plano Educacional de Anísio Teixeira também foram referências importantes que auxiliaram na compreensão do papel e da localização da UnB na cidade. Esses documentos serviram como norteadores, exemplificando os planos para a educação na capital.

O Capítulo 2, ao apresentar a UnB em ação, conclui que, desde a sua instituição em Brasília, a universidade atuou de forma integrada em todas as suas áreas, mantendo unido o ensino, a pesquisa e a extensão. E, embora fosse uma universidade jovem, a UnB demonstrou empenho em implementar o novo modelo de ensino superior idealizado pelos intelectuais brasileiros. Nesse contexto, foi possível constatar as inúmeras adversidades enfrentadas pela UnB na busca da concretização do seu ideal educativo, mas, cabe destacar que, em nenhum momento, permaneceu passiva diante dos desafios. Esse vigor da instituição foi expresso de diversas formas, conforme detalhado nos capítulos deste trabalho. A busca incansável pela gestão da UnB para a contratação de docentes e de pessoal técnico qualificado, alinhada ao modelo de ensino almejado, são bons exemplos desse empenho, além disso, a conquista de espaço para a realização das aulas desde o início ilustram essa dedicação. Mendonça (2000) também reconheceu a intensidade que a UnB representava no Brasil, devido ao modelo de ensino projetado:

A Universidade de Brasília foi implantada com uma enorme rapidez e seus professores foram recrutados entre o que havia de melhor no país. Esses professores eram atraídos, em grande parte, pela mística que se constituiu em torno da nova universidade (MENDONÇA, 2000, p. 144 - 145).

A pesquisa acadêmica teve início com os primeiros cursos e pode ser considerada uma das marcas da UnB, pois representava uma esperança de abrir o país a novas possibilidades de modernização. As atividades de extensão foram, aparentemente, um grande sucesso, como evidenciado tanto pela quantidade de cursos oferecidos quanto pelo impacto significativo na comunidade, impulsionando socialmente a cidade e contribuindo para a capacitação da população local. É inegável que as atividades da UnB aproximaram a universidade de sua comunidade, contribuindo não apenas para o crescimento regional, mas também para o fortalecimento de Brasília como capital federal e para o desenvolvimento nacional.

Assim, a hipótese da pesquisa foi confirmada visto que as notícias jornalísticas permitiram retratar ou compreender a realidade vivenciada pela Universidade de Brasília junto à comunidade acadêmica e à população de Brasília. A partir das análises dos artigos do *Correio Braziliense*, a universidade mostrou que,

além de propor um modelo inovador, enfrentou desafios para consolidar seu ideal de ensino superior. No entanto, em 1964, com a invasão militar na UnB e as mudanças na gestão, os ideais de seus fundadores foram alterados. Darcy Ribeiro almejou uma universidade que, além de laica e gratuita, rompesse com os paradigmas do modelo educacional superior tradicional vigente, e em cuja universidade o ensino, a pesquisa e a extensão seriam os marcos da modernização educacional brasileira.

No decorrer dos capítulos, foi possível observar o processo de instalação e gestão da Universidade de Brasília, bem como o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, vistos, de certa forma, de “dentro”, ou seja, com o olhar cotidiano de sua comunidade. Esses aspectos foram retratados nas publicações do jornal *Correio Braziliense*, oferecendo detalhes que não encontramos nos livros de história, onde os atores - “pessoas comuns” - expressam suas percepções e reações perante esse projeto ambicioso. Esses relatos, vivenciados pela população, são dados importantes para a história da educação. Essa fonte jornalística também possibilitou a compreensão das representações simbólicas e culturais que moldaram a identidade da UnB. O Produto Técnico tem a intenção de se tornar uma ferramenta de disseminação da história da instituição nos seus primeiros anos, tanto para a população acadêmica quanto para o público em geral, uma vez que o trabalho desta pesquisa visa compreender como o novo modelo de ensino superior proposto foi desenvolvido na capital do Brasil e seus impactos.

Por fim, o problema da pesquisa foi respondido e o objetivo geral alcançado, pois apresentou detalhadamente como a UnB foi constituída e realizou suas atividades de gestão, ensino, pesquisa e extensão sob uma visão cotidiana possibilitada pelos relatos do jornal local da época.

Assim, a presente dissertação contribui para a historiografia da educação ao apresentar e compreender a história da UnB de 1960 a 1964, em num contexto de desafios e busca pela modernização do ensino superior e do país. Esta experiência educacional da Universidade de Brasília mostrou-se relevante diante do modelo que apresentou ao país, contudo ainda carece de mais análises e compreensões, considerando sua posição no cenário educacional.

FONTES

A EDUCAÇÃO E A SALUBRIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de fevereiro de 1961, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/3178. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

A EPOPÉIA DOS VILAS BOAS. **Correio Braziliense**, 28 de junho de 1963, p. 08, edição 00954 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10954. Acesso em: 21 de maio de 2024.

A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 30 de setembro de 1962, p. 4, edição 00734(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8410. Acesso em: 25 de maio de 2024.

AGENDA CB. **Correio Braziliense**, 19, abril 1963, p. 05, edição 00897 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10222. Acesso em: 26 de maio de 2024.

ANÍSIO TEIXEIRA O NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE. **Correio Braziliense**, 20 de junho de 1963, p. 01, edição 00947 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10869. Acesso em:

ANÍSIO TEIXEIRA PINTA PARA MEC. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 de março de 1961, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/3553. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

ANÚNCIO CLASSIFICADOS. **Correio Braziliense**, 26 de janeiro de 1963, p. 11, edição 00830(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9420. Acesso em: 21 de maio de 2024.

APROVADOS DOZE PROJETOS PELO “QUORUM” MÍNIMO. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de dezembro de 1960, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/2531. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

ASSINADO DECRETO DA FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 16 de janeiro de 1962, p.5, edição 00524(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6202. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

AURO MOURA É DO CONTRA. **Correio Braziliense**. Brasília, 26 de outubro de 1960, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/2071. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

AVISO. **Correio Braziliense**, 14 de maio de 1964, p. 07, edição 01218 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/14326. Acesso em: 20 de maio de 2024.

BRASÍLIA NÃO É CIDADE SEM CONDIÇÃO DE HABITABILIDADE. **Correio Braziliense**, 20 de junho de 1962, p. 8, edição 00649(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7462. Acesso em: 21 de maio de 2024.

CADERNO DA UNIVERSIDADE. **Correio Braziliense**, 23 de setembro de 1962, p. 1, edição 00728(4). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8345. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CANDANGOS HOMENAGEADOS. **Correio Braziliense**, 21 de abril de 1962, p.02, edição 00601(5). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6889. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO. EDITAL Nº 02/64. **Correio Braziliense**, 21 de março 1964, p. 07, edição 01176 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13780. Acesso em: 20 de maio de 2024.

CIMUB FUNCIONARÁ SÓ COM O 3º CIENTÍFICO. **Correio Braziliense**, 21 de fevereiro 1964, p. 08, edição 01151 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13445. Acesso em: 20 de maio de 2024.

COMUNICAÇÃO DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 18, outubro 1963, p. 01, edição 01048 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/12114. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CONCÊRTO DE MÚSICA CLÁSSICA. **Correio Braziliense**, 14 de junho de 1962, p. 8, edição 00644(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7406. Acesso em: 20 de maio de 2024.

CONFERÊNCIA NA UNB. **Correio Braziliense**, 29 de novembro de 1962, p. 6, edição 00783 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8900. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL. NOTA OFICIAL DA PRESIDÊNCIA DO GABINETE. **Correio Braziliense**. Brasília, 01 de janeiro de 1962, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6126. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA OBEDECEU AO RITMO BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 21 de abril de 1962, p. 07, edição 00601(5). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6894. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 de fevereiro de 1962a, p. 11, edição 00561(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6536. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 31 de maio de 1962b, p. 6, edição 00633(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7276. Acesso em: 18 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, 03 de junho de 1962c, p. 06, edição 00635(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7296. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 05, junho, 1962d, p. 9, edição 00636(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7311. Acesso em: 18 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, 06 de junho de 1962e, p. 9, edição 00637(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7323. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 10 de junho de 1962f, p. 9, edição 00641(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7371. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 14 de junho de 1962g, p. 9, edição 00644(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7407. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 15 de junho de 1962h, p. 9, edição 00645(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7419. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 16 de junho de 1962i, p. 9, edição 00646(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7431. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 20 de junho de 1962j, p. 9, edição 00649(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7463. Acesso em: 21 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 23 de junho de 1962L, p. 9, edição 00651(3). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7486. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 26 de junho de 1962m, p. 9, edição 00653(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7511. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 28 de junho de 1962n, p. 9, edição 00655(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7531. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 01 de julho de 1962o, p. 9, edição 00657(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7555. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 04, julho, 1962p, p. 9, edição 00659(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7579. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 06, julho, 1962q, p. 9, edição 00661(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7603. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 07, julho, 1962r, p. 9, edição 00662(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7615. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 08 de julho de 1962s, p. 9, edição 00663(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7627. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de julho de 1962t, p. 9, edição 00664(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7639. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 14 de julho de 1962u, p. 9, edição 00669(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7693. Acesso em: 20 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 de julho de 1962v, p. 9, edição 00674(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7749. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 25 de julho de 1962x, p. 9, edição 00677(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7785. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 26 de julho de 1962y, p. 9, edição 00678(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7797. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 de julho de 1962z, p. 9, edição 00680(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7821. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 11 de setembro de 1962w, p. 9, edição 00717(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8213. Acesso em: 24 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 12 de setembro de 1962ab, p. 9, edição 00718(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8225. Acesso em: 24 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 13 de setembro de 1962ac, p. 9, edição 00719(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8237. Acesso em: 24 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 15 de setembro de 1962ad, p. 9, edição 00721(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8257. Acesso em: 23 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 de setembro de 1962ae, p. 9, edição 00732(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8395. Acesso em: 25 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 de outubro de 1962af, p. 9, edição 00752(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8603. Acesso em: 25 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 06 de novembro de 1962ag, p. 9, edição 00764(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8735. Acesso em: 25 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, 08, novembro 1962ah, p. 9, edição 00766 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8759. Acesso em: 25 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, 11 de novembro de 1962ai, p. 9, edição 00769 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8791. Acesso em: 19 de maio de 2024.

“CORREIO” ESTUDANTIL. O Ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 17 de janeiro de 1963, p. 9, edição 00822(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9326. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CORREIO” LITERÁRIO. **Correio Braziliense**. Brasília, 06 de maio de 1962, p. 10, edição 00612(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7044. Acesso em: 18 de maio de 2024.

CORREIO FEMININO. ‘MEU LAR” **Correio Braziliense**, 03 de outubro de 1962, p. 7, edição 00736(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8441. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CORREIO” UNIVERSITÁRIO. **Correio Braziliense**. Brasília, 15 de abril de 1962, p. 9, edição 00597(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6850. Acesso em: 18 de maio de 2024.

CURSO DE ARQUITETURA INICIA-SE AMANHÃ. **Correio Braziliense**, 08 de abril de 1962, p.04, edição 00591(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6785. Acesso em: 25 de maio de 2024.

CURSOS DE EXTENSÃO DA UNB SERÃO INICIADOS AMANHÃ. **Correio Braziliense**. Brasília, 30 de setembro de 1962, p. 9, edição 00734(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8415. Acesso em: 26 de maio de 2024.

CRIADOS NOVOS CURSOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 20 de maio de 1962, p. 08, edição 00624(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7178. Acesso em: 21 de maio de 2024.

DARCY E UB. **Correio Braziliense**, 18 de setembro de 1962, p. 1, edição 00723(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8273. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

DEZENAS DE CURSOS DE EXTENSÃO CULTURAL JÁ ABERTOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 13 de março de 1963, p. 08, edição 00867 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9857. Acesso em: 21 de maio de 2024.

DF TERÁ UNIVERSIDADE: EXPOSIÇÃO. **Correio Braziliense**. Brasília, 25 de agosto de 1960, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/1437. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO CULTURAL DA UNB. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 de julho de 1962, p. 3, edição 00679(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7803. Acesso em: 23 de maio de 2024.

DIVULGADOS OS PLANOS PARA 62 DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 20 de janeiro de 1962, p. 7, edição 00528(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6236. Acesso em: 13 de maio de 2024.

EDITAL. **Correio Braziliense**, 05 de março de 1964, p. 07, edição 01162 (3). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13580. Acesso em: 20 de maio de 2024.

EDITAL. **Correio Braziliense**, 06 de março de 1964, p. 13, edição 01163 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13604. Acesso em: 20 de maio de 2024.

EDITAL. **Correio Braziliense**, 08 de março de 1964, p. 14, edição 01165 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13633. Acesso em: 20 de maio de 2024.

EDITAL. **Correio Braziliense**, 14 de março de 1964, p. 03, edição 01170 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13698. Acesso em: 20 de maio de 2024.

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO DF LANÇOU SEU 1º LIVRO. **Correio Braziliense**, 04, agosto, 1962, p. 9, edição 00686(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7885. Acesso em: 18 de maio de 2024.

EDUCAÇÃO. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de novembro de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5665. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

ENTREVISTA COLETIVA NA UNIVERSIDADE. **Correio Braziliense**. Brasília, 25 de maio de 1962, p. 7, edição 00628(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7221. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 15 de outubro de 1963, p. 09, edição 01045 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/12082. Acesso em: 15 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. UNIVERSIDADE “BOSSA NOVA”. **Correio Braziliense**, 21 de janeiro de 1962i, p.4, edição 00529. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6241. Acesso em: 15 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. TEMPO DE MEDITAR. **Correio Braziliense**. Brasília, 23 de janeiro de 1962h, p. 4, edição 00530. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6253. Acesso em: 15 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. O CURSO TRONCO. **Correio Braziliense**, 24 de janeiro de 1962a, p.4, edição 00531(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6261. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. MIL PERSONALIDADES. **Correio Braziliense**. Brasília, 11 de fevereiro de 1962e, p. 4, edição 00547(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6405. Acesso em: 15 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 de fevereiro de 1962b, p. 11, edição 00561(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6536. Acesso em: 17 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. "ENTREVISTAS". **Correio Braziliense**, 30 de março de 1962d, p. 04, edição 00583(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6721. Acesso em: 17 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. MUTIRÃO, CANDANGOS E BURITIS. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 de abril de 1962f, p. 4, edição 00601(5). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6891. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. O ÔNIBUS "ALVORADA" E AS AULAS. **Correio Braziliense**. Brasília, 25 de abril de 1962g, p. 4, edição 00603(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6947. Acesso em: 22 de maio de 2024.

ESQUINA DE BRASÍLIA. ARTESANATO UNIVERSITÁRIO. **Correio Braziliense**. Brasília, 17 de maio de 1962c, p. 4, edição 00621(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7142. Acesso em: 18 de maio de 2024.

ESTUDANTES VÃO PLEITEAR ABONO DE FALTAS. **Correio Braziliense**, 17, setembro, 1961, p.7, edição 00426 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5161. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

FREI MATHEUS MANTEVE CONTATOS COM MESTRES E ALUNOS APÓS ASSUMIR A REITORIA DA U.N.B. **Correio Braziliense**, 21, setembro, 1962, p. 8, edição 00726(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8316. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

HISTÓRIA DA ARTE. **Correio Braziliense**. Brasília, 03 de maio de 1962, p. 8, edição 00609(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7010. Acesso em: 18 de maio de 2024.

HOJE A POSSE DO NOVO REITOR: UNB. **Correio Braziliense**, 19 de junho de 1963, p. 08, edição 00946 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10857. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

IMPORTANTES LEIS SANCIONADAS PELO CHEFE DO EXECUTIVO. **Correio Braziliense**. Brasília, 17 de dezembro de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5973. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

INEXISTÊNCIA DE CATEDRÁTICOS FOI TEMA NO CONCLAVE DE QUITANDINHA. **Correio Braziliense**, 25 de julho de 1962, p. 8, edição 00677(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7784. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

INICIADO ONTEM O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 de fevereiro de 1962, p. 7, edição 00560(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6524. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

INICIADAS ONTEM AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de abril de 1962, p. 7, edição 00592(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6797. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

INVESTIGAÇÕES FLORESTAIS NO CERRADO DO DF. *Correio Braziliense*, 17 de julho de 1963, p. 03, edição 00970 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/11146. Acesso em: 22 de maio de 2024.

MAIS DE MIL CANDIDATOS INSCRITOS PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Correio Braziliense*, 08 de fevereiro de 1962, p.8, edição 00544(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6385. Acesso em: 15 de maio de 2024.

MARCADOS PARA 2ª FEIRA EXAMES VESTIBULARES NA UNIVERSIDADE. *Correio Braziliense*. Brasília, 24 de fevereiro de 1962, p.6, edição 00558(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6513. Acesso em: 15 de maio de 2024.

MATERIAL DE PROPAGANDA COMUNISTA APREENDIDO PELO EXÉRCITO NA UNB. *Correio Braziliense*, 10 de abril de 1964, p. 08, edição 01191 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13963. Acesso em: 15 de maio de 2024.

MINISTÉRIOS... VISITA. *Correio Braziliense*, 10 de agosto de 1962, p. 6, edição 00691(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7942. Acesso em: 21 de maio de 2024.

MINISTÉRIOS. *Correio Braziliense*, 19 de setembro de 1962, p. 3, edição 00724(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8287. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

MÚSICOS DE TODO O PAÍS ESTARÃO AMANHÃ EM BRASÍLIA. *Correio Braziliense*, 02 de dezembro 1962, p. 8, edição 00786 (1). Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028274_01/8930. Acesso em: 20 de maio de 2024.

NOTÍCIAS EM FOCO. *Correio Braziliense*, 12 de maio de 1964, p. 06, edição 01216 (3). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/14303. Acesso em: 20 de maio de 2024.

NOTICIÁRIO DOS ESTADOS. RECIFE (Meridional). UNIVERSIDADE. *Correio Braziliense*, 19 de outubro de 1960, p.10, edição 00152 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/2011. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024

NOVO REITOR DA UNB PROMETE ACELERAR O RITMO DAS OBRAS. *Correio Braziliense*, 24 de abril de 1964, p. 06, edição 01202 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/14111. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

O ABONO DE FALTAS SERÁ RESOLVIDO ESTA SEMANA. *Correio Braziliense*. Brasília, 01 de outubro de 1961, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5302. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. *Correio Braziliense*, 26 de janeiro de 1963a, p. 09, edição 00830(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9418. Acesso em: 20 de maio de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. *Correio Braziliense*. Brasília, 29 de janeiro de 1963b, p. 9, edição 00832(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9442. Acesso em: 21 de maio de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. *Correio Braziliense*, 03 de fevereiro de 1963c, p. 09, edição 00837(1). Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028274_01/9502. Acesso em: 21 de maio de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 20 de fevereiro de 1963d, p. 9, edição 00851(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9670. Acesso em: 26 de maio de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 03 de março de 1963e, p. 9, edição 00859(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9762. Acesso em: 26 de maio de 2024.

O ENSINO DIA A DIA. **Correio Braziliense**, 19 de maio de 1963f, p. 09, edição 00921 (3). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10550. Acesso em: 21 maio de 2024.

OPPENHEIMER VISITOU O MEC. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 de setembro de 1961, p. 6, edição 00429(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5196. Acesso em: 13 de maio de 2024.

ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Correio Braziliense**, 04 de dezembro de 1962, p. 1, edição 00787 (5). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8939. Acesso em: 20 de maio de 2024.

ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Correio Braziliense**, 10 de abril de 1964, p. 01, edição 01191 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13956. Acesso em: 21 de maio de 2024.

PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB. **Correio Braziliense**, 07, outubro 1962, p. 9, edição 00740(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8479. Acesso em: 21 de maio de 2024.

PAULO DE TARSO INICIA CONTATO COM EDUCADORES. **Correio Braziliense**, 20, junho 1963, p. 01, edição 00947 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10862. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

PDF E UB: SELEÇÃO DE CANDIDATOS. **Correio Braziliense**, 23 de janeiro de 1962, p.8, edição 00530 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6253. Acesso em: 15 de maio de 2024.

PREFEITURA E NOVACAP. CIDADE UNIVERSITÁRIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 13 de dezembro de 1960, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/2531. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

PREFERÊNCIA AO ESTUDO DE ASSUNTOS SOCIAIS: CURSOS DE EXTENSÃO DA UNB. **Correio Braziliense**, 30 de março de 1963, p. 08, edição 00882 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10041. Acesso em: 26 de maio de 2024.

PREVISTA PARA ABRIL A INAUGURAÇÃO DOS PRÉDIOS DA UNIVERSIDADE DO DF. **Correio Braziliense**, 26 de janeiro de 1962, p.8, edição 00533(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6281. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

PROF. ANÍSIO TEIXEIRA AO CORREIO: FAZER DE BRASÍLIA UM MODELO PARA EDUCAÇÃO NO PAÍS. **Correio Braziliense**, 21 de junho de 1963, p. 07, edição 00948 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10880. Acesso em: 19 de maio de 2024.

PROFESSOR AOS ALUNOS: FALTA AUTONOMIA À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 15 de agosto de 1963, p. 08, edição 00995 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/11455. Acesso em: 19 de maio de 2024.

PROFESSORES DISCUTEM EM BRASÍLIA FORMAÇÃO DE CIENTISTAS NO PAÍS. **Correio Braziliense**. Brasília, 9 de setembro de 1962, p. 8, edição 00716(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/8200. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

PROFESSORES FRANCÊSES EM BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 23 de junho de 1962, p. 4, edição 00651(3). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7482. Acesso em: 19 de maio de 2024.

PUBLICADA A LEI QUE ... **Correio Braziliense**, 24 de dezembro de 1961, p.2, edição 00507(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6039. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

PUBLICADA A LEI QUE CRIOU A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 24 de dezembro de 1961, p.8, edição 00507(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6045. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

QUEREM SER ASSISTENTES NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 09 de março de 1962, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6581. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

REABERTA A DISCUSSÃO SOBRE AS... **Correio Braziliense**. Brasília, 17 de junho de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4335. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

REAFIRMAÇÃO. **Correio Braziliense**. Brasília, 07 de janeiro de 1962, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6137. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

REITOR MINISTRA AULA. **Correio Braziliense**, 20 de maio de 1964, p. 02, edição 01223 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/14389. Acesso em: 21 de maio de 2024.

REIVINDICAÇÃO DOS INTELECTUAIS O PLANEJAMENTO DA UNIVERSIDADE. **Correio Braziliense**, 21 de dezembro de 1961, p.3, edição 00504(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6004. Acesso em:

REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 23 de março de 1962, p.08, edição 00577(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6677. Acesso em: 17 de maio de 2024.

SEGUNDO PRÊMIO DO CONCURSO DE REPORTAGENS CORREIO BRAZILIENSE. **Correio Braziliense**, 23 de abril de 1963, p. 09, edição 00900 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10288. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F. **Correio Braziliense**. Brasília, 06 de dezembro de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5873. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 15 de julho de 1961, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4599. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 10 de janeiro de 1962a, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6160. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 de fevereiro de 1962b, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6534. Acesso em: 16 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 01 de março de 1962c, p. 7, edição 00562(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6548. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 24 de abril de 1962, p. 7, edição 00602(4). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6934. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 05 de maio de 1962d, p. 7, edição 00611(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/7033. Acesso em: 22 de maio de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**, 06, dezembro 1962e, p. 11, edição 00789 (2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/8975. Acesso em: 20 de maio de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 09 de janeiro de 1963a, p. 11, edição 00815(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/9252. Acesso em: 25 de fevereiro de 2024.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 25 de maio de 1963b, p. 12, edição 00926(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10621. Acesso em: 25 de fevereiro de 2024.

UNB APARELHADA PARA PENETRAR A SELVA. **Correio Braziliense**, 17 de maio de 1963, p. 09, edição 00920 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10538. Acesso em: 21 de maio de 2024.

UNB: Extinto mandato dos conselheiros. **Correio Braziliense**. Brasília, 14 de abril de 1964, p. 5, edição 01194(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/14000. Acesso em: 10 de março de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 12 de dezembro de 1961, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5919. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Correio Braziliense**. Brasília, 23 de junho de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4387. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. FUNDAÇÃO PODERIA FUNCIONAR EM 1962. **Correio Braziliense**. Brasília, 19 de dezembro de 1961, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5984. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS). **Correio Braziliense**. Brasília, 08 de novembro de 1960, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/2184. Acesso em: 12 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA CHAMA OS CANDIDATOS. **Correio Braziliense**, 28, março, 1962, p.02, edição 00581(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6703. Acesso em: 17 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FOI APROVADA NO SENADO. **Correio Braziliense**. Brasília, 15 de novembro de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5705. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FUNCIONARÁ DENTRO DE POUCO TEMPO. **Correio Braziliense**. Brasília, 03 de maio de 1960, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/211. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA GANHA NOVO ROUND: SENADO. **Correio Braziliense**. Brasília, 18 de novembro de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5721. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA JÁ ESTÁ EM PLANEJAMENTO. **Correio Braziliense**. Brasília, 22 de junho de 1961, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4378. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA MANTÉM RELAÇÕES CULTURAIS. **Correio Braziliense**. Brasília, 05 de maio de 1963, p. 8, edição 00910(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/10411. Acesso em: 22 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PODERÁ MANTER CURSOS. **Correio Braziliense**. Brasília, 17 de novembro de 1961, p. 4, edição 00476(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/5712. Acesso em: 13 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE DO DF. **Correio Braziliense**. Brasília, 04 de junho de 1961, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4219. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DO DF: COMISSÃO DE PLANEJAMENTO VAI REUNIR-SE. **Correio Braziliense**. Brasília, 14 de junho de 1961, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4314. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DO DF: EXAMES VESTIBULARES. **Correio Braziliense**. Brasília, 16 de janeiro de 1962, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6205. Acesso em: 15 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE DO DF. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 de agosto de 1961, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/4981. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE DO DF EM GOIÁS TEM REPROVAÇÕES. **Correio Braziliense**, 20, março, 1962, p.04, edição 00574(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6649. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE INICIARÁ CURSOS DIA 9. **Correio Braziliense**. Brasília, 31 de março de 1962, p. 1, edição 00584(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6726. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS. **Correio Braziliense**. Brasília, 09 de fevereiro de 1962, p. 1, edição 00545(1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6386. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

VISTO, LIDO E OUVIDO. **Correio Braziliense**, 07 de janeiro de 1962, p. 9, edição 00517(2). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/6142. Acesso em: 13 de maio de 2024.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Serviço de Proteção aos Índios**. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SERVI%C3%87O%20DE%20PROTE%C3%87%C3%83O%20AOS%20%C3%8DNDIOS.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Crodowaldo Pavan**. Disponível em: <https://www.abc.org.br/membro/crodowaldo-pavan/>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia do professor Darcy Ribeiro**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia>. Acesso em: 04 novembro de 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia de Assis Chateaubriand**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/assis-chateaubriand/biografia>. Acesso em: 04 de novembro de 2024.

ALBERTO, Thaienn Paes Leme. **De UnB a UFU: movimentos de criação e federalização de uma universidade no município de Uberlândia, 1957-1978. 2023**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A educação como acontecimento: culturas escolares na coluna "Sociais de Brasília" (Correio Braziliense, 1960-1966). **Mimeo.**, [s.l., s.d.].

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna "Visto, Lido e Ouvido" (Correio Braziliense, 1960-1965). **História da Educação**, v. 26, p. e120337, 2022a.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Aspectos das culturas escolares da escola primária em Brasília nas colunas de Yvonne Jean (1962-1964). **Revista Diálogo Educacional**, v. 24, n. 80, p. 318-331, 2024a.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O jornal "Correio Braziliense" como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação. São Carlos: Pedro & João Editores**, p. 37-54, 2022.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 103, n. 263, p. 87-94, 2022.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. **Práticas escolares na Escola Parque de Brasília nas colunas da jornalista Yvonne Jean (1962-1963)**. Revista Ponto de Vista, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 01–13, 2024b.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Paraná. **Metodologia da pesquisa científica em educação: dos desafios emergentes a resultados eminentes**. Curitiba: Ithala, p. 100-113, 2016.

APARECIDA, Geralda Dias. UnB em Dois Tempos. In: RIBEIRO, Darcy. A Invenção da Universidade de Brasília. **Revista Carta**, n. 14, Senado Federal, Centro Gráfico, 1995. p. 37

BEZERRA, Miguel Joaquim. **A Cartilha: UnB - 50 anos com Brasília**. 1962 - 2012. Editor - Autor e Ilustrador: Miguel Joaquim Bezerra. 2012.

BOMENY, Helena. Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. spe, p. 1003–1028, 2016.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BORGES, Livia Freitas; VILLAR, José Luiz; WELLER, Wivian et al. **FE 50 anos -1966- 2015: Memória e registros da história da faculdade de educação da Universidade de Brasília**. Editora UnB, 2018.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/224221>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-8-capitulo-3-secao-1-artigo-207>. Acesso em: 30 de março de 2024.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 27 dez. 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3998-15-dezembro-1961-376850-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. Tradução . São Paulo: Humanitas, 2015.

CAMARGO, Murilo Silva de; LAZARTE, Leonardo. O Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962 e suas repercussões na universidade brasileira atual. **Diálogos entre Anísio e Darcy: o projeto da UnB e a educação brasileira**. Brasília: Verbena Editora, p. 167-217, 2012.

CAMARGO, Murilo Silva de et al. **Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**. Editora Universidade de Brasília, 2022.

CENTRO DE MEMÓRIA CNPq. **Missão institucional**. Disponível em: <https://centrodememoria.cnpq.br/Missao2.html>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988. 244 p.

CLAUDIO SANTORO. **Biografia do compositor Cláudio Santoro**. Disponível em: <http://www.claudiosantoro.art.br/Santoro/index.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

CNP - CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS. **A Lei nº 1.310 de 15 de Janeiro de 1951 cria o Conselho Nacional de Pesquisas**. Disponível em: <https://centrodememoria.cnpq.br/Missao2.html>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009.

CRUZ, Terezinha Rosa. **Uma experiência de educação interrompida: CIEM-UNB 1964 - 1971**. Brasília: Plano Editora, 2001. 297p.

CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues da. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

DE SOUZA, Mônica Menezes; DUARTE, Aparecida Rodrigues Silva. Departamento de Matemática da Universidade de Brasília (UNB): narrativas da sua origem. **Anais do ENAPHEM-Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**, n. 2, p. 723-733, 2014.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES. **Mário Tavares Chicó**. Disponível em: https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_chico.htm. Acesso em: 30 de março de 2024.

DURHAM, Eunice R. O ensino superior na América Latina: tradições e tendências. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 51, p. 91-105, jul. 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. **Educação, modernidade e civilização. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 89-125, 1998.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. UDF: uma concepção alternativa de universidade. **A Universidade do Distrito Federal (1935-1939): um projeto além de seu tempo**, p. 13-44, 2009.

FONSECA, Marília Bárbara da. **Darcy Ribeiro e a Fundação Universidade de Brasília: uma perspectiva histórica e educativa (1960 - 1964)** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2021.

FUNDAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. **Biografia do professor Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/ConselheirosFAT>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. **Etnólogo e indigenista**. Disponível em: <https://fundar.org.br/etnologo-e-indigenista/>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. **Biografia do arquiteto Oscar Niemeyer**. 2024. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017.

GAZETA DA MATEMÁTICA. Entrevista com Leopoldo Nachbin. *Gazeta da Matemática*, Sociedade Portuguesa de Matemática, [ano de publicação]. Disponível em: <https://gazeta.spm.pt/getArtigo?gid=176>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação**. Cortez, 1986.

HENRY ALFRED KISSINGER. Político, diplomata e acadêmico especialista em geopolítica. Disponível em: <https://www.henryakissinger.com/>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

IBAÑEZ, Antonio. (org.). **UnB 30 anos**. Brasília: Editora da UnB, 1992. ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO DA UNB. **UnB 30 anos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

INEP. Sobre o INEP. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/sobre>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário Estatístico do Brasil**. 26. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1965. Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-pal>. Acesso em: 30 de março de 2024.

INSTITUTO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. História do Instituto de Química. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20151117025318/http://www.iq.ufrgs.br/iq/?p=2275>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS. **Biografia de João Camilo de Oliveira Tôrres**. Disponível em:

<http://ihgmg.org.br/sme/conteudoinstitucional/menuesquerdo/SandBoxItemMenuPaginaConteudo.ew?idPaginaItemMenuConteudo=7625>. Acesso em: 30 de março de 2024.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. **Walter Oswaldo Cruz**. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/personalidades/walter-oswaldo-cruz>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Biografia de Walter Garcia**. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/fundadores#:~:text=Walter%20Esteves%20Garcia,CNPq>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

INSTITUTO SÉRGIO RODRIGUES. **Biografia de Sergio Rodrigues**. Disponível em: <http://www.institutosergiorodrigues.com.br>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

IPEADATA. Salário mínimo vigente. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=1739471028>. Acesso em: 03 de abril de 2024.

JABLONKA, Ivan. La historia es una literatura contemporánea: manifiesto por las ciencias sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TÔRRES. Pesquisador da história imperial brasileira. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/JCOTorres.html>

JORGE, Thaís de Mendonça (Org.). **UnB 50 anos - história contada**: a história da Universidade de Brasília contada por seus personagens (reportagens, depoimentos, entrevistas). Brasília: Editora da UnB, 2012.

LEI Nº 3.998, DE 15 DE DEZEMBRO DE 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3998-15-dezembro-1961-376850-publicacaooriginal-1-pl.html>

LONGO, Clerismar Aparecido. **Gestão Cristóvam Buarque**: a redemocratização na Universidade de Brasília (1985-1989) (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2011.

MARI, Marcelo (org.). **Sergio Rodrigues em Brasília 1958-1981**. Texto de Roseli Santori [et al.]. São Paulo: Olhares, 2023.

MARQUES, Regina Coeli Andrade; CONCEIÇÃO, Maria Hosana. Internacionalização do Ensino, da Pesquisa e Inovação: estudo de caso da Universidade de Brasília (UnB). **Cadernos de Prospeção**, v. 13, n. 1, p. 56-67, 2020.

MÁRIO TAVARES CHICÓ. Biografia do historiador. Disponível em: https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_chico.htm.

MARTINS, Carlos Benedito. As origens pós-graduação nacional (1960-1980). **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 13, p. 9-26, 2018. link: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595765441002/595765441002.pdf>. Acessado em: 03 de junho de 2024.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Educação Musical). ISBN 978-85-65704-39-7.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista brasileira de política e administração da educação**, v. 27, n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/24770>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 131-145, mai./ago. 2000.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. A pós-graduação como estratégia de reconstrução da universidade brasileira. **Educar em Revista**, n. 21, p. 01-20, 2003. Link: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602003000100019&script=sci_abstract.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 25, p. 585-608, 2017.

MONTEIRO, Amanda Rafaelly Casé. **Os projetos e as experiências educacionais da FAU e da UnB (1957-1972)** (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

MORELLI, Ana Lúcia Façanha. **Correio brasileiro: 40 anos: do pioneirismo à consolidação** (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

MOROSINI, Marília (Org.). **Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. 2 v. (Ries/Pronex; v. 10 e 11). Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/>.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NÓBREGA, Juliana Regina Avelar da; FARRERO, Jordi Garcia; PULINO, Lúcia Helena Cavazin Zabotto. Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de

Brasília: uma práxis em processo. **History of Education in Latino America**. Natal, v. 4, p. 2 - 21, 2021.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Por que construí Brasília*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos). Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1039>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de; COHEN, MARLEINE. Juscelino Kubitschek: o presidente bossa-nova. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

PINTO, Viviane Fernandes Faria; MÜLLER, Fernanda; DOS ANJOS, Juarez José Tuchinski. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 47, p. 292-313, 2020.

POLETTTO, Ivo (Org.). **Frei Mateus Rocha**: um homem apaixonado pelo absoluto. Mensagem e testemunho para a Igreja e o mundo de hoje. Edições Loyola. São Paulo, 2003.

REIS, Carlos Madson. Lúcio Costa: a cidade, o plano, a arquitetura. Brasília: Iphan-DF, 2018. Disponível em: <https://www.iphan.gov.br/novo/gestao/detalhes?id=44169>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Darcy. **Discurso na Cerimônia do Outorga do Título de Doutor Honoris Causa**. Gravação de vídeo, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. 32 p

ROTTA, Edeimar; REIS, Carlos Nelson dos. As Práticas do Desenvolvimentismo Brasileiro: Plano de Metas e Programa de Aceleração do Crescimento / The Practices of Brazilian Developmentalism: Plano de Metas and Programa de Aceleração do Crescimento. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), [S. l.], v. 17, n. 1, p. 151–166, 2018. DOI: 10.15448/1677-9509.2018.1.31223. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/31223>. Acesso em: 21 de outubro de 2024.

SABOIA, João Luiz Maurity. **Evolução histórica do salário mínimo no Brasil: fixação, valor real e diferenciação regional**. Rio de Janeiro: Ipea: PNPE, 1984. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/12976>. Acesso em: 30 de março de 2024.

SALMERON, Roberto. **A Universidade Interrompida**: Brasília, 1964 - 1965. Brasília: Editora da UnB, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Historiografia. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 189 - 193.

SILVA, Rafael Pereira da. Fragmentos de (auto)imagem: notas sobre o Fundo Yvonne Jean no Arquivo Público no Distrito Federal (1911-1981). **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 171-184, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/revmar.2019.33905>.

SARAH GUDSCHUBKY. Linguista internacionalmente reconhecida. Disponível em: <https://www.sil.org/linguistics/dr-sarah-c-gudschinsky>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Florestan Fernandes. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/florestan-fernandes/>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). Maurício Rocha e Silva (1910-1983). Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/historico/presidentes-de-honra/mauricio-rocha-e-silva-1910-1983/>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

SOUZA, Silvio Claudio. **O pensamento-ação de Darcy Ribeiro e a universidade brasileira**: repensando a universidade necessária (Doutorado em Políticas Públicas). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195 - 199, jan./mar. 1961.

TEIXEIRA, Anísio. **A universidade de ontem e de hoje**. Organização e introdução de Clarice Nunes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

TEIXEIRA, A. P. T. Yvonne Jean, Brasília e a UnB (1962-1965). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasilia-e-a-unb-1962-1965/>. Publicado em: 19 mai. 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Curitiba: Copyflex, 2009.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016. 272p.

SCHLEE, A. R. et al. **Registro Arquitetônico da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora da UnB, 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Anuário Estatístico da Universidade de Brasília: 2014 - 2019** [recurso eletrônico]. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://dpo.unb.br/images/phocadownload/unbemnumeros/anuarioestatistico/AnuarioEstatistico2019.pdf>

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade de Brasília: 2023-2028** [recurso eletrônico]. Organização, coordenação e elaboração: Coordenação de Planejamento e Apoio à Governança. Brasília: Universidade de Brasília, 2023. 185 p., il. Disponível em: https://planejamento.unb.br/images/Central_de_Conte%C3%BAdos/PDI_UnB__2023__2028.pdf

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano Orientador da Universidade de Brasília**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1962. Disponível em: https://unb.br/images/Noticias/2019/Documentos/PDE_UnB_Plano_Orientador_UnB_1962_LQ.pdf.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto Político-Pedagógico Institucional da Universidade de Brasília**. [recurso eletrônico]. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: https://www.unb.br/images/Noticias/2018/Documentos/Projeto_Politico-Pedagogico_Institucional_PPPI.pdf.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. UnB avança em ranking que classifica as melhores universidades do mundo. UnB Notícias, Brasília, 4 jun. 2024. Disponível em: <https://noticias.unb.br/institucional/7370-unb-avanca-em-ranking-que-classifica-as-melhores-universidades-do-mundo>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **UnB é a sétima entre universidades federais da América Latina, segundo ranking THE**. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/6629-unb-e-a-setima-entre-universidades-federais-da-america-latina-segundo-ranking-the>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Biografia de Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/BiografiaAnisioTeixeira>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **UnB é a sétima entre universidades federais da América Latina segundo ranking THE**. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/6629-unb-e-a-setima-entre-universidades-federais-da-america-latina-segundo-ranking-the..>

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Anuário Estatístico da UnB: Período de 2014 a 2018**. Disponível em: <https://dpo.unb.br/images/phocadownload/unbemnumeros/anuarioestatistico/AnuarioEstatistico2019.pdf>.

VILLAR, José Luiz; CASTIONI, Remi (orgs.). **Diálogos entre Anísio e Darcy: o projeto da UnB e a educação brasileira**. Brasília: Verbená Editora, 2012.

VULCÃO, Maria Goretti Vieira. **A construção do discurso de criação do "Curso-Tronco" de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963)** (Mestrado em Arte). Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

WALTER GARCIA. Diretor do Instituto Paulo Freire (SP). Disponível em: <https://www.paulofreire.org/fundadores#:~=Walter%20Esteves%20Garcia,CNPq>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS DE JORNAIS

FIGURA 1A - CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL. Nota Oficial da Presidência do Gabinete



Fonte: Correio Braziliense, 01 de janeiro de 1962, p. 01. Acessado via site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CONSELHO: BRASÍLIA É IRREVERSÍVEL

Nota Oficial da Presidência do Gabinete

O Gabinete do Primeiro Ministro distribuiu, ontem, a seguinte nota oficial da Presidência do Conselho de Ministros de Estado:

“Ao empossar os membros do Conselho Diretor da Universidade de Brasília, o Governo Federal, presente ao ato pelo Presidente do Conselho de Ministros de Estado, deu à solenidade o máximo de relêvo, não apenas pela alta significação do próprio acontecimento, mas também pelo empenho de manifestar, por todos os meios e em quaisquer oportunidades, sua determinação inabalável de fazer da complementação das obras de Brasília e do incremento da mudança da administração pública para a nova Capital - ponto de honra de seu programa de ação.

A transcendente motivação geo-econômica que determinou a transferência da sede do Governo da república para o Planalto Central do país só se alterou no

sentido de reforçar as razões e a urgência dessa mudança, ainda mais se levam em conta as consequências decorrentes da própria transferência, não apenas pelo vulto dos investimentos nela realizados, mas, principalmente, pelas alterações estruturais que começa a provocar na vida nacional e formam parte de um processo político, econômico e social, a essa altura, irreversível.

Além disso, a projeção internacional do acontecimento faria de qualquer hipótese revisionista, neste terreno, motivo de dano irreparável para o próprio prestígio nacional.

Cumprir não perder de vista o exemplo que vem sendo dado ao país pelos poderes Legislativo e Judiciário da União, cuja instalação e funcionamento na nova Capital já representou, para seus ilustres membros, quota de desconforto sem paralelo diante de níveis atuais do progresso urbano de Brasília. Ao Executivo - por força da multiplicidade de órgãos e funcionários que o compõem, em contraste com a carência de recursos habitacionais da cidade em construção - não seria possível uma integração na nova Capital em ritmo que ultrapasse aquelas disponibilidades de moradia. Para superar, entretanto, tal obstáculo, o Governo atual empenha-se, neste momento, em restabelecer a plenitude do esforço no setor das construções civis, de modo a permitir que a mudança, até aqui operada apenas na cúpula administrativa do Executivo Federal, possa, em curto prazo, entender-se, progressivamente, às suas bases.

Desta forma, o Governo - por todos os motivos acima e pela convicção dos benefícios sem conta que advirão, e não apenas para gerações futuras, da mudança da Capital da República para o Planalto Central - reafirma a determinação de apressar, por todos os meios, o aparelhamento de Brasília para o pleno cumprimento de sua finalidade e de seu destino irreversível.”

FIGURA 2A - REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Prefeito Toma Medidas Para Acabar Com Escassez de Energia Elétrica

REVELADOS OS NOMES DOS CANDIDATOS APROVADOS À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Reitoria da Universidade de Brasília distribuiu ontem, à imprensa, a relação dos candidatos aprovados nas provas vestibulares aos cursos superiores a serem ministrados durante o corrente ano. Esses candidatos aprovados terão que se submeter, nos próximos dias, aos testes individuais, que constarão de entrevistas com autoridades da Universidade. Nesse sentido, a Reitoria convoca todos os aprovados a comparecerem ao bloco 1 (Esplanada dos Ministérios), 8º andar, a fim de receberem instruções.

CANDIDATOS APROVADOS:

Abigail Barros Barreto, Abigail Sêve de Azevedo Mesquita, Adip Magim Alexim, Afrânio Adauto Vianna Palhares, Afonso Henriques de Guimarães Neto, Agostinho Flores, Alberto Luiz do Rego Barros, Alberto Veronese Aguiar, Alcir Ferreira e Silva, Aldo Lívio de Araújo, Aldo da Silveira Soares, Alexis Piquet Souto Maior, Alexis Rangel, Alípio Vicente de Andrade, Alfredo de Jesus Barros, Álvaro Miguel Leite, Ana Christina Jungmann de Andrade, Andur de Mendonça Rodrigues, Anderson Braga Horta, Andréa Leite Pereira Filho, Ângela Maria Paiva Paixão, Ângelo Pimenta Fernandes Santiago, Anna Maria Barros

Psicologia: Conferência Hoje no CEM

A convite da direção do Centro de Ensino Médio e da Prof.ª Maria Helena de Oliveira, a conferência de Psicologia será realizada hoje, às 14h, no CEM.

INGOMERAS FAMILIAS DESABRIGADAS POR DETERMINAÇÃO DO PROCURADOR

A determinação do Procurador da República, Dr. Paulo Roberto de Faria, para que o Ministério Público Federal (MPF) tome providências para a identificação e localização das famílias das vítimas do acidente de avião ocorrido em Brasília, no dia 20 de dezembro de 1961, está sendo cumprida.

Guia Para Imposto de Vendas e Consignações

O Departamento de Brasília do Jockey Club de Brasília

CANDIDATO DEVE TER NÍVEL DE VIDA DIGNO OBRA POR ELE EDIFICADA

Um dos requisitos para a construção de uma obra é que o candidato tenha um nível de vida digno. Isso significa que o candidato deve ter condições de vida que lhe permitam dedicar-se à obra com eficiência e produtividade.

INGOMERAS FAMILIAS DESABRIGADAS POR DETERMINAÇÃO DO PROCURADOR

A determinação do Procurador da República, Dr. Paulo Roberto de Faria, para que o Ministério Público Federal (MPF) tome providências para a identificação e localização das famílias das vítimas do acidente de avião ocorrido em Brasília, no dia 20 de dezembro de 1961, está sendo cumprida.

Guia Para Imposto de Vendas e Consignações

O Departamento de Brasília do Jockey Club de Brasília

Fonte: Correio Braziliense, 23 de março de 1962, p. 08. Acessado via site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A Reitoria da Universidade de Brasília distribuiu ontem, à imprensa, a relação dos candidatos aprovados nas provas vestibulares aos cursos superiores a serem ministrados durante o corrente ano. Esses candidatos aprovados terão que se submeter, nos próximos dias, aos testes individuais, que constarão de entrevistas com autoridades da Universidade. Nesse sentido, a Reitoria convoca todos os aprovados a comparecerem ao bloco 1 (Esplanada dos Ministérios), 8º andar, a fim de receberem instruções.

São os seguintes os candidatos aprovados: Abigail Barros Barreto, Abigail Sêve de Azevedo Mesquita, Adip Magim Alexim, Afrânio Adauto Vianna Palhares, Afonso Henriques de Guimarães Neto, Agostinho Flores, Alberto Luiz do Rego Barros, Alberto Veronese Aguiar, Alcir Ferreira e Silva, Aldo Lívio de Araújo, Aldo da Silveira Soares, Alexis Piquet Souto Maior, Alexis Rangel, Alípio Vicente de Andrade, Alfredo de Jesus Barros, Álvaro Miguel Leite, Ana Christina Jungmann de Andrade, Andur de Mendonça Rodrigues, Anderson Braga Horta, Andréa Leite Pereira Filho, Ângela Maria Paiva Paixão, Ângelo Pimenta Fernandes Santiago, Anna Maria Barros

Martins da Silva Castro, Anna Maria Chagas Ferreira, Antônio Arnaldo de Belém Teixeira, Antônio Augusto Gentil Cabral, Antonio Campanella, Antônio Gonçalves Machado, Antônio Herculano Rezende Rodrigues, Antônio Jamil Guimarães, Antônio Joaquim Costa dos Anjos, Antônio José Ribeiro dos Santos, Antônio José Saraiva de Oliveira, Antônio Norival de Brito Rabelo, Antônio de Pádua Ribeiro, Antônio Valdir Roriz, Antônio Vivalter Galvão, Antovildo da França Cardoso, Aôr Taveira, Araci Magno da Silva, Arimat da Silva Macedo, Arthur Geraldo Vicente Maria, Asael de Jorge Caram, Bárbara Botelho Martins Pereira, Benevíde Marques de Carvalho, Bernardette Rodrigues Saski, Bernardo Ramos Madeira, Braz Henriques de Oliveira, Caio Veloso Versiani dos Anjos, Cairo Roberto Canedo, Cantídia Cardoso Soares, Carlos Alberto Albuquerque de Macedo Costa, Carlos Alberto Cardoso, Carlos Alberto de Franciscis, Carlos Alberto Rocha de Oliveira, Carlos Álvaro Jovita Correia da Silva, Carlos Brasil de Araújo, Carlos Eduardo de Barros Barreto, Carlos Eduardo Moreira da Silva, Carlos Fernando Cardoso Neto, Carlos Monteiro de Carvalho, Carlos Oliveira, Carlos de Oliveira Rosa, Carmem Sílvia Orlandi, Carmem Sulamita Nahas Baasch, Cecília de Queiroz Campos, Christina Rose Marie Joffily, Claudio Ideburgue Carneiro Leal Neto, Cláudio Julio Freitas Carneiro, Cláudio Roberto de Oliveira Mafra, Cláudio Moreira Leite, Cleide Abritta, Clelio de Lemos, Cydno Ribeiro da Silveira, Delavirva Rodrigues de Amorim, Décio Rivas Cabral da Silveira, Delza da Silveira Dórea, Deolino Carlos, Dércio Garcia Munhoz, Dídimo Fonseca Figueiredo, Dilmar Stoduto de Almeida, Dilson de Almeida Sousa, Dinorá Menezes da Silva, Dirceu Gonzaga Ramos Porto, Djalma Sampaio Chagas, Domingos Ballocca, Domingos Batista Reis, Ducastel Gilberto Leal, Dulce Helena Cramer de Garcia, Edísio Sobreira Gomes de Matos, Edgard Antunes Villaboim, Edmundo Adriano de Mello Baptista, Eduardo Jobim, Eduardo Luiz Safe Carneiro, Eduardo Mundim Pena, Edward Pedro Fortes Peressin, Elcio Malacco, Elias Miranda Filho, Elisa Clepf, Elmo Ríchara, Elmo Gomes Monteiro, Elpídio Pinho Tavares, Elrese Metzker Penna Brescianini, Eli Santos Magalhães Freire, Elza Kunze Bastos, Elzon Lopes, Elzi Vasconcelos, Emi Fermio, Emir Santana Prazeres, Ene da Costa Lerina, Ennio Moura do Valle, Enolo Spiridiaio do Rego Barros, Eraldo Soares da Paixão, Ernani César de Loiola Cabral, Esmenio de Oliveira Magalhães Júnior, Estevam Lemmi de Resende, Eucario Godinho Filho, Eudes Gusmão Chaves, Eurico Benjamim Mesquita Junior, Euvaldo Carvalho Silva, Evandro Kalume Pires, Expedito

Roberto de Mendonça, Fabricio Ernesto Ministerio, Fanni Bleier, Fernando José de Medeiros Ribeiro, Fernando Luís Tavares Silva, Fernando Moutinho Neiva, Fernando Muzzi Alves Pinto, Fernando Pereira Cavalcanti, Fernando da Silva, Flávio Bastos Ramos, Floro Prudente da Costa Doria, Francisco de Assis Feitosa, Francisco de Assis Teixeira, Francisco Fernando Ribeiro Falcão, Francisco Horta Barbosa da Silva, Francisco José Fernandes, Francisco José Freire, Francisco Kozovits Junior, Francisco Marinho Bandeira de Mello Junior, Francisco Paulino Barroso Junior, Francisco Ulisses da Trindade, Genildo David Souza, Gênova Menezes Alves, Geralda Félix, Geraldo Aique de Meira, Geraldo Barbosa dos Santos, Geraldo Barnabé Antunes, Geraldo Christiano da Rocha, Geraldo Linhares, Geraldo Lopes, Glaura Vilela Freire, Guanir Augusto Miranda Cardoso, Guido José Alves Dias, Hamilton Balão Cordeiro, Heckel Andrade, Helena Maria Viveiros de Souza Carvalho, Hélio Romão Damasceno Segundo, Hélio dos Santos Machado, Henrique Teixeira Lamm, Hermenegildo Fernandes Gonçalves, Heidenre José Freira Coelho, Hilda Sant'Anna, Hugo Rodrigues Figueiredo, Horácio Antônio Guimarães Borges, Humberto De Nucci, Ildeu Cordeiro Valadares, Iran Mita Júnior, Irene Orlane Lopes, Itamar Silveira do Amaral, Ivan Padernost Lima, Ivone Maria Enrico Álvaro, Jacira Guimarães Figueiredo de Oliveira, Jair Gonçalves de Cunha, Jaires da Silva Souza, Jamaci Paulino Lima, Jamil Suedken Jarudi Barcellos de Paul, Jânio Alves de Campos, Jânio Ferreira Dias de Amaral, Joana Ferreira Moraes, João Batista Ferreira, João César Sette Rocha, João Dihel Coutinho, João Ennes Meirelles, João Luiz de Moraes Barreto, João Newton de Oliveira, João Pascal Pimentel Cristofaro, João Paulo Alexandre Telles, João Paulo de Moraes, João do Valle Rosauo de Almeida, Joaquim Osório de Carvalho Costa, Joaquim de Paiva e Silva, Joel Vianna, Joíres Gomes da Silva, Jorge Guimarães de Araújo, Jorge Manoel Azevedo, Jorge Paiva de Nascimento, Jorge Rodrigues Mendes, José Adriano de Vasconcelos, José Américo Santos, José Antônio Barreto de Macedo, José Antônio de Freitas Velloso, José de Arimatéia Teles Barcellos, José Bernardino Moreira de Magalhães Vieira, José Carlos Gentil, José Carlos Padilha Vidigal, José Cavalcante de Vasconcelos, José Crescêncio Parisi, José Eduardo Ferreira Alves, José Everaldo Rumulo, José Franco Filho, José Geraldo Mendes, José Leandro da Silva Filho, José Leão de Souza Filho, José Lira Barroso de Oliveira, José Mário Vieira Zaranza, José Paulo de Bem, José Pires Chaves de Macedo, José Progresso Pereira, José Rahmar

Jorge de Oliveira, José Rodrigues Campos, José Teodoro dos Reis, José Victor Gruinsztejn, Juarez Rodrigues de Souza, Judites Braga Ventura, Julio Diaz de Queiroz, Julio Gouvêa, Julio De Lamônica Freire, Jurandir Soares Pinto, Jutahy Mendes Pessoa, Lander Bahiense Freitas, Laura Antônia Perrella Parisi, Laszlo Pavettis, Léa Araújo Pinto, Léa Emília Braune Portugal Viegas de Lima, Lêda Franco de Oliveira, Lia Pantoja Milhomens, Libânia Rabello Ferreira, Lívio Brandão Guerra, Lourenço Fernando Tanami, Lourival Machado Azecende, Lúcia Beata Doetzer, Lucia Ida Amélia Moschella, Luciano Barros Toscano, Luiz Antônio Pimentel Pereira Araújo, Luiz Carlos Costa Araújo, Luiz Carlos Guimarães Andrade, Luiz Carlos Homem da Costa, Luiz Carlos Pontual de Lemos, Luiz Edgar Pereira Tostes, Luiz Fernandes, Luiz Henrique Ferreira Mattoch, Luiz Leite Mariz Neto, Luiz Marcelo Ferreira Neto, Luiz Marque de Lima Porto, Luiz Paulo de Oliveira, Luiz Ramos Porto, Luiz Renato Vieira Fernandes, Luiz Maria Barcellos de Paula, Magali Silveira, Magda Vernadas de Figueiredo, Manoel Hermano, Manoel Nascimento Pinto, Manoel Pessoa Mendes, Manoel Vilela de Magalhães, Marçal Rodrigues de Carvalho, Marcello Augusto Varella, Márcio Lucas Graciano, Márcio Villas Boas, Marco Antônio de Moraes, Maria Angélica Brito Borges, Maria Cecília Bandeira de Mello Fernandes, Maria Cecília Barros Ribeiro Paiva, Maria Cecília Lopes da Costa, Maria Coeli de Almeida, Maria da Conceição do Amaral Monch, Maria Corina Rodrigues Oliveira, Maria Francisca Teresa Lafetá, Maria Helena Araújo Leite, Maria Inês de Souza Gomes, Maria Laura de Oliveira Duval, Maria de Lourdes Bandeira, Maria Ítala Barros Toscano, Maria Melo de Carvalho Lopes, Maria Sílvia Rezga das de Moraes, Maria Theresinha Ledo de Almeida, Marilde Peixoto Leão de Souza, Marilena Taveira, Maria Gomes, Mario Bezerra Cavalcanti, Mario Camilo de Oliveira, Mario Soares Pinto Duarte, Mario Tomein, Marisa Almeida Gomes e Souza, Marisa Bouichardet da Fonseca, Marli Godoi Krecke, Maurício José da Cunha, Mauro Mendonça Cerri, Mauro Trindade dos Santos, Maximiliano Ferreira Borges, Mavron Mansur, Milton Marques da Silva, Milton Schelb Filho, Misael Cessal de Medeiros, Moacir Antônio Machado da Silva, Moisés Carvalho de Sant'Ana, Múcio Antônio de Lima, Nabor Tapajós Caldas, Natália Andrade, Natalino Cavalcante de Melo, Nehita Martins Ramos, Neusa Magalhães Dourado, Newton Elmor Padão, Newton de Oliveira Milhomens Filho, Nei Carlos Esteves, Nei Gabriel de Souza, Neide Pinnoelli, Nicamor Somcessaux de Noronha, Nílció Rodrigues Dias, Nilda Ferreira Guimarães,

Nilson da Cunha Mattos, Nizete Freitas de Almeida, Norman Pinheiro de Negreiros, Odinete da Silveira Sant'Anna, Odir Fernandes da Silva, Orelcio Azevedo Sette, Orlando Costa, Orlando de Freitas Mata, Oscar Augusto Curado Fleury Junior, Osvaldo Cintra Carvalho, Osvaldo Cruz Vieira, Osvaldo Gontijo, Paulo Orlando Piacesi, Paulo Albuquerque de Gama, Paulo Bracarense Costa, Paulo César de Souza Santos, Paulo Emílio Fonseca Aires, Paulo Janot Borges, Paulo Jonathas Teixeira, Paulo Leite da Paixão, Paulo Lourenço de Freitas, Paulo Tavares Sobral, Pedro Stephane Adolpho Delforge, Pedro França Filho, Pérola Cardoso Paulino, Perouse Fontes Carneiro, Philippe Pierre Dominique Soudant, Raimundo de Deus Paula Costa, Raimundo Nonato Gomes Filho, Raphael Gibolotti, Raul Pereira, Reinaldo Buchdid Camargo Neves, Ricardo José de Maia Correia, Richard Paul Matheson, Robert Scheneckel, Roberto de Araújo Lima, Roberto Lício Arnaut, Roberto dos Santos Gomes, Roberto Wagner Monteiro, Robinson Neves, Rodolpho Sixel Junior, Rogério Brites Rabelo, Rogério Lins de Albuquerque, Rogério de Queiroz Grilo, Roneu Barbosa Jobim, Ronaldo Herbert Lellis, Rosa Letícia de Góes Monteiro, Rother Soares Benthier, Rubem de Azevedo Lima, Rubem Barreto Ribeiro, Rubem Pattu Trezena, Rubens Pinto de Mendonça, Rui Lopes, Saint-Clair Martins Souto, Sebastião Andrade Filho, Sebastião Baptista Affonso, Sérgio Brandi Aleixo, Sebastião Corrêa Portella, Sérgio Luiz Soares, Sergio de Pontes, Sergio da Silva Fontes, Silas Silveira, Sílvia Oliveira de Castro, Solon Leão Pereira de Souza, Sonilton Fernandes Campos, Stael Maria Ribeiro de Miranda, Stella dos Cherubins Guimarães, Sílvia Korolik, Sílvia Carlos Knapp Didier, Tarcísio José França, Trajano de Faria Neto, Valdir Ferreira Leite, Vanda Pinto Borba, Vera de São Paulo, Vicente Oliveira de Lara Resende, Victor Hugo da Costa, Waldemar Ferreira, Waldino Magalhães Mármora, Waldir José da Silva, Waldir Rodrigues Pereira, Walkyria Santos Palhano, Walter Malquias Prata, Walter Peters, Walter Sother de Alencar, Waterloo Malva Santarém, William Franco de Medeiros, Willas Paulo Jones, Wilson Teixeira da Cunha, Yonne Domingues do Amaral, Zeni Siqueira Guerra, Zilda Neves de Carvalho.

Brasília, 23 de março de 1962.

DARCY RIBEIRO

Reitor.

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS FIGURAS

FIGURA 3 - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS). A instituição em estudos visa a dar ao Brasil completa independência no plano científico, cultural e profissional - Debates para organizar sistemas revolucionários

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PLANOS)

A instituição em estudos visa a dar ao Brasil completa independência no plano científico, cultural e profissional - Debates para organizar sistemas revolucionários

A criação de um novo Estado, nos moldes como o de Brasília, fez sentir como indispensável a criação de um assessoramento técnico-científico altamente qualificado para solucionar os inúmeros problemas inerentes a todo centro diretriz de um país. Para tal, o atual governo projetou e se empenha na criação de uma Universidade capaz de reunir um corpo de especialistas qualificados em todos os campos do saber com que uma capital moderna precisa contar.

Brasília não poderá prescindir, pois, de uma verdadeira Universidade, organizada à base de uma crítica cuidadosa dos erros e acertos de todas as experiências anteriores e que ofereça condições de atrair alguns dos maiores especialistas brasileiros de todos os campos, assegurando-lhes meio de contribuir para o auto conhecimento do Brasil e de exercer uma função aconselhativa junto aos órgãos do poder público.

MESA REDONDA

Em várias oportunidades a estrutura das nossas Universidades tem sido alvo de sérias críticas e responsabilidades pelo atraso em que se encontra em muitos dos seus setores, especialmente o do desenvolvimento de pesquisa científica. Com o fim de construir uma Universidade que sirva de diretriz para o país, o dr. Darcy Ribeiro, diretor do ante-projeto que dispõe da Fundação da Universidade de Brasília, tem procurado sabiamente reunir os especialistas de todos os ramos de conhecimento que caracterizarão a futura universidade, com o fim de suprir todas as necessidades de um ensino científico alicerçado na pesquisa científica.

Com êste fim, a comissão Dirigente entre os quais o dr. Darcy Ribeiro organizou nos dias 28 e 29 de outubro uma mesa redonda com membros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência para tratar da organização da Universidade de Brasília. A ela compareceram as mais destacadas personalidades da ciência brasileira, entre as quais o dr. Walter Oswaldo Cruz, Dr. Maurício Rocha e Silva, C. Pavan, Dr. Florestam Fernandes, Dr. O. A. Ohrweiler, Dr. A. Pereira Gomes, Dr. J. Goldenberg, Dr. O. Sala, Dr. J. Pudles, Dr. Newton Freire Maia, Dr. Celso Furtado, Dr. Carlos Chagas Filho, Dr. Jacques Danon, Dr. Anísio Teixeira, Dr. Lúcio Costa, Dr. Darcy Ribeiro, Dr. Leopoldo Nachbin, Dr. José Leite Lopes, Dr. Guido Beck, Doutor Maurício Joppert, Doutor Paulo de Góes, Doutor Jayme Tiomno, Dr. F. Brigrer, Dr. Pompeu Acyoly Borges, Dr. Edson Neri da Fonseca, Dr. Horacio Macedo, Dr. H. Moussatché, Dr. H. Lent, Dr. Cyro dos Anjos e Dr. Walter Mors. Esta mesa redonda, realizada no Centro de Pesquisas educacionais, teve por tema a estrutura e regulamentação da Universidade de Brasília.

O CORPO DOCENTE

Estudos cuidadosos realizados nos meios científicos e culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo permitiram concluir que é possível levar para Brasília um corpo de especialistas da mais alta qualificação, capaz por si só, de assegurar-lhe um alto prestígio intelectual e científico no país e no estrangeiro. Os requisitos indispensáveis para atrair e fixar estes especialistas consistem em criar uma Universidade organizada em bases novas que não constitua mero aglomerado de escolas isoladas e redundantes, mas um núcleo de formação superior e de trabalho científico fecundo.

Encontra-se pois o governo não apenas na necessidade de criar em Brasília um centro universitário, cuja existência viria estimular vigorosamente os demais a uma renovação por todos reclamada, mas que só pode efetuar-se, de pronto, em uma Universidade inteiramente nova planejada à luz das melhores experiências nacionais e internacionais.

TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Muitas outras considerações recomendam a criação em Brasília de uma Universidade do tipo novo para nós, mas já tradicional nos países plenamente desenvolvidos e tida por eles como um dos principais motores do progresso que experimentaram.

As nações que representaram um papel pioneiro na revolução industrial, experimentaram em certa medida, um progresso científico e cultural, reflexo de seu enriquecimento material.

Elas mesmas, porém desde cedo procuraram intervir no processo, hoje se empenham numa competição de base mundial para criar um corpo de cientistas e tecnólogos tão amplo e diversificado, quanto o permitam seus recursos, pois estão certos de que o poder de uma nação se mede principalmente pelo vulto de sua disponibilidade neste campo.

Países como o nosso que procuram encaminhar-se agora para a industrialização e que já se compenetraram de que só a atingirão através do planejamento, não podem esperar que o saber e a técnica de que necessitam, surjam como meros efeitos, mas por ação espontânea. Tal atitude equivaleria à aceitação tácita de uma condição de atraso e dependência que jamais poderíamos superar.

Assim como planejamos a instalação de usinas e de fábricas que virão assegurar autonomia na redução das condições materiais de sobrevivência, teremos que criar planejadamente Universidades e instituições de pesquisa que nos hão de assegurar independência no plano científico e cultural.

É notório que, por força do próprio desenvolvimento econômico que alcançamos e daquele que atingiremos, à medida que se fizerem presentes as consequências do programa de metas, veremos, paradoxalmente, aumentar a nossa dependência técnica e científica em relação aos núcleos que nos exportam os equipamentos e os procedimentos através dos quais estamos produzindo. Tais elementos constituem, sabiamente, subprodutos de um corpo de saber científico e tecnológico que não pode ser importado com a máquina, mas deve ser organicamente desenvolvido em cada país que almeje plena independência. É indispensável incorporar ao nosso processo de desenvolvimento o único elemento capaz de acelerar seu ritmo e de assegurar-nos condições de progresso independente e ajustado às condições nacionais.

FIGURA 4 - SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F.

SENADO APROVOU COM URGÊNCIA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE: D.F.

Após debates que se prolongaram por cerca de duas horas, o Senado Federal, na sua sessão vespertina de ontem, aprovou, contra quatro votos, o projeto de lei, oriundo da Câmara dos Deputados, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília. Sem emendas, a proposição, depois de votada sua redação final, subirá à sanção do Executivo.

Da tribuna, os senadores Alô Guimarães (PSD-Paraná) e Filinto Muller (PSD-M. Grosso) defenderam a aprovação do projeto sem emendas, contestando os argumentos do senador Mem de Sá (PL-RGS), contrário ao projeto, entre outras razões pelas seguintes: 1 — serão necessários 12 bilhões de cruzeiros para a Universidade; 2 — tais recursos seriam melhor empregados na remodelação das já existentes; 3 — pelo projeto, a Universidade de Brasília terá população de 15 mil pessoas, entre 1.600 professores em "full-time", alunos e funcionários; 4 — é excessivo o arbítrio que se deferirá ao reitor da Universidade. Acompanharam o sr. Mem de Sá, votando contra a proposição, os senadores Dix-Huit Rosado, Sérgio Marinho (ambos da bancada udenista do R. G. do Norte) e Heribaldo Vieira (UDN-Sergipe). Só foi possível a votação do projeto, ontem, em virtude do pedido de urgência urgentíssima que foi deferido aos senadores Daniel Krleger, líder da UDN, e Barros Carvalho, líder do PTB.

O PROJETO

Passamos a transcrever, na íntegra, o projeto que vai à sanção do Executivo:

Art. 1º. — Fica o Poder Executivo autorizado a instituir, sob a denominação de Fundação Universidade de Brasília, uma Fundação que se regerá por estatutos aprovados por decreto do Presidente da República.

Art. 2º. — A Fundação será uma entidade autônoma e adquirirá personalidade jurídica a partir da inscrição, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, do seu ato constitutivo com o qual serão apresentados os Estatutos e o decreto que os aprovar.

Art. 3º. — A Fundação terá por objetivo criar e manter a Universidade de Brasília, instituição de ensino superior de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e de divulgação científica, técnica e cultural.

Art. 4º. — O Patrimônio da Fundação será constituído:

- a) pela dotação de um bilhão de cruzeiros a que se refere o art. 17 e pelas rendas das ações ordinárias nominativas da Companhia Siderúrgica Nacional pertencentes à União.
- b) pelos terrenos destinados, no Plano Piloto, à construção de uma Universidade em Brasília.
- c) pelas obras de urbanização e de instalação de serviços públicos na área da Cidade Universitária, a serem construídos pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital, sem indenização, nas condições do art. 4º da Lei número 2.874, de 10 de novembro de 1956;
- d) pelos edifícios necessários à instalação e funcionamento da administração, da biblioteca central e da estação rádio-difusora, do departamento editorial de centro recreativo e cultural a serem construídos pela Novacap nas condições da alínea anterior;
- e) pelos terrenos das 12 superquadras urbanas em Brasília que lhe serão doados pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital;
- f) pela metade dos lucros anuais da Rádio Nacional que serão aplicados na instalação e manutenção da Rádio Universidade de Brasília;
- g) pela dotação de cinquenta milhões de cruzeiros (Cr\$ 50.000,000) na forma do art. 18 destinados a constituir um fundo rotativo para edificação de obras científicas, técnicas e culturais de nível universitário, pela Editora Universidade de Brasília;
- h) pelas doações e subvenções que lhe venham a ser feitas ou concedidas pela União, pelo Distrito Federal, por entidades públicas ou particulares.

§ 1º. — Os bens e direitos da Fundação serão utilizados ou aplicados exclusivamente para a consecução de seus objetivos, podendo para tal fim ser alienados com exceção dos mencionados nas alíneas b, c e p.

§ 2º. — No caso de extinguir-se a Fundação, seus bens e direitos serão incorporados ao Patrimônio da União.

Art. 5º. — O Presidente da República designará por decreto o representante da União nos atos de instituição da Fundação.

§ único. — Esses atos compreenderão os que se tornarem necessários à integração no patrimônio da Fundação dos bens e direitos a que se referem as alíneas a, b, e, f, e h, do art. 4º, e a respectiva avaliação.

Art. 6º. — Para manutenção da Fundação, o orçamento Federal consignará, anualmente, recursos, sob a forma de dotação global.

Art. 7º. — A Fundação será administrada por um Conselho Diretor, composto por seis membros e dois suplentes escolhidos, uns e outros, entre pessoas de ilibada reputação e notória competência e se renovará, cada dois anos pela sua metade.

§ 1º. — O Conselho Diretor elegerá o seu Presidente.

§ 2º. — O Presidente do Conselho Diretor exercerá as funções de Presidente da Fundação e terá o título de Reitor da Universidade.

Art. 8º. — Os membros do Conselho Diretor exercerão mandato por quatro anos podendo ser reconduzidos.

§ 1º. — Os membros e suplentes do primeiro Conselho Diretor serão designados por livre escolha do Presidente da República, sendo a metade para período de quatro anos e a outra metade para período de dois anos.

§ 2º. — A renovação do Conselho se fará por escolha e nomeação do Presidente da República entre os nomes de uma lista tríplice apresentada para cada vaga pelo Conselho Diretor.

Art. 9º. — A Universidade será uma unidade orgânica integrada por Institutos Centrais de Ensino e de Pesquisas e por Faculdades destinadas à formação profissional, cabendo:

I) aos Institutos Centrais, na sua esfera de competência:

- a) ministrar cursos básicos de ciências, letras e artes;
- b) formar pesquisadores e especialistas; e
- c) dar cursos de pós-graduação e realizar pesquisas e estudos nas respectivas especialidades.

II) Às Faculdades na sua esfera de competência:

- a) ministrar cursos de graduação para formação profissional e técnica;
- b) ministrar cursos de especialização e de pós-graduação;
- c) realizar pesquisas e estudos nos respectivos campos de aplicação científica, tecnológica e cultural.

Art. 10. — A Universidade de Brasília se empenhará no estudo dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do País e, na medida de sua possibilidade, na colaboração às entidades públicas e privadas que o solicitarem.

Art. 11. — A estrutura da Universidade e dos estabelecimentos componentes e as relações entre os mesmos e as respectivas áreas de competência serão organizadas e definidas em Estatutos a serem elaborados pelo Conselho Diretor e aprovados por decretos do Presidente da República.

Art. 12. — O Conselho Diretor elegerá livremente, o Vice-Reitor, que terá funções executivas e didáticas definidas nos Estatutos da Universidade devendo sua escolha recair em pessoa de ilibada reputação e notória competência.

Art. 13. — A Universidade gozará de autonomia e disciplina administrativa, financeira e disciplinar nos termos dos estatutos da Fundação e dos seus próprios estatutos.

Art. 14. — Na organização de seu regime didático, inclusive de currículo de seus cursos a Universidade de Brasília não estará adstrita às exigências da legislação geral do ensino superior, ressalvado o que dispõem os parágrafos deste artigo.

§ 1º. — Para que seus diplomas profissionais possam conferir as prerrogativas legais aos respectivos titulares, deverão ser observados pela Universidade de Brasília, os seguintes princípios:

1. a duração de seus cursos profissionais incluindo a dos correspondentes cursos básicos ministrados pelos Institutos Centrais não poderá ser inferior ao padrão mínimo, instituído pela legislação geral;
2. não poderá ser eliminada disciplina que a legislação geral considere obrigatória o que não impede, tendo em vista a formação de profissionais especializados, que qualquer delas possa ser ministrada com extensão maior ou menor do que a prevista na referida legislação;
3. não poderá ser dispensada a obrigatoriedade da frequência dos alunos regulares às aulas teóricas ou práticas e aos demais trabalhos escolares mas poderão ser escolhidas quaisquer fórmulas admitidas pela legislação geral e que importem, indiretamente, em dispensa de frequência.

§ 2º. — Os estatutos da Universidade organizarão a carreira do magistério, escalonando os diversos cargos e os graus universitários correspondentes,

observando, quanto ao provimento efetivo das cátedras, o concurso de Títulos e Provas.

Art. 15. — Os órgãos deliberativos e consultivos da Universidade e de seus Institutos Centrais e Faculdades serão organizados nos termos dos Estatutos a que se refere o art. 11.

§ único. — O Conselho Diretor será assistido, até a instalação dos órgãos deliberativos e consultivos da Universidade, por tantos coordenadores quantos forem os Institutos e faculdades em fase de criação, sendo tais coordenadores designados pelo Reitor com aprovação prévia do Conselho Diretor.

Art. 16. — Os contratos do pessoal docente e administrativo da Fundação, técnico e administrativo reger-se-ão pela legislação do trabalho, podendo também ser para elas da Fundação e da Universidade requisitado pessoal do serviço público e das autarquias.

§ 1º. — O quadro do pessoal docente, técnico e administrativo da Fundação e da Universidade será fixado pelo Conselho Diretor e admitido com aprovação deste, pelo Reitor, não podendo ser alterado numericamente dentro do prazo para o qual foi organizado.

§ 2º. — Nenhum docente ou funcionário técnico será admitido sem que preceda à instalação do respectivo serviço.

Art. 17. — Fica aberto ao Ministério da Educação e Cultura o crédito especial de um bilhão de cruzeiros destinado a custear a construção dos edifícios da Universidade de Brasília.

Art. 18. — Fica aberto ao Ministério da Educação e Cultura o crédito suplementar de cinquenta milhões de cruzeiros, à verba que especifica Verba 3 Serviços e Encargos — Auxílios, Contribuições e Subvenções — Subvenções Fundação Universidade de Brasília, Dotação para construir fundo rotativo da Editora Universitária de Brasília.

Art. 19. — A Fundação Universidade de Brasília poderá importar livremente com isenção de direitos alfandegários e sem licença prévia os equipamentos de laboratório, as publicações e os materiais científicos e didáticos de qualquer natureza de que necessite, ficando-lhes assegurada cobertura cambial prioritária e automática à taxa mais favorável de câmbio.

Art. 20. — É assegurada à Fundação Universidade de Brasília, isenção de quaisquer impostos, direitos e taxas alfandegárias, exceto a de previdência social bem como franquia postal telegráfica.

Art. 21. — Mediante termo lavrado no Ministério da Fazenda serão transferidas para a Fundação Universidade de Brasília as rendas do corrente ano das ações referidas no art. 4º.

Art. 22. — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

FIGURA 11 - PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB

PARQUE DO XINGU SERVIRÁ COMO CENTRO DE PESQUISAS DA UNB

Foram coroados de êxito os entendimentos que se vinham mantendo entre o SPI e a Universidade de Brasília, no sentido de uma cooperação técnica entre os dois órgãos, no que diz respeito ao Parque Nacional do Xingu. De acordo com êsses entendimentos, o Parque Nacional do Xingú servirá de centro de pesquisas aos alunos da Universidade de Brasília.

Sua localização em uma zona de transição entre o sul do país e a hiléia amazônica é motivo de grande interesse para os alunos da Universidade do Distrito Federal.

FIGURA 12 - UNB APARELHADA PARA PENETRAR A SELVA

UNB APARELHADA PARA PENETRAR A SELVA

No já famoso "ritmo Universidade de Brasília", construiu-se, numa hora, uma pista de aterrissagem para aviões, na tarde de sexta-feira! E nesta pista pousou o "Amizade de Filadélfia", oferecimento da Cidade de Filadélfia, USA, ao Brasil. É um modelo Helio-Courrier, de fabricação americana Hélio é considerado como o avião mais seguro do mundo, particularmente adequado para decolar e aterrissar em

campos difíceis. Sua velocidade de cruzeiro é de 200 Km/h mas mantém-se em vôo com a velocidade mínima de 45 Km/h. Com o piloto e os três passageiros ou 300 quilos de carga, tem 5 horas de autonomia.

BRIGADEIRO JESUS MELGAR

O segundo avião é o "Brigadeiro Jesús Melgar", oferecido à Universidade de Brasília pelo Instituto Linguístico de Verano do Peru e assim denominado em lembrança do Ministro da Agricultura do Peru que faleceu num acidente de avião comercial. O "Brigadeiro Jesús Melgar" veio pilotado pelo próprio irmão de Jesus Melgar, Pedro, e o atual Ministro da Educação Pública do Peru, Fernando Melgar participou dos festejos de manhã da ontem, quando o avião Norman, da firma canadense Noorduyne, equipado com flutuadores para pouso nos rios e com um motor de 600 HP, podendo levar 2 pilotos e mais seis passageiros, com 600 Kg de carga, foi solenemente entregue à nossa Universidade.

Foram estes dois aviões que foram solenemente entregues ao Reitor Darcy Ribeiro, no campus da Asa Norte, que as bandeiras dos Estados Unidos, Peru e Brasil alegravam. A presença de um avião branco e de um hidravião azul em frente ao bloco principal de cursos do campus universitário davam, mesmo, uma impressão de universidade "diferente", moderna e com grandes planos pois estes aviões operarão na área do Parque Nacional do Xingu e na Amazônia para estudos e pesquisas antropológicas.

Também prestarão ajuda ao Serviço de Proteção aos Índios.

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA

Na grande praça, em pé, num palanque, estavam as autoridades. O Comandante Cardoso, representante da Embaixada do Peru, foi o primeiro a tomar a palavra. Falaram, em seguida, o Ministro da Educação do Peru, sr. Fernando Melgar; o dr. Hufnagel e o sr. Richard Klein, ambos representantes da cidade de Filadélfia, o representante do Presidente João Goulart, coronel aviador Eudo Candiota, sub-chefe do Gabinete Militar e, por fim, o reitor Darcy Ribeiro.

Todos os oradores insistiram sobre o ato de cooperação científica e intercontinental que estes aviões representam e a imponente cerimônia acabou aos sons de marchas militares executadas pela Banda Presidencial.

MOMENTO SOLENE

Também estavam presentes o Ministro das Relações Exteriores, Professor Hermes Lima, Brigadeiro Reynaldo de Carvalho, Ministro da Aeronáutica, o professor Townsend, criador do Summer Institute of Linguistics, o sr. Strawbridge, de Filadélfia e diversos representantes do Exército, Marinha, Aeronáutica e de embaixadas estrangeiras.

Foi um momento solene e de grande significação, este, em que toda a população de professores, estudantes, representantes estrangeiros, escutaram, ao lado das autoridades, neste campus em construção, debaixo dos amplos céus de Brasília, em frente aos aviões que representam o progresso e que serão exclusivamente destinados a pesquisas científicas e ajuda às populações indígenas, três hinos nacionais deste continente o peruano, o norte-americano e o brasileiro. Um dos grandes momentos de Brasília e da Universidade que representa a sua cultura e o futuro de sua juventude.

FIGURA 13 - A EXTENSÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Fonte: Correio Braziliense, 30 de setembro de 1962, p. 04. Acessado via site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A Extensão Cultural na Universidade de Brasília
Prof POMPEU DE SOUSA
(Coordenador dos Cursos de Extensão Cultural)

A abertura, amanhã, dos Cursos de Extensão Cultural é um testemunho a mais do espírito que caracteriza a Universidade de Brasília: o de fazer da cultura um instrumento vivo de ação social, integrado no processo de desenvolvimento nacional e da elevação de nível das novas populações. Tendo iniciado o funcionamento de seus cursos regulares conjuntamente com o próprio início das obras de construção dos seus primeiros edifícios - seu trabalho em uma obra diária de criação, em que professores e alunos criam uma universidade lado a lado com pedreiros e carpinteiros que a constroem.

A nova pressa de existir e prestar ao país o serviço que nos atribuímos - e, já esta altura ele espera de nós - manifesta-se, assim, em todos os atos de nossa existência tão recente mas tão intensa. Teoricamente, nossa universidade só teria condições físicas de funcionamento a partir de 1964. Na prática, entretanto, estamos funcionando com dois anos de antecedência sobre os cronogramas habituais. Porque, na verdade, tudo quanto fazemos tem o sentido e a marca da superação habitual, de rotineiro. Damos nossas aulas num canteiro de obras. Mas, graças a isto a juventude de Brasília já possui cursos universitários e a própria universidade ganha, na sua estruturação uma experiência toda feita de realidades concretas. Nasce, pois, e crescerá como um ser vivo: organicamente. O que isto significa, como integração universitária, como criação de uma autêntica Universidade — eis um ato novo na História Cultural do Brasil, que só o futuro poderá avaliar devidamente.

Somente dentro deste quadro é que se poderá compreender que uma universidade ainda no segundo semestre de seu funcionamento provisório, do funcionamento anterior à sua própria estruturação - já possa oferecer à população de Brasília um elenco de cursos de extensão que se estende por cerca de 30 matérias diversas, abrangendo desde Cálculo e Geometria Analítica até Aperfeiçoamento de Fiscais de Obras, desde O Processo de Composição Arquitetônica até Cinema - Arte e Indústria.

É que todos os recursos docentes de nossa Universidade foram mobilizados para estes cursos, como antes já o haviam sido para os diversos currículos dos cursos regulares. De resto, nem chegaram a ser mobilizados: mobilizaram-se, eles próprios, os professores, porque isto é, justamente, o que caracteriza o espírito da Universidade de Brasília: o voluntariado na ação criadora e propagadora da cultura. Espírito, êste, que nasceu com o primeiro tijolo e a primeira aula juntos implantados na construção comum. Espírito dos seus dirigentes, dos seus professores, dos seus alunos. Espírito que queremos e veremos, agora, com os cursos de Extensão Cultural estender à população de Brasília, toda ela, tão bem representada na múltipla variedade humana que caracterizou as matrículas em tais cursos.

Tudo isso vem demonstrar o acerto da posição assumida na vida brasileira pela Universidade de Brasília: o Brasil estava precisando, estava esperando esta revisão no sentido humano e social da cultura, para que ela possa cumprir o seu

verdadeiro destino de instrumento da melhoria das condições de vida material e espiritual do povo.

Ela representa a confluência do Rio Nacional em sua correnteza viva para o nosso país, o maior e mais vivo material de espírito do povo.

ANEXO C - FIGURAS DOS MÓVEIS DA UNB

FIGURA 1C - CADEIRA UNB



Fonte: Instituto Sérgio Rodrigues.

FIGURA 2C - POLTRONA E SOFÁ UNB



Fonte: Instituto Sérgio Rodrigues.

FIGURA 3C - POLTRONA LIA



Fonte: Instituto Sérgio Rodrigues.

FIGURA 4C - POLTRONA DARCY



Fonte: Instituto Sérgio Rodrigues.